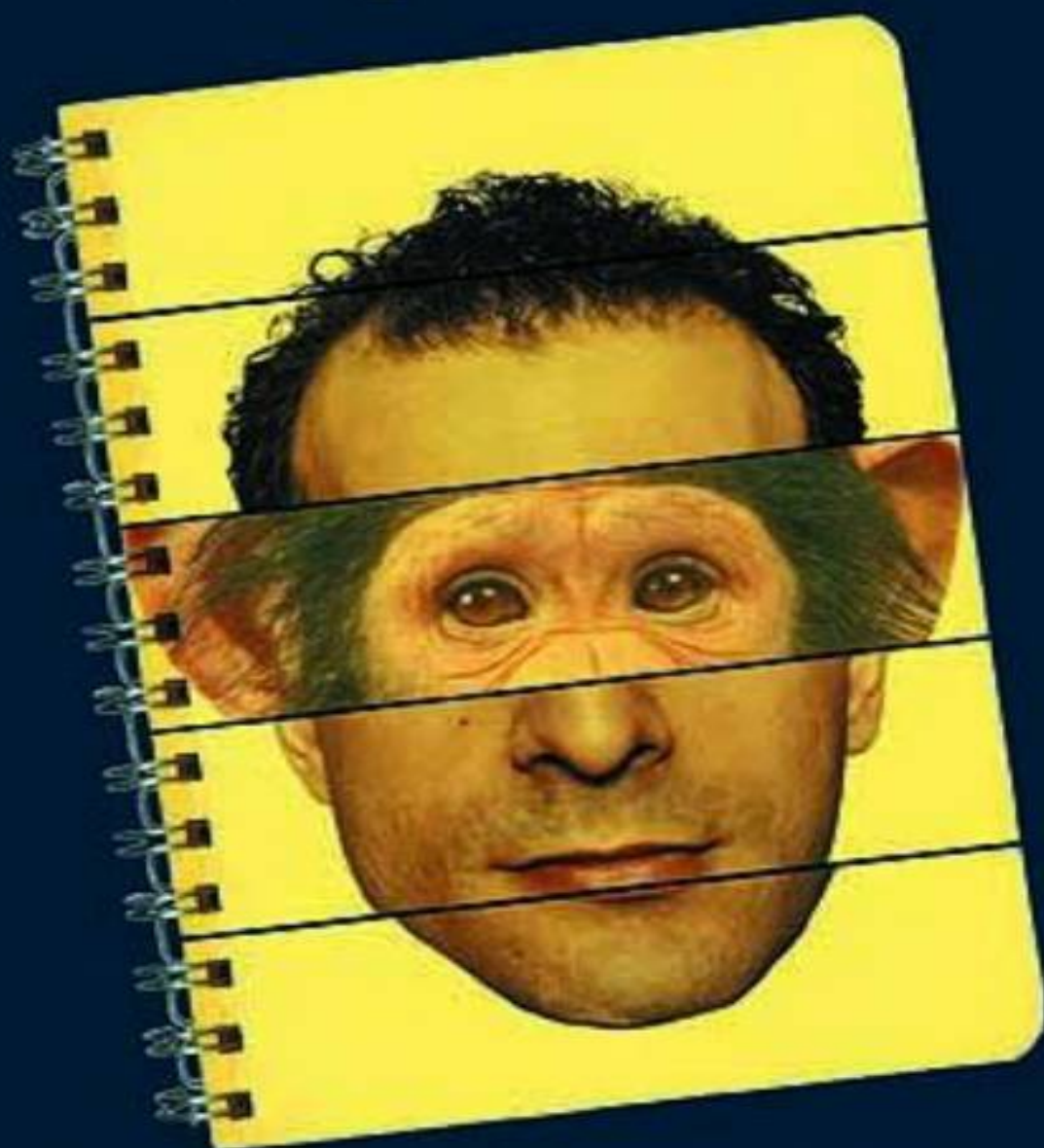


FRANS DE WAAL

Eu, primata



POR QUE SOMOS COMO SOMOS


COMPANHIA DAS LETRAS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros, disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Info](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.



Título original: OUR INNER APE

Tradução: Laura Teixeira Motta

Capa: Jamie Keenan

ISBN: 9788535910629

Páginas: 344

Cia da Letras

2007

Sumário

Agradecimentos

Família antropóide

HUMANOS COM CABEÇA DE JANO
O QUE HÁ EM UM NOME ?
FILHINHO DE MAMÃE
VERNIZ DE CIVILIZAÇÃO
NOSSA FACE DEMONÍACA
O PRIMATA NO ARMÁRIO
PRIMATA SEM ANÁLISE

Poder

Sangue de Maquiavel
DOIS CONTRA UM
MACHOS NO PEDESTAL
TENDÊNCIA ARCAICA
DE JOELHOS
PODER FEMININO
FORÇA É FRAQUEZA
A MAGNA CARTA DOS GRANDES PRIMATAS
A VETERANA ESTADISTA
O TRASEIRO DO MACACO

Sexo

Doutores no Kama sutra
INVEJA DO PÊNIS
BONOBOBI
POR ISSO A DONA É MALANDRA
CINTO DE CASTIDADE
O GRANDE INSEMINADOR
JOVENS CASADOURAS
TENTAÇÕES VOLUPTUOSAS

Violência

Da guerra à paz
PLANETA DOS MACACOS
ODEIA TEU INIMIGO
MISTURA NA FRONTEIRA
DÊEM UMA CHANCE À PAZ
COCHICHOS DE MENINAS
MEDIADORES
ESTE MUNDO SUPERLOTADO

Bondade

Corpo com sentimentos morais
ANIMAL TEM EMPATIA?

NO LUGAR DO OUTRO
O MUNDO DE SPOCK
A GENEROSIDADE COMPENSA
ETERNA GRATIDÃO
JUSTIÇA SEJA FEITA
VALOR COMUNITÁRIO

O Primata bipolar

Em busca do equilíbrio
AUTISTA E GORILA: PRAZER EM CONHECER
CONTRADIÇÕES DOMADAS
ETERNAMENTE JOVEM
UMA PITADA DE IDEOLOGIA
QUAL PRIMATA HABITA EM NÓS?

Bibliografia

Agradecimentos

Este livro deve tanto a tantos primatas, humanos e não humanos, que é impossível agradecer a todos. A idéia central nasceu de uma conversa com Doug Abrams. Na época eu estava pensando em aplicar os conhecimentos sobre os primatas que acumulara ao longo da vida ao estudo do comportamento humano, e Doug achava que os bonobos mereciam muito mais atenção do que tinham recebido até então. As duas idéias combinadas resultaram em um livro que compara diretamente o comportamento de humanos, chimpanzés e bonobos. Muito mais do que meus livros anteriores, *Eu, primata* examina o lugar da nossa espécie na natureza.

No esforço para escrever em um estilo acessível, contei com a avaliação e os comentários de meu editor na Riverhead, Jake Morrissey, e de Doug Abrams, Wendy Carlton e minha esposa, Catherine Marin. Agradeço à minha agente, Michelle Tessler, por ter posto o livro em tão boas mãos.

Na fase inicial da minha carreira, na Holanda, tive o apoio de meu orientador, Jan van Hooff, e do diretor do Zoológico de Arnhem, Anton van Hooff, irmão de Jan. Sou grato a Robert Goy por puxar-me para este lado do Atlântico. Nos Estados Unidos, tantos colaboradores, técnicos e estudantes trabalharam comigo que não citarei nomes, mas estou em dívida com todos eles pela ajuda em meus estudos e por abrirem novas linhas de investigação. Finalmente, agradeço a Alexandre Arribas, Marietta Dindo, Michael Hammond, Milton Harris, Ernst Mayr, Toshisada Nishida e Amy Parish por várias formas de assistência, e a Catherine pelo amor e apoio.

Família antropóide

Podemos tirar o primata da selva, mas não a selva do primata. Isso também se aplica a nós, primatas bípedes. Desde o tempo em que nossos ancestrais pulavam de galho em galho, a vida em pequenos grupos tem sido uma obsessão para nós. Não nos fartamos de políticos que batem no peito diante das câmeras de televisão, artistas que trocam de namorada como quem troca de roupa e reality shows para escolher quem fica e quem sai. Deveria ser fácil ridicularizar todo esse comportamento de primata, não fosse pelo fato de que nossos parentes antropóides levam a busca de poder e sexo tão a sério quanto nós.

Mas temos em comum com eles não apenas poder e sexo. Solidariedade e empatia são igualmente importantes, porém é raro vê-las mencionadas como parte de nossa herança biológica. Somos muito mais propensos a culpar a natureza pelo que não gostamos em nós do que a dar-lhe crédito pelo que apreciamos. Ganhou fama a frase dita por Katharine Hepburn no filme *Uma aventura na África*: “A natureza, senhor Allnut, é o que fomos postos no mundo para superar”.

Essa opinião ainda prevalece entre nós. Dos milhões de páginas escritas sobre a natureza humana ao longo dos séculos, não há outras mais desoladoras que as das três últimas décadas. Nem mais erradas. Dizem que temos genes egoístas, que a bondade humana é dissimulação e que agimos moralmente só para impressionar os outros. Mas, se as pessoas se importam unicamente com seu próprio bem, por que um bebê em seu primeiro dia de vida chora ao ouvir outro bebê chorar? É assim que começa a empatia. Não muito complexa, talvez, mas de uma coisa podemos ter certeza: um recém-nascido não se esforça para impressionar. Nascemos com impulsos que nos levam a sentir interesse pelos outros e mais tarde a nos preocupar com eles.

A antigüidade desses impulsos evidencia-se no comportamento de nossos parentes primatas. Destes, destaca-se admiravelmente o bonobo, um grande primata ainda mal conhecido e geneticamente tão semelhante a nós quanto o chimpanzé. Quando uma bonobo chamada Kuni viu um estorninho trombar com a vidraça de sua jaula no Zoológico de Twycross, na Grã-Bretanha, foi ajudá-lo. Pegou o atordoado passarinho e com delicadeza o pôs em pé. Ao ver que ele não se mexia, deu-lhe um empurrãozinho, mas ele só agitou as asas. Kuni então subiu ao topo da árvore mais alta com o estorninho, usando apenas as pernas a fim de ter as mãos livres para segurá-lo. Cuidadosamente, desdobrou-lhe as asas até abri-las bem, segurando-as entre seus dedos, após o que lançou o passarinho pelos ares, como um avião de papel, na direção dos limites de sua jaula. Mas ele não ultrapassou a barreira e aterrissou na beira do fosso. Kuni desceu da árvore e montou guarda ao lado do estorninho por muito tempo, protegendo-o de um jovem bonobo curioso. No fim do dia, a ave, recuperada, voara em segurança para a liberdade.

O modo como Kuni lidou com a ave foi diferente de qualquer coisa que ela teria feito para ajudar outro primata. Em vez de seguir algum tipo de comportamento automático, ela adaptouseu auxílio à situação específica daquele animal totalmente diferente dela

própria. Provavelmente os pássaros que passavam perto de sua jaula deram-lhe uma idéia do tipo de ajuda que seria necessário. Esse tipo de empatia quase nunca é observado em animais, pois depende da capacidade de imaginar as circunstâncias do outro. Adam Smith, o pai da economia, deve ter tido em mente ações como a de Kuni, embora não executadas por um primata não humano, quando, há mais de dois séculos, nos legou a mais duradoura definição de empatia: “imaginar-se no lugar do sofredor”.

Devíamos ficar felizes com a possibilidade de a empatia ser parte da nossa herança primata, mas não temos o hábito de aceitar de bom grado nossa natureza. Quando pessoas cometem genocídio, nós as chamamos de “animais”. Mas, quando fazem caridade, nós as elogiamos por serem “humanas”. Gostamos de considerar nosso esse segundo comportamento. Só quando uma gorila salvou um membro de nossa espécie as pessoas despertaram em massa para a possibilidade de haver humanidade em não humanos. Isso aconteceu em 16 de agosto de 1996, quando Binti Jua, uma gorila de oito anos, ajudou um menino de três que caíra de uma altura de quase seis metros dentro da jaula dos primatas no Zoológico Brookfield, em Chicago. Binti reagiu imediatamente: pegou o menino nos braços e o carregou para um lugar seguro. Sentou-se em um tronco à beira d’água com o menino no colo, afagou-o delicadamente com as costas da mão e o levou para os funcionários do zoológico que estavam à espera. Esse ato simples de solidariedade, gravado em vídeo e exibido no mundo inteiro, sensibilizou muitos corações, e Binti foi aclamada como heroína. Pela primeira vez na história dos Estados Unidos, um grande primata não humano figurou em discursos de políticos importantes, que citaram a gorila como modelo de compaixão.

HUMANOS COM CABEÇA DE JANO

O fato de o comportamento de Binti ter causado tamanha surpresa aos humanos diz muito sobre o modo como os animais são retratados na mídia. Na verdade, Binti não fez nada inusitado, ou pelo menos nada que um grande primata não humano não fizesse por qualquer ser jovem de sua espécie. Em contraste com os atuais documentários sobre vida selvagem, que mostram principalmente animais ferozes (ou machões que lutam desarmados com eles), acho essencial indicar a real intensidade e abrangência de nossa ligação com a natureza. Este livro analisa os fascinantes e assustadores paralelos entre o comportamento dos humanos e o de outros grandes primatas, com igual consideração para com o bom, o mau e o feio.

Somos abençoados com dois parentes primatas que diferem entre si como o dia da noite. Um é do tipo brutamontes, ambicioso e de pavio curto. O outro é igualitarista, adepto de um estilo de vida livre, leve e solto. Todos já ouviram falar do chimpanzé, conhecido da ciência desde o século XVII. Seu comportamento hierárquico e violento inspirou a imagem dos humanos como “primatas assassinos”. É nosso destino biológico, dizem certos cientistas, arrebatado o poder derrotando outros e guerreando perpetuamente. Testemunhei muito derramamento de sangue entre chimpanzés, e só

posso concordar que eles têm um lado violento. Mas não devemos ignorar nosso outro parente próximo, o bonobo, descoberto só no século passado. Os bonobos são boas-paraças e têm um alentado apetite sexual. De natureza pacífica, desmentem a idéia de que nossa linhagem é puramente sanguinária.

É a empatia que permite aos bonobos compreender as necessidades e desejos uns dos outros e ajudar a satisfazê-los. Quando a filha de dois anos de uma bonobo chamada Linda choramingava para a mãe fazendo beicinho, estava indicando que queria mamar.

Mas essa pequena bonobo tinha sido mantida no berçário do Zoológico de San Diego, e fora devolvida ao grupo muito tempo depois de o leite de Linda já ter secado. No entanto, a mãe entendia. Ia até o bebedouro, enchia a boca de água, sentava-se em frente à filha e franzia os lábios para que ela pudesse beber dali. Linda repetia o trajeto até o bebedouro três vezes até saciar a pequena. Adoramos esse tipo de comportamento — o que também é um exemplo de empatia. Mas a mesma capacidade de compreender os outros possibilita feri-los deliberadamente. Tanto a simpatia como a crueldade dependem da capacidade de imaginar como nosso comportamento afeta os outros. Animais de cérebro pequeno, como os tubarões, certamente podem ferir outros, mas o fazem sem ter a menor idéia do que os outros irão sentir. Nos grandes primatas não humanos, porém, o cérebro chega a ter um terço do tamanho do nosso, ou seja, é suficientemente complexo para possibilitar a crueldade. Como meninos que atiram pedras nos patos da lagoa, os grandes primatas às vezes infligem dor para divertir-se. Em uma brincadeira, chimpanzés jovens de laboratório atraíam galinhas com migalhas para perto de uma cerca. Toda vez que as crédulas galinhas se aproximavam, os chimpanzés batiam nelas com um pau ou as espetavam com um arame afiado. Esse “jogo de Tântalo”, do qual as galinhas eram estúpidas o bastante para participar (embora possamos estar certos de que para elas não se tratava de um jogo), foi inventado pelos chimpanzés para espantar o tédio. Refinaram-no a ponto de um deles só jogar a isca e o outro só bater.

Esses grandes primatas se parecem tanto conosco que receberam a designação de antropóides, palavra de origem latina que significa “com o formato do homem”. Ter parentesco próximo com duas sociedades acentuatadamente diferentes é muito instrutivo. O chimpanzé, brutal e sedento de poder, contrasta com o pacato e erótico bonobo; são como dr. Jekyll e mr. Hyde. Nossa natureza é um casamento incômodo dos dois. Nosso lado sombrio é dolorosamente óbvio: estimativas indicam que 160 milhões de pessoas perderam a vida em razão de guerra, genocídio e opressão política só no século xx — tudo decorrente da capacidade humana para a brutalidade. Mais arrepiantes do que esses números incompreensíveis são as expressões pessoais de crueldade humana, como o medonho incidente ocorrido em 1998 em uma cidadezinha do Texas: três homens brancos ofereceram carona a um negro de 49 anos, mas, em vez de levá-lo para casa, foram para um lugar deserto, espancaram o homem, amarraram-no ao caminhão e o arrastaram por vários quilômetros pela estrada asfaltada, arrancando-lhe a cabeça e o braço direito.

Somos capazes de tamanha selvageria apesar de nossa faculdade de imaginar o que os

outros sentem, ou talvez precisamente porque a possuímos. Por outro lado, quando essa mesma faculdade combina-se com uma atitude positiva, impele-nos a mandar alimentos para os famintos, fazer corajosos esforços para salvar estranhos, como nos terremotos e incêndios, chorar quando ouvimos uma história triste ou participar de um grupo de busca se desaparece o filho de um vizinho. Com um lado cruel e um lado compassivo, é como se olhássemos o mundo com a cabeça de Jano: duas faces voltadas para sentidos opostos. Isso pode nos confundir a ponto de, às vezes, simplificarmos demais nossa identidade. Ora nos consideramos a “jóia da criação”, ora os únicos vilões de verdade no mundo.

Por que não aceitar que somos tanto uma coisa como outra? Esses dois aspectos da nossa espécie correspondem aos dos nossos parentes vivos mais próximos. O chimpanzé demonstra tão bem o lado violento da natureza humana que poucos cientistas escrevem sobre qualquer outro lado. Mas também somos criaturas acentuadamente sociais, que dependem umas das outras e realmente necessitam de outros para levar uma vida sadia e feliz. Com exceção da morte, o confinamento em solitária é nosso castigo mais extremo. Nosso corpo e nossa mente não são estruturados para viver no isolamento. Caímos em profunda depressão na ausência de companhia humana, e nossa saúde deteriora-se. Um estudo médico recente constatou que voluntários sadios expostos a vírus de resfriado e gripe adoeciam mais facilmente se tivessem menos amigos e parentes por perto.

Essa necessidade de contato é percebida naturalmente pelas mulheres. Nos mamíferos, a criação da prole não pode ser separada da amamentação. Durante os 180 milhões de anos de evolução dos mamíferos, as fêmeas que foram sensíveis às necessidades de sua cria superaram reprodutivamente as que foram frias e distantes.

Sendo descendentes de uma longa linhagem de mães que acalentaram, alimentaram, limpavam, carregaram, consolaram e defenderam seus filhos, não nos deveríamos surpreender com as diferenças de gênero no campo da empatia humana. Elas se manifestam muito antes da socialização. Os primeiros sinais de empatia – chorar quando outro bebê chora — já são mais característicos nas meninas do que nos meninos quando bebês. E ao longo da vida a empatia continua a ser mais desenvolvida no sexo feminino. Isso não quer dizer que os homens não têm empatia ou que não precisam do contato com outros, mas eles procuram esse contato mais com mulheres do que com outros homens. Um relacionamento de longo prazo com uma mulher, como no casamento, é o modo mais eficaz de um homem acrescentar anos à sua vida. O outro lado dessa moeda é o autismo, um distúrbio da empatia que nos tolhe o contato com os outros e que acomete quatro vezes mais homens do que mulheres.

Os empáticos bonobos põem-se no lugar de outros com frequência. No Centro de Pesquisa da Linguagem da Universidade do Estado da Geórgia, em Atlanta, o bonobo Kanzi foi treinado para comunicar-se com pessoas. Ele se tornou uma celebridade, conhecido por sua fabulosa compreensão do inglês falado. Percebendo que alguns de seus companheiros primatas não têm o mesmo treinamento, Kanzi às vezes assume o papel de professor. Uma ocasião, sentou-se ao lado de sua irmã mais nova, Tamuli, que

teve pouquíssimo contato com a fala humana. Um pesquisador tentava fazer Tamuli atender pedidos verbais simples, mas ela, que não era treinada, não respondia. Enquanto o pesquisador se dirigia a Tamuli, Kanzi começou a representar o que estava sendo pedido. Quando foi dito a Tamuli para fazer grooming (prática social de limpar e arrumar os pêlos do corpo) em Kanzi, este pegou a mão de Tamuli e a pôs debaixo de seu queixo, um pouco acima do peito. Nessa posição, apertando-lhe a mão, Kanzi fitou Tamuli nos olhos com uma expressão que os humanos interpretaram como indagadora. Quando Kanzi repetiu a ação, a jovem fêmea levou os dedos ao peito do irmão como se quisesse atinar com o que deveria fazer. Kanzi sabe discernir perfeitamente se os comandos se destinam a ele ou a outros. Ele não estava executando um comando dado a Tamuli, e sim tentava realmente fazê-la compreender. A sensibilidade de Kanzi ao desconhecimento da irmã e sua bondade em instruí-la sugerem um nível de empatia encontrado, pelo que sabemos, apenas em humanos e outros grandes primatas.

O QUE HÁ EM UM NOME ?

A primeira vez que vi bonobos de perto foi em 1978, em um zoológico holandês. A placa na jaula ainda os identificava como “chimpanzés-pigmeus”, dando a entender que eram apenas uma versão em menor escala de seus primos mais conhecidos. Mas nada podia estar mais longe da verdade.

Um bonobo difere fisicamente de um chimpanzé tanto quanto um Concorde de um Boeing 747. Até os chimpanzés devem admitir que os bonobos têm mais classe. Bonobos têm o corpo gracioso e elegante, mãos de pianista e cabeça relativamente pequena. Seu rosto é mais achatado, mais aberto e com testa mais alta que o dos chimpanzés. Têm a face preta, lábios rosados, orelhas pequenas e narinas largas. As fêmeas têm seios, não tão salientes como os da nossa espécie, mas inquestionavelmente torneados se comparados ao peito de tábua de outras primatas. E sobretudo o bonobo tem a marca registrada do seu penteado: uma cabeleira negra alinhadamente repartida no meio.

A maior diferença entre as duas espécies está nas proporções do corpo. Os chimpanzés têm cabeça grande, pescoço grosso e ombros largos, como quem malha muitas horas na academia. Já os bonobos têm porte de intelectual, com tronco esguio, ombros estreitos e pescoço fino. Boa parte de seu peso está nas pernas, mais longas que as dos chimpanzés. O resultado é que, quando andam de quatro, os chimpanzés têm uma silhueta em declive a partir dos ombros possantes, enquanto a dos bonobos permanece mais ou menos horizontal devido a seus quadris elevados. Quando está de pé ou andando ereto, o bonobo parece aprumar mais as costas do que o chimpanzé, e nessas ocasiões sua postura lembra extraordinariamente a humana. Por essa razão, os bonobos foram comparados a “Lucy”, nossa ancestral *Australopithecus*.

O bonobo é um dos grandes mamíferos descobertos mais recentemente pela ciência. Isso aconteceu em 1929, não em um luxuriante habitat africano, mas em um museu colonial belga após o exame de um pequeno crânio que se julgava pertencente a um jovem

chimpanzé. Ocorre que, em animais imaturos, as suturas entre os ossos cranianos teriam de estar separadas. Naquele crânio, porém, estavam fundidas. Concluindo que o crânio devia pertencer a um chimpanzé adulto com cabeça incomumente pequena, o anatomista alemão Ernst Schwarz declarou ter descoberto uma nova subespécie. Logo as diferenças anatômicas foram consideradas importantes o suficiente para promover o bonobo à condição de uma espécie totalmente distinta: *Panpaniscus*.

Um biólogo que fora colega de Schwarz quando estudava em Berlim contou-me que muitos de seus pares zombavam dele. Schwarz não só afirmava que havia duas espécies de chimpanzé, mas também três espécies de elefante. Todos sabiam que só existia uma daquele e duas deste. O bordão para referir-se a der Schwarzera que ele sabia “tudo e mais alguma coisa”. Só que Schwarz estava certo. Confirmou-se, faz pouco tempo, que o elefante-africano-da floresta é uma espécie distinta, e Schwarz é conhecido como o descobridor oficial dos bonobos: o tipo de honra pelo qual qualquer cientista daria a vida.

A designação de gênero do bonobo, *Pan*, deriva, muito apropriadamente, do deus grego da floresta com torso humano e pernas, orelhas e chifres de bode. Lascivo e brincalhão, Pã adora bolinar ninfas e tocar flauta. O chimpanzé pertence ao mesmo gênero. A designação de espécie do bonobo, *paniscus*, significa “diminuto”, enquanto a do chimpanzé, *troglodytes*, significa “morador das cavernas”. São epítetos bem curiosos: o de uma miúda deidade caprina para o bonobo, e o de uma deidade caprina das cavernas para o chimpanzé.

O nome “bonobo” provavelmente deriva de um erro de grafia em um caixote remetido de Bolobo, cidade à beira do rio Congo (mas também já me disseram que “bonobo” significa “ancestral” em uma língua banta extinta). A palavra tem um som alegre, condizente com a natureza desse animal. Os primatólogos de língua inglesa gracejam empregando o termo como verbo, dizendo, por exemplo, “we’re gonna bonobo tonight” (algo como “vamos bonobar hoje à noite”), frase cujo significado logo ficará claro. Os franceses referem-se aos bonobos com uma expressão que evoca um estilo de vida alternativo, chimpanzés de la Rive Gauche, pelo fato de os bonobos habitarem áreas da margem esquerda do caudaloso rio Congo. Esse rio imenso, com dezesseis quilômetros de margem a margem em certos trechos, separa permanentemente os bonobos das populações de chimpanzés e gorilas ao norte. Apesar da antiga designação dos bonobos, “chimpanzés-pigmeus”, eles não são muito menores que os chimpanzés. O macho adulto pesa em média 43 quilos, e a fêmea, 36.

O que mais me chamou a atenção nos primeiros bonobos que vi foi a extraordinária sensibilidade que pareciam ter. Também descobri certos hábitos que me estarreceram. Testemunhei uma querela em torno de uma caixa de papelão: uma fêmea e um macho correram trocando socos até que, de repente, pararam de lutar e começaram a fazer amor! Na época eu vinha estudando os chimpanzés, que nunca passavam de raiva a sexo com tamanha facilidade. Pensei que o comportamento daqueles bonobos fosse uma anomalia, ou que eu talvez não houvesse percebido alguma coisa que explicasse a súbita mudança de clima. Mas acontece que o que eu vi era perfeitamente normal para esses

primatas entusiastas do Kama sutra.

Apreendi tudo isso bem mais tarde, depois de começar a trabalhar com bonobos no Zoológico de San Diego. Ao longo dos anos haviam chegado esparsamente da África informações sobre os bonobos que aumentaram nosso conhecimento sobre esse misterioso primo. Eles são nativos de uma área relativamente pequena, mais ou menos do tamanho da Inglaterra, na República Democrática do Congo (ex-Zaire), onde vivem em uma floresta pantanosa densa e úmida. Quando entram em clareiras onde agricultores deixaram cana-de-açúcar, os machos aparecem primeiro. Correm e apanham todas as canas que conseguem antes de as fêmeas chegarem. Quando elas surgem, sua entrada é acompanhada de muito sexo entre todos e da inevitável apropriação do melhor alimento pelas matriarcas mais velhas. O mesmo se observa nas colônias em zoológicos que estudei, todas elas dominadas por uma fêmea mais velha. Isso é surpreendente, considerando que bonobos machos e fêmeas diferem em tamanho tanto quanto os humanos; o peso médio das fêmeas é 85% do peso médio dos machos. Além disso, os bonobos machos são dotados de caninos afiados, inexistentes nas fêmeas.

Como, então, as fêmeas mantêm o controle? A resposta é a solidariedade. Vejamos o exemplo de Vernon, bonobo macho do Zoológico de San Diego que dominava um pequeno grupo ao qual pertencia uma fêmea, Loretta, que era sua amiga e parceira sexual. Foi a única vez que vi um grupo de bonobos dominado por um macho. Na época, pensei que fosse normal; afinal, a dominância dos machos é típica da maioria dos mamíferos. Mas Loretta era relativamente jovem, e a única fêmea. Assim que uma segunda fêmea foi adicionada ao grupo, a balança do poder pendeu para o outro lado.

Quando se conheceram, a primeira coisa que Loretta e a outra fêmea fizeram foi sexo. O padrão é conhecido pelos especialistas pela sigla GG (genito-genital rubbing, ou fricção gênito-genital), mas também já ouvi uma designação mais pitoresca: “hoka-hoka”. Uma fêmea agarrou-se na outra com os braços e pernas como fazem os bebês bonobos para segurar-se no ventre da mãe. Frente a frente, clitóris e vulvas em contato, elas se friccionaram com movimentos laterais em ritmo rápido. Mostravam os dentes de orelha a orelha e davam gritinhos agudos, não deixando dúvida sobre a questão de os grandes primatas sentirem ou não prazer sexual.

O sexo entre Loretta e sua nova amiga tornou-se cada vez mais comum, indicando o fim da dominância de Vernon. Meses depois, a típica cena na hora da refeição era as fêmeas fazendo sexo e em seguida, juntas, se apoderando de toda a comida. O único modo de Vernon conseguir algum alimento era pedir de mão estendida. Esse comportamento de controle do suprimento de comida pelas fêmeas também é típico dos bonobos na natureza.

Comparados aos chimpanzés, que são liderados por machos, os bonobos, pacíficos, eróticos e dominados pelas fêmeas, proporcionam um novo modo de analisar a linhagem humana. Seu comportamento não condiz com a popular imagem de nossos ancestrais como homens das cavernas barbudos que arrastavam as mulheres pelos cabelos. Não que necessariamente ocorresse o oposto, mas é bom ter a noção clara do que sabemos e do que ignoramos. O comportamento não se fossiliza. É por isso que

muitas conjecturas sobre a pré-história humana tomam por base o que conhecemos sobre outros primatas. Eles indicam a gama de comportamentos que nossos ancestrais podem ter apresentado. E, quanto mais aprendemos sobre os bonobos, mais essa gama se expande.

FILHINHO DE MAMÃE

Não faz muito tempo, passei um dia rotineiro no Zoológico de San Diego com dois velhos amigos, Gale Foland e Mike Hammond, ambos veteranos tratadores de grandes primatas. O trabalho deles não é para qualquer um. É impossível lidar com as necessidades e reações desses animais sem recorrer ao mesmo reservatório emocional que usamos ao tratar com pessoas. Os tratadores que não levam esses primatas a sério nunca se dão bem com eles, e os que os levam a sério demais sucumbem à rede de intrigas, provocações e chantagem emocional que impera em todo grupo de grandes primatas.

Em uma área vedada ao público, nós nos debruçamos sobre uma balaustrada com vista para uma espaçosa jaula gramada. O ar tinha o cheiro pungente característico dos gorilas. No começo daquela manhã, Gale introduzira na jaula uma fêmea de cinco anos chamada Azizi, que ele próprio criara. Azizi viu-se em um grupo com um novo macho grandalhão, Paul Donn, recostado no muro. De quando em quando ele arremetia pela jaula batendo no peito, para deixar claro ao grupo de fêmeas que ele estava no controle, ou pelo menos costumava estar. As fêmeas, especialmente as mais velhas, discordavam: às vezes se juntavam e o perseguiam, para “mantê-lo na linha”, como explicou Gale. Mas por ora Paul Donn estava calmo, e viu Azizi aproximar-se dele vagarosamente. O macho agiu como se não a notasse; diplomaticamente, examinava os dedos dos pés e nunca olhava direto para a nervosa gorilazinha. Cada vez que Azizi chegava um pouco mais perto, consultava Gale, seu pai adotivo. Fitava-o nos olhos. Gale assentia com a cabeça e dizia frases como “Vá em frente, não tenha medo”. Para ele era fácil falar, mas Paul Donn era uma montanha de músculos e provavelmente pesava cinco vezes mais do que Azizi. Apesar disso, ela se sentia irresistivelmente atraída.

Esses gorilas são conhecidos por sua inteligência. Gorilas normalmente não usam ferramentas. Na natureza, nunca usam. Mas três gorilas desse zoológico descobriram um novo modo de alcançar as folhas saborosas das figueiras. Fios eletrificados impedem-nos de subir nas árvores, e para contornar o problema eles pegam um dos muitos ramos caídos no chão, ficam em pé sobre os membros posteriores e arremessam o galho de encontro a uma árvore. O projétil geralmente volta com algumas folhas. Uma fêmea foi vista quebrando uma vara comprida em duas e usando o pedaço mais adequado — uma escolha importante, pois indica que os gorilas são capazes de modificar suas ferramentas.

Um incidente ocorreu naquele dia envolvendo o mesmo fio eletrificado. É o tipo de cena que atrai minha atenção. Uma fêmea residente mais velha aprendera a introduzir o

braço por baixo do fio sem levar choque para pegar ervas que crescem do outro lado da cerca. Ao lado dela sentava-se agora uma nova fêmea que, como Gale me contou, recentemente levava seu primeiro choque. Fora uma experiência penosa para ela, que se pusera a berrar e sacudir freneticamente a mão. A nova fêmea fizera amizade com a mais velha, e agora estava ali vendo-a fazer exatamente o que lhe causara tanta dor. Quando viu a amiga passar a mão por baixo do fio, pulou atrás dela e começou a puxá-la. Segurou-a pelo meio do tronco e tentou afastá-la da cerca eletrificada. Mas a amiga não arredou pé e continuou a estender o braço. Após algum tempo, a fêmea mais nova desistiu, sentou-se e ficou a observar atentamente, abraçando o próprio corpo com força. Parecia estar se preparando para o choque que a outra supostamente tomaria. “Imaginar-se no lugar do outro” era o que ela estava fazendo.

Como os chimpanzés e os bonobos, os gorilas são conhecidos como grandes primatas. São quatro as espécies de grandes primatas não humanos; a quarta é o orangotango. Os grandes primatas não têm cauda. Essa característica e o porte avantajado distinguem a família dos humanos e outros grandes primatas, conhecidos como hominóides, dos macacos. Portanto, nunca se deve confundir grandes primatas com macacos (não há melhor modo de insultar um especialista em grandes primatas do que dizer “adoro seus macacos!”). “Primata” é a designação mais abrangente, aplicada também a nós. Dos grandes primatas, nossos parentes mais próximos são o chimpanzé e o bonobo, nenhum deles mais próximo que o outro. Isso, porém, não impede que primatólogos debatam exaltadamente sobre qual dos dois é o melhor modelo para o ancestral humano. Derivamos todos de um único antepassado, e uma espécie pode ter conservado mais de suas características do que a outra, tornando-se mais relevante para a evolução humana. Mas é impossível, atualmente, determinar qual das duas. Como seria de esperar, os especialistas em chimpanzés em geral votam nos chimpanzés, e os especialistas em bonobos, nos bonobos.

Árvore da origem dos humanos e dos quatro outros grandes primatas baseada em comparações de DNA. OS números indicam há quantos milhões de anos as espécies divergiram. Chimpanzés e bonobos formam um único gênero:

Pan. A linhagem humana divergiu do ancestral Pan há cerca de 5,5 milhões de anos. Alguns cientistas julgam que humanos, chimpanzés e bonobos são suficientemente aparentados para formar um único gênero: Homo. Como bonobos e chimpanzés divergiram entre si depois de separados de nós, há aproximadamente 2,5 milhões de anos, ambos são igualmente próximos dos humanos. O gorila divergiu antes, portanto é mais distante de nós, e o mesmo se pode dizer do único grande primata asiático, o orangotango.

Como os gorilas se ramificaram da nossa linhagem evolutiva um pouco antes dos chimpanzés e bonobos, já se argumentou que aquele que mais se assemelha ao gorila merece ser considerado o tipo original. Mas quem garante que os gorilas se assemelham ao nosso último ancestral comum? Eles também tiveram muito tempo para mudar: mais de 7 milhões de anos, de fato. O que estamos realmente procurando é o grande primata que mudou menos ao longo do tempo. Takayoshi Kano, o maior especialista em

bonobos selvagens, afirmou que, como os bonobos nunca deixaram a floresta úmida, enquanto os chimpanzés o fizeram em parte e nossos ancestrais completamente, eles devem ter encontrado menos pressões para mudar e, portanto, talvez se assemelhem mais ao grande primata das florestas de quem todos nós descendemos. O anatomista americano Harold Coolidge lançou a célebre hipótese de que o bonobo “pode ser mais próximo do ancestral comum do chimpanzé e do homem do que qualquer chimpanzé vivo”. A adaptação à vida arborícola é evidente no modo como os bonobos usam o corpo, um modo incomum para os padrões humanos. Os pés dos bonobos são usados como mãos: para pegar coisas, gesticular durante a comunicação, bater palmas para pedir atenção. Os grandes primatas às vezes são chamados de quadrúpedes, mas para os bonobos a designação mais apropriada seria quadrúmano. São grandes ginastas, mais do que qualquer outro grande primata; saltam, pulam de galho em galho e se balançam nas árvores com agilidade inacreditável. Andam nas duas pernas sobre uma corda estendida no alto como se estivessem pisando no chão. Esses talentos acrobáticos são práticos para primatas que nunca se viram forçados, nem sequer parcialmente, a deixar a floresta e, portanto, nunca foram obrigados a abrir mão de seus hábitos arborícolas. O fato de estarem mais à vontade nas árvores do que os chimpanzés revela-se quando, na natureza, vêem cientistas pela primeira vez: os chimpanzés descem imediatamente das árvores e fogem correndo pelo chão, enquanto os bonobos fogem pela copa das árvores e só descem quando estão bem longe.

Suponho que o debate em torno de qual primata mais se assemelha ao nosso ancestral comum prossiga por algum tempo.

Por ora, no entanto, digamos que chimpanzés e bonobos são igualmente importantes para a evolução humana. O gorila destaca-se tanto deles como de nós por seu enorme dimorfismo sexual – a diferença de tamanho entre machos e fêmeas — e pelo sistema social que acompanha essa característica: um único macho monopoliza um harém de fêmeas. Tendo em vista a simplicidade, mencionarei os gorilas apenas ocasionalmente enquanto examinamos as semelhanças e diferenças entre bonobos, chimpanzés e humanos.

Não ficamos esperando para ver o que aconteceria entre Azizi e Paul Donn. Sem dúvida fariam contato, mas poderia levar horas, ou mesmo dias. Os tratadores perceberam que isso mudaria para sempre a atitude de Azizi: ela nunca mais seria a mesma gorilazinha dependente que Gale tinha alimentado com mamadeira e carregado nas costas até ela ficar pesada demais. O novo destino de Azizi era viver nesse grupo, em torno de uma fêmea grande de sua própria espécie, e talvez cuidar das crias.

Passamos pela jaula dos bonobos, e Loretta me saudou com gritos agudos. Embora já tivessem se passado quase vinte anos desde o período em que eu trabalhara como pesquisador nesse zoológico, ela ainda se lembrava de mim: o reconhecimento é permanente. Eu não poderia me imaginar esquecendo um rosto que via todos os dias; então, por que seria diferente com Loretta? E os gritos que ela emitia eram distintos. Os chamados dos bonobos são inconfundíveis: o modo mais fácil de diferenciar chimpanzés e bonobos é ouvi-los. O grave huu-huu do chimpanzé não se ouve no caso do bonobo.

Este tem a voz tão aguda (soa mais como hiihii) que, quando o Zoológico Hellabrunn, em Munique, recebeu seus primeiros bonobos, o diretor quase os mandou de volta. Ele ainda não olhara sob a lona que cobria as jaulas remetidas de Bolobo, e não acreditava que aqueles sons proviessem de grandes primatas.

Loretta apresentou seus genitais intumescidos, olhando-me de cabeça para baixo por entre as pernas, acenando convidativamente com o braço. Acenei em resposta enquanto perguntava a Mike sobre um dos machos que não estava lá fora. Mike levou-me ao alojamento noturno. O macho estava sentado na parte coberta da jaula, com uma jovem fêmea para fazer-lhe companhia. Ela claramente se aborrecia toda vez que Mike falava comigo. O que aquele estranho estava fazendo ali, e por que Mike não dava a ela atenção exclusiva? A fêmea tentou me agarrar através das barras. O macho manteve certa distância, mas apresentou as costas e o ventre para Mike tocar, enquanto mostrava, como faria qualquer bonobo macho em tais circunstâncias, uma impressionante ereção. Tanto para os machos como para as fêmeas bonobos, não existe linha divisória entre sexualidade e afeição.

Esse macho precisava ser mantido fora do grupo de bonobos devido a sua posição hierárquica inferior. Embora já fosse completamente crescido, não era capaz de se defender de um grupo inteiro de fêmeas. A hostilidade das fêmeas contra os machos vinha sendo um problema crescente nos zoológicos. No passado, a comunidade dos zoológicos cometera um erro fundamental realocando bonobos machos. Quando era preciso mandar primatas a outro zoológico para reprodução, sempre escolhiam machos. Embora isso funcione a contento para a maioria dos animais, é um desastre para os bonobos. Na natureza, quem migra são apenas as bonobos fêmeas, que na puberdade deixam seu grupo original. Os machos permanecem no grupo onde nasceram, desfrutando a companhia e a proteção de sua mãe. Machos com mãe influente ascendem na hierarquia e são tolerados perto da comida. Os zoológicos aprenderam do modo mais penoso que precisam seguir esse exemplo. Infelizmente, o macho em questão fora trazido de fora. Como são filhinhos de mamãe, os machos saem-se melhor no grupo em que nasceram.

Portanto, a agressão não está ausente entre os bonobos. Quando fêmeas atacam, é um deus-nos-acuda. De um estridente novelo de braços e pernas, invariavelmente é o macho que emerge ferido. Embora os bonobos costumem ser grandes conciliadores, têm essas habilidades por boas razões: eles não se furtam totalmente a lutar. São um eloqüente exemplo de harmonia social precisamente porque as tensões básicas permanecem visíveis. Esse paradoxo aplica-se também a nós. Do mesmo modo que o supremo teste para um navio é o modo como ele suporta uma tempestade, só confiamos de fato em uma relação se ela sobreviver a conflitos ocasionais.

Depois de presenciar mais alguns contatos sexuais entre os bonobos, Mike não resistiu a mencionar a recente afirmação de um cientista do zoológico de que ali os bonobos raramente faziam sexo, talvez apenas algumas vezes por ano. Seria possível que os bonobos não merecessem sua reputação de criaturas eróticas? Estávamos agora do lado de fora, no meio do público. Comentamos gracejando que, como havíamos contado seis

relações sexuais em apenas duas horas, isso significava que tínhamos reunido o equivalente a dois anos de observações. Por um momento, eu me esquecera de que Mike e Gale estavam de uniforme, o que levava todo mundo em volta a prestar atenção em nossa conversa. Em voz um tanto alta demais, gabei-me do meu estudo anterior: “Na temporada que passei aqui, tive setecentas relações sexuais num único inverno”. Um homem que estava do nosso lado agarrou a filha pelo braço e saiu de perto, mais que depressa.

Às vezes o sexo entre bonobos é sutil. Uma jovem fêmea tentou passar por um macho ainda mais jovem que estava bloqueando seu caminho em um galho de árvore. O macho não arredou pé, receando cair, talvez. A fêmea pôs-lhe os dentes na mão que segurava o galho, piorando a situação. Mas, em vez de morder, ela se virou e roçou o clitóris no braço do macho. Eram ambos imaturos, mas esse é o jeito bonobo de resolver conflitos, uma tática iniciada cedo na vida. Depois desse contato, a fêmea calmamente passou por cima do macho e seguiu seu caminho pelo tronco.

Ao voltar de San Diego para minha cidade, impressionou-me o contraste com os chimpanzés. Trabalho com cerca de quarenta chimpanzés que vivem ao ar livre na Estação de Campo do Centro Nacional de Pesquisa sobre Primatas Yerkes, próximo a Atlanta. Conheço-os há muito tempo, e os vejo como personalidades distintas. Eles também me conhecem bem, e a recepção que me deram foi a mais ansiada por todo pesquisador: trataram-me como a uma peça da mobília. Fui até a cerca dizer olá a Tara, de três anos; sua mãe, Rita, estava sentada no alto de um trepa-trepa. Rita limitou-se a relancear os olhos para nós, após o que prosseguiu fazendo grooming em sua própria mãe, avó de Tara. Se fosse um estranho a passar por perto, Rita, que é muito protetora, imediatamente teria descido num salto para pegar a filha. Senti-me honrado com seu desinteresse. Notei um corte profundo recém-aberto no lábio superior de Socko, o segundo macho na hierarquia. Só um outro poderia ter feito isso: Bjorn, o macho alfa. Bjorn é menor do que Socko, mas é muito esperto, irascível e perverso. Mantém os outros sob controle à base de luta suja. Essa é a conclusão a que tivemos de chegar ao longo dos anos, observando a técnica de combate de Bjorn e as cicatrizes que ele deixa nas vítimas em locais incomuns, como o ventre ou o escroto. Socko, grandalhão e pesado, não é páreo para Bjorn e, por isso, tem de viver sob o jugo desse ditador nanico. Mas, para sorte de Socko, seu irmão mais novo está na arrancada final de crescimento e não vê a hora de andar em sua companhia. E isso decerto vai criar problemas para Bjorn dentro em breve.

Fervilha no Centro Yerkes a política de poder dos machos, a interminável saga da sociedade dos chimpanzés. Em última análise, essas batalhas são travadas pela posse das fêmeas, o que significa que a diferença fundamental entre nossos dois parentes mais próximos é que um resolve as questões de sexo com poder, e o outro, as questões de poder com sexo.

Quando abri o jornal no avião que me levava de Atlanta para Charleston, na Carolina do Sul, a primeira coisa que me chamou a atenção foi a manchete “Lili atingirá Charleston”. Fiquei preocupado. Lili era um furacão dos grandes, e a devastação do Hugo no ano anterior ainda estava bem viva na memória de todos. Mas Lili desviou-se de Charleston, e a tempestade que se abateu foi meramente acadêmica.

A conferência de que participei tinha por tema a paz mundial e as relações humanas pacíficas. Fui convidado para apresentar meu trabalho sobre resolução de conflitos entre primatas. Sempre é divertido especular acerca da razão de as pessoas se dedicarem a certas áreas do conhecimento, e ocorre que as pesquisas sobre a paz atraem uma turma belicosa. Nesse encontro, dois eminentes defensores da paz travaram uma batalha de berros porque o primeiro disse alguma coisa a respeito de estudos sobre esquimós, com o que o outro prontamente o acusou de atitudes colonialistas, ou mesmo racistas, pois o certo é referir-se a esse povo como inuíte. Segundo o livro de Jean L. Briggs *Never in anger* [Jamais com raiva], os inuítes fazem todo o possível para evitar diálogos que mesmo remotamente dêem a impressão de hostilidade. Quem porventura ergue a voz arrisca-se ao ostracismo, uma punição potencialmente letal no meio em que eles vivem.

Alguns dos presentes nesse encontro sem dúvida teriam sido postos no gelo. Sendo ocidentais, porém, evitar confronto não constava do nosso roteiro. Eu já imaginava mais uma manchete nos jornais, talvez assim: “Conferência de paz termina em sopapos”. É o único evento acadêmico em que já vi homens adultos deixarem o recinto batendo a porta como crianças. Em meio a tamanha encenação, houve quem ousasse se perguntar, com profundas rugas de investigação científica na testa, se o comportamento humano realmente é comparável ao dos outros grandes primatas. Por outro lado, participei de muitos encontros do Clube da Agressão, um grupo acadêmico holandês no qual sempre reinaram a civilidade e a calma. Embora eu fosse na época apenas um estudante de pós-graduação, permitiram que me juntasse a psiquiatras, criminologistas, psicólogos e etologistas que se reúnem regularmente para debater sobre agressão e violência. Naquele tempo, as idéias dos evolucionistas invariavelmente giravam em torno da agressividade, como se nossa espécie não tivesse outras tendências comportamentais a serem estudadas. Era como um debate sobre pit bulls no qual o tema principal se resumisse sempre em aquilatar o quanto esses cães são perigosos. Mas o que diferencia os humanos dos pit bulls é o fato de não termos sido sujeitos a reprodução seletiva destinada a formar lutadores. A pressão de nossa mandíbula é ínfima, e nosso cérebro certamente não precisaria ser do tamanho que é se a única característica importante fosse a capacidade de matar. Mas estávamos no pós-guerra, e a agressividade humana era o pivô de todos os debates. Com suas câmaras de gás, execuções em massa e destruição premeditada, a Segunda Guerra Mundial mostrou o pior do comportamento humano. Além disso, quando o mundo ocidental fez o inventário depois que a poeira baixou, foi impossível ignorar a selvageria cometida no coração da Europa por pessoas que, não fosse por aquilo, seriam consideradas civilizadas. As comparações com animais foram generalizadas. Os animais não têm inibições, argumentou-se. Não têm cultura,

portanto deve ter sido algo animalesco, algo em nossa constituição genética que romperia o verniz de civilização e atropelara a decência humana.

Essa “teoria do verniz”, como a denomino, tornou-se um tema dominante no debate pós-guerra. No fundo, nós, humanos, somos violentos e amorais. Uma série de livros populares explorou essa questão com a hipótese de existir em nós um incontrollável impulso agressivo que procuramos extravasar na guerra, na violência e até nos esportes. Outra teoria dizia que nossa agressividade é uma novidade, que somos os únicos primatas que matam os de sua própria espécie. Não houve tempo para que as inibições apropriadas evoluíssem nos humanos. Como resultado, não temos nosso instinto de luta sob controle em um grau equivalente ao dos “predadores profissionais”, como lobos e leões. Somos presas de um temperamento violento e não temos recursos para dominá-lo. Não é difícil ver nisso a semente de uma racionalização da violência humana em geral e do Holocausto em particular, e decerto não ajudou o fato de a principal voz da época falar alemão. Konrad Lorenz, renomado especialista austríaco em peixes e gansos, foi o grande defensor da idéia de que a agressão está em nossos genes. Matar tornou-se a “marca de Caim” da humanidade. Do outro lado do Atlântico, idéia semelhante foi defendida por Robert Ardrey, jornalista americano inspirado em especulações de que o *Australopithecus* deve ter sido um carnívoro que engolia vivas suas presas, esquartejando-as membro a membro e matando a sede com seu sangue quente. Essa foi uma conclusão imaginativa baseada em um punhado de ossos cranianos, mas Ardrey fundamentou nela o seu mito do primata assassino. Em *African genesis* [Gênese africana], ele retratou nosso ancestral como um predador mentalmente desequilibrado que perturbava o precário equilíbrio da natureza. Na demagógica prosa de Ardrey: “Nascemos não de anjos caídos, e sim de primatas elevados, e primatas que eram assassinos armados. Assim, o que seria de espantar? Nossos assassinatos, massacres e mísseis? Nossas hostes irreconciliáveis?”.

Por incrível que pareça, a onda seguinte de biologia pop conseguiu ir além. Na mesma época em que Ronald Reagan e Margaret Thatcher pregavam que a ganância era benéfica à sociedade, à economia e certamente àqueles com qualquer razão para serem gananciosos, biólogos publicaram livros que apoiavam tais idéias. O gene egoísta, de Richard Dawkins, ensinava que, como a evolução ajuda quem se ajuda, o egoísmo devia ser visto como uma força indutora de mudança, e não uma falha que nos arrasta ladeira abaixo. Podemos ser primatas perversos, mas isso é explicável e benéfico para o mundo. Um probleminha — levantado em vão por implicants — era a linguagem enganosa desse gênero de literatura. Genes que produzem características bem-sucedidas disseminam-se pela população, portanto promovem a si mesmos. Mas referir-se a eles como “egoístas” não passa de metáfora. Uma bola de neve que rola pela encosta e vai juntando mais neve também promove a si mesma, mas não costumamos chamar as bolas de neve de egoístas. Levada ao extremo, a idéia de que tudo é egoísta faz do mundo um pesadelo. Com excelente faro para a capacidade de chocar, esses autores nos arrastam para uma arena hobbesiana onde é cada um por si e onde as pessoas demonstram generosidade apenas para lograr os outros. Desconhece-se o amor, a

solidariedade inexistente e a bondade é mera ilusão. A mais conhecida citação desse período é a do biólogo Michael Ghiselin, e diz tudo: “Arranje um altruísta e verá um hipócrita sangrar”.

Deveríamos nos alegrar por esse lugar sinistro e atemorizante ser pura fantasia, por diferir radicalmente do mundo real no qual rimos, choramos, fazemos amor e nos derretamos ao ver um bebê. Os autores dessa ficção percebem isso e, às vezes, confidenciam que a condição humana não é assim tão ruim quanto eles a fazem parecer. O gene egoísta é um bom exemplo. Depois de argumentar que nossos genes sabem o que é melhor para nós, que eles programam cada pequena engrenagem da máquina de sobrevivência humana, Dawkins espera até a última sentença do livro para nos tranquilizar dizendo que, na verdade, somos convidados a jogar todos esses genes pela janela: “Somente nós, na Terra, podemos nos rebelar contra a tirania dos replicadores egoístas”.

Assim, o fim do século xx ressaltou nossa necessidade de transcender a natureza. Apregoou-se essa posição como darwinista, muito embora Darwin nada tenha a ver com ela. Darwin acreditava, como eu, que nossas características humanitárias baseiam-se em instintos sociais que temos em comum com outros animais. É, obviamente, uma visão mais otimista do que aquela segundo a qual “somente nós, na Terra” podemos vencer nossos instintos básicos. Nesta última visão, a decência humana não passa de uma fina película, algo que inventamos, e não que herdamos. E, toda vez que fazemos qualquer coisa pouco louvável, os teóricos do verniz nos lembram do medonho recheio por baixo da casca: “Viu só? É a natureza humana!”.

NOSSA FACE DEMONÍACA

A primeira cena de 2001 — Uma odisséia no espaço, de Stanley Kubrick, captou em uma estonteante imagem a idéia de que a violência é benéfica. Depois de uma luta que eclode entre homínídeos na qual um golpeia outro com um fêmur de zebra, a arma é lançada triunfantemente para o alto, onde, milênios depois, transforma-se em uma nave espacial em órbita.

Igualar agressão a progresso é a base da chamada hipótese “fora da África”, segundo a qual chegamos aonde estamos hoje por meio do genocídio. Quando bandos de Homo sapiens emigraram da África, avançaram pela Eurásia assassinando todos os outros grandes primatas bípedes que encontraram pelo caminho, inclusive a espécie mais semelhante, o homem de Neandertal. Nossa sede de sangue é a personagem principal de livros com títulos como Man the hunter [Homem, o caçador], O macho demoníaco, The imperial animal [O animal imperial] e The dark side of man [O lado sombrio do homem]. A maioria dessas obras apresenta o chimpanzé como nosso modelo ancestral — o chimpanzé macho. As fêmeas, como as beldades dos primeiros filmes de James Bond, são a razão de luta dos machos, mas, afora serem parceiras sexuais e mães, praticamente não entram na história. Os machos são responsáveis por todas as decisões e combates. E, por implicação, pela maior parte da evolução.

Mas, ainda que o chimpanzé tenha acabado como representante da face demoníaca da nossa cabeça de Jano, nem sempre foi assim. Mais ou menos na época em que Lorenz e Ardrey destacavam nossa “marca de Caim”, os chimpanzés selvagens pareciam não estar fazendo nada além de perambular folgadoamente de galho em galho, apanhando frutos. Os adversários da idéia do primata assassino, que eram numerosos, usaram essa informação em causa própria. Citavam livremente Jane Goodall, que em 1960 começara seu trabalho em Gombe Stream, na Tanzânia. Na época, Goodall ainda retratava os chimpanzés como os nobres selvagens do filósofo francês Jean-Jacques Rousseau: indivíduos solitários e auto-suficientes que não tinham necessidade de formar vínculos nem de competir uns com os outros. Os chimpanzés na selva andavam sozinhos ou em pequenos “grupos” cuja composição mudava com frequência. Os únicos vínculos permanentes eram entre as mães e as crias dependentes. Não admira que as pessoas imaginassem os grandes primatas vivendo no Éden.

A primeira correção dessas impressões proveio de cientistas japoneses na década de 1970. Eles estudaram chimpanzés nas montanhas Mahale, ao sul de Gombe. Tinham sérias dúvidas sobre o viés “individualista” dos pesquisadores americanos e europeus. Como um animal tão próximo de nós poderia deixar de ter uma sociedade digna do nome? Descobriram que, embora os chimpanzés andem com diferentes companheiros a cada dia, são todos membros de uma comunidade separada de outras. A segunda correção dizia respeito à reputação pacífica dos chimpanzés selvagens, que alguns antropólogos usavam como argumento contra a idéia da agressividade inata da natureza humana. Dois fatos emergiram para esclarecer a realidade. Primeiro, ficamos sabendo que os chimpanzés caçam macacos, esmagam-lhes o crânio e os comem vivos. Ou seja, são carnívoros. Depois, em 1979, as requintadas páginas da revista National Geographic informaram que esses primatas também matam uns aos outros, e às vezes também comem as vítimas. Portanto, além de assassinos, canibais. A reportagem mostrou desenhos de chimpanzés machos perseguindo furtivamente seus inimigos além das fronteiras de seu território, cercando-os e espancando-os brutalmente até a morte. A princípio, essa notícia pingou de apenas um punhado de fontes, mas logo os pingos transformaram-se em uma corrente contínua que se tornou impossível desconsiderar.

O quadro tornou-se indistinguível da imagem do primata assassino. Ficamos sabendo que os chimpanzés caçam para matar e vivem em comunidades que guerreiam entre si. Goodall contou como deu essa notícia a um grupo de acadêmicos, alguns dos quais tinham esperança de eliminar a agressão humana por meio da educação e de alterações na programação da tevê. A mensagem trazida por Goodall de que não somos os únicos primatas agressivos foi mal recebida: colegas chocados imploraram-lhe que menosprezasse as evidências, ou mesmo que não as publicasse. Outros puseram a culpa no acampamento de Gombe, onde os estudiosos distribuía bananas — um alimento altamente nutritivo —, o que teria fomentado um comportamento patológico. A competição na área do acampamento foi realmente bem documentada, porém a luta mais séria acontecera longe dali. Goodall resistiu aos críticos: “Certamente achei muito melhor enfrentar os fatos, por mais perturbadores que fossem, do que viver em estado

de negação”, declarou.

A crítica das bananas não surtiu efeito; hoje se sabe que existe guerra em áreas de estudo na África nas quais não foi distribuído alimento algum. A verdade pura e simples é que a violência brutal faz parte da constituição natural dos chimpanzés. Eles não precisam demonstrá-la — na verdade, algumas comunidades parecem muito pacíficas —, mas podem, e fazem-no freqüentemente. Isso reforça a teoria do primata assassino em um aspecto, mas também a solapa. Lorenz e Ardrey afirmaram que os humanos tinham exclusividade no emprego da força letal, mas desde então observações não só de chimpanzés, mas também de hienas, leões, langures e uma longa lista de animais, deixaram claro que matar os da própria espécie é prática disseminada, embora infreqüente. O sociobiólogo Ed Wilson concluiu que, quando um animal for observado por mais de mil horas, os cientistas verão combate mortal. Ele falou como especialista em formigas, um grupo de animais que atacam e matam em grande escala. Nas palavras de Wilson, “perto das formigas, para quem assassinatos, conflitos e batalhas campais são coisa rotineira, os homens não passam de pacifistas sedados”.

Com a descoberta do lado sombrio do chimpanzé — “o paraíso perdido” —, Rousseau saiu por uma porta e Hobbes entrou por outra. A violência dos grandes primatas decerto significava que somos programados para ser impiedosos. Somou-se a isso a afirmação dos biólogos evolucionistas de que somos geneticamente egoístas, e tudo se encaixou. Ali estava uma visão coerente e irrefutável da humanidade. Olhe para o chimpanzé, dizia o argumento, e verá que tipo de monstro nós realmente somos.

Assim, os chimpanzés reforçaram a idéia de uma natureza humana perversa, apesar do fato de que, sem grandes dificuldades, poderiam igualmente tê-la refutado. Afinal, a violência entre os chimpanzés está longe de ser uma ocorrência rotineira: os cientistas precisaram de décadas para encontrá-la. Descontente com a parcialidade no impacto de suas descobertas, a própria Goodall fez valentes esforços para revelar-nos o lado mais brando dos chimpanzés, inclusive sua compaixão, mas não teve sucesso. A ciência já se decidira: uma vez assassino, sempre assassino.

Chimpanzés podem ser violentos, mas, ao mesmo tempo, suas comunidades são dotadas de poderosos freios e compensações. Isso ficou claro para mim uma ocasião na Holanda, quando roíamos as unhas em suspense à beira de um fosso ao redor de uma ilhota arborizada no Zoológico de Arnhem. Estávamos preocupados com uma pequenina fêmea de chimpanzé recém-nascida, Roosje, nome que em holandês significa “rosinha”. Ela fora adotada por Kuif, e esta, por não ter leite, fora treinada para alimentá-la com mamadeira. O plano funcionara às mil maravilhas. Um pequeno êxito para um primata era um sucesso colossal para nós, ou pelo menos assim o sentíamos. Agora, porém, estávamos introduzindo mãe e filha na maior colônia de chimpanzés em zoológico do mundo, e nela havia quatro perigosos machos adultos. Para intimidar os rivais, os machos fazem demonstrações ritualizadas de agressividade com os pêlos eriçados, de modo a parecerem grandes, ameaçadores. Infelizmente, era nesse estado que se encontrava Nikkie, o destemido líder da colônia.

Os chimpanzés machos têm um temperamento feroz, são fortíssimos e podem subjugar

humanos com muita facilidade. Zangados, então, são incontroláveis. Por isso, o destino de Roosje estava nas mãos dos primatas. De manhã passáramos com Kuif diante de todas as jaulas para avaliar as reações do grupo. Todos conheciam Kuif, mas Roosje era nova. Quando Kuif passou pela jaula dos machos, algo me chamou a atenção. Nikkie pareceu agarrá-la por baixo através das barras, e ela se afastou num salto, com um grito agudo. O alvo de Nikkie parecia ser o local onde Roosje se agarrava ao ventre de Kuif. Como só ele agiu dessa forma, decidi fazer a introdução ao grupo em etapas e deixar Nikkie em desvantagem libertando-o por último. O que devia ser evitado era, principalmente, que Kuif se visse sozinha com ele. Eu contava com os protetores dela.

Na natureza, ocasionalmente chimpanzés matam recém-nascidos de sua própria espécie. Os biólogos têm uma teoria para explicar essa ocorrência, conhecida como “infanticídio”: supõem que os machos competem pela fecundação das fêmeas. Isso explicaria sua constante competição por posição hierárquica e também a eliminação de recém-nascidos que não sejam seus descendentes. Nikkie talvez tenha visto Roosje como um filhote forasteiro, uma cria que não poderia ser dele. Isso era preocupante, pois significava que poderíamos presenciar uma daquelas cenas medonhas relatadas por cientistas em campo. Roosje poderia ser feita em pedaços. E eu, que a tivera no colo por várias semanas, ajudara Kuif a alimentá-la e dera-lhe eu mesmo a mamadeira, estava longe de ser o observador isento que normalmente faço questão de ser. Chegando à ilha, a maioria dos membros da colônia saudou Kuif com um abraço, relanceando olhares para o bebê. Todos pareciam atentar nervosamente para a porta atrás da qual Nikkie aguardava. Alguns dos chimpanzés jovens rondavam a porta, chutavam-na e esperavam para ver o que aconteceria. Todo o tempo, os dois machos mais velhos mantiveram-se perto de Kuif e se mostraram extremamente afáveis com ela.

Cerca de uma hora depois, soltamos Nikkie na ilha. Os dois machos afastaram-se de Kuif e se postaram entre ela e o líder, que se aproximava. Passaram os braços pelo ombro um do outro. Uma cena espantosa, pois aqueles dois eram arquiinimigos de muitos anos. E ali estavam, unidos contra o jovem líder, temendo, talvez, o mesmo que nós. Nikkie, de pêlos eriçados, foi se aproximando com modos terrivelmente intimidantes, mas desmoronou quando viu que os outros dois não estavam dispostos a ceder. O grupo de defesa de Kuif deve ter parecido incrivelmente decidido encarando o chefe daquela maneira, pois Nikkie fugiu. Não consegui enxergar o rosto deles, mas esses primatas sabem ler nos olhos uns dos outros tanto quanto nós. Mais tarde, Nikkie aproximou-se de Kuif sob o olhar vigilante dos outros dois machos. Era todo brandura. Suas intenções permanecerão um eterno mistério, mas demos um imenso suspiro de alívio, e eu abracei o tratador que participara comigo do treinamento de Kuif.

Os chimpanzés vivem sob uma nuvem de violência latente, e o infanticídio é uma importante causa de morte tanto nos zoológicos como na natureza. Mas, no fim das contas, quando se debate sobre o quanto nós, como espécie, somos agressivos, o comportamento do chimpanzé é apenas uma peça do quebra-cabeça. O dos nossos ancestrais imediatos seria mais relevante. Infelizmente, existem lacunas imensas em nosso conhecimento, sobretudo quando tentamos investigar o que aconteceu há mais

de 10 mil anos. Não existem indícios irrefutáveis de que sempre fomos tão violentos quanto nos milênios mais recentes. Do ponto de vista evolutivo, alguns milhares de anos não são nada.

Anteriormente, por milhões de anos nossos ancestrais podem ter tido uma existência tranqüila em pequenos grupos de caçadores-coletores, com poucos motivos para lutar, uma vez que o mundo era esparsamente povoado. Isso de modo algum os teria impedido de conquistar o globo. Muitos pensam que a sobrevivência dos mais aptos significa a aniquilação dos inaptos. Mas também se pode vencer a corrida evolutiva tendo um sistema imunológico superior ou sendo mais habilidoso para encontrar alimento. O combate direto raramente é o modo como uma espécie substitui outra. Portanto, em vez de exterminar os homens de Neandertal, talvez tenhamos simplesmente sido mais resistentes ao frio ou melhores caçadores.

É decerto possível que hominídeos bem-sucedidos tenham “absorvido” outros menos afortunados por meio de cruzamentos, portanto não se pode descartar a possibilidade de genes do homem de Neandertal terem sobrevivido em você ou em mim. Quem graceja comparando alguém a um homem de Neandertal deveria pensar duas vezes. Em um laboratório de Moscou, vi uma notável reconstituição de um rosto de homem de Neandertal baseada em um crânio. Os cientistas me disseram, confidencialmente, que nunca ousaram divulgar aquele busto devido à sua extraordinária semelhança com um dos principais políticos de seu país, pois este poderia não apreciar tal comparação.

O PRIMATA NO ARMÁRIO

Arranhar um bonobo revelaria um hipócrita?

Podemos ter certeza absoluta de que a famigerada síntese da teoria do verniz dizia respeito tão-somente às pessoas. Ninguém sugeriria que animais estão tentando ludibriar uns aos outros. É por isso que os grandes primatas não humanos são cruciais para o debate sobre a condição humana. Se descobrirmos que eles são melhores do que meros brutos — mesmo ocasionalmente —, a noção da bondade como invenção humana começará a balançar. E se os pilares da moralidade, como a solidariedade e o altruísmo intencional, puderem ser encontrados em outros animais, seremos forçados a rejeitar totalmente a teoria do verniz. Darwin tinha consciência dessas implicações quando observou que “muitos animais certamente se solidarizam uns com os outros em momentos de aflição ou perigo”.

É evidente que o fazem. Não raro, grandes primatas não humanos cuidam de companheiros feridos, diminuindo a marcha quando algum deles não consegue acompanhar o grupo, limpando os ferimentos dos outros ou subindo em árvores para apanhar frutos e alimentar um companheiro mais velho que já não consegue subir. Um relatório de campo dá notícia de um chimpanzé macho adulto que adotou um órfão e carregava o infante doente em suas marchas, protegia-o de perigos e salvava-lhe a vida, embora se presumisse não haver parentesco entre os dois. Na década de 1920, Robert

Yerkes, especialista americano em grandes primatas, admirou-se tanto com a preocupação que um jovem chimpanzé, Prince Chim, demonstrava por seu companheiro Panzee, doente em estágio terminal, que admitiu: “Se eu falasse sobre esse comportamento altruísta e obviamente solidário em relação a Panzee, suspeitariam que estou idealizando um primata não humano”. A admiração de Yerkes pela sensibilidade de Prince Chim é reveladora, considerando que esse cientista provavelmente conhecia mais personalidades de grandes primatas não humanos do que qualquer outro na história da primatologia. Yerkes homenageou o bondoso animal em um livro, *Almost human* [Quase humano], no qual declarou não ter certeza de que Prince Chim fosse um chimpanzé normal. Uma autópsia revelou, mais tarde, que realmente não se tratava de um chimpanzé, mas de um bonobo. Yerkes não sabia disso, pois os bonobos só foram reconhecidos como espécie anos depois.

O primeiro estudo que comparou o comportamento de bonobos e chimpanzés foi feito no Zoológico Hellabrunn na década de 1930. Eduard Tratz e Heinz Heck publicaram suas conclusões em 1954. Uma noite, durante a guerra, três bonobos, aterrorizados com o bombardeio da cidade, tiveram parada cardíaca e morreram. O fato de o pavor ter matado todos os bonobos mas nenhum dos chimpanzés do zoológico atesta a sensibilidade dos primeiros. Tratz e Heck apresentaram uma longa lista de diferenças entre bonobos e chimpanzés, entre as quais se incluíam referências ao temperamento relativamente pacífico, ao comportamento sexual e à sensualidade dos bonobos. A agressão certamente não está ausente entre os bonobos, mas neles é raro o tratamento que os chimpanzés ocasionalmente dispensam uns aos outros, incluindo morder e golpear com toda a força. Um chimpanzé macho arrepia os pêlos à menor provocação. Empunha um galho de árvore e desafia os que considera mais fracos. Os chimpanzés são regidos pelo status. Para os padrões dos bonobos, o chimpanzé é uma fera selvagem ou, como comparou Tratz, “o bonobo é uma criatura extraordinariamente sensível e branda, muito distante da demoníaca Urkraft (força primitiva) do chimpanzé adulto”.

Se isso era sabido em 1954, poderíamos perguntar: por que o bonobo esteve ausente dos debates sobre agressão humana, e por que ainda não é mais conhecido? Bem, esse estudo foi publicado na Alemanha, e já faz um bom tempo que cientistas anglófonos não lêem nada que não esteja escrito em inglês. Esse estudo, além disso, incluiu apenas alguns primatas jovens em cativeiro, uma amostra científica minúscula, que pode não ter parecido muito convincente. As pesquisas de campo sobre bonobos, que começaram relativamente tarde, ainda estão décadas atrás dos estudos sobre os outros grandes primatas não humanos. Outra razão é cultural: o erotismo dos bonobos era um tema que poucos autores queriam abordar. Isso continua a ocorrer hoje em dia. Na década de 1990, uma equipe de cinegrafistas britânicos viajou a selvas remotas da África para filmar bonobos, mas parava as filmagens toda vez que uma cena “constrangedora” aparecia no visor. Quando um cientista japonês que auxiliava a equipe perguntou por que não estavam documentando nenhuma atividade sexual, responderam: “Nosso público não vai se interessar”.

Mais importante do que tudo isso, porém, é o fato de que os bonobos não se

enquadram nas noções estabelecidas sobre a natureza humana. Acredite o leitor que, se os estudos houvessem concluído que eles massacram uns aos outros, todo mundo saberia sobre os bonobos. Sua índole pacífica é o verdadeiro problema. Às vezes, tento imaginar o que teria acontecido se tivéssemos conhecido o bonobo primeiro, e o chimpanzé só depois, ou nunca. A discussão sobre a evolução humana talvez não se concentrasse tanto na violência, guerra e dominância masculina, e sim na sexualidade, empatia, solicitude e cooperação. Que paisagem intelectual diferente ocuparíamos então!

Foi só com o surgimento de outro primo nosso que a influência da teoria do primata assassino começou a diminuir. Os bonobos agem como se tais idéias não tivessem nada a ver com eles. Entre os bonobos não existe guerra letal, quase não há caça, não há dominância dos machos e a atividade sexual é muito intensa. Se o chimpanzé é a nossa face demoníaca, o bonobo é a angelical. Bonobos fazem amor, não guerra. São os hippies do mundo primata. A ciência teve mais problemas com eles do que uma família dos anos 60 com sua ovelha negra cabeluda e chapada de maconha que quis voltar para casa. Todo mundo apagou as luzes, se escondeu embaixo da mesa e ficou torcendo para o indesejável ir embora. O bonobo é claramente um primata que vem a calhar para a nossa época. As atitudes mudaram drasticamente desde que Margaret Thatcher postulou seu estridente individualismo. “Não existe sociedade”, ela proclamou, “existem indivíduos, homens e mulheres, e existem famílias.” As idéias de Thatcher podem ter sido inspiradas nas concepções evolucionistas do período — ou viceversa, talvez. Seja como for, vinte anos depois, quando estarreadores escândalos empresariais deram a alfinetada decisiva na inflada bolha do mercado acionário, o individualismo puro já não soa tão atraente. Na era pós-Enron, o público começou a dar-se conta de novo — como se fosse a maior novidade do mundo — de que o capitalismo irrefreado raramente desperta o que há de melhor nas pessoas. O “evangelho da ganância” de Reagan e Thatcher mofou. Até o presidente do Federal Reserve [até janeiro de 2006], Alan Greenspan, um profeta do capitalismo, insinuou que seria bom pisar no freio, explicando a um comitê do Senado americano em 2002: “Não é que os humanos tenham se tornado mais gananciosos que no passado. Acontece que as vias para dar vazão à ganância cresceram enormemente”.

Quem acompanha a biologia evolutiva sem dúvida notou uma mudança de postura paralela. De repente, apareceram livros com títulos como *Unto others* [Aos outros], *Evolutionary origins of morality* [Origens evolutivas da moralidade], *Laços vitais*, *The cooperative gene* [O gene cooperativo] e meu livro *Good natured* [Afável]. Passou-se a falar menos sobre agressão e competição e mais sobre relacionamento, sobre como as sociedades mantêm a coesão, sobre as origens da solicitude e do comprometimento. A ênfase agora é no auto-interesse esclarecido do indivíduo dentro de um todo maior. Sempre que interesses se sobrepõem, a competição será controlada pelo bem maior.

Gurus econômicos, como Klaus Schwab, declararam que é hora de os negócios serem “governados não só por regras, mas por valores”. Ao mesmo tempo, biólogos evolucionistas começaram a afirmar que “o empenho racional pelo auto-interesse às

vezes é uma estratégia inferior”. Talvez ambas as tendências derivem de mudanças mais amplas na atitude do público. O mundo industrializado, depois de ter reconstruído economias arrumadas pela guerra e de ter atingido um nível de prosperidade que pouco tempo atrás era inimaginável, pode finalmente estar pronto para concentrar-se na esfera social. Precisamos decidir se somos como Robinson Crusoe, isolados cada qual em sua ilha como Thatcher parecia imaginar, ou membros de sociedades interdependentes em altíssimo grau, nas quais cuidamos uns dos outros e das quais derivamos nossa razão de ser.

Pendendo mais para a segunda do que para a primeira dessas concepções, Darwin achava que as pessoas nascem para tornar-se morais, e que o comportamento animal corrobora essa idéia. Darwin conta que um cachorro que ele conhecia nunca passava perto de um cesto onde jazia doente sua amiga, uma gata, sem dar-lhe algumas lambidas. Era um sinal inequívoco dos bons sentimentos daquele cão, afirmou Darwin. Ele também conta a história de um tratador de zoológico com um ferimento na nuca. Fora atingido por um babuíno feroz quando limpava sua jaula. O babuíno vivia com um pequeno macaco sul-americano. Este, que morria de medo do colega de jaula, era grande amigo do tratador e, de fato, salvou-lhe a vida distraindo o babuíno com mordidas e gritos durante o ataque. Portanto, o macaquinho arriscou a vida, demonstrando que a amizade se traduz em altruísmo. Darwin supunha que o mesmo valia para as pessoas.

Isso foi antes de sabermos sobre os bonobos e antes das últimas descobertas da neurociência. Especialistas examinaram imagens do cérebro de pessoas enquanto elas resolviam problemas morais propostos por eles. Descobriram que tais dilemas ativam centros emocionais antigos, profundamente embutidos no cérebro. Em vez de ser um fenômeno superficial em nosso neocórtex expandido, a tomada de decisões morais parece ter por base milhões de anos de evolução social.

Isso talvez pareça óbvio, mas é de uma incompatibilidade monumental com a idéia da moralidade como um verniz cultural ou religioso. Muito me admira que uma posição tão patentemente equivocada possa ter sido defendida por tantos anos. Por que os altruístas foram vistos como hipócritas, por que as emoções foram deixadas fora do debate e por que um livro com o descarado título *O animal moral* negou que a moralidade nos vem naturalmente? A resposta é que os autores evolucionistas estavam cometendo o “erro de Beethoven”. Refiro-me à suposição de que processo e produto precisam ser semelhantes.

Quem ouve a música perfeitamente estruturada de Ludwig van Beethoven nunca imaginaria as condições de seu gélido apartamento. Visitantes reclamavam que o compositor vivia no lugar mais imundo, fétido e caótico que já se viu, juncado de comida deteriorada, urinóis cheios e roupas sujas, com os dois pianos sepultados sob poeira e papéis. O mestre andava tão molambento que chegou a ser preso como vadio. Ninguém pergunta como Beethoven poderia ter criado suas refinadas sonatas e seus nobres concertos para piano naquele chiqueiro. Todos sabemos que coisas maravilhosas podem nascer em circunstâncias atroz, que processo e produto são coisas separadas, sendo

essa a razão por que a apreciação de um bom restaurante raramente melhora com uma visita à cozinha.

No entanto, confundir as duas coisas levou alguns a crer que, como a seleção natural é um processo cruel e impiedoso de eliminação, tem forçosamente de produzir criaturas cruéis e impiedosas. Um processo perverso só pode produzir um comportamento perverso, pensava-se. Só que a panela de pressão da natureza criou peixes que atacam qualquer coisa que se mova (inclusive sua prole), mas também criou as baleias-piloto, tão afeiçãoadas umas às outras que encalham juntas na praia se uma delas se desorientar. A seleção natural favorece organismos que sobrevivem e se reproduzem, pura e simplesmente. Como fazem isso fica a cargo de cada um. Qualquer organismo que consiga ter mais êxito tornando-se mais ou menos agressivo do que o resto, mais ou menos cooperativo, mais ou menos solícito, disseminará seus genes. O processo não especifica o caminho para o sucesso, do mesmo modo que o interior de um apartamento vienense não nos diz que tipo de música sairá pela janela.

PRIMATA SEM ANÁLISE

Todo fim de tarde no Zoológico de Arnhem, os tratadores e eu tirávamos Kuif da colônia para dar mamadeira a Roosje. Mas antes de ela chegar carregando sua filha adotiva havia sempre um estranho ritual.

Estávamos habituados a ver os grandes primatas saudando uns aos outros, o que costumam fazer depois de longas ausências, os chimpanzés com beijos e abraços, e os bonobos com algum frottage (esfregação) sexual. Kuif foi a primeira desses animais que vi dar adeus. Antes de entrar no prédio, Kuif aproximava-se de sua melhor amiga, Mama, a respeitada fêmea alfa do grupo, e dava-lhe um beijo. Depois procurava Yeroen, o macho mais velho, e fazia o mesmo. Até quando Yeroen estava dormindo na outra ponta da ilha ou absorto em uma sessão de grooming com um de seus amigos, Kuif desviava-se de seu caminho para ir até ele. Isso me lembrava de como costumamos não deixar uma festa antes de nos despedir dos anfitriões.

Para saudar na chegada, basta o indivíduo ficar contente ao ver alguém conhecido. Muitos animais sociais apresentam essa reação. Já despedir-se é algo mais complexo, pois requer vislumbrar o futuro: perceber que não se verá alguém por algum tempo. Notei outro caso de antevisão certa noite em que uma fêmea de chimpanzé apanhou toda a palha de sua jaula de dormir, pegando minuciosamente todos os pedacinhos até a carga transbordar de seus braços, e carregou o fardo para a ilha ao ar livre. Isso nos chamou a atenção, pois nenhum chimpanzé jamais andara carregando palha. Era novembro, estava esfriando. Aparentemente, aquela fêmea decidira manter-se aquecida lá fora. Ela não sentira frio enquanto estava apanhando a palha, pois se encontrava em uma construção com aquecimento. Sendo assim, deve ter inferido o que aconteceria no dia seguinte com base no que ocorrera no dia anterior. Ela passou o dia inteiro em seu ninho de palha, do qual não pôde sair porque todos os outros estavam querendo roubá-

lo. Esse é o tipo de inteligência que atrai muitos de nós para o estudo dos grandes primatas não humanos. Não é apenas seu comportamento agressivo ou sexual, boa parte do qual encontramos também em outros animais, mas o surpreendente grau de discernimento e argúcia que empregam em tudo o que fazem. Como boa parte dessa inteligência não se presta facilmente à observação, os estudos com grandes primatas em cativeiro são absolutamente essenciais. Assim como ninguém tentaria medir a inteligência de uma criança observando-a correr pelo pátio da escola, também o estudo da cognição dos grandes primatas não humanos requer uma abordagem prática direta. Precisamos ter condições de apresentarlhes problemas e ver como os solucionam. Mas também para a observação do comportamento é importante o papel dos grandes primatas mantidos em cativeiro sob condições esclarecidas, ou seja, em espaçosas áreas ao ar livre e em grupos de tamanho semelhante ao daqueles que vivem na natureza. Podemos observá-los muito mais de perto do que seria possível na vida selvagem, onde, em momentos críticos, eles tendem a desaparecer na vegetação. Em meu escritório favorito (tenho vários), uma grande janela com vista para os chimpanzés da Estação de Campo Yerkes permite-me observar tudo o que acontece. Eles não podem esconder-se de mim (nem eu deles, como noto sempre que tento almoçar sem eles perceberem). A simples observação é a razão por que a política do poder, as reconciliações depois de lutas e o uso de ferramentas foram detectados primeiro em primatas em cativeiro e só depois confirmados na natureza. Em geral, fazemos observações munidos de binóculos e de um teclado ligado a um computador no qual digitamos todos os eventos sociais presenciados. Temos uma longa lista de códigos para indicar brincadeira, sexo, agressão, grooming, amparo e uma infinidade de distinções sutis dentro de cada categoria, e inserimos os dados continuamente no formato de “quem faz o que a quem”. Se os eventos se tornam complicados demais, como quando eclode uma luta em massa, nós os filmamos ou, como um narrador esportivo, relatamos o que se passa em um gravador. Dessa maneira, coligimos centenas de milhares de informações e depois programamos um computador para classificar os dados. Apesar do prazer que sentimos com nosso trabalho, as pesquisas com primatas têm seu lado tedioso.

Nosso segundo método é experimental. Tiramos os primatas de seu grupo e os trazemos para uma pequena jaula. Como não podemos forçá-los a participar, dependemos de sua boa vontade. Não só eles sabem o próprio nome, mas também o nome de todos os outros, por isso podemos pedir ao indivíduo A para ir buscar o indivíduo B. O truque, evidentemente, é tornar o experimento uma experiência agradável. Eles têm grande atração por computadores com joysticks. Minha assistente só precisa mostrar o carrinho com o equipamento e os voluntários fazem fila. Como acontece com as crianças, as respostas imediatas de um computador empolgam os chimpanzés.

Em um experimento, Lisa Parr apresentou a chimpanzés de Yerkes centenas de fotos que eu tirara no Zoológico de Arnhem. Com um oceano separando esses chimpanzés, podíamos ter certeza de que eles nunca tinham visto aqueles rostos antes. Um rosto aparecia na tela do computador, e em seguida outros dois, um dos quais igual ao primeiro. O chimpanzé ganhava um gole de suco por apontar com o cursor o rosto

correspondente ao primeiro. O reconhecimento de rostos fora testado antes, mas os grandes primatas não humanos não se saíram muito bem. Contudo, os experimentos anteriores haviam usado rostos humanos, supondo serem fáceis de distinguir. Não para chimpanzés. Eles se mostraram muito mais hábeis com rostos de outros chimpanzés. Lisa mostrou que eles vêem semelhanças não apenas entre fotos diferentes do mesmo rosto, mas também entre fotos de mães e filhos. Do mesmo modo que se olhasse o álbum de família de alguém eu seria capaz de distinguir os parentes consangüíneos dos parentes por afinidade, os chimpanzés reconhecem os sinais de parentesco. Parecem ser tão sensíveis aos rostos de sua espécie quanto nós aos da nossa. Outro estudo investigou se os chimpanzés eram capazes de dar indicações deliberadas a outros. A história já mencionada de Kanzi e Tamuli levava a crer que eles possuíam essa habilidade, mas tal idéia permanecia controvertida. Alguns cientistas concentraram-se no ato de apontar com a mão, ou com o dedo indicador, que é o modo como apontamos. No entanto, não vejo razão para essa suposição limitada. Nikkie certa vez comunicou-se comigo usando uma técnica muito mais sutil. Ele se acostumara a ganhar frutinhas silvestres que eu jogava do outro lado do fosso. Um dia, quando eu coletava dados, esqueci completamente das frutinhas, que cresciam nos arbustos altos atrás de mim. Nikkie não se esquecera. Sentou-se bem à minha frente, cravou em mim seus olhos castanhos avermelhados e, assim que conseguiu minha atenção, fez um movimento seco e brusco com a cabeça e os olhos, desviando-os de mim e fixando-os num ponto sobre meu ombro esquerdo. Depois tornou a me olhar e repetiu o gesto. Posso ser estúpido comparado a um primata desses, mas da segunda vez acompanhei seu olhar e avistei as frutinhas. Nikkie indicara o que desejava sem um único som ou gesto de mão. Obviamente não tem sentido “apontar” desse modo, a menos que você tenha compreendido que o outro não viu o que você viu, o que significa perceber que nem todos têm as mesmas informações.

Um experimento revelador sobre a capacidade de indicar dos grandes primatas foi realizado por Charles Menzel no mesmo Centro de Pesquisa da Linguagem que abriga Kanzi. Charlie deixou que uma chimpanzé fêmea chamada Panzee observasse enquanto ele escondia comida em uma área arborizada próximo à sua jaula. Ela acompanhou tudo por trás das grades. Como não podia ir aonde Charlie estava, precisaria de ajuda humana para conseguir a comida. Charlie cavava um buraco no chão e escondia um saco de confeitos, ou punha um doce no meio de arbustos. Às vezes, fazia isso depois que todas as pessoas já tinham ido embora. Isso significava que até o dia seguinte Panzee não podia comunicar a ninguém o que sabia. Quando os tratadores chegavam de manhã, não sabiam sobre o experimento. Panzee primeiro precisava conseguir a atenção deles e, depois, fornecer informações a alguém que ignorava o que ela sabia e que, de início, não tinha a menor idéia do que ela estava “falando”.

Durante uma demonstração ao vivo das habilidades de Panzee, Charlie comentou que os tratadores em geral têm as habilidades mentais dos primatas em mais alta conta do que os filósofos e psicólogos que escrevem sobre o assunto. Poucos destes já interagiram diariamente com esses animais. Era essencial para o experimento, ele explicou, que Panzee lidasse com pessoas que a levassem a sério. Todos os recrutados por Panzee

disseram que a princípio ficaram surpresos com seu comportamento, mas logo entenderam o que ela estava tentando conseguir que fizessem. Seguindo as indicações que ela dava apontando, chamando com gestos, arfando e gritando, não tiveram dificuldade para encontrar o doce escondido no mato. Sem as instruções de Panzee, não teriam sabido onde procurar. Panzee nunca apontava em direção errada ou para algum local usado em ocasiões anteriores. O resultado era a comunicação a respeito de um acontecimento passado, presente na memória da primata, a pessoas que não sabiam do que se tratava e eram incapazes de dar a ela qualquer pista.

Apresento esses exemplos para deixar claro que existem excelentes pesquisas sobre grandes primatas em que podemos nos basear ao fazer afirmações sobre a noção que esses animais têm de passado e futuro, seu reconhecimento de rostos e comportamento social em geral. Embora neste livro eu prefira exemplos vividos, tentando dar um rosto ao que sabemos sobre nossos parentes mais próximos, existe todo um conjunto de obras acadêmicas para fundamentar minhas afirmações. Nenhum desses textos, ressalto, explica por que persistem as discordâncias e por que não há um final à vista para minha linha de trabalho. Uma conferência sobre grandes primatas poderia atrair de cem a duzentos especialistas, mas isso é nada comparado a um típico encontro de psicólogos ou sociólogos, que reúne facilmente 10 mil cientistas. Por esse motivo, nem sequer estamos perto do nível de compreensão sobre os grandes primatas que muitos de nós gostaríamos de ter.

A maioria de meus colegas são pesquisadores de campo. Sejam quais forem as vantagens das pesquisas sobre grandes primatas em cativeiro, elas nunca poderão substituir o estudo do comportamento na natureza. Para cada notável habilidade demonstrada no laboratório, queremos saber o que ela significa para os chimpanzés e bonobos selvagens, que tipos de benefício eles obtêm com ela. Isso se relaciona com uma questão evolutiva: por que essa capacidade surgiu? No caso do reconhecimento de rostos, o benefício é bem óbvio, mas e quanto à noção de futuro? Os pesquisadores de campo descobriram que chimpanzés quando se deslocam às vezes colhem talos de capim e pequenos ramos horas antes de chegar a um local onde irão “pescar” formigas ou cupins. Os instrumentos de que precisam são colhidos pelo caminho em lugares onde existem em abundância. É perfeitamente possível que esses primatas planejem mentalmente suas rotas. O que talvez seja mais significativo nessas pesquisas não é o que os grandes primatas revelam acerca do nosso lado “instintual”.

Com seu lento desenvolvimento (chegam à fase adulta por volta dos dezesseis anos) e amplas oportunidades de aprendizado, os grandes primatas não humanos na verdade não são muito mais instintuais do que nós. Tomam muitas decisões na vida, como a de defender um recém-nascido ou ameaçá-lo, salvar ou maltratar um passarinho. O que comparamos, portanto, são os modos como os humanos e os outros grandes primatas lidam com problemas por meio de uma mistura de tendências naturais, inteligência e experiência. É impossível extrair dessa mistura o que é inato e o que não é. Não obstante, a comparação é instrutiva, no mínimo porque nos faz dar um passo atrás e olhar em um espelho que mostra um lado nosso diferente daquele ao qual estamos

acostumados. Encostamos nossa mão na de um bonobo e notamos que nosso polegar é mais longo; pegamos seu braço e sentimos músculos rijos como nunca vimos, puxamos seu lábio inferior e constatamos que ele tem muito mais lábio que nós, olhamos em seus olhos e recebemos de volta um olhar tão inquisitivo quanto o nosso. Tudo isso é revelador. Meu objetivo é fazer as mesmas comparações na esfera da vida social e mostrar que não existe uma única tendência que não tenhamos em comum com esses sujeitos peludos que adoramos ridicularizar.

Se as pessoas riem dos primatas no zoológico, desconfio que seja justamente porque se sentem desconcertadas com o espelho que lhes é posto à frente. Do contrário, por que animais de aparência esquisita, como as girafas e os cangurus, não causam hilaridade semelhante? Os primatas despertam certo nervosismo porque nos mostram a nós mesmos sob uma luz brutalmente honesta, lembrando-nos, na bem escolhida expressão de Desmond Morris, de que somos meros “primatas nus”. É essa luz honesta que buscamos, ou deveríamos buscar, e a beleza é que agora podemos nos ver refletidos em dois espelhos complementares.

Poder

Sangue de Maquiavel

Assinalo, assim, em primeiro lugar, como tendência geral de todos os homens, um perpétuo e irrequieto desejo de poder e mais poder, que cessa apenas com a morte.

Thomas Hobbes

O igualitarismo não é simplesmente a ausência de um chefe, mas a insistência positiva na qualidade essencial de todas as pessoas e a recusa a curvar-se à autoridade de outros.

Richard Lee

Pedalando encosta acima em uma das raras colinas de minha Holanda natal, eu me preparava para a horrenda visão que me esperava no Zoológico de Arnhem. Ao amanhecer, recebera um telefonema avisando que Luit, o chimpanzé macho de quem eu mais gostava, fora trucidado pelos de sua espécie. Os grandes primatas podem fazer estragos medonhos com seus caninos poderosos. O mais das vezes só procuram intimidar uns aos outros com demonstrações de agressividade que chamamos de “blefes”, porém ocasionalmente o blefe é reforçado com ação. No dia anterior eu saíra do zoológico preocupado com Luit, mas estava totalmente despreparado para o que encontrei.

Normalmente orgulhoso e não muito afetuoso com pessoas, Luit agora queria ser tocado. Estava sentado em uma poça de sangue, a cabeça apoiada nas barras da jaula noturna. Quando lhe fiz um afago, ele exalou um suspiro fundo. Finalmente estabelecíamos um vínculo, só que no momento mais triste de minha carreira de primatólogo. Era evidente que a vida de Luit estava em risco. Ele ainda podia andar, mas perdera uma quantidade enorme de sangue. Tinha perfurações profundas em todo o corpo, faltavam-lhe dedos dos pés e das mãos. Logo descobrimos que faltavam partes ainda mais vitais.

Passei a pensar naquele momento em que Luit me olhou em busca de apoio e consolo como uma alegoria da humanidade moderna: como primatas violentos, banhados em nosso próprio sangue, ansiávamos por ser reconfortados. Apesar da nossa tendência a mutilar e matar, queremos ouvir que tudo vai ficar bem. Na hora, porém, eu só pensava em tentar salvar a vida de Luit. Assim que o veterinário chegou, Luit foi sedado e o levamos para a sala de cirurgia, onde ele recebeu centenas de pontos nos ferimentos. Foi durante essa operação desesperada que descobrimos a ausência dos testículos. Havia desaparecido do saco escrotal, embora os furos na pele parecessem menores que os testículos propriamente ditos. Os tratadores encontraram-nos no chão da jaula, jogados na palha. “Foram espremidos”, concluiu, impassível, o veterinário.

DOIS CONTRA UM

Luit não voltou da anestesia. Pagou caro por enfrentar outros dois machos, frustrando-os com sua rápida ascensão. Os dois vinham tramando contra ele a fim de reaver o poder que haviam perdido. O modo chocante como o fizeram abriu-me os olhos para o fato de que os chimpanzés levam sua política mortalmente a sério. As manobras de dois contra um são o que traz tanto refinamento como perigo às lutas de poder entre os chimpanzés. As coalizões são essenciais. Nenhum macho pode dominar sozinho, pelo menos não por muito tempo, pois o grupo como um todo pode derrubar qualquer um. Os chimpanzés são tão hábeis para coligar-se que um líder precisa de aliados a fim de fortalecer sua posição e aumentar a aceitação da comunidade em geral. Manter-se no topo é um exercício de equilíbrio entre expressar veementemente a dominância, manter os aliados satisfeitos e evitar a revolta em massa. Se isso parece familiar, é porque a política humana funciona exatamente da mesma forma.

Antes da morte de Luit, a colônia de Arnhem era dominada conjuntamente por Nikkie, um jovem emergente, e Yeroen, um cúmplice já entrado em anos. Nikkie, recém-chegado à fase adulta aos dezessete anos, era um sujeito musculoso de expressão apatetada. Apesar de muito decidido, não primava pela esperteza. Já Yeroen, seu assecla, não estava mais fisicamente à altura da tarefa de liderar, porém exercia enorme influência nos bastidores. Costumava assistir às disputas de longe e interferir só quando os ânimos ferviam, apoiando um lado ou outro e, assim, forçando todo mundo a prestar atenção em suas decisões. Yeroen explorava astutamente as rivalidades entre os machos mais jovens e mais fortes do que ele.

Sem entrarmos na complexa história desse grupo, estava claro que Yeroen odiava Luit, pois este, anos antes, lhe arrebatara o poder. Luit derrotara Yeroen em uma luta ao longo de três longos e quentes meses de verão nos quais toda a colônia viveu sob tensão dia após dia. No ano seguinte, Yeroen desforrara-se ajudando Nikkie a destronar Luit. Desde então, Nikkie fora o macho alfa, e Yeroen seu braço direito. Os dois tornaram-se inseparáveis. Luit não temia nenhum dos dois isoladamente. Nas refregas de um contra um nas jaulas noturnas, Luit dominava todos os outros machos da colônia, tirava-lhes a comida e os perseguia. Sozinho, nenhum deles poderia tê-lo subjugado.

Isso significava que Yeroen e Nikkie lideravam juntos, e somente juntos. Assim foi por quatro longos anos. Mas sua coalizão finalmente começou a afrouxar e, como não é raro ocorrer também entre os homens, a causa da cisão foi sexo. Por ter sido o fazedor de reis, Yeroen desfrutava privilégios sexuais extraordinários. Nikkie não permitia que nenhum outro macho se aproximasse das fêmeas mais atraentes, mas para Yeroen ele sempre abria exceção. Era parte do trato: Nikkie mantinha o poder, e Yeroen ganhava uma fatia da torta sexual. Esse feliz arranjo terminou apenas quando Nikkie tentou renegociar suas condições. Nos quatro anos de seu domínio, fora ganhando autoconfiança. Já esquecera quem o ajudara a chegar ao topo? Quando o jovem líder começou a querer ser o manda-chuva, interferindo nas aventuras sexuais não só dos outros machos mas também nas de Yeroen, a situação ficou feia.

A luta intestina na coalizão dominante prosseguiu por meses, até que um dia Yeroen e

Nikkie deixaram de se reconciliar após uma rusga. Quando Nikkie o seguiu aos gritos, implorando pelo costureiro abraço, a velha raposa finalmente se afastou sem olhar para trás. Yeroen estava farto. Luit preencheu o vácuo de poder da noite para o dia. O mais magnífico chimpanzé macho que já conheci, em corpo e espírito, rapidamente ganhou relevo como alfa. Era popular com as fêmeas, poderoso árbitro de disputas, protetor dos oprimidos e eficiente no rompimento de vínculos entre rivais — a tática de dividir para governar comum a chimpanzés e homens. Assim que Luit via outros machos juntos, ia juntar-se a eles ou fazia uma demonstração de agressividade para dispersá-los. Nikkie e Yeroen pareciam tremendamente deprimidos com a súbita perda de status. Davam a impressão de ter encolhido. Às vezes, porém, pareciam dispostos a ressuscitar sua antiga coalizão. O fato de isso ter acontecido no alojamento noturno, onde Luit não tinha como escapar, provavelmente não foi acidental. A cena horripilante que os tratadores encontraram mostrou-nos que Nikkie e Yeroen haviam não só resolvido suas diferenças, mas também agido juntos, de maneira altamente coordenada. Ambos quase não tinham ferimentos. Nikkie estava com alguns arranhões e mordidas superficiais, e Yeroen saíra ileso, um indicador de que ele segurara Luit enquanto deixava o macho mais jovem infligir todos os danos. Nunca saberemos com exatidão o que se passou, e infelizmente não havia fêmeas presentes para dar fim à luta. Não raro, elas interrompem coletivamente as alterações entre machos que se descontrolam. Na noite do ataque, porém, as fêmeas estavam em compartimentos noturnos separados na mesma jaula. Devem ter acompanhado toda a comoção, mas nada puderam fazer para intervir. A colônia estava estranhamente silenciosa naquela manhã em que encontrei Luit sentado em sangue. Foi a primeira vez na história do zoológico que nenhum dos primatas comeu o desjejum. Depois que levamos Luit para a cirurgia e soltamos o resto da colônia na ilha arborizada e gramada de quase um hectare, a primeira coisa que aconteceu foi um ataque incomumente feroz a Nikkie por uma fêmea chamada Puist. Sua agressividade persistente forçou o jovem macho, normalmente muito intimidante, a fugir para o alto de uma árvore. Puist, sozinha, manteve-o lá por no mínimo dez minutos, gritando e arremetendo toda vez que ele tentava descer. Das fêmeas, Puist sempre fora a principal aliada de Luit. De seu alojamento noturno avistava-se o dos machos, e parecia claro que ela estava expressando sua opinião a respeito do ataque mortal. Assim, nossos chimpanzés haviam demonstrado todos os elementos da política do dois contra um, desde a necessidade de união até o destino de um líder que se torna arrogante demais. O poder é o principal motor dos chimpanzés machos. Obsessão constante, traz grandes benefícios quando obtido e imenso desgosto se inatingido.

MACHOS NO PEDESTAL

O assassinato político também não é raro em nossa espécie: John F. Kennedy, Martin Luther King, Salvador Allende, Yitzhak Rabin, Gandhi. A lista é grande. Até a Holanda, em geral politicamente tranqüila (ou civilizada, diriam os holandeses), horrorizou-se alguns

anos atrás com o assassinato de Pim Fortuyn, um candidato político. Em tempos mais remotos, meu país foi palco de um dos mais pavorosos assassinatos políticos. Uma multidão posta em frenesi pelos adversários de Johan de Witt capturou o estadista e seu irmão, Cornelius. Liquidaram-nos com espadas e mosquetes, penduraram os corpos de cabeça para baixo e os evisceraram como porcos no açougue. Corações e entranhas foram removidos, assados numa grelha e comidos pela turba jubilosa! Esse episódio chocante ocorreu em 1672 e resultou de intensa frustração em uma época na qual o país perdera uma série de guerras. O assassinato foi celebrado em poemas e pinturas, e o Museu Histórico de Haia ainda possui em exposição um dedo do pé e uma língua arrancados das vítimas.

Para homem ou animal, a morte é o preço supremo por tentar chegar ao topo. Um chimpanzé chamado Goblin vive no Parque Nacional de Gombe, na Tanzânia. Depois de ser por muitos anos o valentão do seu grupo, Goblin foi atacado por uma massa de chimpanzés zangados. Primeiro, perdeu a luta contra um desafiante que tinha o apoio de quatro machos mais jovens. Como acontece com grande frequência na natureza, o combate propriamente dito quase não foi visto, pois aconteceu em meio a densa vegetação. Mas Goblin emergiu aos gritos e fugiu, ferido no pulso, pés, mãos e, o mais importante, no escroto. Seus ferimentos eram notavelmente semelhantes aos de Luit. Goblin muito provavelmente teria morrido, pois seu escroto infeccionou e começou a inchar, e a febre o dominou. Passados alguns dias, ele se movia muito devagar, descansava com frequência e comia pouco. Mas um veterinário alvejou-o com um dardo tranqüilizante e lhe ministrou antibiótico. Após um período de convalescença, durante o qual ele ficou fora das vistas de sua comunidade, Goblin tentou encenar um retorno com demonstrações ritualizadas de agressividade contra o novo macho alfa. Foi um tremendo erro de julgamento, pois provocou a perseguição por outros machos do grupo. Novamente com ferimentos graves, ele foi mais uma vez salvo pelo veterinário. Por fim, Goblin foi aceito de volta na comunidade, mas em posição hierárquica inferior.

O destino que pode se abater sobre quem ocupa o topo é apenas uma das consequências do impulso do poder. Sem contar o risco de ser ferido ou morrer, estar em posição de poder é estressante. Isso pode ser demonstrado medindo-se o nível de cortisol, um hormônio do estresse, no sangue. Não é nada fácil conseguir isso com animais selvagens, mas Robert Sapolsky tem prática de anos em alvejar babuínos com dardos tranqüilizantes nas planícies africanas. Entre esses primatas altamente competitivos, os níveis de cortisol dependem da habilidade do indivíduo para lidar com tensões sociais. Como nos humanos, isso é uma questão de personalidade. Alguns machos dominantes têm alto nível de estresse simplesmente porque não conseguem discernir entre um desafio sério vindo de outro macho e um comportamento neutro com o qual não deveriam se preocupar. São nervosos e paranóicos. Afinal de contas, se um rival passa perto, pode ser simplesmente porque precisa ir de A para B, e não porque pretende criar problemas. Quando a hierarquia está em transição, os mal-entendidos acumulam-se, deixando em frangalhos os nervos dos machos próximos do topo. Como o estresse compromete o sistema imunológico, não é incomum os primatas do alto escalão

sofrerem de úlceras e ataques cardíacos, males tão familiares aos executivos das nossas empresas.

As vantagens da posição superior devem ser enormes, pois do contrário a evolução não teria instalado essas ambições temerárias. Elas são onipresentes no reino animal, das rãs e ratos aos galináceos e elefantes. Posição hierárquica elevada geralmente se traduz em alimento para as fêmeas e parceiras sexuais para os machos. Digo “geralmente” porque os machos também competem por alimento, e as fêmeas por parceiros, embora este segundo caso seja restrito principalmente a espécies como a nossa, nas quais os machos ajudam a criar a prole. Tudo na evolução converge para o êxito reprodutivo, por isso as diferentes orientações de machos e fêmeas são perfeitamente compreensíveis. Um macho pode aumentar sua descendência acasalando-se com muitas fêmeas enquanto mantém afastados seus rivais. Para a fêmea, tal estratégia não tem sentido: acasalar-se com numerosos machos em geral não lhe traz benefícios.

A fêmea prefere qualidade a quantidade. A maioria das fêmeas no mundo animal não vive com o parceiro; portanto, só precisa escolher o macho mais vigoroso e sadio. Dessa maneira, sua prole será agraciada com bons genes. Mas as fêmeas das espécies cujos machos ajudam a criar a prole estão em situação diferente, o que as leva a preferir machos que sejam delicados, protetores e bons provedores. As fêmeas melhoram a reprodução também com o que comem, especialmente durante a gestação e a lactação, quando a ingestão calórica quintuplica. Como as fêmeas dominantes podem apoderar-se do melhor alimento, criam a prole mais sadia. Em algumas espécies, como o macaco Rhesus, a hierarquia é tão estrita que uma fêmea dominante simplesmente detém uma subordinada que vem passando com as bochechas cheias. Esses animais carregam alimentos nas bochechas para um lugar seguro. A fêmea dominante segura a cabeça da subordinada, abre-lhe a boca e se apodera do que está lá dentro. Tamanha intrusão não encontra resistência, pois para a subordinada a alternativa é levar dentadas.

Os benefícios de estar no topo explicam o impulso pela dominância? Quem olha os avantajados caninos de um babuíno macho ou o corpanzil e os músculos de um gorila macho vê máquinas de lutar que evoluíram para derrotar rivais na busca da única moeda reconhecida pela seleção natural: a produção de descendentes. Para os machos, é um jogo de tudo ou nada: a posição na hierarquia determina quem plantará muitas sementes e quem não plantará semente alguma. Conseqüentemente, os machos têm estrutura de lutador e tendência a procurar pontos fracos nos rivais, além de certa cegueira para o perigo. Correr riscos é característica masculina, assim como esconder as vulnerabilidades. No mundo dos primatas machos, ninguém quer parecer fraco. Por isso, não admira que na sociedade moderna os homens procurem o médico com menor freqüência do que as mulheres e tenham dificuldade para revelar suas emoções apesar de todo um grupo de apoio a incentivá-los. Diz a sabedoria popular que os homens foram socializados para esconder emoções, porém parece mais provável que tais atitudes resultem de eles estarem cercados por outros prontos para aproveitar qualquer oportunidade de derrubá-los. Nossos ancestrais sem dúvida notavam a menor coxeadura ou perda de energia nos demais. Para um macho de alta posição hierárquica seria

conveniente camuflar quaisquer desvantagens, e essa tendência pode ter se arraigado. Entre os chimpanzés, não é raro um líder ferido redobrar a energia que põe em suas demonstrações ritualizadas de agressividade, criando assim a ilusão de estar em plena forma.

Características genéticas que ajudam os machos a assegurar o direito às fêmeas férteis serão transmitidas aos descendentes. Os animais não têm o objetivo consciente da procriação, mas o modo como agem contribui para disseminar seus genes. O macho humano herdou essa mesma tendência. Na sociedade moderna não faltam indicadores da ligação entre poder e sexo. Às vezes, como no escândalo Monica Lewinsky, essa ligação é exposta com grande alarde e hipocrisia, mas a maioria das pessoas mostra-se realista no tocante ao sex appeal dos líderes e não faz caso de suas escapadas. Isso, ressalte-se, quando falamos em líderes do sexo masculino. Como os homens não têm preferência por parceiras poderosas, o status elevado não beneficia as mulheres. Uma eminente política francesa comparou o poder ao macarrão: ela o adora, mas sabe que não lhe faz bem.

Essas diferenças entre os sexos emergem em tenra idade. Em um estudo, pesquisadores canadenses convidaram meninos e meninas de nove e dez anos a participar de jogos que mediam sua competitividade. As meninas relutaram em tirar brinquedos umas das outras a menos que esse fosse o único modo de vencer, mas os meninos quiseram apoderar-se dos brinquedos independentemente de como isso afetava o resultado do jogo. As meninas só competiam se fosse necessário; já os meninos pareciam fazê-lo invariavelmente. Nessa mesma linha, quando homens se encontram pela primeira vez, avaliam uns aos outros escolhendo alguma coisa —qualquer coisa — para disputar, muitas vezes exaltando-se com um assunto que normalmente não lhes interessa. Adotam posturas corporais ameaçadoras. De pernas afastadas e peito aberto, fazem gestos expansivos, falam com voz tonitruante, dizem insultos velados, contam piadas maliciosas, e assim por diante. Procuram desesperadamente descobrir em que posição se encontram em relação ao outro. Desejam impressionar o interlocutor o suficiente para que o resultado seja favorável a si mesmos.

Consideremos um acontecimento previsível no primeiro dia de um encontro acadêmico em que egos dos mais distantes cantos do globo defrontam-se na sala do seminário ou até mesmo no bar. Ao contrário das mulheres, que tendem a não entrar na briga, os homens acabam tão envolvidos na refrega intelectual que chegam a ficar vermelhos ou pálidos. O que os chimpanzés fazem com suas demonstrações ritualizadas de agressividade — eriçando os pêlos, batendo em qualquer coisa que amplifique os sons, arrancando pequenas árvores —, o macho humano faz de um modo mais civilizado, deitando por terra os argumentos de outros ou, mais primitivamente, não lhes dando tempo para abrir a boca. Esclarecer a hierarquia é a prioridade. Invariavelmente, o encontro seguinte entre os mesmos homens será mais calmo, indicando que alguma coisa ficou estabelecida, embora seja difícil saber exatamente o quê. Para os machos o poder é o supremo afrodisíaco, e ainda por cima vicia. A violenta reação de Nikkie e Yeroen à perda de poder condiz perfeitamente com a hipótese da frustração-agressão:

quanto maior a amargura, maior a raiva. Os machos guardam ciumentamente seu poder, e perdem toda a inibição se alguém os contestar. Para Yeroen, além de tudo, aquela não fora a derrota de estréia. A ferocidade do ataque a Luit pode ter resultado do fato de ser a segunda vez que ele perdera a liderança.

Na primeira vez em que Luit chegou ao topo — assinalando o fim do ancien régime de Yeroen —, fiquei perplexo com a reação do líder destronado. Normalmente majestoso, Yeroen tornou-se irreconhecível. Em meio a um confronto, deixava-se cair da árvore como um fruto podre, debatia-se no chão com gritos de cortar o coração, esperando ser reconfortado pelo resto do grupo. Parecia um filhote arrancado do seio materno. Como uma criança que durante os ataques de birra olha de esguelha para a mãe em busca de sinais de abrandamento, Yeroen sempre reparava em quem se aproximava dele. Se o grupo à sua volta fosse suficientemente numeroso e poderoso, em especial se incluísse a fêmea alfa, ele ganhava coragem instantânea. Tendo seus defensores a reboque, ele reacendia o confronto com o rival. Claramente, os faniquitos de Yeroen eram mais um exemplo de hábil manipulação. Porém o que mais me fascinou foram os paralelos com o apego infantil, magistralmente captados em expressões como “agarrar-se ao poder” e “ser desmamado do poder”. Derrubar um macho do seu pedestal produz a mesma reação despertada quando se arranca a chupeta ou o cobertorzinho favorito de um bebê.

Quando Yeroen finalmente perdeu a liderança, deu de sentarse fitando o vazio após uma luta, com o rosto inexpressivo. Alheio à atividade social ao seu redor, recusou comida por semanas. Pensamos que estivesse doente, mas o veterinário não encontrou nenhum problema. Ele era uma pálida sombra do chefão imponente que fora. Jamais esqueci essa imagem de Yeroen derrotado e apagado. Ao perder o poder, ele perdeu o alento.

Outra transformação drástica como essa só presenciei em uma ocasião, desta vez com alguém da minha espécie. Um renomado professor, meu colega no corpo docente da universidade, homem de grande prestígio e ego comensurável, não percebera uma conspiração que se estava formando. Alguns professores jovens discordaram dele em uma questão politicamente delicada, votaram unidos e conseguiram vencê-lo. Creio que até então ninguém jamais tivera coragem de enfrentá-lo. O apoio à proposta alternativa fora cultivado secretamente por alguns de seus protegidos. Depois da votação fatal, cujo resultado deve ter sido totalmente inesperado, dada sua expressão de absoluta incredulidade, o professor ficou lívido. Parecendo dez anos mais velho, ele mostrou a mesmíssima expressão vazia e apagada vista em Yeroen depois que este perdeu seu lugar no topo. Para o professor, o que estava em jogo era muito mais do que simplesmente a questão debatida: era quem dava as cartas no departamento. Nas semanas e meses seguintes àquela reunião, toda a sua postura esteve diferente quando ele passava pelos corredores. Em vez de dizer “estou no comando”, sua linguagem corporal agora dizia “me deixem em paz”.

O livro *Os últimos dias*, de Bob Woodward e Carl Bernstein, descreve a agonia do presidente Richard Nixon quando ficou óbvio que ele teria de renunciar. “Nixon se

lamentava aos soluços. Como um simples furto [...] podia ter feito tudo isso? [...] Ele caiu de joelhos. [...] De quatro, socava o tapete e bradava: 'O que foi que eu fiz? O que aconteceu?'" Consta que Henry Kissinger, seu secretário de Estado, teria consolado o líder caído como a uma criança. Acalentou-o em um abraço, enumerando todas as grandes realizações de Nixon, até que o presidente finalmente se acalmou.

TENDÊNCIA ARCAICA

Considerando a óbvia "vontade de poder" que Friedrich Nietzsche identificou na raça humana, a enorme energia empregada em sua expressão, a emergência de hierarquias já na infância e a devastação infantil de homens adultos ao caírem do topo, não consigo compreender o tabu com que nossa sociedade cerca esse assunto. A maioria dos livros didáticos de psicologia nem sequer menciona o poder e a dominância, exceto em relação a relacionamentos abusivos. A negação parece generalizada. Em um estudo sobre a motivação para o poder, diretores de empresa responderam a perguntas sobre sua relação com o poder. Admitiram, sim, a existência da ânsia de poder, porém nunca a aplicaram a si mesmos.

O que eles apreciavam era a responsabilidade, o prestígio e a autoridade.

Os sedentos de poder eram outros homens.

Candidatos políticos são igualmente relutantes. Vendem a imagem de que são servidores do povo, concorrendo ao cargo unicamente com o fito de consertar a economia ou melhorar a educação. Alguém já ouviu um candidato admitir que quer o poder? Obviamente o termo "servir" tem duplo objeto: quem acredita que é apenas pensando no nosso benefício que eles mergulham no mar de ofensas pessoais da democracia moderna? Será que os próprios candidatos acreditam nisso? Que sacrifício absolutamente incomum seria! Trabalhar com chimpanzés é um alívio: eles são os políticos sinceros pelos quais todos ansiámos. Quando o filósofo político Thomas Hobbes postulou uma insopitável ânsia de poder, acertou no alvo tanto para os humanos como para os outros grandes primatas. Observando como os chimpanzés competem flagrantemente por status, em vão procuramos motivos ulteriores e promessas oportunistas.

Eu não estava preparado para isso quando, jovem estudante, comecei a acompanhar os dramas entre os chimpanzés de Arnhem de uma janela de observação com vista para a ilha dos primatas. Naquela época, estudante que se prezava era rebelde, o que eu provava ser com minha cabeleira caindo pelos ombros. Para nós, o poder era mau, e a ambição, ridícula. No entanto, minhas observações de primatas abriram-me a mente à força para as relações de poder não como algo perverso, e sim naturalmente arraigado. Talvez a desigualdade não devesse ser descartada simplesmente como um produto do capitalismo. Parecia ser mais profunda do que isso. Hoje pode soar banal, mas nos anos 70 o comportamento humano era visto como algo totalmente flexível: não natural, mas cultural. As pessoas acreditavam que, se realmente quiséssemos, poderíamos nos livrar

de tendências arcaicas como o ciúme sexual, os papéis de cada sexo, a propriedade privada e, sim, o desejo de dominar.

Ignorantes desse apelo revolucionário, meus chimpanzés demonstravam as mesmas tendências arcaicas, porém sem traços de dissonância cognitiva. Eram ciumentos, sexistas e possessivos, pura e simplesmente. Na época, eu não sabia que iria trabalhar com eles pelo resto da minha vida, ou que nunca mais teria o luxo de me sentar em um banquinho de madeira e observá-los por milhares de horas. Aquele foi o período mais revelador da minha vida. De tão absorto, comecei a tentar imaginar o que levava meus primatas a decidir por esta ou aquela ação. Comecei a sonhar com eles à noite e, mais significativamente, a ver as pessoas à minha volta sob uma luz diferente.

Sou um observador nato. Minha mulher, que nem sempre me conta o que compra, aprendeu a viver com o fato de que posso entrar num cômodo e em segundos perceber qualquer coisa nova ou mudada, por menor que seja. Pode ser apenas um novo livro inserido no meio dos outros, ou um novo frasco na geladeira. Faço isso sem intenção consciente. Do mesmo modo, gosto de prestar atenção no comportamento humano. Quando escolho lugar no restaurante, prefiro o que me permita ver o maior número de mesas possível. Aprecio acompanhar a dinâmica social ao meu redor — amor, tensão, tédio, antipatia — expressa na linguagem corporal, que considero mais informativa do que a palavra falada. Como observar os outros é algo que faço automaticamente, tornar-se uma mosca na parede da colônia de primatas foi uma habilidade que me veio naturalmente.

Minhas observações ajudaram-me a ver o comportamento humano da perspectiva da evolução. Refiro-me aqui não só à perspectiva darwinista de que tanto se ouve falar, mas também ao modo tão semelhante ao dos outros grandes primatas como coçamos a cabeça quando em conflito ou à expressão desolada quando um amigo presta atenção demais em outra pessoa. Ao mesmo tempo, comecei a questionar o que me haviam ensinado sobre os animais: apenas seguem o instinto, não têm a menor noção de futuro, tudo o que fazem é egoísta. Eu não conseguia conciliar essas idéias com o que estava observando. Perdi a capacidade de generalizar sobre “o chimpanzé”, da mesma forma que ninguém fala sobre “o humano”. Quanto mais eu observava, mais as minhas opiniões começavam a assemelhar-se às que temos sobre as pessoas: fulano é bondoso e cordial, sicrano é egocêntrico. Não há dois chimpanzés iguais.

Não consegue acompanhar o que está acontecendo em uma comunidade de chimpanzés quem não distingue os atores e não tenta compreender seus objetivos. “A política dos chimpanzés”, como a política humana, é um embate de estratégias individuais para ver quem sai vencedor. A literatura da biologia não ajudou a entender as manobras sociais porque tem aversão à linguagem dos motivos. Biólogos não falam em intenções e emoções. Por isso, recorri a Nicolau Maquiavel. Durante momentos tranquilos de observação, li o livro publicado quatro séculos antes. O príncipe deu-me a perspectiva certa para interpretar o que estava vendo na ilha, embora sem dúvida nenhuma o próprio filósofo nunca tenha imaginado essa aplicação específica para sua obra.

Entre os chimpanzés, a hierarquia permeia tudo. Quando trazemos duas fêmeas para o

prédio — elas vêm com frequência, para testes —, e as pomos para trabalhar na mesma tarefa, uma delas mostra-se disposta a começar, e a outra não se prontifica. A segunda fêmea quase não se atreve a aceitar recompensas e não quer tocar na caixa do quebra-cabeça, no computador ou em qualquer outra coisa que estejamos usando no experimento. Pode estar tão ávida quanto a outra, mas refreia-se em deferência à sua “superiora”. Não há tensão nem hostilidade, e lá fora, no grupo, elas podem ser as melhores amigas. Simplesmente, uma fêmea domina a outra. Na colônia de Arnhem, a fêmea alfa, Mama, ocasionalmente frisava sua posição com ataques ferozes a outras fêmeas, mas em geral era respeitada sem contestações. A melhor amiga de Mama, Kuif, compartilhava com ela o poder, porém de modo muito diferente das coalizões de machos. As fêmeas ascendem ao topo porque todos as reconhecem como líderes, o que significa que há poucos motivos para luta. Visto que em grande medida o status é uma questão de personalidade e idade, Mama não precisava de Kuif. Esta partilhava, mas não contribuía para o poder da outra. Já entre os machos, o poder é disputável sempre. Não é a idade ou qualquer outra característica que o confere; requer luta para ser obtido e tem de ser ciumentamente defendido dos contendores. Se machos formam coalizões, é porque precisam uns dos outros. O status é determinado por quem pode vencer quem, não apenas individualmente mas no grupo como um todo. Não convém a um macho poder derrotar fisicamente seu rival, se toda vez que tentar fazê-lo o grupo inteiro pular em cima dele. Para dominar, um macho precisa tanto da força física como de companheiros que o ajudem quando uma luta se tornar difícil demais. Quando Nikkie era o alfa, a assistência de Yeroen era crucial. Não era só da ajuda do macho mais velho para conter Luit que ele precisava; acontece que Nikkie também era impopular com as fêmeas. Não raro, elas se uniam contra ele. Yeroen, por ser muito respeitado, conseguia impedir a insatisfação da massa colocando-se entre Nikkie e as fêmeas vociferantes. Essa dependência de Nikkie torna ainda mais surpreendente que ele acabasse cuspiendo no prato em que comeu. Mas com as estratégias complexas vêm os erros de cálculo. É por isso que falamos em “habilidades” políticas: não é tanto uma questão de quem você é, mas do que você faz. Somos primorosamente sintonizados com o poder e reagimos rápido a qualquer nova configuração. Se um empresário tenta obter um contrato com uma grande corporação, participará de incontáveis reuniões com todo tipo de pessoa, de onde emergirá um quadro de rivalidades, lealdades e invejas na corporação que ele está visitando: quem deseja tal cargo, quem se sente excluído por quem, quem está em ascensão ou em decadência. Esse quadro é no mínimo tão valioso quanto o organograma da companhia. Não poderíamos sobreviver sem nossa sensibilidade para a dinâmica do poder.

O poder está em toda a nossa volta, continuamente confirmado e contestado, e percebido com grande exatidão. Mas os cientistas sociais, políticos e leigos tratam-no como uma batata quente. Preferimos encobrir a motivação básica. Todo aquele que, como Maquiavel, desfaz o encanto chamando-o por aquilo que é, arrisca sua reputação. Ninguém quer ser chamado de “maquiavélico”, muito embora a maioria de nós o seja.

DE JOELHOS

É difícil apontar uma descoberta isolada sobre o comportamento animal cujo nome desfrute de maior reconhecimento do que pecking order, ou “ordem das bicadas”. Mesmo que bicar não seja exatamente um comportamento humano, o termo é ubíquo na sociedade moderna. Falamos em ordem das bicadas no mundo empresarial ou no Vaticano (com “primatas” no topo), reconhecendo assim tanto as desigualdades como suas origens antigas. Além disso, também estamos zombando de nós mesmos com a insinuação de que nós, seres humanos complexos e refinados, temos coisas em comum com aves domésticas.

A ordem das bicadas é algo que uma criança pode ver, e isso na acepção estrita do termo. A memorável descoberta da ordem das bicadas ocorreu no início do século xx, e foi obra de um menino norueguês, Thorleif Schjelderup-Ebbe, que se apaixonou por galinhas na tenra idade de seis anos. Sua mãe comprou-lhe um bando de galináceos e ele deu nome a cada uma das aves. Aos dez anos, Thorleif possuía cadernos com anotações minuciosas, e os manteve durante anos. Além de registrar quantos ovos elas botavam e quem bicava quem, ele se fascinava com as ocasionais exceções à hierarquia, “triângulos” em que a galinha A dominava B, B dominava C, mas C dominava A. Assim desde o começo, como um verdadeiro cientista, ele não se interessou apenas pelas regularidades, mas também pelas irregularidades da ordem hierárquica. Hoje em dia achamos tão óbvia a escala social que o pequeno Thorleif descobriu, e posteriormente descreveu em sua dissertação acadêmica, que não conseguimos sequer imaginar como alguém poderia deixar de notá-la.

Analogamente, quando se observa um grupo de pessoas nota-se logo quais indivíduos agem com maior segurança, atraem a maioria dos olhares e gestos de assentimento, relutam menos em entrar na discussão, falam baixo mas têm por certo que todos ouvirão (e rirão de suas piadas!), emitem opiniões unilaterais, e por aí vai. Mas existem indícios de status muito mais sutis. Os cientistas costumavam considerar a banda de frequência de 500 hertz ou menos na voz humana como barulho sem sentido, pois quando uma voz é filtrada, removendo-se todas as frequências mais altas, ouve-se apenas um zumbido grave. Todas as palavras perdem-se. Descobriu-se, porém, que esse zumbido grave é um instrumento social inconsciente. Ele é diferente para cada pessoa, mas no decorrer de uma conversa as pessoas tendem a convergir. Ajustam-se a um zumbido único, e é sempre a pessoa de status mais baixo que se ajusta. Isso foi demonstrado pela primeira vez em uma análise do programa de televisão Larry King Live. O apresentador, Larry King, ajustava seu timbre ao dos convidados de status mais elevado, como Mike Wallace ou Elizabeth Taylor. Os convidados de status inferior, por sua vez, ajustavam seu timbre ao de Larry King. O mais claro ajuste à voz de King, indicando insegurança, foi do vice-presidente americano Dan Quayle.

A mesma análise espectral foi aplicada a debates na televisão entre candidatos à presidência dos Estados Unidos. Em todas as oito eleições entre 1960 e 2000, o voto popular foi condizente com a análise da voz: a maioria das pessoas votou no candidato

que manteve seu próprio timbre e não no que fez ajustes. Em alguns casos as diferenças foram extremas, como entre Ronald Reagan e Walter Mondale. E só em 2000 um candidato com padrão de voz ligeiramente subordinado, George W. Bush, foi eleito. Mas essa não foi realmente uma exceção à regra porque na verdade, como os democratas adoram ressaltar, o voto popular foi dado ao candidato com o padrão de voz dominante, Al Gore.

Sob o radar da consciência, portanto, comunicamos status toda vez que falamos com alguém, seja pessoalmente, seja ao telefone. Além disso, temos modos de explicitar a hierarquia humana, desde o tamanho do nosso escritório até o preço das roupas que usamos. Em uma aldeia africana, o chefe tem a choça maior e uma túnica dourada, e, nas cerimônias de formatura na universidade, os professores desfilam orgulhosos com suas insígnias acadêmicas diante dos estudantes e pais. No Japão, a inclinação do corpo durante a reverência sinaliza diferenças hierárquicas precisas não só entre homens e mulheres (estas inclinam-se mais), mas também entre membros mais velhos e mais novos da família. A hierarquia é institucionalizada ao máximo em bastiões masculinos como as Forças Armadas, com suas estrelas e listras, e a Igreja Católica Romana, em que o papa se veste de branco, os cardeais de vermelho, monsenhores de roxo e padres de preto.

Os chimpanzés são tão formais quanto os japoneses em suas cerimônias de saudação. O macho alfa faz uma formidável demonstração ritualizada de agressividade, desfilando com os pêlos eriçados e batendo em qualquer um que não sair do caminho a tempo. A demonstração tem o objetivo de atrair a atenção para ele e impressionar seu público. Um macho alfa no Parque Nacional das Montanhas Mahale, na Tanzânia, adquiriu o hábito de mover pedras enormes e lançá-las ribanceira abaixo, produzindo estrondos. É fácil imaginar o temor reverente dos outros diante daquele espetáculo que eram incapazes de imitar. Em seguida o artista sentava-se e ficava à espera de que os espectadores se aproximassem. E eles o faziam, a princípio com relutância, mas depois em massa, fazendo-lhe reverência (conhecida como bobbing), prostrando-se, proclamando ruidosamente seu respeito com grunhidos arfantes. Os machos dominantes parecem prestar bastante atenção nessas saudações, pois às vezes, na rodada seguinte de demonstração de agressividade, escolhem para “tratamento especial” os que deixaram de reconhecer seus méritos, assegurando assim que da próxima vez não se esqueçam de saudá-los.

Visitei a Cidade Proibida em Pequim — quatro vezes maior que Versalhes, dez vezes o palácio de Buckingham —, com suas construções primorosamente ornamentadas em meio a jardins e grandes praças. Não foi difícil imaginar um imperador chinês sentado no trono elaborado destinado a sobrancear as massas prostradas, intimidando-as com seu esplendor. A realeza européia ainda transita pelas ruas de Londres e Amsterdã em carruagens douradas, uma demonstração de poder que, embora hoje praticamente apenas simbólica, ainda salienta a ordem social. Os faraós egípcios impressionavam a assistência em uma gloriosa cerimônia que só podia ser realizada no dia mais longo do ano. O soberano postava-se em um local específico no Templo Solar de Amon-Ra e a luz

do sol, canalizada por um corredor estreito atrás dele, cobria-o com tamanho resplendor que cegava a platéia, confirmando a divindade do faraó. Em escala mais modesta, prelados com túnicas coloridas estendem a mão aos subordinados para que beijem seu anel, e a rainha é saudada pelas mulheres com uma mesura especial. Mas o prêmio de ritual de status mais estapafúrdio vai para Saddam Hussein, o tirano deposto [e depois executado] do Iraque, cujos subordinados tinham de saudá-lo com um beijo na axila. Quem sabe a idéia fosse fazê-los sentir o cheiro do poder.

Os humanos permanecem sensíveis a indicadores físicos de status. Homens de baixa estatura, como o candidato americano à presidência Michael Dukakis ou o primeiro-ministro italiano Silvio Berlusconi, pedem um pedestal para subir durante os debates e fotos oficiais em grupo. Há fotos de Berlusconi sorrindo cabeça com cabeça com um líder que normalmente ele só veria à altura do peito. Podemos gracejar acerca desse complexo de Napoleão, mas os baixinhos têm realmente de se empenhar mais pela autoridade. Os mesmos preconceitos físicos que primatas e crianças usam para classificar seus conhecidos continuam vigentes no mundo humano adulto.

Poucos se dão conta da comunicação não verbal, mas um inovador curso de administração de empresas chama a atenção para ela usando cães como “espelhos” para os executivos. Estes dão ordens aos cães, cujas reações indicam o grau em que foram convincentes. O perfeccionista que tenta planejar cada passo e se perturba quando algo sai errado rapidamente perde o interesse do cão. A pessoa que dá ordens enquanto sua linguagem corporal dá sinais de incerteza acabará com um cão confuso ou cético. Não surpreende que a combinação ótima seja de afabilidade com firmeza. Quem trabalha com animais está habituado à extraordinária sensibilidade que eles demonstram para a linguagem corporal. Meus chimpanzés às vezes percebem meu humor melhor do que eu mesmo: é difícil enganar um primata. Uma razão disso é a ausência da distração proveniente da palavra falada. Atribuímos tanta importância à comunicação verbal que perdemos a noção do que nosso corpo diz sobre nós.

O neurologista Oliver Sacks contou que um grupo de pacientes na ala dos afásicos caiu na gargalhada durante um discurso do presidente Reagan na televisão. Os afásicos, pacientes incapazes de compreender palavras, acompanham boa parte do que está sendo dito por meio das expressões faciais e dos movimentos do corpo. São tão atentos a indicações não verbais que é impossível mentir para eles. Sacks concluiu que o presidente, cujo discurso parecia perfeitamente normal aos presentes que não eram afásicos, combinava tão astutamente palavras enganosas e tom de voz que só quem tinha lesão cerebral era capaz de perceber a verdade. Não somos apenas sensíveis às hierarquias e à linguagem corporal a elas associada; simplesmente não podemos viver sem elas. Mesmo que alguns preferissem vê-las desaparecer, a harmonia requer estabilidade, e esta depende, em última análise, de uma ordem social reconhecida. Podemos ver facilmente o que acontece na ausência de estabilidade em uma colônia de chimpanzés. Os problemas começam quando um macho que costumava sair do caminho e fazer reverência para o chefe transforma-se em desafiante, causando barulho e confusão. Ele parece aumentar de tamanho, a cada dia faz demonstrações de

agressividade mais próximo do líder, exige a atenção do outro atirando-lhe galhos de árvores e pedras pesadas. De início, o resultado desses confrontos é incerto. Dependendo de quanto apoio cada rival receber dos outros, emergirá um padrão que poderá selar o destino do líder caso seu apoio seja menor que o do desafiante. O momento crítico não é a primeira vitória do desafiante, mas a primeira vez que ele obtiver a submissão. O macho alfa pode perder numerosas lutas, fugir em pânico, refugiar-se aos gritos no alto de uma árvore, mas enquanto se recusar a mostrar a bandeira branca na forma de vários grunhidos arfantes graves acompanhados do ato de curvar-se a seu oponente, nada estará decidido.

O desafiante, por sua vez, não se abrandará enquanto o ex-alfa não se submeter. Efetivamente, o contendor está dizendo ao soberano deposto que o único modo de voltarem a ser amigos será ele emitir os grunhidos arfantes que admitem a derrota. É pura chantagem: o desafiante está esperando que o alfa peça água. Em várias ocasiões vi um macho que deixou de grunhir com submissão ao aproximar-se de um novo alfa acabar sozinho no local. O alfa simplesmente se afasta; por que incomodar-se com alguém que não reconhece sua posição? Seria como se um soldado saudasse seu superior sem fazer continência. O respeito apropriado é a chave das relações tranqüilas. Só quando as questões hierárquicas forem decididas os rivais se reconciliarão e a calma será restaurada.

Quanto mais clara a hierarquia, menor a necessidade de reforço. Para os chimpanzés, a hierarquia estável elimina tensões, e com isso os confrontos tornam-se raros: os subordinados evitam conflito, e os superiores não têm motivos para buscá-lo. Todos saem ganhando. Podem andar juntos, fazer grooming uns nos outros e brincar descontraídos porque ninguém se sente inseguro. Quando vejo chimpanzés na folia, atropelando-se com “cara de brincadeira” (boca escancarada e vocalizações semelhantes a uma gargalhada), puxando as pernas e cutucando uns aos outros, sei que têm certeza absoluta sobre quem domina quem. Como tudo está decidido, eles podem relaxar. Mas, assim que um deles resolve desafiar a ordem vigente, brincar é o primeiro comportamento posto de lado. Subitamente, eles se vêem com um assunto mais sério para tratar.

Portanto, os rituais de status entre os chimpanzés não se relacionam apenas com o poder, mas também com a harmonia. O macho alfa ergue-se imperioso com os pêlos arrepiados após uma caprichada demonstração de agressividade, mal prestando atenção nos subordinados que se prostram com vocalizações respeitosas, beijam-lhe o rosto, o tronco ou os braços. Com grunhidos, corpo vergado, olhando de baixo para o alfa, o subordinado deixa claro quem está no topo, e isso abre caminho para relações pacíficas e amistosas. Além do mais, o esclarecimento da hierarquia é essencial para a colaboração eficaz. É por isso que as organizações 8^o humanas mais cooperativas, como as grandes companhias e as Forças Armadas, possuem as hierarquias mais definidas. Uma cadeia de comando sobrepuja a democracia toda vez que uma ação decisiva se faz necessária. Espontaneamente passamos para um sistema mais hierárquico, dependendo das circunstâncias. Em um estudo, meninos de dez anos em um acampamento de férias

foram divididos em dois grupos para competição. A depreciação do grupo rival — atitudes como tapar o nariz ao encontrar membros do outro grupo — logo se tornou prática comum. Por outro lado, a coesão intragrupo aumentou paralelamente ao fortalecimento de normas sociais e do comportamento de obediência ao líder. Esse experimento demonstrou a qualidade vinculadora das hierarquias de status, que foram reforçadas tão logo surgiu a necessidade de ação coordenada.

Isso me leva ao maior paradoxo: embora as posições em uma hierarquia nasçam da competição, a estrutura hierárquica propriamente dita, uma vez estabelecida, elimina a necessidade de mais conflitos. Obviamente os que se encontram mais abaixo na escala prefeririam estar mais acima, mas contentam-se com a segunda melhor alternativa, que é ser deixados em paz. A troca freqüente de sinais de status assegura aos superiores que não precisam confirmar sua posição pela força. Mesmo quem acredita que os humanos são mais igualitários que os chimpanzés tem de admitir que nossas sociedades não poderiam funcionar de modo algum sem uma ordem reconhecida. Ansiamos pela transparência hierárquica. Imagine as confusões em que nos meteríamos se ninguém nos desse o menor indício de sua posição em relação a nós, seja com base em sua aparência, seja no modo como se apresenta. Os pais entrariam na escola do filho e não saberiam se estão falando com a faxineira ou com a diretora. Seríamos forçados a sondar os outros continuamente, torcendo para não ofender a pessoa tomando-a por outra.

Seria como convidar clérigos para uma reunião na qual decisões de suma importância precisassem ser tomadas e eles viessem com trajes idênticos. Com uma gama de funções variando de padre a papa, ninguém seria capaz de distinguir quem é quem. O resultado provavelmente seria uma indecorosa atrapalhação, com os “primatas” superiores sendo obrigados a espetaculares demonstrações de intimidação — dependurar-se no lustre, talvez — para compensar a ausência da codificação por cores.

PODER FEMININO

Todo menino aprende que os membros da outra “espécie”—aquelas criaturas com quem ele nunca brinca — podem ser atormentados e provocados só quando não houver muitos espécimes por perto. Elas tendem a defender-se se estiverem em grupo. A união feminina em face da adversidade é uma característica imemorial. Já mencionei que as fêmeas dos gorilas põem na linha um novo macho resistindo a seus ataques, perseguindo-o juntas. As chimpanzés fêmeas também atacam em grupo os machos, sobretudo os perversos. Essas coalizões podem ministrar surras tão memoráveis que qualquer macho, compreensivelmente, se apressa a sair do caminho. Como nenhuma das fêmeas pode equiparar-se a um macho em força e velocidade, a solidariedade é crucial. Na colônia de Arnhem, essa solidariedade somava-se à autoridade de Mama, a orquestradora-mor. Não só todas as fêmeas a reconheciam como líder, mas também ela própria não era avessa a lembrá-las do fato. Se durante as lutas dos machos pelo poder alguma fêmea apoiasse o contendor que não fosse o escolhido de Mama, podia haver

sérias repercussões. A renegada teria no que pensar enquanto lambia as feridas.

O poder das fêmeas é menos óbvio entre os chimpanzés na natureza. Elas tendem a se deslocar sozinhas com suas crias dependentes, sendo forçadas a se separar para procurar os frutos e folhas de sua dieta. Os recursos são demasiado esparsos para que todo um grupo os procure junto. Essa dispersão impede as fêmeas de formar o mesmo tipo de aliança que vemos em cativeiro, onde os gritos de uma recrutam todas as outras. A proximidade reduz as disparidades de gênero. Considere-se o exemplo das fêmeas em zoológico que “confiscam” armas dos machos, ocorrência nunca vista nas observações de campo. Uma fêmea aproxima-se de um macho que se prepara para um confronto. Ele se senta com os pêlos eriçados, balança o corpo para os lados e emite vocalizações que lembram pios de coruja. Os machos podem aquecer-se desse modo por dez minutos antes de se lançarem ao ataque. Isso proporciona às fêmeas a oportunidade de abrir à força as mãos do macho e arrancar-lhe as armas, objetos como pedaços de pau ou pedras pesadas. E têm excelentes razões para fazê-lo: é comum os machos extravasarem nelas suas frustrações.

Essa relativa igualdade entre os sexos no zoológico pode ser artificial, mas é muito instrutiva. Indica um potencial para a solidariedade entre as fêmeas que poucos suporiam observando chimpanzés na natureza. É precisamente esse potencial que foi percebido pela espécie irmã dos chimpanzés. As fêmeas bonobos agem em equipe na floresta, onde vivem em um ambiente mais rico, que lhes permite deslocar-se em grupo. Os bonobos formam grupos mais numerosos que os dos chimpanzés, e por isso as fêmeas são muito mais sociáveis. Uma longa história de vínculos entre fêmeas, expressos em muitas sessões de grooming e sexo, fez mais do que minar a supremacia dos machos: virou a mesa. O resultado é uma ordem fundamentalmente diferente. No entanto, ao mesmo tempo, vejo continuidade: as fêmeas bonobos aperfeiçoaram a solidariedade feminina latente em todos os grandes primatas africanos.

A dominância coletiva das fêmeas bonobos é bem conhecida nos zoológicos, e os pesquisadores de campo sem dúvida começaram a desconfiar de sua existência anos antes. Mas ninguém queria ser o primeiro a afirmar algo tão escandaloso, considerando o altíssimo grau em que a dominância masculina é tida como inquestionável na evolução humana. Ou melhor, era até 1992, quando cientistas apresentaram conclusões que não deixaram dúvidas quanto ao poder feminino. Um estudo investigou a competição por alimento em zoológicos, documentando como um chimpanzé macho que vivia com duas fêmeas apoderava-se de tudo enquanto um macho bonobo nas mesmas circunstâncias talvez nem conseguisse chegar perto da comida. Ele podia fazer quantas demonstrações ritualizadas de agressividade quisesse, mas as fêmeas não faziam caso da comoção e dividiam a comida entre si. Na natureza, uma fêmea alfa bonobo entra decidida em uma clareira arrastando um ramo de árvore, fazendo uma demonstração de agressividade enquanto é evitada e observada por todos os outros. Não é raro fêmeas bonobos enxotarem os machos e se apoderarem dos frutos graúdos que eles dividiram entre si. Os frutos do *Anonidium* pesam até dez quilos, e os do *Treculia* podem atingir trinta quilos, quase o peso de um bonobo adulto. Quando despencam no chão, esses frutos

enormes são arrebatados pelas fêmeas, que só às vezes acham por bem dividi-los com os machos. Embora individualmente não seja raro um bonobo macho suplantar uma fêmea, sobretudo se ela for muito jovem, no plano coletivo as fêmeas sempre dominam os machos.

Dada nossa fascinação pelas questões de gênero, não admira que os bonobos se tornassem um sucesso instantâneo. Alice Walker dedicou seu livro *By the light of my father's smile* [Pela luz do sorriso de meu pai] a nosso parente próximo, e a colunista do *New York Times* Maureen Dowd misturou certa vez comentários políticos com elogios à igualdade sexual dos bonobos. Para outros, porém, o bonobo pareceu quase bom demais para ser verdade. Seria ele talvez uma maquinação “politicamente correta”, um primata forjado para satisfazer os liberais? Alguns cientistas asseveraram que os bonobos machos não eram subordinados, e sim apenas “cavalheiros”. Atribuíram a esses primatas uma “deferência estratégica”, explicando, assim, a influência do sexo frágil como decorrência do bom coração do sexo forte. Afinal, salientaram, a dominância das fêmeas parecia limitada à comida. Outros tentaram remover totalmente os bonobos da árvore genealógica humana. Um eminente antropólogo chegou ao ponto de insinuar que não faria mal algum desconsiderar os bonobos: o fato de estarem ameaçados na natureza mostrava que não foram mesmo bem-sucedidos.

Os bonobos machos serão apenas bons sujeitos? Animais tornam-se irrelevantes assim que entram na lista dos ameaçados? Se existe um padrão de medida que tenha sido aplicado a todos os animais do planeta, é este: se o indivíduo A pode enxotar o indivíduo B para longe da sua comida, A inegavelmente é dominante. Como observou Takayoshi Kano, o cientista japonês que estudou bonobos durante 25 anos na África, o alimento é exatamente o objetivo da dominância das fêmeas. Se isso é o que lhes interessa, deveria interessar também ao observador humano. Kano ressaltou também que, mesmo não havendo comida por perto, machos totalmente crescidos reagem com submissão e medo à mera aproximação de uma fêmea de posição hierárquica elevada.

Entre os que trabalham com bonobos, o choque e a descrença iniciais esvaíram-se. Já nos habituamos tanto à inversão da ordem nessa esfera dos sexos que não conseguimos sequer imaginá-la de outro modo. Parece muito natural. Os céticos aparentemente não conseguem ir além do modo como as coisas funcionam na nossa espécie. Durante a viagem para promover meu livro *Bonobo — The forgotten ape* [Bonobo: o primata esquecido], o ponto alto — ou talvez tenha sido o ponto baixo — foi uma pergunta feita por um respeitadíssimo professor alemão de biologia. Ele se levantou no final da minha palestra e bradou, em um tom quase acusador: “O que há de errado com esses machos?!”. O professor estava perplexo com a dominância das fêmeas. Eu, por outro lado, sempre achei que, considerando o alto índice de atividade sexual e os baixos níveis de agressão entre os bonobos, os machos não têm do que reclamar. Poderíamos supor que sejam menos estressados do que seus irmãos humanos e chimpanzés. No entanto, minha resposta ao professor — que parecia estar tudo certo com os bonobos machos — pelo jeito não o satisfaz. Esse grande primata refuta profundamente as suposições sobre nossa linhagem e comportamento.

Mas, então, o que há de tão bom em ser um bonobo macho? Para começar, a proporção entre machos e fêmeas adultos na natureza é de quase um para um. As sociedades bonobos incluem números iguais de machos e fêmeas, enquanto muitas sociedades de chimpanzés contêm duas vezes mais fêmeas do que machos. Como em ambas as espécies a proporção de machos e fêmeas recém-nascidos é igual, e como não existem machos desgarrados vivendo fora das comunidades, inferimos que a mortalidade entre os chimpanzés machos é extraordinária. Isso não surpreende, considerando a guerra intercomunidade nessa espécie, bem como os ferimentos e o estresse associados às contínuas lutas pelo poder. O resultado é que os bonobos machos têm vida mais longa e saudável do que seus congêneres chimpanzés.

Já se supôs que os bonobos possuíam uma estrutura familiar semelhante à nossa: foram encontrados machos adultos que mantinham vínculos estáveis com determinadas fêmeas. Finalmente um grande primata que nos esclarece sobre as origens da monogamia, pensamos. Mas descobrimos depois, graças ao paciente trabalho de campo de Kano e outros, que esses vínculos na realidade eram entre mãe e filho: um macho crescido segue sua mãe pela floresta, beneficiando-se de sua atenção e proteção, especialmente se ela tiver posição hierárquica elevada. De fato, a hierarquia dos machos é uma questão materna. Em vez de formarem coalizões masculinas sempre mutáveis, os bonobos machos competem por posições agarrados à saia da mãe.

Exemplo típico é uma fêmea alfa selvagem, Kame, com nada menos que três filhos crescidos, o mais velho deles um macho alfa. Quando Kame começou a enfraquecer devido à idade avançada, passou a hesitar em defender a prole. O filho da fêmea beta sem dúvida percebeu, pois passou a desafiar os filhos de Kame. Nisso era apoiado pela mãe, que não temia atacar o macho superior em benefício do próprio filho. Os atritos intensificaram-se a ponto de as duas mães partirem para as vias de fato, rolando engalfinhadas no chão, até que a fêmea beta subjugou Kame. Esta nunca se recuperou da humilhação, e logo seus filhos caíram para posições médias na hierarquia. Após a morte de Kame eles perderam importância no grupo, e o filho da nova fêmea alfa assumiu o topo. Se os filhos de Kame fossem chimpanzés, se uniriam em defesa de suas posições. Nos bonobos, porém, as alianças entre os machos não são bem desenvolvidas, e justamente esse fato permite às fêmeas ter tanto impacto. Mesmo raras, as observações dessas lutas pelo poder também desmentem a idéia de que a sociedade dos bonobos é puramente igualitária. As tensões não estão ausentes, os machos são muito competitivos e as fêmeas também podem sê-lo. A hierarquia parece compensar sobremaneira. Os machos do topo contam com maior tolerância das fêmeas no acesso à comida e têm mais parceiras sexuais. Isso significa que, se uma mãe consegue instalar o filho nos escalões superiores, promove sua própria reprodução por meio dos netos que ele lhe dá. Não que os bonobos compreendam essa relação, mas a seleção natural há de ter favorecido as mães que ativamente auxiliaram os esforços dos filhos por status.

Quer dizer que a sociedade bonobo é basicamente o inverso da dos chimpanzés? De jeito nenhum. A meu ver, o chimpanzé é muito mais um zoon politikoni (animal político). Isso está relacionado com o modo como as coalizões são formadas e com a diferente

natureza da hierarquia das fêmeas. Tanto entre os outros grandes primatas como entre os humanos, a hierarquia das fêmeas é menos contestada, e conseqüentemente requer menos esforço para ser imposta. As mulheres raramente pensam sobre si mesmas em linhas hierárquicas, e suas relações nunca são tão formalizadas como as que existem entre os homens. Mas inegavelmente há mulheres que são mais respeitadas do que outras. É muito mais comum mulheres mais velhas dominarem outras mais jovens do que o inverso. Na mesma camada social, as mais velhas parecem dominar. Tradicionalmente, as mulheres exercem sua maior influência na família, onde não precisam lutar, blefar ou bravatear para chegar ao topo; simplesmente chegam lá com a idade. Personalidade, educação e tamanho da família decerto influenciam, e há muitos modos sutis de competição entre as mulheres. Porém, sendo tudo o mais igual, a idade parece ser pelo menos meio caminho andado para definir a posição de uma mulher entre outras.

Isso se aplica também aos outros grandes primatas. Na natureza, fêmeas mais velhas têm ascendência sobre as mais jovens, recém-chegadas de outro grupo. As fêmeas, na puberdade, deixam sua comunidade e ingressam em outra. No caso dos chimpanzés, elas precisam encontrar uma área para si no território da nova comunidade, muitas vezes competindo com fêmeas residentes. Já com os bonobos, como há vínculos mais estreitos entre as fêmeas, as jovens buscam o “patrocínio” de uma residente: fazem grooming e sexo com ela e por fim a mais velha passa a agir como benfeitora da mais nova, tomando-a sob sua proteção. Com o tempo, essa fêmea mais jovem pode tornar-se protetora de novas imigrantes, e assim o ciclo prossegue. Também nesse sistema encontramos a prevalência das mais velhas nos escalões superiores. Mesmo se as posições na hierarquia das fêmeas nunca sejam perfeitamente graduadas segundo a idade, esta explica boa parte da ordem.

Lutas pela dominância são muito menos comuns entre fêmeas do que entre machos de grandes primatas. E, quando ocorrem, são sempre entre fêmeas da mesma faixa etária. Em um grupo que inclui fêmeas com mais de trinta anos nunca encontraremos uma de 21 anos no topo. Não é uma questão de potência física, pois as de 21 anos estão na plenitude; acontece que parece inexistir totalmente em fêmeas mais jovens a vontade de enfrentar aquelas senhoras duronas e experientes. Conheço fêmeas alfa cuja posição permaneceu incontestada por décadas. Obviamente, há um limite para a capacidade de uma fêmea alfa permanecer no topo, determinado por sua saúde física e mental, mas as fêmeas atingem esse limite décadas depois dos machos.

É fascinante o modo como fêmeas mais velhas põem outra mais nova na linha, pois na maioria das vezes isso é feito sem agressão declarada. Vista como figura materna pelas mais novas, que não têm a mãe verdadeira por perto, para mandar recado a mais velha só precisa rejeitar um gesto amistoso, recusar-se a partilhar comida ou dar as costas e se afastar quando a outra tentar fazer-lhe grooming. A mais velha está fazendo pressão emocional. A mais nova pode ter um acesso de raiva, que a outra observará absolutamente imperturbável: ela já viu isso antes. As razões do desprezo muitas vezes também são sutis. Ele pode ocorrer horas depois que a mais nova beliscou uma cria da

mais velha, pegou um pedaço do alimento que a mais velha se preparava para apanhar ou deixou de se afastar do macho alfa quando a mais velha chegou para fazer grooming nele. Para o observador humano, é mais difícil acompanhar as interações entre as fêmeas do que os confrontos diretos entre os machos.

Como entre os machos a dominância tem por base as habilidades de luta e o apoio de amigos, o impacto da idade é bem diferente. Envelhecer, para um macho, nunca é vantajoso. Machos alfa raramente se mantêm no poder por mais de quatro ou cinco anos. Em um sistema de dominação por machos, como o dos chimpanzés, a troca de ocupantes do topo ocorre com frequência, ao passo que em sistemas de dominação por fêmeas, como o dos bonobos, a mudança social é menos comum e mais gradual. Só se a fêmea alfa enfraquecer ou morrer haverá movimentação, e apenas no escalão superior. Isso dá muito menos margem para que indivíduos ambiciosos possam melhorar sua posição.

Há outra razão para existirem menos manobras políticas entre os bonobos: suas coalizões dependem de parentesco. Como a idade, o parentesco é dado: o filho não pode escolher a mãe. O bonobo macho precisa estar alerta para as oportunidades de ascender na escala social e, nesse sentido, ele não é menos competitivo do que o chimpanzé. Mas, como tudo depende de sua mãe e da posição que ela ocupa em relação às outras fêmeas, o bonobo macho também precisa ser paciente. Ele tem menos oportunidades de moldar seu futuro do que o chimpanzé macho, que é livre para formar várias associações com outros machos. Alguns destes podem ser irmãos, mas ele também pode aliar-se a indivíduos não aparentados. Graças a essa situação muito mais flexível, a evolução fez dos chimpanzés machos estrategistas oportunistas, por natureza dotados de um temperamento apropriadamente agressivo e de um físico intimidante. Têm músculos enormes, parecem brutos e ameaçadores ao lado dos bonobos machos, de silhueta delgada e flexível e expressão mais sensível.

Portanto, a vida em uma sociedade matrifocal gerou um tipo de macho diferente. Não há nada de errado com o bonobo macho, embora a maioria dos homens não deseje ser como ele. O que ele não tem é o tipo de controle sobre seu próprio destino que seus parentes masculinos mais próximos, os humanos e os chimpanzés, consideram direito inato.

FORÇA É FRAQUEZA

Quando emergem tensões, os chimpanzés machos mantêm-se juntos. Foi por isso que Yeroen, Luit e Nikkie estavam na mesma jaula naquela noite fatal. Os tratadores e eu queríamos que cada macho dormisse sozinho, mas é difícil controlar animais fortes como os chimpanzés. Assim que dois deles entram em uma mesma jaula noturna, o terceiro faz questão absoluta de juntar-se a eles. Não pode se dar ao luxo de ser deixado de fora. Como Luit poderia abortar um eixo hostil se não estivesse ali para impedir os outros dois de se entregarem a sessões de grooming? Na noite anterior à morte de Luit

passamos horas tentando separar os três machos, mas em vão. Era como se estivessem grudados: espremiam-se para passar ao mesmo tempo pelas portas, agarrados aos quadris uns dos outros, de modo que nenhum ficasse para trás. Resignamos a deixá-los na mesma jaula à noite.

A dinâmica de dois contra um é um problema bem conhecido em famílias humanas com trigêmeos: normalmente, um deles é deixado de fora pelos outros dois nas brincadeiras. Povos caçadores costumam dizer que os homens nunca devem partir em um grupo de três, pois apenas dois podem voltar vivos (ou seja, esses dois se voltam contra o outro). Compreendemos com facilidade as configurações triádicas. No xadrez, uma torre e um bispo podem sobrepujar uma rainha, e na vida real, para não estarmos sozinhos, pedimos a um amigo que interceda por nós.

Os chimpanzés machos têm grande intimidade com essa dinâmica, e parecem perceber a importância de suas coalizões. A luta interna entre parceiros de uma coalizão é tão ameaçadora que eles tentam desesperadamente reconciliar-se, em especial o indivíduo que tem mais a perder — em geral, o que está no topo. Yeroen e Nikkie sempre se apressavam a fazer as pazes depois de uma briga: precisavam preservar uma frente unida. Em um momento estavam correndo e gritando um com o outro, geralmente em competição por uma fêmea, e no outro se abraçavam e se reconciliavam com um beijo. Isso mostrava a todos os demais que eles pretendiam manter-se no poder. O dia em que não se reconciliaram foi o dia em que ambos caíram na hierarquia.

Esse mesmo fenômeno ocorre entre candidatos rivais dentro de um partido político. Assim que um deles emerge como candidato oficial do partido, o perdedor trata logo de apoiá-lo. Ninguém deseja que a oposição pense que o partido está fragmentado. Os dois ex-inimigos dão-se tapinhas nas costas, sorriem juntos para as câmeras. Depois que George W. Bush ganhou a disputadíssima indicação para a candidatura republicana à presidência em 2000, seu rival, John McCain, enfrentou com um sorriso amarelo os repórteres que diziam duvidar de que ele estivesse disposto a perdoar e esquecer. McCain deu uma gargalhada e repetiu várias vezes: “Apóio o governador Bush, apoio o governador Bush”.

A política de coalizões ocorre também na arena internacional. Certa ocasião, fui convidado para participar de uma equipe de trabalho interdisciplinar em Washington. Nosso grupo era uma mistura interessante de planejadores, antropólogos, psicólogos, gente do Pentágono, cientistas políticos e um primatólogo (eu!). O encontro aconteceu logo depois da queda do Muro de Berlim. Esse acontecimento histórico significou muito para mim. Eu, que vivi na Holanda com a possibilidade de ter os ocupantes soviéticos da Alemanha Oriental à minha porta em duas horas, me lembrava desse fato toda vez que pesadas viaturas da OTAN passavam rugindo em uma estrada próxima.

A suposição básica desse encontro era que passaríamos a viver em um mundo mais seguro, agora que uma das duas maiores potências militares do mundo estava desaparecendo no passado. Nossa tarefa era debater sobre o que esperar: como a nova ordem mundial funcionaria e que tipo de coisas boas os Estados Unidos poderiam fazer com seu recém-adquirido status de única superpotência. Acontece que eu não estava

concordando com a premissa básica, pois o desaparecimento de uma potência não necessariamente dá carta branca a outra. Isso pode valer em um mundo mais simples, mas os americanos às vezes se esquecem de que seu país abriga menos de 4% da população do planeta. Seria fácil desconsiderarem minha avaliação da situação internacional, baseada como era no comportamento animal, se um dos cientistas políticos não houvesse apresentado os mesmos argumentos, porém fundamentado na história militar. Nossa mensagem poderia ser resumida em três palavras enganosamente simples da teoria das coalizões: “Força é fraqueza”.

Essa teoria é ilustrada à perfeição pela escolha de parceiro feita por Yeroen depois que perdeu sua posição. Por um breve período, Luit foi o alfa. Como era fisicamente o macho mais forte, podia lidar sozinho com a maioria dos problemas. Além disso, logo depois de sua ascensão, as fêmeas foram passando uma a uma para o seu lado, inclusive a mais importante: Mama. Na época ela estava prenhe, e é natural que as fêmeas nesse estado façam tudo para estabilizar a hierarquia. Apesar de sua posição confortável, Luit empenhava-se em desbaratar as reuniões dos demais machos, especialmente entre Yeroen e o único outro macho que representava uma ameaça, Nikkie. Às vezes essas cenas descambavam para a luta. Notando que os outros dois queriam sua amizade, Yeroen foi ganhando cada vez mais importância.

Àquela altura, Yeroen tinha duas escolhas. Podia associar-se ao contendor mais poderoso, Luit, e obter alguns benefícios em troca. Que tipo de benefícios, Luit decidiria. Ou poderia ajudar Nikkie a desafiar Luit e efetivamente criar um novo macho alfa, que deveria sua posição a ele, Yeroen. Já vimos que ele escolheu esta última alternativa. Isso condiz com o paradoxo da “força é fraqueza”, que ensina que em geral o contendor mais poderoso é o menos atraente aliado político. Luit era forte demais, para seu azar. Juntando-se a ele, Yeroen pouco acrescentaria. Como superpotência da colônia, Luit na verdade não precisava mais do que a mera neutralidade do velho macho. Apoiar Nikkie foi uma escolha lógica para Yeroen. Ele seria o manipulador do fantoche e teria muito mais influência do que jamais poderia sonhar com Luit no topo. Sua escolha também se traduzia em crescente prestígio e acesso às fêmeas. Portanto, se Luit demonstrou o princípio “força é fraqueza”, Yeroen ilustrou o princípio correspondente: fraqueza é força. Os contendores menos fortes podem posicionar-se em uma intersecção que oferece grandes vantagens.

O mesmo paradoxo atua na esfera da política internacional. Desde que Tucídides escreveu sobre a Guerra do Peloponeso, há mais de dois milênios, sabe-se que nações procuram aliados contra outras que julgam ser uma ameaça comum. O medo e o ressentimento impelem as partes mais fracas para os braços uma da outra, dando-lhes mais peso no seu lado da balança. O resultado é uma balança de poder na qual todas as nações detêm posições influentes. Às vezes um único país é o principal “equilibrador”, como foi a Grã-Bretanha na Europa antes da Primeira Guerra Mundial. Por ter uma Marinha forte e ser praticamente imune a invasões, a Grã-Bretanha estava em posição ideal para impedir qualquer potência do continente de prevalecer.

Resultados contra-intuitivos não são incomuns. Consideremos, por exemplo, um sistema

parlamentar no qual seja necessário o voto majoritário entre cem membros e existam três partidos, dois com 49 lugares e um com apenas dois. Qual seria o partido mais poderoso? Em tais circunstâncias (que existiram realmente na Alemanha na década de 1980), quem dá as cartas é o partido com dois votos. As coalizões raramente são maiores do que precisam ser para vencer, já que os dois partidos grandes não desejam governar juntos. Ambos cortejarão o partido menor, dando-lhe um poder desproporcional.

A teoria da coalizão também menciona as “coalizões vencedoras mínimas”, nas quais os participantes preferem integrar uma coalizão grande o bastante para prevalecer, mas pequena o suficiente para que eles ali sejam importantes. Visto que aliar-se ao partido mais forte dilui as recompensas, essa raramente é a opção preferida. Mesmo se no futuro previsível os Estados Unidos viessem a ser o mais poderoso ator no cenário global tanto na esfera econômica como na militar, isso de modo algum garantiria sua inclusão em coalizões vencedoras. Ao contrário, o ressentimento emergiria automaticamente, levando, em contrapeso, à formação de coalizões entre outras potências. Foi sobre a teoria das coalizões que falei no encontro interdisciplinar, supondo ser essa uma idéia amplamente aceita. Mas meus comentários foram recebidos por semblantes visivelmente insatisfeitos. O Pentágono, pelo visto, não estava planejando com base em nenhum cenário de “força é fraqueza”.

Não demorou, porém, para que se revelasse justamente tal cenário. Um belo dia, na primavera de 2003, logo ao acordar topei no jornal com a foto de três primeiros-ministros lado a lado, caminhando sorridentes em direção à sala do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Os ministros da França, Rússia e Alemanha haviam proclamado sua oposição à planejada invasão do Iraque encabeçada pelos Estados Unidos, e salientaram que a China também estava do lado deles. Franceses e alemães, assim como russos e chineses, não morrem de amores uns pelos outros, mas esses estranhos aliados se haviam associado depois que o governo americano abandonara a prática de buscar o consenso, que até então lhe havia permitido atuar como o mais poderoso ator mundial sem perturbar as alianças internacionais. Mas o isolamento estava se instalando. O fim da diplomacia americana ensejara um contra-alinhamento que dez anos antes teria sido absolutamente inimaginável.

A MAGNA CARTA DOS GRANDES PRIMATAS

Curiosamente, viver abaixo do nível do mar explica o etos igualitarista dos holandeses. As tempestades e enchentes que se abateram sobre a Holanda nos séculos XV e XVI incutiram no povo o senso do propósito comum. O menino que tapou com o dedo o furo do dique nunca existiu. Cada cidadão tinha de contribuir para manter o país seco, carregando pesados sacos de argila no meio da noite se um dique estivesse prestes a ruir. Uma cidade podia ser totalmente engolida pelas águas num átimo. Quem pusesse o status acima do dever era malvisto. Mesmo hoje em dia, a monarquia holandesa é ambivalente na questão da pompa e circunstância. Uma vez por ano, a rainha anda de

bicicleta e serve chocolate quente a seus criados para mostrar que é do povo.

A natureza das hierarquias é culturalmente variável. Abrange toda a gama que vai da formalidade militar germânica e as nítidas divisões de classe britânicas às atitudes descontraídas e apreço pela igualdade dos americanos. No entanto, por mais informais que sejam algumas culturas, nada se compara à negação de status naqueles que os antropólogos chamam de “verdadeiros igualitaristas”. Estes vão muito além de ter uma rainha ciclista ou um presidente chamado Bill. A própria idéia de monarquia os deixa indignados. Refiro-me aos índios navajos, aos hotentotes, pigmeus mbuti, !kung san, inuítes e outros. Afirmam-se que essas sociedades em pequena escala, povos caçadores-coletores, horticultores ou dedicados a outras ocupações, eliminam completamente as distinções de riqueza, poder e status, mantendo apenas as de gênero e as entre pais e filhos. A ênfase é na igualdade e no compartilhamento. Acredita-se que nossos ancestrais imediatos viveram desse modo por milhões de anos. Nesse caso, seriam as hierarquias menos arraigadas do que supomos?

Houve um tempo em que os antropólogos viam o igualitarismo como um arranjo pacífico no qual as pessoas mostravam o que tinham de melhor, amando e valorizando umas às outras. Era um estado utópico em que leão e cordeiro, dizia-se, dormiam lado a lado. Não estou afirmando que tais estados estão fora de questão. De fato, noticiou-se que uma leoa nas planícies quenianas demonstrou afeição maternal por um filhote de antílope. Mas da perspectiva biológica eles são insustentáveis. Em algum momento, o autointeresse erguerá sua hedionda cabeça: os predadores sentirão o estômago vazio e as pessoas brigarão pelos recursos. O igualitarismo não se baseia em amor mútuo, e muito menos em passividade. É uma condição ativamente mantida que reconhece o universal desejo humano de controlar e dominar. Em vez de negarem o desejo de poder, os igualitaristas o conhecem bem demais. Lidam com ele todos os dias.

Em sociedades igualitárias, os homens que tentam dominar outros são sistematicamente boicotados, e o orgulho masculino não é bem acolhido. O ditado chinês “Peixes grandes comem peixes pequenos” é considerado impróprio. Quando regressa à aldeia, o caçador bem-sucedido simplesmente vai sentar-se à porta de sua choça, sem dizer palavra. Deixa que o sangue na lança fale por si. Qualquer insinuação de vanglória será punida com piadas e insultos sobre sua ínfima presa. Analogamente, se ocorrer a um aspirante a chefe a idéia de que ele pode mandar nos outros, estes claramente o informam do quanto é ridícula sua pose. O antropólogo Christopher Boehm estudou esses “mecanismos niveladores”.

Concluiu que os líderes que se tornam intimidadores e jactanciosos, não distribuem os bens e lidam com forasteiros de modo a auferir vantagens pessoais logo perdem o respeito e o apoio da comunidade. Quando falha a habitual tática de ridicularizar, espalhar boatos e desobedecer, os igualitaristas não se furtam a medidas drásticas. Um chefe buraya que se apropriava do gado de outros homens e forçava as esposas destes a manter relações sexuais com ele foi morto, e destino igual teve um líder kaupaku que passou dos limites. Uma boa alternativa, é claro, seria simplesmente abandonar o mau líder. Deixá-lo falando sozinho.

Como é difícil sobreviver sem liderança alguma, muitos igualitaristas permitem que certos homens atuem como o primeiro entre iguais. A palavra-chave aqui é “permitem”, pois o grupo todo previne os abusos. Para isso, empregam instrumentos sociais que são encontrados em nossa linhagem, mas que também temos em comum com nossos parentes. Ao longo dos anos, minha equipe e eu registramos milhares de situações em que um terceiro intervém em uma luta, apoiando uma ou outra parte. Observamos essa prática em macacos e grandes primatas. Macacos tendem a apoiar os vencedores, e isso significa que os indivíduos dominantes raramente encontram resistência. Ao contrário: o grupo oferece-lhes ajuda. Não admira que os macacos tenham hierarquias tão estritas e estáveis. Os chimpanzés são fundamentalmente diferentes, pois com a mesma frequência apoiam vencedores ou perdedores ao intervirem em lutas. Assim, um agressor nunca pode ter certeza de que será ajudado ou combatido. Essa é uma diferença crucial em relação à sociedade dos macacos. Como os chimpanzés também podem ir em socorro dos desfavorecidos, cria-se uma hierarquia inerentemente instável, na qual o poder no topo é mais precário do que em qualquer grupo de macacos.

Um exemplo típico ocorreu quando Jimoh, o macho alfa de nosso grupo de chimpanzés na Estação de Campo Yerkes, desconfiou que estava ocorrendo secretamente o acasalamento entre uma das suas fêmeas favoritas e um macho adolescente. O jovem macho e a fêmea haviam sensatamente desaparecido, mas Jimoh saíra à procura deles. Normalmente, o velho macho se limitaria a perseguir o culpado, mas, por alguma razão — talvez porque essa fêmea se recusara a acasalar-se com ele naquele dia —, ele arremeteu contra o outro a toda a velocidade e não se abrandou. A perseguição continuou por toda a jaula, e o jovem macho fugiu aos gritos, com diarreia de tanto pavor, caçado implacavelmente por Jimoh. Mas, antes que o alfa conseguisse concluir seu intento, fêmeas entraram em cena emitindo gritos de indignação, um tipo de vocalização usado em protesto contra agressores e intrusos. A princípio, elas olharam ao redor para ver como o resto do grupo poderia reagir, e, quando outros juntaram-se a elas, especialmente a fêmea alfa, a intensidade dos gritos aumentou até que praticamente todas as vozes formaram um coro ensurdecedor. O começo disperso deu a impressão de que o grupo estava fazendo uma votação. Mas, assim que o protesto intensificou-se num crescendo, Jimoh, com um esgar nervoso, cessou o ataque. Tinha entendido o recado. Se não houvesse parado, sem dúvida haveria uma ação conjunta para dar fim ao tumulto.

A punição para machos valentões pode ser severa. Em chimpanzés na natureza observou-se o ostracismo, com machos forçados a passar um tempo na zona de perigo na fronteira do território do grupo. Um relatório mencionou machos “indo para o exílio”. O ostracismo em geral é precipitado por um ataque em massa, como o desferido contra Goblin em Gombe Stream, quando ele foi atacado por uma coalizão numerosa e talvez não sobrevivesse sem tratamento veterinário. Goblin quase foi morto em duas ocasiões, o que levou os pesquisadores de campo a cogitar na possibilidade de que a violência com que ele foi deposto estivesse relacionada à natureza de sua liderança, que os estudiosos qualificaram de “tempestuosa”. Se os que estão no degrau inferior da escala

social estabelecem coletivamente um limite e ameaçam graves consequências caso os do degrau superior o transponham, temos o princípio daquilo que, em termos jurídicos, chamamos constituição. Obviamente, as constituições atuais são ricas em conceitos refinados, demasiado complexos para ser aplicados a grupos humanos primários, quanto mais a sociedades de grandes primatas não humanos. No entanto, não devemos esquecer que a Constituição dos Estados Unidos, por exemplo, nasceu de uma revolução contra o soberano inglês. Sua magnífica prosa, “Nós, o povo...”, fala com a voz das massas. Sua predecessora foi a Magna Carta, de 1215, na qual os súditos do rei João, da Inglaterra, ameaçaram guerra e morte ao opressor se ele não desistisse de suas apropriações excessivas. Mais uma vez, o princípio foi o da resistência coletiva contra um macho alfa despótico.

Se indivíduos no topo da hierarquia podem ser tão problemáticos, por que tê-los, afinal? Bem, antes de tudo, para resolver disputas. Em vez de todos precisarem tomar partido, o que é melhor do que lidar com o problema investindo de autoridade uma só pessoa, um conselho de anciãos ou um governo, e incumbi-los de servir ao bem comum mantendo a ordem e encontrando soluções para as desavenças? Por definição, as sociedades igualitárias não têm uma hierarquia social que imponha sua vontade nas disputas, portanto dependem de arbitragem. Imparcialidade é a chave. Adotada pelo judiciário na sociedade moderna, a arbitragem protege a sociedade contra seu maior inimigo: o alastramento da discórdia. Em geral, chimpanzés dominantes intervêm em brigas apoiando o fraco contra o forte ou sendo imparciais. Podem postar-se com os pêlos arrepiados entre os dois combatentes até que eles parem de gritar, dispersá-los com uma demonstração ritualizada de agressividade ou efetivamente separar com as mãos os lutadores. Em todos esses casos, seu principal objetivo parece ser pôr fim às hostilidades, e não apoiar um lado ou o outro. Por exemplo, semanas depois de obter a posição de alfa, Luit, o mais imparcial líder que já conheci, adotou o que se conhece como “papel de controle”. Uma briga entre duas fêmeas acirrou-se demais e descambou para as vias de fato. Vários membros do grupo entraram na briga. Um tremendo emaranhado de primatas em luta rolava na areia aos berros até que Luit pulou no meio deles e os separou a pancadas. Ele não tomou partido, ao contrário de todos os demais. Em vez disso, desferia bordoadas em qualquer um que continuasse a lutar.

Poderíamos supor que os primatas apoiassem seus parentes, amigos e aliados. Isso realmente ocorre com a maioria dos membros da sociedade, mas o macho dominante segue regras diferentes. Como alfa, Luit parecia colocar-se acima das partes conflitantes, e suas intervenções aparentemente visavam restaurar a paz, e não ajudar os amigos. As intercessões de Luit em favor de certos indivíduos não correspondiam ao tempo que ele passava com eles em sessões de grooming ou apenas em sua companhia. Ele era o único chimpanzé imparcial, ou seja, dissociava sua tarefa de árbitro das suas preferências sociais. Já vi outros machos fazerem o mesmo, e, quando Christopher Boehm passou da antropologia para a primatologia, também observou na natureza chimpanzés do topo da hierarquia que eram peritos em evitar, encerrar ou atenuar conflitos.

Uma comunidade não aceita a autoridade de qualquer aspirante a árbitro. Quando

Nikkie e Yeroen dominavam conjuntamente a colônia de Arnhem, Nikkie tentava intervir quando espoucavam disputas. Mas muitas vezes era ele quem acabava vitimado pela violência. As fêmeas mais velhas, especialmente, não aceitavam que ele viesse socar-lhes a cabeça. Uma razão para isso talvez seja que Nikkie estava longe de ser imparcial: ele tomava partido de seus amigos, independentemente de quem houvesse começado a briga. As tentativas de pacificação de Yeroen, em contraste, eram sempre aceitas. Com o tempo, o macho mais velho arrebatou o controle de seu parceiro caçula. Quando irrompia uma briga, Nikkie nem sequer se dava ao trabalho de levantar-se; deixava a solução para Yeroen.

Isso mostra que o papel de controle pode estar com o segundo em comando e que o grupo também tem poder para escolher quem o desempenha. Quando o papel de controle é um guardachuva que protege o fraco contra o forte, é acatado pela comunidade como um todo. Seus membros apoiam o árbitro mais eficaz, proporcionando a este a ampla base necessária para garantir a paz e a ordem. Isso é importante, pois mesmo uma altercação menor entre dois jovens pode assumir proporções muito mais graves. Lutas entre jovens induzem tensões entre as mães, cada qual inclinada a proteger sua cria. Em um padrão bem conhecido nas creches humanas, quando uma mãe entra em cena, a outra se arrepia. Contar com uma autoridade para lidar com esses problemas, na certeza de que o fará com imparcialidade e usando a mínima força necessária, é um alívio para todos.

O que observamos nos chimpanzés, portanto, é um meiotermo entre as rígidas hierarquias dos macacos e a tendência humana à igualdade. Evidentemente as pessoas nunca atingem a perfeita igualdade, nem mesmo nas sociedades em pequena escala. E nivelar a hierarquia humana é uma labuta contínua, pela simples razão de que nascemos para lutar por status. O igualitarismo, no grau em que é alcançado, requer subordinados que se unam e zelem por seus interesses. Os políticos, pessoalmente, podem estar interessados no poder, mas o eleitorado quer saber é do serviço que eles prestam. Não admira que os políticos prefiram falar deste aspecto e não daquele.

Quando elegemos um líder, na prática o que lhe dizemos é:

“Você pode ficar na capital enquanto o considerarmos útil”. Assim, elegantemente, a democracia satisfaz duas tendências humanas ao mesmo tempo: o desejo de poder e o desejo de manter o poder sob controle.

A VETERANA ESTADISTA

Dei a Mama esse nome devido à posição matriarcal que ela ocupava na colônia de chimpanzés de Arnhem. Todas as fêmeas lhe obedeciam, e todos os machos a viam como a mediadora decisiva nas disputas políticas. Se as tensões se agravassem a ponto de uma luta física tornar-se inevitável, os machos contendores corriam para ela, sentavam-se em seus braços, cada um de um lado, gritando um com o outro. Grande autoconfiança combinada a uma atitude maternal punha Mama no centro absoluto do poder.

Ela ainda está viva. Toda vez que visito o zoológico, Mama distingue meu rosto na multidão e arrasta seu esqueleto artrítico para mais perto, a fim de me saudar do outro lado do fosso. Ela até emite para mim os grunhidos arfantes indicadores de que me reconhece como alguém de status superior, muito embora eu possa garantir que numa luta com Mama eu não teria a mínima chance. Sem dúvida ela também sabe disso. Mas, longe de permitir que isso nos confunda, ambos temos noção de que a estrutura pública é uma coisa e a realidade de quem pode fazer o que a quem é outra muito diferente.

Essa dupla camada na natureza da sociedade é fascinante. Sua estrutura formal tem de ser transparente para atender às suas funções, e no entanto por trás dela encontramos influências mais obscuras. Um indivíduo pode ser poderoso sem estar no topo ou, inversamente, estar no topo sem ter muita influência. Em Arnhem, por exemplo, os grunhidos arfantes e as medidas situavam Nikkie formalmente acima de Yeroen, Yeroen acima de Luit, Luit acima de Mama, Mama acima de todas as outras fêmeas, e assim por diante. Por trás dessa ordem clara, porém, existia uma estrutura velada na qual Yeroen detinha os cordões que manipulavam Nikkie, o poder de Luit estava em grande parte neutralizado e Mama possuía uma influência que possivelmente superava a de Yeroen.

Somos peritos em descobrir o que se passa nos bastidores do nosso local de trabalho e percebemos que seguir ao pé da letra a escala social não nos levará a lugar algum. Sempre existem pessoas em posições elevadas que têm pouca influência, e outras em posição inferior (como a secretária do chefe) cuja amizade precisamos cultivar. É verdade que a estrutura formal reforça-se em tempos de crise, mas de modo geral nós, humanos, tendemos a estabelecer uma ordem imprecisa de influências entrecruzadas. Temos expressões como “o poder por trás do trono” e “testa-de-ferro” que refletem as mesmas complexidades encontradas em uma colônia de chimpanzés.

Nas montanhas Mahale, na Tanzânia, pesquisadores de campo viram chimpanzés machos mais velhos agirem como Yeroen. Assim que um macho entra em declínio físico em razão da idade, começa a adotar artimanhas, tomando partido ora de um, ora de outro macho mais jovem, desse modo se tornando a chave para o sucesso de todos. Transforma sua fraqueza em força. Isso faz lembrar estadistas veteranos na política humana: os grisalhos e madurões Dick Cheneys e Ted Kennedys, que desistiram da ambição de ocupar o cargo máximo, mas a quem outros recorrem em busca de conselhos. Os jovens machos, por sua vez, como estão estritamente concentrados na própria carreira, não são conselheiros tão úteis.

Jessica Flack passou centenas de horas sentada em uma torre sob o escaldante sol da Geórgia estudando exclusivamente os grunhidos arfantes com que os chimpanzés reconhecem o status superior. Constatou que o macho no topo não necessariamente é o alvo da maioria desses grunhidos de submissão. Recebe-os dos rivais mais imediatos, o que faz dele o macho alfa formalmente, mas o resto do grupo pode muitas vezes preterir-lo e prostrar-se, grunhir em submissão e beijar outro macho. Com o alfa presenciando, essa é uma situação esquisita, mas o interessante é que esses outros machos são invariavelmente aqueles que fazem o papel de árbitro em disputas. No Zoológico de Arnhem, vimos mais grunhidos de submissão destinados a Yeroen, o principal árbitro do

grupo, do que a Nikkie, o verdadeiro chefe. É quase como se o grupo “votasse” nos mediadores populares, manifestando-lhes respeito, e com isso irritasse o alfa, que, depois de ser repetidamente desconsiderado, pode dar início a uma espetacular demonstração ritualizada de agressividade para provar que ele também é importante.

Levando Nikkie ao poder, Yeroen forjara para si um papel influente. Mas com a morte de Luit a influência de Yeroen evaporou. Subitamente, Nikkie deixou de precisar do mais velho. Por fim podia ser o chefe sem ajuda, ou assim deve ter suposto. No entanto, pouco depois que partiu para os Estados Unidos, Yeroen começou a cultivar laços com Dandy, um macho mais jovem. Isso demorou vários anos, mas por fim levou Dandy a desafiar Nikkie como líder. As tensões resultantes impeliram Nikkie a uma fuga desesperada. Ele se afogou tentando atravessar o fosso ao redor da ilha. O jornal da cidade interpretou como suicídio, mas me parece mais provável que tenha sido um ataque de pânico com resultado fatal. Como essa foi a segunda morte nas mãos de Yeroen, devo admitir que sempre tenho dificuldade de olhar para esse macho ardiloso sem ver um assassino.

Um ano depois desse incidente trágico, meu sucessor decidiu exibir um filme para os chimpanzés. *The family of chimps* [A família dos chimpanzés] é um documentário filmado no zoológico quando Nikkie ainda era vivo. Com os primatas refestelados em sua jaula de inverno, o filme foi projetado em uma parede branca. Reconheceriam eles seu líder morto? Assim que Nikkie apareceu na tela em tamanho natural, Dandy correu aos gritos para Yeroen e pulou no colo dele! Também Yeroen fez uma careta de dúvida. A milagrosa “ressurreição” de Nikkie temporariamente restaurara seu antigo pacto.

O TRASEIRO DO MACACO

No consciente ou no inconsciente, a dominância social está sempre em nossa mente. Exibimos expressões faciais típicas de primatas, como retraindo os lábios para expor os dentes e gengivas quando precisamos esclarecer nossa posição social. O sorriso humano deriva de um sinal de apaziguamento, e é por isso que geralmente mulheres sorriem mais do que homens. De inúmeros modos, nosso comportamento, mesmo o mais amistoso, alude à possibilidade de agressão. Levamos flores ou uma garrafa de vinho quando invadimos o território de outra pessoa, saudamo-nos acenando com a mão aberta, um gesto que se supõe nascido da necessidade de mostrar a ausência de armas. Formalizamos nossas hierarquias — por meio de posturas corporais e tom de voz a tal ponto que um observador experiente pode discernir, em apenas alguns minutos, quem está no alto e quem está embaixo no mastro totêmico. Falamos em comportamentos humanos como “beijar o traseiro”, “prostrar-se” e “bater no peito” que constituem categorias oficiais de comportamento em minha área de estudo, o que sugere um passado no qual as hierarquias se expressavam mais fisicamente.

No entanto, ao mesmo tempo a irreverência é inata nos humanos. Um teólogo do século XIII, São Boaventura, disse: “Quanto mais alto sobe um macaco, melhor vemos c

seu traseiro”. Adoramos escarnecer dos superiores. Estamos sempre prontos para arrancá-los do pedestal. E os poderosos sabem muito bem disso. “Pesada sempre se encontra a frente coroada”, escreveu Shakespeare. O primeiro imperador todo-poderoso da China, Qin Shi Huangdi, preocupava-se tanto com sua segurança pessoal que mandou construir passagens cobertas ligando seus palácios para que ele pudesse ir e vir sem ser notado. Nicolau Ceaucescu, o ditador romeno executado, construíra em Bucareste três níveis de túneis labirínticos, rotas de fuga e bunkers abastecidos com comida no subsolo do prédio do Partido Comunista no bulevar da Vitória Socialista.

O medo obviamente é maior quando o líder é impopular. Maquiavel acertou ao dizer que é melhor tornar-se príncipe com o apoio da gente comum do que com a ajuda dos nobres, pois estes se sentem tão próximos da posição do soberano que tentarão solapá-la. E, quanto mais ampla a base do poder, melhor. É um bom conselho também para os chimpanzés: os machos que defendem os oprimidos são os mais amados e respeitados. O apoio da base estabiliza o topo.

A democracia realmente foi alcançada através de um passado hierárquico? Uma escola de pensamento acredita que começamos em um estado de natureza cruel e caótico, governado pela “lei da selva”. Escapamos dele porque concordamos com regras cuja imposição delegamos a uma autoridade superior. Essa é a justificação usual do governo de cima para baixo. Mas e se tiver sido justamente o oposto? E se a autoridade superior tiver surgido primeiro, emergindo só depois as tentativas de instalar a igualdade? É isso que a evolução dos primatas parece sugerir. Nunca houve caos algum: começamos com uma ordem hierarquia muitíssimo clara, depois encontramos modos de nivelá-la. Nossa espécie possui uma veia subversiva.

Existem muitos animais pacíficos e tolerantes. Em algumas espécies de macacos, eles raramente mordem companheiros, reconciliam-se com facilidade depois das lutas, toleram a presença dos demais ao redor de comida e água, e por aí vai. O monarco praticamente não luta. Os primatólogos falam em diferentes “estilos de dominância”, ou seja, em certas espécies os superiores são sossegados e tolerantes, e em outras são despóticos e punitivos. Contudo, mesmo que alguns macacos possam ser de fácil convívio, não são igualitaristas. Para tal, seria preciso que os subordinados fizessem revoltas e estabelecessem limites, coisas que os macacos fazem apenas em grau limitado. Os bonobos também são descontraídos e relativamente pacíficos. Empregando o mesmo mecanismo nivelador encontrado entre os chimpanzés, levaram-no ao extremo virando a hierarquia de cabeça para baixo. Em vez de militar na base, o sexo frágil nesse caso age de cima, ou seja, para todos os efeitos é o sexo forte. Mas, já que fisicamente as fêmeas bonobos não são mais fortes que os machos, elas precisam, como castores eternamente ocupados em reparar suas represas, de esforços contínuos para se manter no topo. No entanto, exceto por essa realização verdadeiramente notável, o sistema político dos bonobos é bem menos fluido que o dos chimpanzés. Repetindo: isso ocorre porque as coalizões mais cruciais, entre mãe e filhos machos, são inalteráveis. Faltam aos bonobos as alianças sempre mutáveis e oportunistas capazes de abrir à força um sistema. Tolerantes é uma designação melhor do que igualitaristas para os bonobos.

A democracia é um processo ativo: reduzir a desigualdade requer esforço. Não nos surpreenderemos com o fato de que, dos nossos parentes próximos, o mais agressivo e mais nortado pela dominância demonstra as tendências que em última análise baseiam a democracia se supusermos que esta nasce da violência. Quase com certeza, na história humana essa suposição é correta. A democracia é algo por que lutamos: liberté, égalité e fraternité. Ela nunca nos é dada de graça; sempre foi arrancada dos poderosos. A ironia é que provavelmente nunca teríamos atingido esse ponto, nunca teríamos desenvolvido a necessária solidariedade na base, se não fôssemos animais tão hierárquicos.

Sexo

Doutores no Kama sutra

Essa espécie singular e altamente bem-sucedida passa boa parte do tempo examinando os seus motivos mais elevados e um tempo igual desconsiderando os fundamentais. Orgulha-se de possuir o maior cérebro de todos os primatas, mas tenta esconder o fato de que também tem o maior pênis.

Desmond Morris

Em afinidade com nossos despreocupados, folgazões e iletrados parentes, os adoráveis primos bonobos.

Graças à Vida por eles.

Alice Walker

Um tratador do zoológico acostumado a trabalhar com chimpanzés foi apresentado aos bonobos e aceitou um beijo de um de seus novos amigos primatas. Para os chimpanzés, um beijo é um ato de amizade, e não sexual. Imaginem a surpresa do homem quando sentiu a língua do primata em sua boca!

O beijo de língua é um ato de confiança total: a língua é um dos nossos órgãos mais sensíveis, e a boca é a cavidade corporal que pode danificá-la com a maior rapidez. O ato permite-nos saborear o outro. Mas ao mesmo tempo trocamos saliva, bactérias, vírus e alimento. Sim, alimento. Em nossos dias, podemos pensar em adolescentes trocando chicletes, mas supõe-se que o beijo de língua originou-se da alimentação da cria pela mãe. E as mães primatas realmente passam pedacinhos de alimento mastigado aos filhotes espichando o lábio superior e introduzindo-o na boca aberta do bebê. É aí, evidentemente, que entra a língua.

O beijo de língua é o ato erótico mais reconhecível dos bonobos, e o que mais lembra os humanos. Sempre que mostro a uma classe de estudantes universitários um filme sobre meus bonobos, os alunos ficam muito quietos. Assistem a todo tipo de relação sexual, mas invariavelmente a mais forte impressão é causada por um clipe de um beijo de língua entre dois machos juvenis. Embora ninguém possa ter certeza do que exatamente está acontecendo, aquilo parece tão ardente, tão profundo, com as bocas muito abertas sobrepostas, que pega os meus alunos de surpresa. Nenhum ator de cinema consegue pôr o mesmo empenho que esses jovens no ato. E o engraçado é que eles passam imediatamente para uma simulação de luta ou irrompem num pega-pega brincalhão. Para os bonobos, o contato erótico mistura-se livremente a tudo o mais que fazem. Podem passar rapidamente da comida ao sexo, do sexo à brincadeira, de uma sessão de grooming a um beijo e assim por diante. De fato, já vi fêmeas continuarem a coletar alimento enquanto eram cobertas por um macho. Os bonobos levam o sexo a sério, mas não tanto quanto uma sala de aula lotada de universitários.

Nós, humanos, separamos o sexo da nossa vida social, ou pelo menos tentamos fazê-lo, mas na sociedade bonobo as duas coisas estão totalmente interligadas. É uma ironia humana que as nossas folhas de parreira só façam despertar uma insaciável curiosidade

sexual.

INVEJA DO PÊNIS

Às vezes tenho a impressão de que metade dos spam que recebo em meu computador está relacionada ao aumento de certa parte do corpo que os homens mantêm oculta a maior parte do tempo. A preocupação masculina com o tamanho e a turgidez de seu órgão viril é uma velha fonte de renda para charlatões vendedores de óleo de cobra, além de base para uma infinidade de piadas. De objeto de adoração na Grécia e Roma antigas aos símbolos fálicos que Sigmund Freud, mascando seu grosso charuto, via por toda parte, o pênis tem a fama imemorial de possuir vontade própria. Não admira que Desmond Morris, quando nos chocou nos anos 60 com seus desenvolvimentos paralelos entre macacos peludos e nus, escolhesse chamar a atenção para o tamanho do pênis humano, descrevendo o homem como o primata mais sensual surgido no planeta. Foi uma jogada brilhante, destinada a amortecer o golpe que esse autor estava aplicando em nosso ego. Não há nada que os homens queiram ouvir mais do que a afirmação de que eles são os campeões na arena que mais importa. Conhecia-se tão pouco sobre os bonobos naquela época que Morris pode ser perdoado por nos presentear com o título de os mais sexy. Porém, mesmo nesse território, não somos os tais. Seria um desafio medir a ereção de um primata não humano desperto e excitado, mas a do bonobo certamente faz a da maioria dos homens parecer pequena. Ainda mais se levarmos em consideração o tamanho menor do corpo dos bonobos.

O pênis dos bonobos é mais fino e totalmente retrátil, de modo que sua ereção chama ainda mais a atenção, especialmente se o macho balançar o pênis para cima e para baixo, como esses primatas costumam fazer. Talvez mais notável do que essa capacidade de “acenar” com o pênis seja o fato de os testículos do bonobo serem muitas vezes maiores que os do homem. Isso, que também vale para os chimpanzés, supostamente está relacionado à quantidade de esperma necessária para o êxito na fecundação das fêmeas, pois elas se acasalam com vários machos. Se a genitália dos machos nos parece muito desenvolvida, ficaremos ainda mais impressionados com a das fêmeas, pois tanto as chimpanzés como as bonobos apresentam intumescimentos enormes. Não se trata dos lábios ligeiramente dilatados que vemos, se olharmos atentamente, nas fêmeas de gorila e orangotango. Não: é um balão do tamanho de uma bola de futebol no traseiro da fêmea, com o qual ela manda um sinal rosa vivo a todos os machos das redondezas avisando que está pronta para a ação.

Esses intumescimentos compõem-se de lábios e clitóris. O clitóris das bonobos é mais saliente que o das mulheres e o das chimpanzés. Nas fêmeas jovens, projeta-se frontalmente como um pequeno dedo, e com o avanço da idade embute-se no tecido dilatado à sua volta. Considerando essa anatomia, não admira que as fêmeas bonobos prefiram a cópula frontal. Infelizmente para elas, os machos parecem ter predileção pelo padrão mais antigo da cópula por trás. As fêmeas bonobos costumam convidar os

machos deitando-se de costas com as pernas afastadas, ou viram-se rapidamente para essa posição se o macho por acaso começar de outra maneira.

Pode-se depreender dos comentários dos visitantes de zoológicos que eles se sentem chocados com os aparatosos genitais dos primatas. A mais memorável reação foi a de uma mulher que exclamou:

“Deus do céu, aquilo que eu estou vendo é uma cabeça?”. Já os bonobos machos não se confundem: nada é mais excitante para eles do que uma fêmea com um volumoso traseiro rosado. Estou tão acostumado a ver essas características marcantes que elas não me parecem esquisitas nem feias, embora o termo “desajeitadas” me venha à mente. As bonobos com genitália totalmente intumescida não conseguem sentar-se normalmente, de modo confortável; precisam ficar transferindo o peso de um quadril para o outro. Aprendem a lidar com esses apêndices durante a adolescência, quando eles aumentam de tamanho a cada ciclo menstrual. O tecido dilatado é frágil e sangra com muita facilidade (mas também se regenera depressa). Analogamente às invenções culturais humanas como os pés atados das chinesas e os saltos altos, esse parece um preço alto para ser atraente.

O clitóris das bonobos requer atenção, pois seu equivalente humano, bem menor, está no centro desse acirrado debate. Para que serve um clitóris? Ele é realmente necessário? As teorias variam. Há quem argumente que esse minúsculo órgão é totalmente inútil, como os mamilos dos homens, e há quem diga que ele é uma fonte de prazer provavelmente útil para a vinculação com o parceiro. A primeira dessas idéias supõe que as mulheres não precisam sair em busca de sexo desde que o aceitem quando ele bate à porta. Chama o clitóris de um “glorioso acidente” da evolução. Já a segunda vertente acha que o clitóris evoluiu para permitir experiências orgásmicas que tornem o sexo uma atividade agradável e viciadora. A suposição, nesse caso, é a de uma sexualidade feminina ativa, que procura até encontrar o que aprecia. Essas idéias opostas se alinham com ideologias também opostas sobre o lugar da mulher na sociedade.

A reprodução é importante demais para ser deixada ao acaso. Todo biólogo supõe que ambos os sexos, e não só o masculino, são ativos na escolha de parceiros. Sabemos que os animais exploram todas as opções. Em um caso divertido, cientistas tentaram controlar uma população de passarinhos da espécie *Agelaius phoeniceus* vasectomizando os machos. Achavam que, por ocasião da nidificação, os casais com macho estéril produziriam ovos estéreis. Para seu assombro, a maioria das ninhadas foi fértil, indicando que as fêmeas pularam a cerca e tiveram “casos” com machos férteis. O reino animal é rico em fêmeas sexualmente empreendedoras que comparam e escolhem, e a sociedade humana sem dúvida não é exceção. Isso geralmente deixa de ser captado pelos questionários de pesquisas — um modo sabidamente precário de medir o comportamento. As pesquisas subestimam imensamente a vida sexual das mulheres: todo mundo, especialmente as mulheres, reluta em revelar a verdade. Sabemos disso porque existe um modo de fazêlas falar. Se ligarmos estudantes universitárias a um falso detector de mentiras, as moças relatarão duas vezes mais parceiros sexuais do que mulheres não submetidas a tal pressão. De fato, relatam tantos parceiros quanto seus

equivalentes do sexo oposto. Portanto, homens e mulheres podem ser bem mais semelhantes do que os levantamentos sobre sexo nos fizeram crer.

Como para os homens a reprodução é um evento mais rápido do que para as mulheres, muitos afirmam que as tendências sexuais de cada gênero devem ser substancialmente diferentes. Mas nem toda atividade sexual visa à produção de bebês, na nossa espécie e em muitas outras. E quanto ao prazer e relaxamento, ao sentimento de unidade e vinculação, e ao que meus bonobos fazem todo dia: sexo para sanar relacionamentos estremecidos? Considerando esses outros usos, o argumento vitoriano de que o sexo é a proveniência dos homens e um trabalho aturado pelas mulheres baseia-se em suposições tacanhas. Se o sexo comumente expressa amor, confiança e proximidade, poderíamos supor que fosse ao menos no mesmo grau um domínio feminino. Os franceses, que sabiamente se mantiveram o mais distante da rainha Vitória que o canal da Mancha lhes permitiu, possuem uma admirável gama de expressões para essas alternativas. O sexo destinado a fazer as pazes é la réconciliation sur l'oreiller (reconciliação no travesseiro), e a capacidade do sexo para acalmar a mente ganha uma rude alusão na descrição de uma mulher sexualmente carente como mal baisée (mal-amada).

O sexo e o desejo sexual supostamente são enterrados ao começar o dia de trabalho. Uma nítida fronteira entre o social e o sexual é característica humana universal. Não que seja perfeitamente mantida. Em tempos idos, as criadas comumente prestavam serviços outros que não os de cozinha e limpeza, e na sociedade moderna é comum o romance florescer no escritório, onde não faltam insinuações e assédio sexual. Os corretores de Wall Street celebrizaram-se por comemorar aniversários com strippers. Independentemente das exceções, porém, via de regra as esferas sexual e social são mantidas separadas.

Precisamos desesperadamente dessa fronteira, pois nossas sociedades estruturam-se com base em unidades familiares que, como é natural para todos os mamíferos, requerem o cuidado paterno tanto quanto o materno. Toda sociedade humana possui famílias nucleares, ao passo que as sociedades de grandes primatas não humanos não as apresentam. Para os chimpanzés, a única ocasião em que o sexo precisa ser removido da esfera pública é quando um macho e uma fêmea receiam o ciúme de membros do alto escalão. Procuram as moitas para o rendez-vous ou se afastam do resto da comunidade, em um padrão que pode ser a raiz do nosso desejo de privacidade. Se o sexo é fonte de tensão, um modo de manter a paz é limitar sua visibilidade. Os humanos levam isso além, ocultando não só o ato em si, mas também cobrindo todas as partes do corpo excitantes ou excitáveis.

Nada disso, ou quase nada, acontece entre os bonobos. É por isso que muitos os descrevem como sexualmente liberais. Mas, na verdade, se a privacidade e a repressão não são problemas, onde entra a liberalidade? Eles simplesmente não sentem vergonha, não têm recato nem inibições além do desejo de evitar encrenca com rivais. Quando dois bonobos se acasalam, às vezes os filhotes pulam em cima deles para observar os detalhes. Ou outro adulto pode chegar-se e comprimir sua ereção no corpo de um deles

para participar da diversão. A sexualidade é mais freqüentemente partilhada do que contestada. Uma fêmea pode deitar-se de costas e se masturbar à vista de todos, e ninguém dará a mínima. Ela move rapidamente os dedos em vaivém pela vulva, mas também pode dar essa tarefa a um dos pés para manter livres as mãos que estão fazendo grooming em sua cria. A versatilidade dos bonobos é extraordinária.

Além de afirmar que o tamanho do pênis destaca-nos dos outros primatas, Desmond Morris declarou que o orgasmo era exclusivamente humano. Quem já viu fêmeas bonobos em uma intensa cobrição — o GG-rubbing, ou fricção gênito-genital — não acreditará muito facilmente nessa idéia. As fêmeas mostram os dentes de orelha a orelha e emitem gritos agudos enquanto esfregam freneticamente o clitóris. As fêmeas também se masturbam rotineiramente, uma atividade que não teria sentido se elas não auferissem disso alguma coisa. Sabemos, por experimentos de laboratório, que não somos a única espécie na qual as fêmeas apresentam aumento da freqüência cardíaca e rápidas contrações do útero no clímax da relação sexual. Os símios do gênero *Macacus* enquadram-se nos critérios de Masters & Johnson para o orgasmo humano. Ninguém tentou fazer esse tipo de estudo com bonobos, mas não pode haver muita dúvida de que eles passariam no teste.

Nem todo mundo, porém, é receptivo a essa possibilidade. Um dos mais curiosos encontros acadêmicos de que participei versava sobre o tema sexo. Foi organizado por antropólogos “pósmodernos”, para quem a realidade é composta de palavras e não pode ser separada de nossas narrativas. Eu era um dos poucos cientistas nesse evento, e os cientistas, por definição, confiam mais em fatos do que em palavras. Já se vê que tal encontro não poderia dar muito certo. A coisa ferveu quando um dos pós-modernistas afirmou que, se uma língua humana não possui uma palavra para designar “orgasmo”, o povo que a fala não pode vivenciar o clímax sexual. Os cientistas presentes pasmaram. Se no mundo inteiro as pessoas têm os mesmos genitais e a mesma fisiologia, como é que suas experiências poderiam ser radicalmente diferentes? E o que isso nos diria a respeito dos outros animais? A implicação não seria que não sentem coisa alguma? Exasperados com a idéia do prazer sexual como uma realização lingüística, começamos a passar bilhetinhos com questões maliciosas do tipo: “Sem uma palavra para ‘oxigênio’ as pessoas podem respirar?”.

A pretensão final de Morris à singularidade humana é a posição de acasalamento considerada prova da sensatez das pessoas civilizadas. Esse autor supõe não apenas que a posição papai-emamãe restringe-se à nossa espécie, mas também a vê como um avanço cultural. Contudo, tendo em vista os milhões de anos de evolução sexual em nossa bagagem, a meu ver são absolutamente inúteis as tentativas de dissociar a sexualidade humana da de outros animais. São biologicamente determinados tanto os hormônios que nos impelem à atividade sexual como as características anatômicas que tornam essas peculiares acrobacias viáveis e prazerosas. E estão longe de ser únicos: o modo como fazemos não é tão diferente do modo como os cavalos fazem, e nem mesmo do jeito como fazem os lebistes. Uma vez que nossos genitais situam-se em posição frontal, é óbvio que a seleção natural favoreceu a posição papai-e-mamãe: somos

anatomicamente estruturados para copular dessa maneira.

Os mesmos cientistas que deram o incomum nome aos bonobos quiseram explicar os acasalamentos desses primatas, mas, na época, não era de bom-tom mencionar tal assunto. Eduard Tratz e Heinz Heck tiveram de recorrer ao latim, dizendo que os chimpanzés acasalam-se *more canum* (como cães) e os bonobos, *more hominum* (como gente). Os bonobos adotam com facilidade a posição papai-e-mamãe, assim como muitas outras. Conhecem todas as posições do Kama sutra, e até algumas que estão além da nossa imaginação (por exemplo, os dois parceiros pendurados de cabeça para baixo pelos pés). Mas a posição face a face é especial, pelo fato de ser comum e permitir a comunicação emocional. Análises minuciosas de vídeos mostram que os bonobos monitoram o rosto e os sons de seus parceiros, regulando o ritmo dos movimentos de vaivém pélvico com base na reação que eles produzem. Se o parceiro não faz contato visual ou dá algum outro sinal de pouco entusiasmo, os dois se separam. Os bonobos parecem ser primorosamente sintonizados com o que seu parceiro sente.

Os bonobos não só fazem sexo em uma infinidade de posições, mas também em praticamente todas as combinações de parceiro. Refutam a idéia de que sexo se destina unicamente à procriação. Calculo que três quartos de sua atividade sexual não têm relação alguma com a reprodução, ao menos não diretamente: com frequência, envolvem membros do mesmo sexo ou ocorrem durante a fase infértil do ciclo da fêmea. E existem ainda os numerosos padrões eróticos que não contribuem para a reprodução, incluindo não só o beijo de língua, mas a felação e a massagem mútua dos genitais muitas vezes observados entre os machos. Um macho, de costas aprumadas e pernas afastadas, apresenta seu pênis ereto a outro, que o envolve frouxamente com a mão e faz movimentos acariciantes para cima e para baixo.

O equivalente do GG-rubbing para os machos é conhecido como rump-rump, um contato no qual dois machos ficam de quatro e roçam brevemente os traseiros (rump, em inglês) e os escrotos. É uma saudação de baixa intensidade na qual os parceiros olham em direções opostas. O roçar mútuo dos pênis, em contraste, lembra uma cobrição heterossexual, com um macho de costas e o outro em cima dele, fazendo movimentos de vaivém com o pênis. Como ambos os machos têm ereção, os pênis roçam um no outro. Nunca vi ejaculações durante o sexo entre machos, nem tentativas de penetração anal. Mas todos esses comportamentos foram observados em bonobos cativos e selvagens, com exceção do penis-fencing, ou esgrima com pênis, conhecido apenas de estudos em habitat natural: dois machos face a face, pendurados em um galho, roçam os pênis como se cruzassem espadas.

Essa riqueza de comportamento sexual é espantosa, no entanto tem sido uma faca de dois gumes para a imagem pública do bonobo. Alguns autores e cientistas sentem-se tão constrangidos que falam por enigmas. Já vi conferencistas qualificarem os bonobos de “muito afetuosos” quando descreviam comportamentos que seriam impróprios para menores de dezoito anos em qualquer cinema. Os americanos, em especial, evitam referir-se ao sexo por seu nome próprio. É como ouvir uma reunião de padeiros que decidissem abolir a palavra “pão” de seu vocabulário, recorrendo então a inacreditáveis

circunlóquios. O erotismo dos bonobos muitas vezes é subestimado, contando-se apenas as cópulas entre adultos do sexo oposto. Só que isso deixa de fora a maioria do que ocorre na vida diária desses primatas. É uma omissão curiosa, pois o rótulo “sexo” normalmente se refere a qualquer contato deliberado envolvendo os genitais, inclusive bolinagem e estimulação oral, independentemente de quem faz o que a quem (quando o presidente Bill Clinton tentou definir sexo mais estritamente, foi corrigido pelo tribunal). Em um sentido mais amplo, sexo também abrange beijar ou exibir o corpo de maneira sugestiva, sendo essa a razão por que “Elvis the Pelvis” era abominado pelos pais nos anos 50. Eu, de minha parte, sou a favor de dar nome aos bois — eufemismos melindrosos não têm lugar no discurso científico.

Se deixei a impressão de um animal patologicamente hipersexual, devo acrescentar que a atividade sexual dos bonobos é muito trivial, bem mais do que a nossa. Como as pessoas, eles fazem sexo apenas ocasionalmente, e não sem parar. Muitos dos contatos não são levados ao ponto do clímax, e os parceiros meramente acariciam um ao outro. Mesmo a cópula média é incrivelmente rápida pelos padrões humanos: catorze segundos. Em vez de uma interminável orgia, o que vemos é uma vida social temperada por breves momentos de intimidade sexual. No entanto, ter esse parente próximo tão lascivo traz implicações para o modo como vemos nossa própria sexualidade.

BONOBOBI

Os bonobos precisam realmente de todo esse sexo? E nós, humanos, precisamos? Por que se dar a esse trabalho, afinal? Essa pode parecer uma pergunta estranha. Como se tivéssemos escolha! Mas em vez de aceitarem o sexo como um dado, os biólogos querem saber de onde ele veio, para que serve e se existem modos talvez melhores de reprodução. Por que simplesmente não nos clonamos? A clonagem tem a vantagem de replicar desenhos genéticos que funcionaram bem no passado, como você e eu (estar vivo depois de tanto tempo é uma façanha), sem misturá-los com imperfeições genéticas de outra pessoa.

Imagine o admirável mundo novo que habitaríamos, cheio de indivíduos sem gênero e de aparência idêntica. Nada de fofocas sobre quem ama quem, quem se divorciou, quem traiu. Nada de gravidez indesejada, nem de tolos artigos de revista sobre como impressionar em um encontro amoroso, nada de pecados da carne. Mas também nada de paixão, de filmes românticos, de sex symbols do mundo pop. Talvez fosse um mundo mais eficiente, mas também seria o lugar mais maçante que se pode imaginar. Felizmente, os inconvenientes da reprodução sexuada são mais do que compensados pelos benefícios. Isso é bem demonstrado por animais que empregam ambos os métodos para se reproduzir. Peguemos um desses pulgões encontrados em plantas de jardim, por exemplo, e ponhamos no microscópio. Veremos, dentro de seu ventre translúcido, uma porção de minúsculos filhotes, todos idênticos à mamãe. Em geral, os pulgões apenas clonam a si mesmos. Mas em tempos difíceis, como outono e inverno,

esse método não é bom o bastante. A clonagem não lhes permite livrar-se de mutações genéticas aleatórias, que em sua maioria causam problemas. Os erros acumulam-se até que toda a população se afoga neles. Assim, os pulgões mudam para a reprodução sexuada, que traz a mistura de genes. A prole produzida sexualmente é mais robusta, do mesmo modo, por exemplo, que um vira-lata em geral é mais sadio do que um cão ou gato de raça pura. Após muitas gerações, a endogamia assemelha-se à clonagem, pois produz defeitos genéticos cada vez mais numerosos.

O vigor do chamado “tipo selvagem”, isto é, resultante de cartas genéticas reembaralhadas, é bem conhecido. Resiste melhor a doenças, por exemplo, pois consegue manter-se à altura da contínua evolução dos parasitas. Bactérias precisam de apenas nove anos para produzir as aproximadamente 250 mil gerações vividas por nossa linhagem desde que nos separamos dos bonobos e chimpanzés. A rápida rotatividade geral dos parasitas força os animais hospedeiros a mudar suas defesas. Só para combater os parasitas, nosso sistema imune precisa estar constantemente progredindo. Os biólogos, inspirados na personagem de Alice no país das maravilhas, referem-se a esse fato como a hipótese da Rainha Vermelha. A rainha diz a Alice: “Você tem de correr mais que puder para se manter no mesmo lugar!” Para homens e animais, essa corrida fica por conta da reprodução sexuada.

Mas isso apenas explica por que o sexo existe, e não por que o praticamos com tanta frequência. Não nos reproduziríamos bem com apenas uma fração disso? Sem dúvida é assim que pensa a Igreja Católica quando prega que o sexo destina-se apenas à reprodução. No entanto, o lado prazeroso do sexo não refuta essa idéia? Se o único objetivo fosse a reprodução, com certeza o sexo não precisaria ser tão agradável. Seria para nós o que as verduras são para as crianças: recomendado, mas não empolgante. E isso, obviamente, não foi exatamente o que a Mãe Natureza nos reservou. Alimentados por uma infinidade de terminais nervosos em lugares conhecidos como zonas erógenas (8 mil só no pequeno clitóris), ligados diretamente aos centros de prazer do cérebro, o desejo e a satisfação sexual evoluíram em nosso corpo. A busca do prazer é a razão número um de as pessoas fazerem mais sexo do que o necessário para a reprodução.

A descoberta de que um dos nossos parentes mais próximos tem uma genitália que parece no mínimo tão desenvolvida quanto a nossa e pratica ainda mais sexo “desnecessário” do que nós faz da sexualidade uma característica majoritária no trio de parentes próximos que estamos analisando. Os chimpanzés são a exceção. Sua vida sexual é pobre se comparada à das pessoas e à dos bonobos, e isso não só na natureza, mas também nos zoológicos. Comparando chimpanzés e bonobos em cativeiro que contam com o mesmo espaço para viver, recebem o mesmo alimento e têm o mesmo número de parceiros, os bonobos iniciam um ato sexual em média a cada uma hora e meia, e com muito maior diversidade de parceiros que os chimpanzés, que fazem sexo apenas uma vez a cada sete horas. Portanto, mesmo em ambientes iguais, a sexualização dos bonobos é muito mais acentuada.

Mas nada disso responde à nossa pergunta: por que humanos e bonobos são hedonistas sexuais? Por que somos dotados de apetite sexual além daquele necessário para

fecundar um óvulo de vez em quando, e além dos parceiros que possibilitam isso? O leitor pode argumentar que não tem um interesse em parceiros sexuais tão variado quanto se está afirmando aqui, mas estou-me referindo a nós como espécie. Algumas pessoas são heterossexuais, outras são homossexuais, e há quem aprecie a variedade de parceiros. Além disso, essas classificações parecem arbitrárias. O pioneiro americano das pesquisas sobre sexo Alfred Kinsey situou as preferências humanas em um continuum regular, opinando que o mundo não se divide em ovelhas e bodes e que nossas habituais distinções não são obra da natureza, mas da sociedade. A idéia de Kinsey é corroborada por estudos comparativos de culturas, os quais indicam imensa variação nas atitudes relacionadas com o sexo. A homossexualidade, em algumas culturas, é livremente expressa, e até incentivada. Nesse sentido os gregos antigos são logo lembrados, mas podemos citar também a tribo aranda, da Austrália, onde um homem adulto vive sexualmente com um menino até que o primeiro esteja pronto para se casar com uma mulher. Ali também as mulheres massageiam o clitóris de outras por prazer. Para os keraki, da Nova Guiné, as relações sexuais com homens são parte dos ritos de puberdade de todo menino, e existem outras culturas nas quais os meninos praticam a felação em homens mais velhos para ingerir esperma, que supostamente lhes dá força viril. Essas culturas contrastam com outras que cercam a homossexualidade de medo e tabus, especialmente para os homens, que a disfarçam ressaltando sua heterossexualidade. Nenhum homem heretossexual quer ser tomado por homossexual. A intolerância obriga todos a trincar sua sexualidade e escolher entre as partes, dando a impressão de tipos separados, muito embora, no fundo, possa existir uma ampla gama de preferências, inclusive indivíduos sem preferência alguma.

Saliento esse revestimento cultural para explicar por que uma questão evolutiva comumente aventada — como a homossexualidade poderia ter surgido — talvez não tenha sentido. Já que os homossexuais não se reproduzem, diz o argumento, deveriam ter sido extintos há muito tempo. Mas isso é um enigma apenas se cairmos no engodo das modernas práticas de rotulagem. E se as preferências sexuais declaradas forem apenas aproximações?

E se tivermos sofrido uma lavagem cerebral para pensar que temos, excludentemente, de ser uma coisa ou outra? E quanto à premissa de que homossexuais não se reproduzem? É verdadeira? Eles certamente são capazes de se reproduzir, e na sociedade atual muitos vivem parte da vida casados. Existem muitos casais homossexuais criando filhos em nosso mundo. O argumento da extinção também pressupõe um abismo genético entre homossexuais e heterossexuais. É verdade que as preferências sexuais parecem constitucionais, ou seja, parece que nascemos com elas ou pelo menos as desenvolvemos ainda bem jovens. Mas, apesar dos rumores sobre “genes gays”, até agora não há provas de que exista uma diferença genética sistemática entre homossexuais e heterossexuais.

Deixemos de lado a esfera sexual e falemos somente da atração por indivíduos do mesmo sexo, supondo que ela exista, em certo grau, em todos nós. Facilmente criamos laços com indivíduos que se parecem conosco, portanto essa parte não é difícil de

entender. Uma vez que a atração pelo mesmo sexo não impede a atração pelo sexo oposto, sua evolução não teria encontrado obstáculos. Agora, acrescentemos a isso a idéia de que não existe uma nítida demarcação entre as áreas de atração social e as de atração sexual. Ou seja, a atração pelo mesmo sexo pode ter laivos sexuais que só afloram em determinadas circunstâncias. Se o sexo oposto ficar fora da vista por um longo tempo, por exemplo, como nos internatos, prisões, conventos ou navios, muitos vínculos entre indivíduos do mesmo sexo assumem caráter sexual, o que poderia não acontecer em outras circunstâncias. E assim que as inibições desaparecem, como quando homens bebem demais, eles de repente se penduram no pescoço uns dos outros. A idéia de que as atrações que não são invariavelmente sexuais ainda assim podem conter um lado sexual está longe de ser uma novidade, obviamente:

Freud nos ressaltou essa noção há muito tempo. Temos tanto medo do sexo que tentamos trancafiá-lo numa caixinha com tampa, mas ele foge com grande freqüência e se mistura a uma infinidade de outras tendências.

A atração pelo mesmo sexo não é um problema evolutivo, já que não conflita com a reprodução. Suponhamos, adicionalmente, que essa atração seja muito variável, com seu lado social prevalecendo na maioria dos indivíduos e seu lado sexual, na minoria. Essa minoria é pequena. A estimativa de Kinsey de que existem 10% de homossexuais na população é muito exagerada. Levantamentos mais recentes relatam menos da metade dessa porcentagem. Nessa minoria existe um grupo ainda menor com uma atração pelo mesmo sexo tão intensa que impede o sexo heterossexual e, portanto, a reprodução. O maior estudo randomizado realizado até hoje sobre o comportamento sexual, feito na década de 1990 nos Estados Unidos e Grã-Bretanha, concluiu que a parcela de pessoas exclusivamente homossexuais é inferior a 1%. Somente se essa ínfima minoria possuísse genes não encontrados em mais ninguém teríamos um enigma: como esses genes seriam transmitidos? Mas, como já afirmei, não existem provas incontestes da existência de tais genes. Além disso, os 99% da população com capacidade de reprodução pelo visto não têm dificuldade para transmitir a atração pelo mesmo sexo da qual a homossexualidade parece ser um subproduto.

Em vez de ser uma “preferência”, como alguns conservadores esperançosamente o denominam, esse subproduto ocorre de modo natural para certos indivíduos. É inerente a quem eles são. Em algumas culturas, são livres para expressá-la; em outras, precisam ocultá-la. Como não existe povo sem cultura, é impossível saber como nossa sexualidade se manifestaria na ausência dessas influências. A natureza humana pura é como o Santo Graal: eternamente procurada, mas nunca encontrada.

Entretanto, temos o bonobo. Esse primata é instrutivo, pois desconhece proibições sexuais e tem poucas inibições. Os bonobos demonstram uma rica sexualidade na ausência dos invólucros culturais que criamos. Isso não quer dizer que bonobos são pessoas peludas; claramente, eles são uma espécie separada e diferente. Em uma escala Kinsey de 0 a 6 de heterossexual a homossexual, os humanos podem se situar mais na extremidade heterossexual, mas os bonobos parecem ser totalmente “bi”, ocupando o ponto 3 da escala. Eles são, literalmente, pansexuais, designação que, por uma feliz

coincidência, remete à do seu gênero. Pelo que sabemos, não existem bonobos exclusivamente heterossexuais ou homossexuais: todos praticam sexo com praticamente todos os tipos de parceiro. Quando se divulgou essa notícia sobre nossos parentes mais próximos, fui arrastado para uma discussão em um site gay na internet na qual alguns argumentaram que isso significava que a homossexualidade era natural, enquanto outros protestaram que a idéia fazia a homossexualidade parecer primitiva. Com “natural” soando como algo bom e “primitiva” como algo ruim, a questão era se a comunidade gay deveria ou não alegrar-se pela notícia sobre os bonobos. Eu não tinha resposta para isso: os bonobos existem, quer as pessoas gostem, quer não. Mas sugeri que interpretassem “primitiva” com a acepção que o termo tem na biologia, ou seja, a forma mais ancestral. Nesse sentido, a heterossexualidade é obviamente mais primitiva do que a homossexualidade: no início havia a reprodução sexuada, que levou aos dois sexos e ao impulso sexual. As aplicações adicionais desse impulso, inclusive as relações sexuais entre indivíduos do mesmo sexo, devem ter surgido posteriormente.

O sexo com alguém do mesmo sexo decerto não se limita a humanos e bonobos. Macacos cobrem indivíduos do mesmo sexo para demonstrar dominância ou apresentam o traseiro para pacificar. Nos símios do gênero *Macacus*, fêmeas unem-se como fazem os pares heterossexuais, e uma delas sempre monta a outra. Exemplos e mais exemplos de relações homossexuais têm sido documentados no reino animal, de elefantes machos sendo montados e amassos entre girafas às cerimônias de saudação dos cisnes e carícias mútuas entre baleias. Mas, mesmo que alguns animais passem por períodos nos quais tais comportamentos são comuns, abstenho-me de empregar o termo “homossexual” e sua implicação de uma orientação predominante. Orientações exclusivamente para o mesmo sexo são raras ou ausentes no reino animal. Os bonobos às vezes são descritos como animais gays e inspiraram um “Bar Bonobo” em quase toda cidade cosmopolita. É verdade que eles fazem sexo homossexual com freqüência, se usarmos esse termo apenas para designar o ato. Fêmeas fazem-no entre si o tempo todo, e de fato seu GG-rubbing é o cimento político da sociedade. Essa prática é, claramente, parte da vinculação entre as fêmeas. Os machos também se envolvem em comportamento sexual entre eles, embora menos intensamente do que as fêmeas. Mas nada disso é suficiente para que classifiquemos os bonobos como gays. Não conheço nenhum bonobo que restrinja sua atividade sexual a membros do próprio sexo. Ao contrário: eles são inteiramente promíscuos e bissexuais.

O aspecto mais significativo do sexo entre os bonobos é ser absolutamente trivial e integrado à vida social. Usamos as mãos para cumprimentar, com um aperto de mãos ou tapinhas no ombro, por exemplo, enquanto os bonobos cumprimentam com os genitais. Descrevo a seguir uma cena no Wild Animal Park, a nordeste de San Diego, quando os tratadores e eu demos aos bonobos uma refeição para partilharem enquanto uma câmara filmava suas maneiras à mesa para um programa de divulgação científica. Nós os filmamos em uma jaula espaçosa, com gramado e palmeiras. Embora um macho adulto e musculoso chamado Akili estivesse presente, o grupo era dominado por Loretta, que na época tinha 21 anos. Os primatas fizeram exatamente o que costumam fazer:

resolveram com sexo as tensões provocadas pela comida.

Quando lhes foi posto na frente um grande maço de folhas de gengibre, que eles adoram, Loretta se apoderou de tudo imediatamente. Depois de algum tempo, permitiu que Akili comesse algumas folhas, mas uma fêmea adulta jovem, Lenore, hesitou em juntar-se a eles. Não por causa de Loretta, mas porque Lenore e Akili por alguma razão não se davam bem. O tratador me disse que esse vinha sendo um problema constante. Lenore continuou a olhar para Akili, evitando os movimentos dele. Apresentou a genitália algumas vezes, à distância. Quando Akili não deu resposta, ela se aproximou e esfregou seus genitais intumescidos no ombro dele, que aceitou o ato. Depois disso, permitiram-lhe unir-se ao grupo, e todos comeram juntos pacificamente, embora Loretta ainda controlasse a comida com firmeza.

O grupo incluía também uma adolescente, Marilyn, que tinha outra coisa em mente. Estava enamorada de Akili e o seguia por toda parte, provocando-o sexualmente muitas vezes. Marilyn brincou algum tempo na piscina, estimulando manualmente os genitais enquanto molhava os lábios na água. Depois de excitar-se dessa maneira, puxou o braço de Akili e levou-o até a água para a cópula. Akili atendeu-a mais de uma vez, mas claramente estava dividido entre Marilyn e o banquete. Por que o sexo tinha de acontecer com água pelos joelhos eu não sabia; talvez Marilyn houvesse adquirido um fetiche por água. Idiossincrasias sexuais não são raras nos bonobos.

Nesse ínterim, Loretta demonstrou grande interesse pelo bebê de Lenore. Sempre que ele se aproximava, Loretta estimulava-lhe brevemente os genitais com o dedo, e em uma ocasião abraçou-o de modo que ficassem com os ventres em contato e fez uma série de movimentos de vaivém pélvico como os dos machos. A mãe do filhote, em dado momento, estimulou os genitais de Loretta e em seguida empurrou o bebê na direção desta, como se pedisse que o segurasse.

Nesse breve período, vimos bonobos usando sexo pelo sexo (Akili e Marilyn), para apaziguar (Lenore e Akili) e como sinal de afeição (Loretta e o bebê). Em geral, associamos o sexo à reprodução e ao desejo, mas para os bonobos ele serve a todo tipo de necessidade. A gratificação não é sempre o objetivo, e a reprodução é apenas uma de suas funções.

POR ISSO A DONA É MALANDRA

A bonobo fêmea tem intumescimento genital mesmo quando não está fértil, como por exemplo durante a gravidez ou a lactação. Com a chimpanzé fêmea isso não ocorre. Calculou-se que as chimpanzés fêmeas têm intumescimento genital durante menos de 5% de sua vida adulta, enquanto as bonobos vivem nesse estado quase 50% do tempo. Além disso, exceto por uma queda quando as fêmeas estão menstruadas, o sexo ocorre durante todo o ciclo para a fêmea bonobo, e isso é intrigante. Para que serviria o intumescimento genital, aquele balão grotesco, senão para anunciar fertilidade?

Como o sexo e o intumescimento genital são em grande medida desvinculados da

fertilidade, um macho bonobo precisaria ser um Einstein para descobrir quais filhotes poderiam ser dele. Não que os grandes primatas não humanos tenham noção da relação entre sexo e reprodução. Só os humanos a têm. Mas é muito comum machos favorecerem a cria das fêmeas com quem eles se acasalaram, e assim, efetivamente, estão cuidando e protegendo a própria prole. Entre os bonobos, porém, há sexo demais com parceiros demais para que eles possam fazer tais distinções. Se alguém quisesse planejar um sistema social no qual a paternidade permanecesse obscura, dificilmente faria melhor do que a Mãe Natureza fez para os bonobos. Hoje acreditamos que essa pode ser, na verdade, exatamente a razão: as fêmeas têm a ganhar atraindo os machos para relações sexuais. Repito que não está implícita nenhuma intenção consciente; simplesmente, ocorrem equívocos quanto à fertilidade. A princípio, essa idéia é desnorteante. Embora a paternidade nunca seja tão certa quanto a maternidade, nossa espécie não está muito bem com uma alta confiança na paternidade? Os homens têm muito mais certeza nessa questão do que os machos de animais que vivem em promiscuidade ilimitada. Que problema poderia haver em machos saberem quem são seus descendentes?

A resposta é: o problema do infanticídio por machos que matam recém-nascidos.

Eu estava presente no histórico encontro em Bangalôre, sul da Índia, no qual Yukimaru Sugiyama, renomado primatólogo japonês, deu a notícia inédita de que langures machos, uma espécie de macaco encontrado na Índia, se apoderam de um harém de fêmeas, depõem o líder e em seguida costumam matar todos os infantes. Arrancam-nos da barriga da mãe e os empalam com os dentes caninos. Esse encontro aconteceu em 1979 e, na época, ninguém se deu conta de que ele seria histórico, de que estava nascendo uma das mais provocativas hipóteses da nossa era. A apresentação de Sugiyama foi recebida com um silêncio ensurdecedor, seguido por um dúbio elogio do presidente da mesa por aqueles intrigantes exemplos do que ele chamou de “patologia comportamental”. Foram palavras do presidente da mesa, e não do palestrante. A idéia de que animais matam os de sua própria espécie, e não apenas acidentalmente, era incompreensível e repulsiva.

A descoberta de Sugiyama e sua hipótese de que o infanticídio poderia ajudar a reprodução dos machos foi desconsiderada por toda uma década. Mas então mais relatos apareceram, primeiro sobre outros primatas e por fim relacionados com animais das mais variadas espécies, entre eles ursos, cães-de-pradaria, golfinhos e aves. Quando leões machos se apoderam de um bando, por exemplo, as leoas fazem todo o possível para impedi-los de ferir os filhotes, mas geralmente em vão. O rei dos animais salta sobre o filhote indefeso, abocanha-lhe o pescoço e o sacode, matando-o na hora. Não come a vítima. Parece um ato totalmente deliberado. A comunidade científica não conseguia acreditar que as mesmíssimas teorias que falam de sobrevivência e reprodução poderiam aplicar-se à aniquilação de recém-nascidos inocentes. Mas era isso exatamente que se estava supondo. Quando um macho se apodera de um grupo, não só expulsa o antigo líder; também remove os últimos esforços reprodutivos deste.

Assim, as fêmeas retomarão mais cedo o ciclo reprodutivo, e isso contribuirá para a reprodução do novo macho dominante. Sarah Blaffer Hrdy, antropóloga americana, desenvolveu ainda mais essa idéia e também chamou a atenção para exemplos de infanticídio humano. Já está comprovado, por exemplo, que crianças correm mais risco de sofrer maus-tratos infligidos por um padrasto do que por seu pai biológico, o que parece ter relação com a reprodução masculina. Diz a Bíblia que o faraó ordenou a morte de recém-nascidos, sem falar na passagem mais célebre sobre o rei Herodes, que “mandou matar todos os meninos de Belém e de todos os seus arredores, de dois anos para baixo” (Mateus 2, 16). O registro antropológico mostra que depois de uma guerra é comum crianças de mães capturadas serem mortas. Razões não faltam para incluirmos nossa espécie nos debates sobre o infanticídio por machos.

O infanticídio é considerado um fator importantíssimo na evolução social, opondo machos contra machos e machos contra fêmeas. Estas nada têm a ganhar: perder a cria é sempre desastroso. Hrdy teoriza sobre as defesas das fêmeas. Elas evidentemente fazem todo o possível para defender a si mesmas e à prole, mas, devido ao tamanho maior e às armas especiais dos machos (como dentes caninos), em geral elas não têm êxito. A segunda melhor alternativa é confundir a paternidade. Quando machos forasteiros se apoderam do grupo, como no caso dos leões e dos langures, um recém-chegado pode ter certeza absoluta de que não é pai de nenhum dos filhotes vistos ali. Mas, se um macho já vive no grupo, quando encontra uma fêmea conhecida com um filhote a situação é diferente. O filhote pode muito bem ser dele, por isso matá-lo reduziria a capacidade desse macho para transmitir seus genes. Da perspectiva evolutiva, nada poderia ser pior para um macho do que eliminar seus descendentes. Portanto, supõe-se que a natureza forneceu aos machos uma “regra prática”: só atacar infantes cuja mãe não tenha feito sexo com eles recentemente. Isso pode parecer infalível para os machos, mas abre para as fêmeas a oportunidade de uma brilhante contra-estratégia. Aceitando as investidas de muitos machos, uma fêmea pode precaver-se contra o infanticídio, pois nenhum dos seus parceiros pode descartar a possibilidade de a cria ser dele. Em outras palavras, a galinhagem compensa.

Eis, pois, uma razão possível para os bonobos terem muito sexo e nenhum infanticídio. Este nunca foi observado entre eles, nem na natureza, nem em cativeiro. Já se viram machos investir contra fêmeas com infantes, mas a defesa em massa contra tal comportamento indica uma formidável oposição ao infanticídio. O bonobo é realmente uma exceção entre os grandes primatas, pois o infanticídio é bem documentado em gorilas e chimpanzés, sem mencionar os humanos. Um chimpanzé macho grandalhão na floresta de Budongo, em Uganda, foi descoberto segurando um infante morto de sua própria espécie, parcialmente comido. Havia outros machos por perto, e a carcaça era passada entre eles. Dian Fossey, antropóloga que ganhou fama quando sua história foi contada no filme Nas montanhas dos gorilas, viu um solitário gorila de dorso prateado entrar em um grupo e fazer uma violenta demonstração ritualizada de agressividade. Uma fêmea que dera à luz na noite anterior enfrentou-o com outra demonstração, pondo-se em pé e batendo no peito. O recém-nascido agarrado a seu ventre exposto foi

golpeado imediatamente pelo macho, e morreu com um vagido.

Naturalmente, achamos o infanticídio revoltante. Uma pesquisadora de campo não conseguiu resistir e interferiu quando chimpanzés machos cercaram uma fêmea que rastejava no chão tentando esconder seu infante, emitindo fervorosos grunhidos apaziguadores para evitar o ataque. A pesquisadora esqueceu sua obrigação profissional de não intervir e enfrentou os machos com um grande pedaço de pau. Não foi uma ação das mais inteligentes, pois às vezes chimpanzés machos matam pessoas, mas a cientista conseguiu enxotar os machos e sair ilesa.

Não admira que as chimpanzés fêmeas fiquem longe de grandes agrupamentos de sua espécie por anos depois de terem dado à luz. O isolamento pode ser sua principal estratégia para prevenir o infanticídio. Elas só voltam a ter intumescimento genital perto do fim do período de lactação, que dura uns três ou quatro anos. Até essa época, não têm nada a oferecer aos machos que buscam sexo, mas também ficam desprovidas de um modo eficaz de abrandar um macho agressivo. As chimpanzés fêmeas passam boa parte da vida se deslocando sozinhas com suas crias dependentes. As bonobos, em contraste, reúnem-se ao seu grupo logo após darem cria, e em alguns meses voltam a copular. Têm pouco a temer. Os bonobos machos não têm como saber quais infantes são seus, quais não são. E, como as bonobos fêmeas tendem a ser dominantes, atacar sua cria é arriscado.

Amor livre nascido de autoproteção? “Por isso a dona é malandra”, nos diria Frank Sinatra, na canção “The lady is a tramp”. “Ela ama sentir o vento correr livre e fresco em seus cabelos, a vida sem cuidados”, canta ele. De fato, a vida despreocupada das bonobos fêmeas contrasta com a nuvem negra que paira sobre as fêmeas de muitas outras espécies. O prêmio que a evolução destina a quem dá fim ao infanticídio deve ser inestimável. As bonobos fêmeas batalham por uma causa — a mais urgente imaginável para o seu gênero — com todas as armas à sua disposição, armas tanto sexuais como agressivas. E parecem triunfar.

Essas teorias, porém, não explicam a diversificação da sexualidade dos bonobos. Imagino que esse comportamento originouse quando a evolução transformou os bonobos em animais heterossexuais grupais: o sexo simplesmente transbordou para outras esferas, como a vinculação entre indivíduos do mesmo sexo e a resolução de conflitos. A espécie tornou-se sexualizada aos poucos, e também aos poucos, provavelmente, isso foi se refletindo em sua fisiologia. Neurocientistas descobriram fatos fascinantes sobre a oxitocina, um hormônio comum em mamíferos. A oxitocina estimula as contrações uterinas (costuma-se ministrá-la a mulheres em trabalho de parto) e a lactação. Porém, menos conhecido é o fato de que ela também reduz a agressão. Se um rato macho receber uma injeção desse hormônio, diminuirá a probabilidade de ele atacar filhotes. Ainda mais interessante é o fato de que, no cérebro masculino, esse hormônio apresenta um pico após a atividade sexual. Em outras palavras, o sexo produz um hormônio que ajuda a expressar sensibilidade, que, por sua vez, induz a uma atitude pacífica. Isso poderia explicar biologicamente por que as sociedades humanas nas quais a afeição física é comum e a tolerância sexual é alta são geralmente menos violentas do que as

sociedades sem essas inclinações. Talvez nessas sociedades as pessoas tenham níveis de oxitocina mais elevados. Ninguém jamais mediu a oxitocina em bonobos, mas aposto que eles a têm para dar e vender. Quem sabe John Lennon e Yoko Ono tivessem razão quando passaram uma semana na cama no Hilton de Amsterdã em protesto contra a Guerra do Vietnã: o amor traz a paz.

CINTO DE CASTIDADE

O fato de as bonobos fêmeas serem uma rara história de sucesso na MCI, a imaginária organização Mães Contra o Infanticídio, suscita questões sobre nós, humanos. As mulheres também são ativistas da MCI?

Em vez de seguir o modelo dos bonobos, nossa espécie escolheu seu próprio caminho. As mulheres têm dois elementos em comum com as bonobos: sua ovulação não permite a detecção imediata e elas fazem sexo durante todo o ciclo menstrual. Mas as semelhanças terminam aí. Onde está o intumescimento genital em nossa espécie, e onde está o sexo num estalar de dedos? Começamos pelo intumescimento. Os cientistas se perguntam por que o perdemos, e chegaram a cogitar na hipótese de que nossas nádegas carnudas o substituíram. E não meramente porque as nádegas ocupam a mesma localização no corpo, mas porque elas também aumentam o sex appeal. Só que essa é uma idéia estranha, pois isso não teria conduzido a nádegas de tipos diferentes em homens e mulheres? Connaisseurs que somos, não nos é difícil distinguir entre nádegas masculinas e femininas, mesmo sob uma camada de roupas, porém ainda assim não se pode negar que são mais parecidas do que diferentes. Isso não nos traz vantagem como um sinal sexual. Parece muito mais provável que nunca tenha existido o intumescimento genital em nossa espécie. Provavelmente essa foi uma característica que evoluiu depois que os humanos se separaram dos outros antropóides, e somente na linhagem Pan, já que não é encontrada em nenhum outro grande primata. Quando as mulheres começaram a ampliar sua receptividade sexual, superando até a dos bonobos, que por sua vez é dez vezes maior que a dos chimpanzés, elas não precisaram prolongar nenhuma fase de intumescimento. Em vez de anunciar fraudulentamente, nosso método foi deixar por completo de anunciar. Por que nos bonobos não evoluiu também esse método mais conveniente? Minha hipótese é que, depois de o intumescimento surgir e os machos adquirirem fixação por ele, o processo não pôde ser revertido. As fêmeas com intumescimentos menores teriam perdido o páreo para as mais bem-dotadas. Essa é uma história bem conhecida no campo das características sexualmente selecionadas, no qual se encaixa também o exemplo da sempre crescente cauda do pavão. A competição sobre quem é mais sexy costuma levar a sinais exagerados. O segundo aspecto em que divergimos dos bonobos é a maior restrição nas atividades sexuais dos humanos. Ela nem sempre é evidente, pois em algumas sociedades existe uma liberdade extraordinária. Os povos do Pacífico eram um exemplo antes da chegada dos ocidentais, que lhes levaram valores vitorianos e doenças venéreas. Em Vida sexual dos selvagens,

Bronislaw Malinowski relatou que as culturas dessa região tinham poucos tabus ou inibições. E um comentário fez lembrar muito os bonobos: no princípio, entre os havaianos “o sexo era um bálsamo e uma cola para toda a sociedade”. Os havaianos cultuavam os genitais em músicas e danças e mimavam essa parte do corpo nas crianças. O leite do seio era espirrado na vagina das meninas recém-nascidas, e seus lábios eram moldados para que não viessem a separar-se. O clitóris da menina era esticado e alongado por meio de estimulação oral. O pênis dos meninos recebia tratamento semelhante, para aumentar sua beleza e prepará-lo para o prazer sexual quando mais velho.

No entanto, não é provável ter existido o hedonismo irrestrito em alguma cultura humana. Alguns antropólogos, como Margaret Mead, baseados em informantes e não na observação em primeira mão, criaram uma ficção romântica que permanece entre nós ainda hoje. Mas até as culturas mais sexualmente liberadas não estão livres do ciúme e da violência como reação à infidelidade. Universalmente, as relações sexuais acontecem em local privado e a região genital tende a ser escondida. Que a castidade era conhecida mesmo entre os havaianos mais antigos é indicado pela palavra *malo*, que significa tanga, cuja origem mais provável é *malu*, “vergonha” na língua malaia.

A maioria das sociedades também limita o sexo a poucos parceiros. A poligamia pode ser praticada e aceita, mas na realidade a imensa maioria das famílias no mundo inclui só um homem e uma mulher. A família nuclear é a marca registrada da evolução social humana. Dada a exclusividade dos nossos contatos sexuais, optamos pelo oposto do plano dos bonobos, aumentando a capacidade do homem para distinguir quais filhos são dele. Até o advento dos progressos da ciência moderna, ele podia nunca ter certeza, mas tinha uma chance muito maior que o bonobo de fazer a suposição correta.

A seleção natural moldou o comportamento humano em resposta a pressões muito diferentes das enfrentadas pelos outros grandes primatas. Nossos ancestrais precisaram adaptar-se a um ambiente incrivelmente hostil. Deixaram a proteção da floresta e foram para a savana plana e seca. Não acredite naquelas histórias de primatas assassinos criadas por Robert Ardrey e outros, que mostram nossos ancestrais dominando a savana como os supremos predadores. Nosso ancestral foi presa. Decerto vivia em constante temor das hienas que caçam em bando, dos dez diferentes tipos de grandes felinos e de outras feras. Nesse lugar assustador, as fêmeas com filhos pequenos eram as mais vulneráveis. Incapazes de correr mais depressa que os predadores, nunca podiam aventurar-se muito longe da floresta sem a proteção de machos. Talvez bandos de machos ágeis defendessem o grupo e ajudassem a carregar os pequenos para um lugar seguro durante as emergências. Isso, porém, nunca teria funcionado se houvéssemos adotado o sistema social dos chimpanzés ou o dos bonobos. Machos promíscuos não são nada bons em matéria de comprometimento. Sem esperança de identificar seus descendentes, não têm motivo para investir em cuidados com as crianças. Para conseguir o envolvimento dos machos, a sociedade precisaria ter passado por uma transformação. A organização social humana caracteriza-se por uma combinação única de vínculos masculinos, vínculos femininos e famílias nucleares. Dessas características, temos a

primeira em comum com os chimpanzés, a segunda com os bonobos e a terceira é nossa exclusividade. Não é por acaso que em todos os lugares as pessoas se apaixonam, sentem ciúme sexual, sentem vergonha, procuram a privacidade, buscam figuras paternas além de figuras maternas e valorizam uniões estáveis. A relação íntima entre homem e mulher implícita em tudo isso, ou manutenção do par, como dizem os zoólogos, é inata em nós. A meu ver, isso, mais do que qualquer outra coisa, nos distingue dos outros grandes primatas. Nem mesmo os “selvagens” hedonistas de Malinowski deixavam de apresentar a tendência a formar unidades familiares exclusivas, nas quais tanto homens como mulheres cuidavam dos filhos. A ordem social da nossa espécie gira em torno desse modelo, que deu aos nossos ancestrais um alicerce para construírem sociedades cooperativas nas quais ambos os sexos contribuía e se sentiam seguros. Já se supôs que a família nuclear teria surgido originalmente de uma tendência do macho a acompanhar a fêmea com quem se acasalou para manter rivais infanticidas à distância. Essa prática poderia ter se expandido de modo a incluir o cuidado paterno com a prole. Por exemplo, o pai poderia ajudar a companheira a localizar árvores com frutos maduros, capturar e partilhar presas ou carregar os filhos. Ele próprio poderia ter se beneficiado do talento feminino para usar instrumentos de precisão (as fêmeas dos grandes primatas não humanos são mais hábeis do que os machos) e da coleta pela fêmea de nozes e frutas silvestres. A fêmea, por sua vez, pode ter começado a oferecer sexo para impedir que seu protetor fosse embora atrás de qualquer rabo-de-saia. Quanto mais ambos os lados investiam nesse arranjo, mais passava a estar em jogo. Assim, tornou-se cada vez mais importante para o macho que a prole de sua companheira fosse dele, e só dele.

Na natureza não há almoço grátis. Se as bonobos fêmeas pagaram por seu arranjo com intumescimentos genitais quase contínuos, as mulheres pagaram pelo delas com a diminuição da liberdade sexual. E a motivação para o controle masculino só fez aumentar quando nossos ancestrais deixaram a vida nômade e passaram a acumular bens materiais. Além de transmitirem genes à geração seguinte, agora também legavam riqueza. Considerando a diferença de tamanho entre os sexos aliada à excelente cooperação entre os homens, é provável que a dominância masculina sempre tenha caracterizado nossa linhagem; portanto, a herança provavelmente acompanhou a linha paterna. Com cada homem tentando assegurar que as economias de toda a sua vida terminassem nas mãos certas, as de seus descendentes, tornou-se inevitável a obsessão por virgindade e castidade. O “patriarcado”, como é conhecido, pode ser visto simplesmente como uma consequência da ajuda masculina na criação da prole.

Muitas das restrições morais a que estamos acostumados —incluindo as que mandariam os bonobos para a cadeia se vivessem entre nós — são concebidas para manter essa ordem social específica. Nossos ancestrais precisavam de machos cooperativos que não constituíssem ameaça para as fêmeas e seus filhos e que estivessem dispostos a fornecer ajuda à companheira. Isso significava pares exclusivos e separação entre as esferas pública e privada. Precisávamos refrear as tendências promíscuas imemoriais que devem ter permanecido por algum tempo e ainda permanecem. O resultado foi não só a

sobrevivência, mas um maior crescimento populacional comparado ao dos outros grandes primatas. As chimpanzés fêmeas dão à luz uma vez a cada seis anos, enquanto as bonobos, que vivem em um ambiente mais rico, aproximadamente a cada cinco. A taxa de natalidade entre estas últimas talvez seja a melhor que os grandes primatas não humanos podem ter, já que eles amamentam a cria por quatro ou cinco anos e a carregam por tempo aproximadamente igual. Algumas bonobos dão à luz em tão rápida sucessão que acabam amamentando duas crias. Como não têm carrinho de bebê nem calçadas, sobem nas árvores da floresta com um infante agarrado na barriga e um filhote às costas. Parece um fardo insuportável. As bonobos levaram ao limite o sistema de família uniparental.

A assistência do pai permite o desmame mais cedo, o que explica por que nós, e não os outros grandes primatas, colonizamos o planeta. Mas, como os homens só se dispõem a ajudar quando os filhos provavelmente são seus, domar a sexualidade feminina passou a ser a constante luta masculina. Recentemente, vimos os extremados esforços masculinos por esse controle sob o Talibã, no Afeganistão. Seu Departamento para a Preservação da Virtude e Prevenção do Vício determina o açoitamento em público para as mulheres que deixarem visíveis o rosto ou os tornozelos. Mas também no Ocidente não faltam regras para regulamentar o sexo, sempre aplicadas mais estritamente às mulheres do que aos homens. É devido ao nosso bem conhecido sistema de dois pesos e duas medidas que empresas de seguro-saúde cobrem o Viagra mas não a pílula do dia seguinte. Em todas as línguas, as designações para mulheres adúlteras são bem piores do que para homens aventureiros. Mulher é “puta”, homem é “garanhão”.

Curiosamente, a evolução humana não tem sido nada cooperativa na manutenção da pureza reprodutiva da família. Imagine visitantes extraterrestres encontrando um cinto de castidade e tentando imaginar para que serve. O dispositivo de ferro ou couro encaixa-se em torno dos quadris da mulher, desce até as regiões do ânus e vulva, deixando orifícios pequenos demais para o sexo, mas de tamanho suficiente para outras funções. O pai ou o marido fica com a chave. Não é preciso ser um cientista vindo do espaço para compreender por que o cinto deixava o homem mais sossegado do que os códigos morais. A fêmea da nossa espécie é apenas moderadamente fiel. Se a fidelidade fosse o objetivo da natureza, o apetite sexual feminino seria limitado ao período fértil, e essa fase seria perceptível externamente. Em vez disso, a natureza criou uma sexualidade feminina que é quase impossível de controlar. O argumento comum de que os homens são naturalmente polígamos e as mulheres naturalmente monógamas é tão cheio de furos quanto um queijo suíço. O que vemos, na realidade, é um descompasso entre nossa organização social, que gira em torno da família nuclear, e nossa sexualidade.

Exames de sangue e DNA feitos em hospitais do Ocidente indicam que aproximadamente uma em cada cinquenta crianças não é filha do pai mencionado em sua certidão de nascimento. Em alguns estudos, a disparidade é consideravelmente maior. Com tantas “procedências duvidosas”, não admira que seja a semelhança de uma criança com seu pai a que as pessoas mais ressaltem. É notável como até as mães adoram comentar que

o filho “puxou ao pai”. Todos sabemos qual dos genitores precisa ser tranquilizado. Poucas sociedades toleram abertamente casos extraconjugais. Uma dessas raridades são os índios barí, da Venezuela, que possuem um sistema muito parecido com o dos bonobos: as mulheres têm relações sexuais com vários parceiros, de modo que a paternidade é indefinida. O lado humano desse sistema está no fato de que isso ajuda as mulheres a assegurar a assistência dos homens. Os índios barí acreditam que, quando um feto se forma, em geral de marido e mulher, precisa ser nutrido com sêmen. Por isso, tanto o marido como todos os outros parceiros da mulher contribuem para que o feto cresça. (Isso pode soar estranho a ouvidos modernos, mas devemos lembrar que só no século XIX tivemos prova científica de que o óvulo é fertilizado por apenas um espermatozóide.) Quando nasce, o bebê é considerado produto não de um, mas de vários pais biológicos. A paternidade conjunta tem vantagens distintas em culturas com taxas elevadas de mortalidade infantil. Um pai, sozinho, tem dificuldade para sustentar a família. Se diversos homens sentirem que têm essa obrigação, isso ajudará a criança a sobreviver. Efetivamente, as mulheres compram o sustento do filho fazendo sexo com vários homens.

Mesmo que a família nuclear nem sempre se encaixe no modo como os biólogos ocidentais a vêem — um homem ajudando sua companheira em troca da fidelidade dela —, a idéia básica ainda é a mesma: as mulheres buscam o máximo de proteção e assistência que puderem conseguir, e os homens são atraídos para esse esquema pelas relações sexuais. Algumas mulheres acham que seus irmãos ajudam mais que os parceiros, mas o padrão humano mais típico é, de longe, a troca de sexo por comida entre um homem e uma mulher com filhos dependentes.

O GRANDE INSEMINADOR

Em Totem e tabu, Sigmund Freud imaginou que nossa história começou com o que ele chamou de “horda primal de Darwin”. Um pai ciumento e violento monopolizava todas as mulheres e expulsava os filhos homens assim que cresciam. Isso desencadeou a revolta contra a autoridade paterna. Os filhos uniram-se para matar o pai e depois o devoraram. Consumiram-no também metaforicamente, internalizando a força e a identidade do pai. Durante seu reinado eles o haviam detestado, mas depois de sua morte eles finalmente puderam reconhecer o amor que também sentiam. Veio então o remorso, seguido pela adulação e por fim a emergência do conceito de Deus. “No fundo” concluiu Freud, “Deus nada mais é do que um pai glorificado.”

As religiões tendem a apresentar a moral sexual como uma determinação divina. Com isso, remontam a essa imagem de um macho alfa ancestral que, segundo Freud, sempre exerceu forte domínio sobre nossa psique. É fascinante pensar que padrões imemoriais de competição sexual são perpetuados por religiões sem que nos demos conta disso. Mas esses padrões perseveraram também na vida real. Os antropólogos deram-nos fartas provas de que homens poderosos controlam mais mulheres e têm prole maior.

Um exemplo assombroso provém de um levantamento genético em países da Ásia central. Fez-se um estudo dos cromossomos Y, encontrados apenas em homens. Nada menos que 8% dos homens asiáticos possuem cromossomos Y praticamente idênticos, e isso leva a crer que todos descendem de um mesmo homem. Esse ancestral teve tantos filhos que a estimativa é de que hoje existem 16 milhões de descendentes seus do sexo masculino. Determinando que esse grande inseminador viveu há aproximadamente mil anos, os cientistas apontaram Gengis Khan como o candidato mais provável. Khan, seus filhos e netos controlaram o maior império da história mundial. Seus exércitos dizimaram populações inteiras. Mas as mulheres bonitas não ficaram para os soldados; foram levadas para o soberano mongol.

Permanece até hoje a tendência de homens poderosos se apoderarem de uma fatia desproporcional da torta reprodutiva. Mas a rivalidade masculina em estado bruto foi substituída por um sistema no qual potencialmente cada homem tem sua família e toda a comunidade sanciona e respeita o vínculo com sua companheira. Esse sistema pode estar presente entre nós há um bom tempo. O que nos leva a essa hipótese são a diferença de tamanho entre homens e mulheres e, por estranho que pareça, a dimensão dos nossos testículos. Existem duzentas espécies de primatas, e, naquelas em que um único macho monopoliza várias fêmeas, os machos sempre são muito maiores do que elas. A horda primal de Freud faz lembrar um harém de gorilas, cujo temível pai tem o dobro do tamanho de suas numerosas parceiras. Ironicamente, porém, quanto mais dominador é o macho de uma espécie, menores são seus testículos. Os do gorila pesam pouquíssimo em comparação com o peso total do corpo. Isso tem sentido, pois nenhum outro macho chega perto das fêmeas de um macho dominante. Como ele é o único responsável pela fertilização, bastam pequenas quantidades de esperma. Em contraste, entre os promíscuos chimpanzés e bonobos, muitos machos competem pelas mesmas fêmeas. Se uma fêmea se acasala com vários machos no mesmo dia, os espermatozóides de todos os seus parceiros apostarão corrida em direção ao óvulo. É a competição dos espermatozóides. Vence o macho que enviar os espermatozóides mais numerosos e mais saudáveis. Nesse caso, os machos não precisam ser tão grandes e tão fortemente armados quanto os senhores de harém do reino animal, como morsas, gorilas, cervos e leões, entre outros. Entre os animais nos quais vigora a competição de espermatozóides, as fêmeas não são muito menores do que os machos. Chimpanzés fêmeas pesam cerca de 80% do que pesam seus machos, e, para bonobos e humanos, a diferença de peso entre os sexos é ligeiramente menor. Essas três espécies, mas principalmente as duas últimas, mostram sinais de reduzida competição masculina. Mas há uma grande diferença: chimpanzés e bonobos são muito mais promíscuos do que nós. Nossos testículos refletem esse fato: são meros amendoins comparados aos cocos dos nossos parentes primatas. Guardadas as proporções, os testículos do chimpanzé são cerca de dez vezes maiores que os do homem. Os do bonobo não foram alvo de mensurações cuidadosas, mas parecem ser maiores que os do chimpanzé, enquanto o corpo do bonobo é menor. Portanto, também nesse quesito os bonobos parecem ser campeões. A ciência tem gastado muito mais tinta com o tamanho do nosso cérebro do que com o

dos nossos testículos. No entanto, no esquema mais amplo do comportamento animal, comparações de genitais são altamente instrutivas. Sugerem que combinamos dois elementos não encontrados juntos em nenhum dos nossos parentes próximos: uma sociedade de múltiplos machos com baixa competição de espermatozóides. Não obstante a história de Gengis Khan — que retrata principalmente a competição por mulheres fora do próprio grupo —, nossos pequenos testículos indicam que, o mais das vezes, nossos ancestrais do sexo masculino não competiram todos pelas mesmas fêmeas de seu grupo. Algo deve ter evitado a promiscuidade desenfreada. Algo deve tê-lo desviado fundamentalmente da competição aberta por parceiras que vemos em chimpanzés e bonobos. Esse “algo” sem dúvida é a família nuclear, ou pelo menos a existência da manutenção do par heterossexual estável. Nossa anatomia conta uma história de romance e vinculação entre os sexos que remonta a tempos imemoriais, talvez mesmo ao princípio da nossa linhagem. Essa idéia é corroborada por fósseis de *Australopithecus*, cuja insignificante diferença de tamanho entre machos e fêmeas sugere uma sociedade monógama.

Apesar dessa herança, os efeitos da dominância e privilégio dos machos permanecem presentes em nossas sociedades. Vemos isso no fato de que certos homens arrogam-se o direito a mais parceiras sexuais do que outros, e também no tratamento dispensado às mulheres. Quando machos dominam, têm meios de extrair sexo: “estupro” nos humanos e “cópula forçada” em animais. Quero deixar bem claro, porém, que o fato de tal comportamento ocorrer não significa que é ditado pela biologia. Um livro recente no qual se afirmou que o estupro é natural provocou tremenda comoção sobretudo porque foi visto como uma tentativa de justificar tal comportamento. A idéia originalmente derivou de pesquisas com insetos, dos quais algumas espécies possuem características anatômicas — uma espécie de tenaz — que ajuda os machos a forçar fêmeas a fazer sexo. Os homens obviamente não possuem características desse tipo, e, embora a psicologia básica do estupro (como predisposições violentas ou falta de empatia) possa ter um lado genético, pensar que o estupro em si está codificado em nossos genes equivale a supor que algumas pessoas nascem para incendiar casas ou escrever livros. A espécie humana é programada de forma demasiadamente imprecisa para que um comportamento tão específico seja genético.

Tanto nos humanos como nos outros grandes primatas, a relação sexual involuntária é, na verdade, uma opção disponível a qualquer macho que deseje uma fêmea e seja capaz de controlá-la. Os machos bonobos não têm essa opção: como as fêmeas são dominantes, eles jamais recorrem a algo mesmo remotamente parecido. Já os chimpanzés machos não são avessos a forçar fêmeas ao sexo. Em cativeiro isso é raro, graças à eficiência das alianças entre fêmeas. Já vi machos blefarem e intimidarem fêmeas relutantes em acasalar-se, mas quase sempre existe um ponto em que as outras se põem a ajudar a companheira e coletivamente interrompem as investidas indesejadas. Também nas sociedades humanas o estupro e o assédio sexual são menos comuns sempre que as mulheres estão cercadas por uma rede de apoio familiar.

As chimpanzés fêmeas na natureza, por sua vez, são vulneráveis porque freqüentemente

se deslocam sozinhas. Os machos podem afastar-se da tensa atmosfera com outros machos levando uma fêmea com intumescimento genital para um “safári”. Levam-na para a periferia do território da comunidade por vários dias, às vezes por meses. Isso é perigoso porque, estando tão perto dos vizinhos, correm o risco de ataques mortais. A fêmea pode acompanhá-lo voluntariamente, mas com frequência é uma relação forçada. Não é raro machos atacarem fêmeas para coagi-las a ficar perto deles. A mais reveladora ilustração desse fato foi a descoberta de equipamento de “surrar esposa” em uma comunidade de chimpanzés. Na floresta ugandense de Kibale, alguns machos adquiriram o hábito de espancar fêmeas com porretes de madeira. A primeira vez que se observou um desses ataques foi com uma fêmea com intumescimento genital, Outamba, que foi espancada pelo macho alfa Imoso. Os pesquisadores de campo viram Imoso bater umas cinco vezes em Outamba com um pedaço de pau. Exausto, ele descansou por um minuto e recomeçou a surra. Desta vez com dois porretes, um em cada mão, em dado momento ele se pendurou em um galho acima da vítima e a chutou. Por fim, a filha pequena de Outamba, não suportando mais a cena, veio em socorro da mãe, esmurrando as costas de Imoso até ele desistir.

Sabia-se que os chimpanzés usavam galhos de árvore e gravetos para golpear predadores, como os leopardos, mas até recentemente ataques armados a membros da própria espécie eram considerados exclusividade dos humanos. E o hábito de espancar fêmeas parece ter se disseminado, porque depois disso vários outros machos de Kibale foram vistos fazendo o mesmo. A maioria dos ataques é contra fêmeas com intumescimento genital e sempre envolve armas de madeira, o que, supõem os estudiosos, é sinal de contenção. Os machos também poderiam usar pedras, mas isso talvez ferisse gravemente ou matasse as parceiras, o que não interessa a eles. Querem forçar a obediência e geralmente acabam por acasalar-se com as fêmeas que espancam. A disseminação por imitação desse hábito abominável mostra o grau em que os grandes primatas são influenciados socialmente. Muitos seguem o exemplo de outros. Portanto, devemos ter o cuidado de não tirar conclusões precipitadas sobre a “naturalidade” desse comportamento. Os chimpanzés machos não são programados para espancar fêmeas. Ocorre que são capazes de fazê-lo em determinadas circunstâncias. Comportamento inato é coisa rara em nossos parentes mais próximos, e ainda mais rara em nós. Existem poucos exemplos de comportamentos humanos que sejam universais e se desenvolvam cedo na vida — os dois melhores critérios para definir o que é inato. Toda criança normal ri e chora, portanto rir e chorar parecem enquadrar-se na definição. Mas a grande maioria dos comportamentos humanos não se encaixa. É claro que a coerção sexual seria desnecessária se as fêmeas se dispusessem a acasalar-se com qualquer macho. Isso não ocorre: as chimpanzés fêmeas têm francas preferências em matéria de parceiros. Uma fêmea pode preferir acasalar-se com um macho de posição inferior na hierarquia apesar da presença do macho alfa, que tenta controlá-la. Por dias o alfa procura se manter perto dela, sem comer, com pouco tempo para beber, guardando ciumentamente seu objeto de desejo. Assim que, exausto, ele vai tirar uma soneca no meio do dia, a fêmea se anima e tenta encontrar-se à socapa com o amante. Este,

astuto, se mantém à vista aonde quer que ela vá. Já vi machos alfa desistirem depois de reconhecer que a missão é impossível.

As tensões entre os machos podem provocar cenas engraçadas. Vi certa vez um jovem macho chamado Dandy fazer investidas amorosas para uma fêmea, o tempo todo olhando em volta com medo de que outros machos o observassem. No exato momento em que ele exibia seu ardor sexual abrindo as pernas para mostrar sua ereção para a fêmea, um dos machos dominantes apareceu por ali. Dandy imediatamente escondeu o pênis com as mãos, como um garoto encabulado.

Há também a “barganha sexual”, como eu a chamo: chimpanzés machos, em vez de lutarem por uma fêmea, dedicam-se a prolongadas sessões de grooming. Um macho passa longo tempo fazendo grooming no alfa antes de se aproximar de uma fêmea com intumescimento genital, que aguarda pacientemente ali perto. Se a fêmea estiver disposta a acasalar-se, o parceiro ficará de olho no macho alfa enquanto a monta. Às vezes, o alfa se ergue com os pêlos eriçados e balança o corpo de um lado para outro — encrenca à vista. O macho interrompe o contato com a fêmea e volta ao grooming com o alfa. Mas depois de uns dez minutos fará nova tentativa, voltando a convidar a fêmea enquanto observa atentamente o alfa. Já vi machos se fartarem do pagamento em grooming. Mantendo-se perto da fêmea, viraram-se para o alfa com a mão espalmada para cima, num gesto de súplica típico de humanos e outros grandes primatas, pedindo para acasalar-se sem ser perturbados.

O próprio alfa também precisa fazer grooming nos outros, especialmente quando a atmosfera entre os machos está tensa. Não é comum outros machos se aliarem contra o macho dominante, mas nunca se pode excluir essa possibilidade. Quanto mais frustrados os outros ficam com a possessividade do alfa, maior a chance de que uma tentativa de acasalamento provoque demonstrações ritualizadas de agressividade tão perto da cena que até para o alfa se torna difícil concentrar-se no sexo. Portanto, todos pagam o preço em grooming. Por estranho que pareça, os chimpanzés machos fazem mais grooming uns nos outros quando as tensões sexuais são mais fortes.

JOVENS CASADOURAS

Certa vez fotografei uma fêmea bonobo adolescente com os dentes arreganhados, guinchando durante a cópula com um macho que tinha uma laranja em cada mão. A fêmea se apresentara assim que vira as guloseimas. E, como esperava, saiu dali com uma das frutas. Logo ficou claro o quanto achamos familiar esse padrão quando vi a reação de uma platéia de profissionais da área a essa foto. Em seguida à minha palestra, fomos almoçar em um restaurante. Um zoólogo australiano grandalhão pulou numa mesa com duas laranjas nas mãos. A gargalhada foi geral — nossa espécie é muito antenada para o mercado sexual.

A autoconfiança de uma jovem fêmea flutua com o tamanho de seu intumescimento genital. Com ele, a fêmea não hesita em aproximar-se de um macho com comida.

Acasala-se enquanto lhe tira das mãos todo o maço de folhas e ramos. Dificilmente dará ao macho a chance de salvar um ramo para si e, às vezes, agarra a comida em pleno ato sexual. Isso contrasta nitidamente com os períodos em que ela não tem intumescimento; nesse caso, espera pacientemente até que ele esteja disposto a compartilhar. Cenas semelhantes foram vistas na floresta. Quando cientistas japoneses atraíam bonobos para uma clareira com cana-de-açúcar, fêmeas adolescentes rodeavam os machos que estavam com a comida, apresentando seus genitais intumescidos. Alguns machos recuavam, tentando evitar essas investidas. Mas as jovens fêmeas sempre persistiam até conseguirem uma cópula, que invariavelmente resultava em partilha. Os observadores comentaram que as jovens fêmeas pareciam saber que seriam “pagas” pelo sexo. Davam a impressão de estar forçando os machos a tais transações, pois não necessariamente os machos sentem atração por fêmeas tão jovens.

As barganhas de sexo por comida também foram observadas em chimpanzés. Robert Yerkes, um dos pioneiros da primatologia, fez experimentos com o que chamou de relações “conjugais”. Depois de jogar um amendoim entre um macho e uma fêmea, ele observou que os privilégios da fêmea com intumescimento genital excediam os de outras sem esse instrumento de troca. As fêmeas de chimpanzé com intumescimento invariavelmente ficavam com o prêmio. Na natureza, muitos episódios de caça são seguidos de partilha da carne com fêmeas com intumescimento.

De fato, quando há fêmeas nesse estado por perto, os machos podem caçar com mais avidez devido às oportunidades sexuais. Um macho de baixa posição hierárquica que captura um cólobo (espécie de macaco africano) automaticamente se transforma em ímã para o sexo oposto, o que lhe dá a chance de acasalar-se em troca de carne se ele não for descoberto por outro de posição mais elevada na hierarquia.

São muito diferentes as permutas entre os bonobos. Em vez do macho, é a fêmea bonobo que procura tais oportunidades, e não qualquer fêmea, apenas as jovens. Isso é compreensível, considerando o status elevado das fêmeas adultas, que torna obsoleta a barganha com sexo. O aspecto mais intrigante é o fato de os machos adultos só cederem com relutância a fêmeas adolescentes. Eles não gostam de jovens casadouras? E, em caso positivo, como isso se encaixa no que os psicólogos evolucionistas dizem sobre as preferências humanas? A atração masculina por mulheres mais jovens é considerada universal. Uma pequena indústria de estudos emergiu em torno da teoria de que todo homem procura uma mulher jovem, de pele lisa e seios empinados no auge da fertilidade, e de que toda mulher quer saber mesmo é de dinheiro porque só se interessa por homens como provedores. Os dados em apoio a essa hipótese provêm de respostas a questionários e reações a fotografias. Mas, obviamente, as únicas escolhas que de fato importam são as feitas na vida real e, mais precisamente, as que resultam em descendentes.

Os psicólogos evolucionistas afirmam que os homens têm um padrão físico preciso quando procuram uma parceira. O sapatinho que toda Cinderela precisa calçar é uma cintura com 70% da circunferência dos quadris. Essa proporção de 70% entre cintura e quadris supostamente está programada nos genes humanos masculinos. Mas isso supõe

um gosto masculino imutável, enquanto o ponto forte da nossa espécie obviamente é sua adaptabilidade. A meu ver, a uniformidade da preferência sexual masculina é tão crível quanto a velha afirmação comunista de que um tipo de carro pintado de um tipo de cor satisfaria toda a nação.

A beleza está nos olhos de quem vê. O que hoje achamos belo pode não tê-lo sido sempre. Por isso Peter Paul Rubens nunca pintou alguém com uma silhueta de tábua como a das nossas supermodelos. Uma análise recente de coelhinhos da Playboy e de moças que foram Miss América (veja só a que ponto chegou a ciência!) derruba a hipótese de que a proporção ideal entre cintura e quadris é fixa. O estudo mostrou grande variação nessa proporção — de 50% a 80% — em ícones modernos da beleza. Se a proporção preferida mudou tão drasticamente no último século, podemos imaginar quanta flutuação pode ter ocorrido em períodos mais longos. Apesar disso, não deixa de ter sentido que em uma espécie como a nossa, na qual as parcerias são prolongadas, os homens tenham uma queda por parceiras jovens. Mulheres mais jovens são mais disponíveis e mais valiosas devido à vida reprodutiva que têm pela frente. Esse viés talvez ajude a explicar a eterna luta das mulheres para parecer mais jovens: botox, silicone, plástica facial, tintura no cabelo etc. Ao mesmo tempo, devemos perceber que esse viés é excepcional. Bonobos e chimpanzés machos tendem a preferir companheiras totalmente maduras. Se houver uma oferta de várias fêmeas com intumescimento genital ao mesmo tempo, os chimpanzés machos invariavelmente cortejarão as mais velhas. Não fazem o menor caso das adolescentes, mesmo das que já têm idade para acasalar-se e conceber. Também entre os bonobos as fêmeas jovens imploram por sexo, enquanto as mais velhas só precisam esperar que os machos venham até elas. Os machos dos grandes primatas não humanos praticam a discriminação etária inversa. Talvez prefiram parceiras experientes, que já tenham alguns filhos saudáveis. Na sociedade deles, tal estratégia teria sentido.

Existe, porém, uma limitação que animal nenhum pode contornar. Para colher os benefícios da reprodução, é necessário evitar a endogamia. Nos grandes primatas não humanos, a solução da natureza é a migração das fêmeas: as jovens deixam o grupo. Separam-se de todos os machos aparentados com elas: aqueles que elas podem saber que são parentes, como seus irmãos pelo lado materno, e aqueles que elas não têm como saber se o são, como o pai e os irmãos do lado paterno. Ninguém supõe que os grandes primatas não humanos, ou qualquer outro animal, tenham alguma idéia dos efeitos danosos da endogamia. As tendências migratórias são produto da seleção natural, e não de uma decisão consciente: durante a história evolutiva, fêmeas que migraram produziram descendentes mais saudáveis do que as que não migraram.

As bonobos não são expulsas por sua comunidade nem raptadas por machos vizinhos. Simplesmente se tornam andarilhas, permanecem cada vez mais na periferia do grupo, rompendo o vínculo com a mãe. Entram em um estado de apatia sexual, sem dúvida um estado estranhíssimo para um bonobo. Desse modo, evitam o sexo com os machos da comunidade. Partem por volta dos sete anos de idade, época em que surge seu primeiro intumescimento genital. Equipadas com esse passaporte, tornam-se “turistas”, visitando

várias comunidades vizinhas antes de se fixar em uma delas. E então, subitamente, sua sexualidade floresce. Praticam GG-rubbing com outras fêmeas e copulam com novos machos que encontram em florestas estranhas. Nessa fase seu intumescimento genital ocorre regularmente, é quase contínuo e aumenta de volume a cada novo ciclo, até atingir o tamanho máximo aproximadamente aos dez anos. Elas podem engravidar de seu primeiro bebê entre treze e catorze anos.

Para os machos, a situação difere radicalmente. No árido jargão científico, o investimento na prole é “assimétrico” entre os sexos. O macho emprega uma gota de sêmen, que ele possui em abundância. A fêmea, em contraste, investe um óvulo, que, se fertilizado, resulta em uma gestação de oito meses que requer muita comida adicional. Seguem-se cerca de cinco anos de lactação, que demandam ainda mais comida extra. Se todo esse esforço fosse desperdiçado em filhos doentes ou deformados resultantes de endogamia, o custo seria enorme. Os machos têm muito menos a perder. Como as irmãs de um macho e outras fêmeas com quem ele poderia ter parentesco foram todas embora ou estão de partida, o risco de endogamia é mínimo. Somente com a mãe dele isso poderia ocorrer, e, como seria de esperar, essa é a única combinação de parceiros sexuais ausente na sociedade bonobo. Quando o filho é muito novo, com menos de dois anos, uma mãe pode ocasionalmente praticar a fricção dos genitais nele, mas logo encerrará a prática. Não conseguindo nada com a mãe, os machos jovens buscam fazer sexo com outras fêmeas. Muitas das fêmeas com intumescimento genital satisfazem os desejos dos pequenos domjuans, que as solicitam com as pernas abertas e o pênis balançando. Mas, quando esses jovens machos chegam à puberdade, os machos adultos começam a vê-los como rivais e os relegam à retaguarda dos grupos que saem para buscar alimento. Só muitos anos depois esses indivíduos estarão prontos para reivindicar uma posição elevada na hierarquia. A essa altura, suas irmãs mais velhas já terão partido, ficando assim assegurado que eles só fertilizarão fêmeas não aparentadas.

TENTAÇÕES VOLUPTUOSAS

Sempre me interessei por peixes e aves. Mesmo hoje em dia, tenho aquários nas minhas salas e laboratórios, e às vezes peço a meus alunos que cuidem deles. Eles me procuram para aprender sobre primatas e eu lhes empurro peixes! Mas faz parte de sua educação. Sendo estudantes de disciplinas antropocêntricas, como psicologia e antropologia, eles riem da idéia de que esses animais escorregadios da base da escala evolutiva possam ser interessantes. Mas os peixes têm muito a nos ensinar. E, assim como ocorre para cada criatura no planeta, o impulso de reproduzir-se está no cerne de sua existência.

Em um enorme aquário tropical construído na parede de minha casa, um peixinho causou-me profunda impressão. Vivendo com muitos outros peixes, grandes e pequenos, um macho e uma fêmea de kribensis começaram a fazer a corte. Os kribensis são ciclídeos que formam par para a vida toda. Essa família de peixes é conhecida pelo zelo com a prole. A barriga da fêmea adquiriu um tom vermelho-cereja, e ambos, macho e

fêmea, ganharam vivas bordas alaranjadas na cauda e nadadeiras dorsais. Os dois tremularam e dançaram o dia todo e, juntos, enxotaram os outros kribensis. Como sempre, o macho perseguiu os machos, e a fêmea, as fêmeas. Demarcaram um canto do aquário com densa vegetação. A barriga da fêmea começou a avolumar-se. Não prestei muita atenção, pois os peixes que tentam reproduzir-se em um aquário com muitos outros geralmente perdem toda a prole, devorada pelo bando de famintos à sua volta. Por isso, um belo dia me surpreendi ao ver o macho tomando conta da cria. Não sei o que aconteceu com sua parceira.

Talvez no afã de manter limpo o seu canto, ele a tenha expulsado. Entre os ciclídeos é comum o macho cuidar da prole, e esse macho era um verdadeiro Davi contra muitos Golias. Mantinha longe peixes seis vezes mais compridos e centenas de vezes mais pesados do que ele. Compensava sua pequenez arremetendo, dando cabeçadas e incomodando quem chegasse perto. Depois de expulso o intruso, voltava para sua coleção de bolinhas nadadoras e se punha em determinada postura quase rente ao chão. Todos os filhotes reuniam-se então em um denso aglomerado embaixo dele.

Com o tempo, porém, os peixinhos tornaram-se mais aventureiros, e a tarefa de reuni-los foi ficando cada vez mais difícil. Outros peixes tentavam aproximar-se daqueles petiscos móveis, e o papai fazia hora extra. Acho que ele não comeu nada durante esse período, e provavelmente estava estressadíssimo. Após quatro semanas de valentes esforços, ele morreu. O macho outrora sadio e de cores vivas tornou-se um pálido cadáver que retirei do aquário. Mas sua prole crescera o suficiente para sobreviver, e acabei tendo mais 25 kribensis no aquário, muitos dos quais dei de presente. Embora a vida desse macho tenha terminado prematuramente, foi um sucesso total: ele se multiplicou. Do ponto de vista biológico, a produção de descendentes vale todo o trabalho do mundo. Sua prole herdará a mesma propensão a empenhar-se, e o resultado será todo um ciclo de reprodução bem-sucedida. A seleção natural elimina os que fazem corpo mole ou são avessos ao risco; tais indivíduos não terão muitos genes na geração seguinte. Meu kribensis macho claramente recebeu seus genes de uma longa linhagem de pais e avós heróicos, e fielmente levou avante a tradição. Conto essa história para mostrar que, no fundo, o que fazemos em nossa sociedade, ou o que os bonobos fazem na deles, não é diferente do que todos os outros animais fazem. Hoje em dia, obviamente, as pessoas limitam o tamanho da família. Muitos nem têm filhos. Mas os 6 bilhões de seres humanos do mundo não estariam onde estão se a reprodução não fosse absolutamente essencial à nossa evolução. Cada característica humana origina-se de ancestrais que conseguiram transmitir seus genes. Nosso quadro evolutivo só difere do de um peixe porque nos reproduzimos de um jeito muito mais complicado. Vivemos em grupo, criamos, alimentamos e educamos nossos filhos por anos, buscamos status e privilégios para eles, guerreamos, lutamos contra a endogamia, legamos bens, e assim por diante. A sobrevivência além da própria reprodução pode não importar para um peixe, mas é parte importante de nossa rede social e explica o curioso fenômeno da menopausa como o modo que a natureza encontrou para que as mulheres mais velhas possam ajudar a cuidar dos filhos de seus filhos. Com sociedades muito mais complexas

que a dos peixes, e um tanto mais complexas que as dos outros primatas, tivemos de expandir a capacidade do nosso cérebro para sermos mais espertos que todos à nossa volta. Mas, fundamentalmente, continuamos a ser indivíduos que buscam a maior representação genética possível na geração seguinte.

O grande tema da natureza permite-nos entender o comportamento dos humanos e dos bonobos, reconhecendo que ambos lutam pelo mesmo fim por diferentes meios. Em um lance bem-sucedido para barrar o infanticídio, evoluiu entre os bonobos uma sociedade sexualizada e dominada pelas fêmeas na qual a paternidade é um mistério. É difícil, ao descrever essa sociedade, evitar a terminologia que criamos para nos referir à nossa própria vida sexual: palavras como “promíscuo”, “livre” ou “hedonista”, termos que dão a impressão de que esses primatas estão fazendo algo errado ou alcançaram um grau inédito de emancipação. Mas não é nada disso. Os bonobos fazem o que fazem simplesmente porque isso permite a sobrevivência e a reprodução ótimas no meio em que vivem.

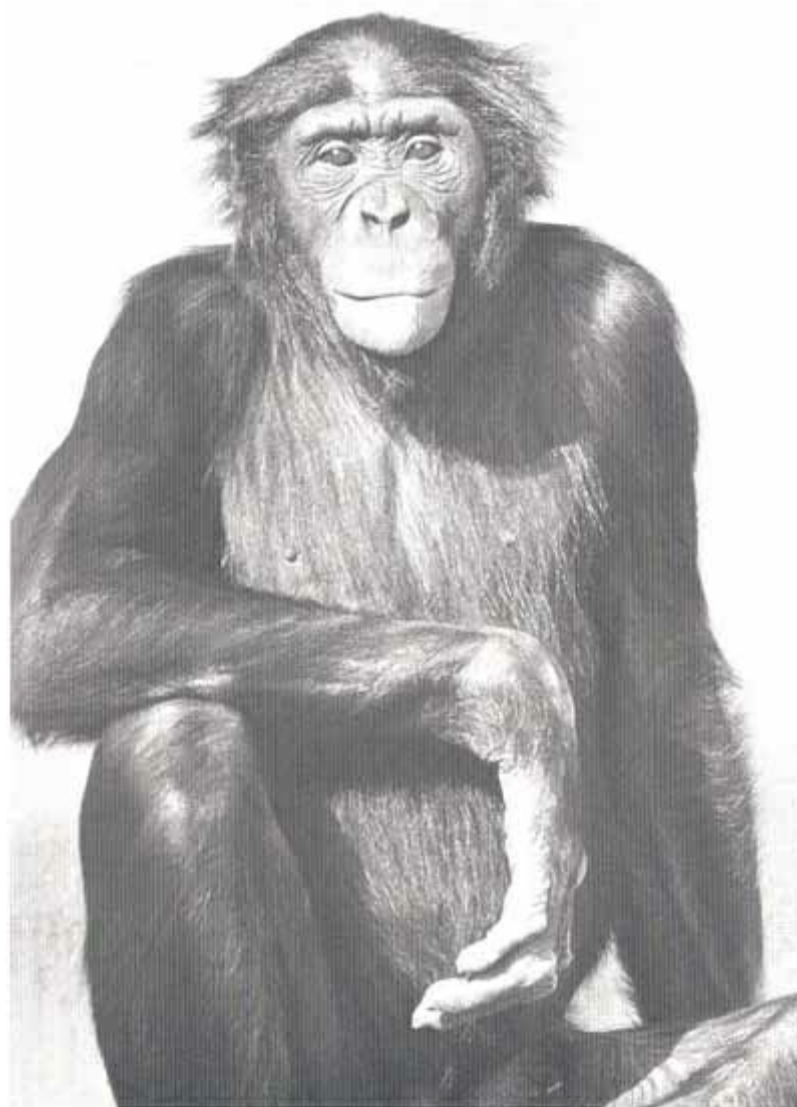
Nossa evolução seguiu rumo diferente. Aumentando a certeza sobre a paternidade, abrimos caminho para um envolvimento ainda maior do pai nos cuidados com os filhos. No processo, tivemos de limitar o sexo fora da família nuclear. Até nossos testículos pequenos contam uma história de maior compromisso e liberdade refreada. A livre troca de parceiros não pode ser tolerada em um sistema reprodutivo como esse. Assim, domar a sexualidade tornou-se uma obsessão humana, a ponto de algumas culturas e religiões determinarem a remoção de parte dos genitais femininos ou equipararem o sexo em geral com o pecado.

Durante boa parte da história do Ocidente, os seres humanos mais puros, mais enaltecidos, foram o monge abstinente e a freira virgem. Mas a supressão da carne nunca é completa. Acho muito revelador que os sonhos dos eremitas, que viviam a pão e água, tivessem por tema donzelas voluptuosas, e não fartas refeições. Para os machos, o sexo sempre está em primeiro lugar, como meus chimpanzés demonstram sempre que há uma fêmea com genitais intumescidos. Quando amanhece, tamanha é sua ansiedade de sair da jaula para um dia de atividade e divertimento que podemos oferecer qualquer fruta que eles normalmente apreciam e eles passarão ao largo. A mente cheia de testosterona não se desvia de seu único propósito.

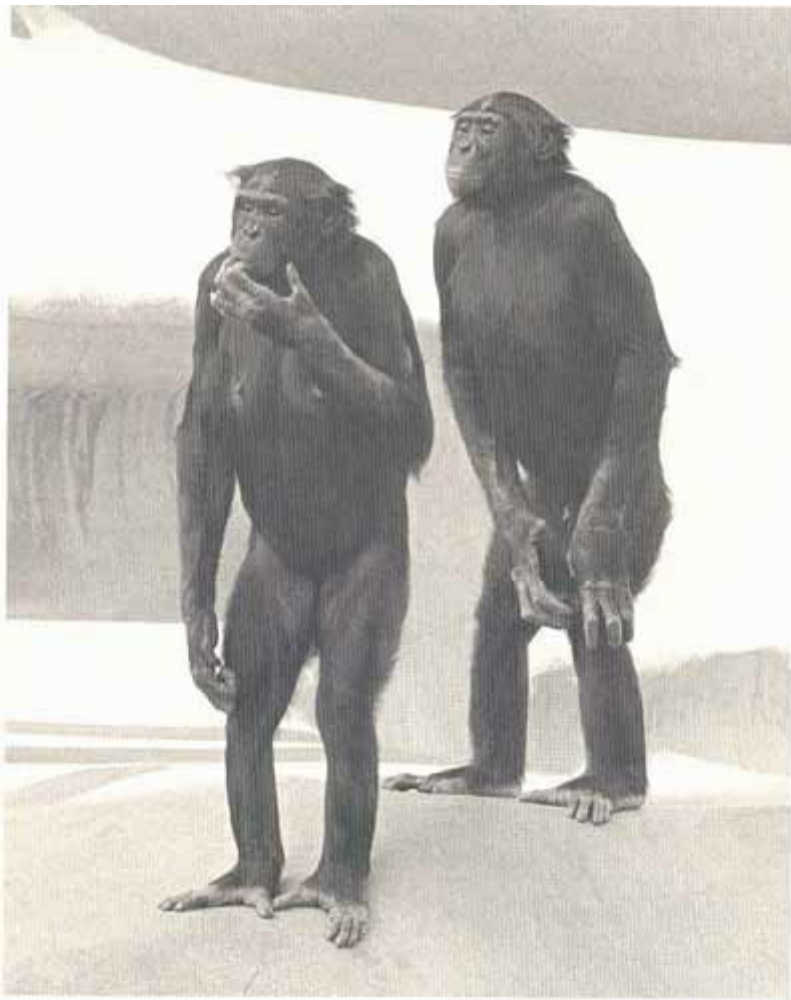
Para os machos, a obsessão por sexo pode ser universal, mas fora isso diferimos notavelmente dos nossos parentes próximos. Transferimos o sexo da esfera pública para a nossa cabana ou quarto, a ser praticado apenas no âmbito da família. De modo nenhum somos fiéis a tais restrições, mas elas são um ideal humano universal. O tipo de sociedade que construímos e valorizamos é incompatível com um estilo de vida como o dos bonobos ou o dos chimpanzés. Nossas sociedades estruturam-se para o que os biólogos chamam de “reprodução cooperativa”, ou seja, vários indivíduos trabalham juntos em tarefas que beneficiam o todo. Além de cooperarem com as mulheres na supervisão dos mais jovens, os homens executam trabalhos coletivos, como caçar e defender o grupo. Assim a comunidade realiza mais do que cada indivíduo poderia esperar fazer sozinho, como, por exemplo, impelir uma manada de bisões penhasco

abaixo ou puxar pesadas redes de pesca. E tal cooperação depende da oportunidade de todos os homens se reproduzirem. É preciso que cada homem tenha interesse pessoal no resultado do esforço cooperativo, ou seja, uma família para quem levar o produto do trabalho. Isso também significa que os homens precisam confiar uns nos outros. Muitas de suas atividades os mantêm dias ou semanas afastados da companhia. Só com a garantia de que ninguém será traído os homens se disporão a partir juntos para uma guerra ou uma viagem de caça. O dilema de como engendrar a cooperação entre concorrentes sexuais foi resolvido de um só golpe com o estabelecimento da família nuclear. Esse esquema ofereceu a quase todo homem a chance da reprodução e, portanto, incentivos para que ele contribuísse para o bem comum. Assim, devemos ver a manutenção do par humano como a chave para o incrível nível de cooperação que marca nossa espécie. A família, e os costumes sociais que a embasam, permitiu-nos levar os vínculos masculinos a um novo patamar, desconhecido em outros primatas. Preparou-nos para empreendimentos cooperativos em grande escala que possibilitaram a conquista do mundo: de instalar ferrovias através de um continente a formar exércitos, governos e corporações globais. Na vida diária podemos separar as esferas social e sexual, mas na evolução da nossa espécie elas são intimamente ligadas.

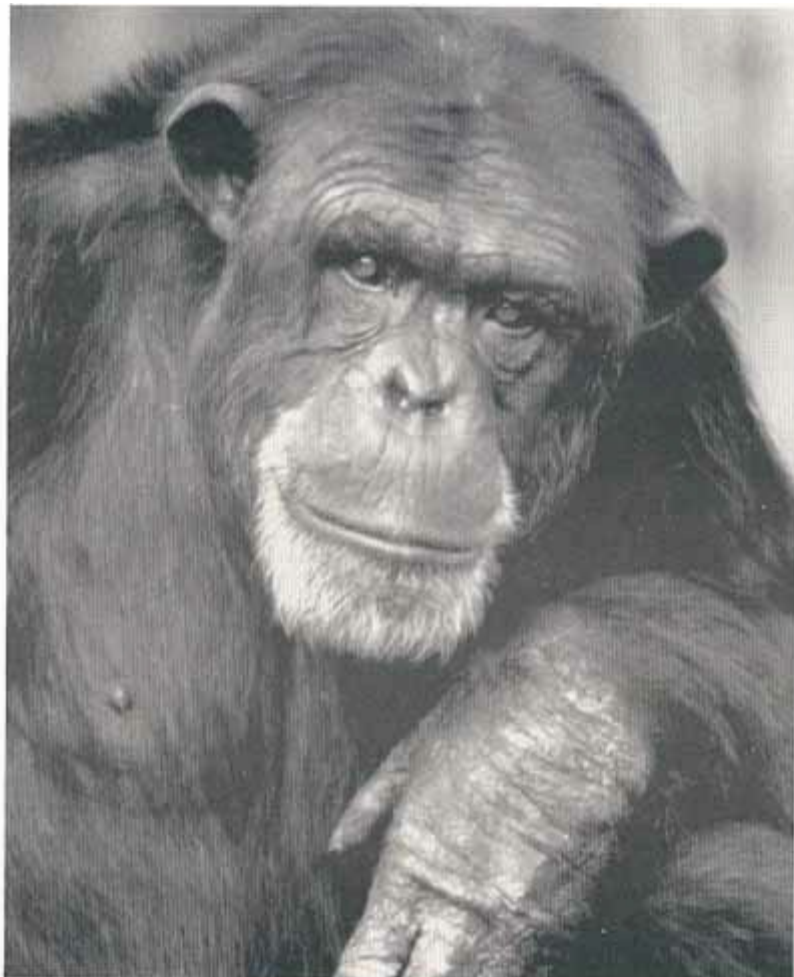
O que tanto nos fascina nos bonobos é que eles não necessitam separar essas esferas; alegremente misturam o social e o sexual. Podemos invejar esses primatas por sua “liberdade”, mas nosso sucesso como espécie está inextricavelmente vinculado ao abandono do estilo de vida bonobo e a um controle mais rigoroso das expressões sexuais.



Kevin, jovem macho adulto (bonobo, San Diego)



Fêmea (à esquerda) e macho em postura ereta mostram pernas longas e proporções corporais semelhantes às humanas (bonobos, San Diego)



Yeroen, a velha raposa (chimpanzé, Arnhem)



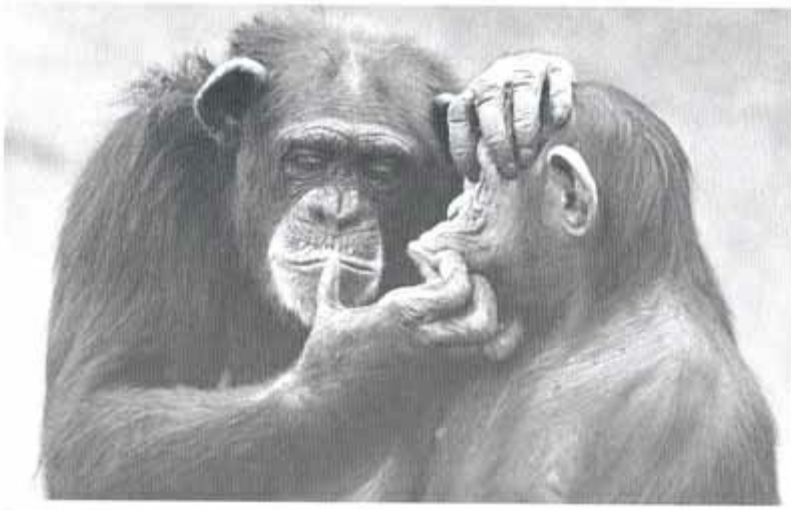
Mama com a filha Moniek (chimpanzés, Arnhem)



Nikkie (à esquerda) simula ataque contra Luit, que demonstra submissão com grunhidos baixos (chimpanzês, Arnhem)



Nikkie (centro) faz grooming em Yeroen, que o ajudou a suplantar Luit (à direita) (chimpanzês, Arnhem)



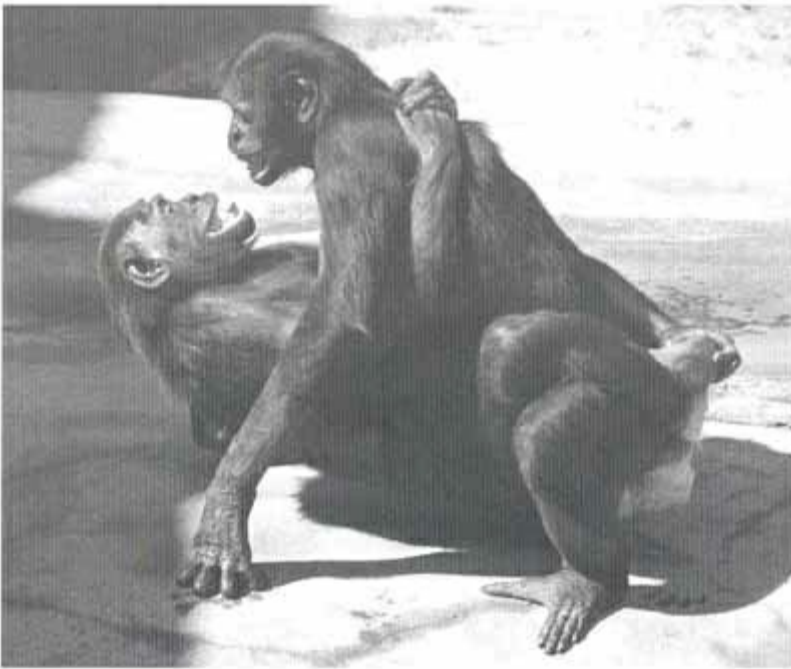
O grooming é o cimento social de toda sociedade primata — aqui entre mãe e filha (chimpanzés, Yerkes)



Grupo compartilha ramos e folhas muito apreciados (chimpanzés, Yerkes)



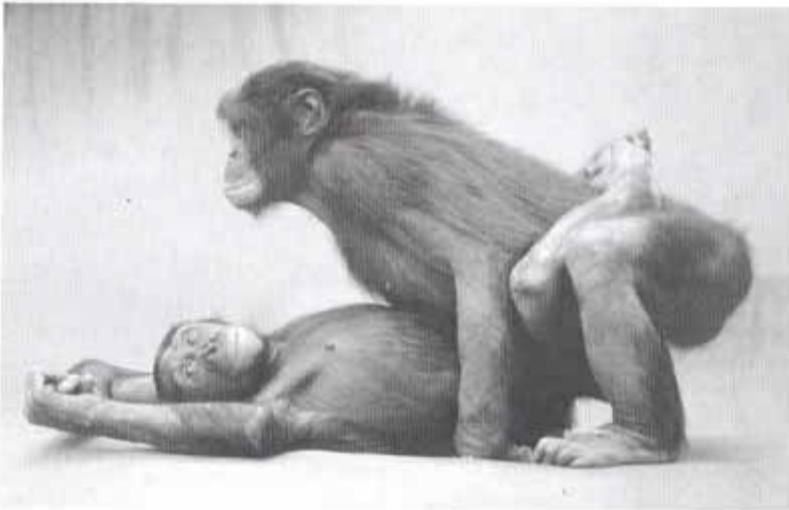
Roosje foi criada com mamadeira por Kuif (chimpanzés, Arnhem)



Duas fêmeas em fricção gênito-genital (bonobos, San Diego)



O macho adulto possui testículos avantajados, e a fêmea tem os genitais intumescidos (bonobos, San Diego)



Relações heterossexuais na posição "papai-e-mamãe" (bonobos, San Diego)

Violência

Da guerra à paz

Se os chimpanzés tivessem revólveres e facas e soubessem manejá-los, eles os usariam como os humanos.

Jane Goodall

Não sei com que armas se lutará na Terceira Guerra Mundial, mas na quarta será com paus e pedras.

Albert Einstein

De minha casa na Geórgia avista-se Stone Mountain, uma montanha famosa pela escultura de três homens a cavalo. A figura central, que representa o general Robert E. Lee, é tão enorme que tempos atrás, em uma ocasião festiva, os convidados tomaram café-da-manhã sentados a uma mesa instalada no ombro de granito da escultura do general. Tenho minhas ressalvas aos defensores do sul na época da Guerra de Secessão americana, mas já vivi o bastante para questionar também seus oponentes. A identificação com o time da casa nasce facilmente em animais grupais como nós.

“Só podia ser sulista”, dirá um nortista ao levar uma fechada de um motorista barbeiro. Lembretes da violência passada como esse Memorial aos Confederados existem no mundo todo. Hoje visitamos lugares assim por curiosidade, folheando o guia turístico, sem nos chocarmos com o horror. Na Torre de Londres nos dizem que o grande filósofo Thomas Morus foi executado e que sua cabeça ficou exposta por um mês na ponte de Londres. Na Casa de Anne Frank, em Amsterdã, ouvimos a história da menina que foi mandada para um campo de concentração e nunca voltou para casa. No Coliseu de Roma andamos pela mesma arena onde os prisioneiros eram trucidados por leões. No Kremlin, em Moscou, admirei uma torre de domo dourado construída pelo tsar Ivã, o Terrível, que gostava de empalar e fritar vivos seus inimigos. Gente matando gente sempre houve. E continua a haver. As linhas de segurança nos aeroportos, os automóveis blindados e os telefones de emergência nos campi universitários são todos testemunhos de uma civilização com sérios problemas no departamento do viva e deixe viver.

PLANETA DOS MACACOS

Civilização que se preze tem Exército. Essa idéia para nós é tão inquestionável que até a aplicamos a civilizações não humanas imaginárias, como a do filme Planeta dos macacos. O primatólogo assiste ao filme de 2001 horrorizado: o cruel líder parece um chimpanzé bípede (mas fareja como um coelho), os gorilas são retratados como criaturas obtusas e obedientes, um orangotango é traficante de escravos, e os bonobos, convenientemente, foram deixados de fora. Hollywood sempre está mais à vontade com a violência do que com o sexo.

A violência reina suprema nesse filme. Mas não há nada tão irrealista quanto os

colossais exércitos de primatas uniformizados vistos na tela. Faltam aos grandes primatas não humanos a doutrinação, a estrutura de comando e a sincronização que nossas Forças Armadas empregam para intimidar inimigos. Como a estrita coordenação dá a impressão de absoluta disciplina, não há nada mais atemorizante do que um exército bem treinado. Os únicos outros animais que têm exércitos são as formigas, porém sem uma estrutura de comando. Quando formigas de um exército se perdem, como ocorre quando forrageadoras se separam do grupo principal de ataque, às vezes se unem à extremidade posterior de sua coluna. Começam a seguir sua própria trilha feromonal, formando um moinho circular onde milhares de formigas marcham sem parar em um círculo denso até morrerem todas de exaustão. Graças a uma organização de cima para baixo, isso não aconteceria com um exército humano.

Como invariavelmente os debates sobre a agressividade humana giram em torno da guerra, a estrutura de comando dos exércitos deveria nos levar a pensar duas vezes antes de traçarmos paralelos com a agressão animal. Mesmo se suas vítimas compreensivelmente virem as invasões militares como agressivas, quem garante que os perpetradores estão com disposição de ânimo agressiva? As guerras nascem da raiva? Muitos líderes têm motivos econômicos, razões políticas internas ou agem em autodefesa. Os generais obedecem a ordens, e os soldados podem não ter desejo algum de deixar sua terra e sua casa. Com indizível cinismo, Napoleão observou: “Um soldado lutará longa e arduamente por um pedaço de fita colorida”. Não acho exagero afirmar que a maioria das pessoas na maioria das guerras foi impelida por motivos outros que não a agressão. A guerra humana tem método e sangue-frio, o que a torna um fenômeno quase novo. A palavra crítica é “quase”. Tendências à identificação com o grupo, à xenofobia e ao conflito letal — todas encontradas na natureza — combinaram-se às nossas capacidades de planejamento altamente desenvolvidas e “elevaram” a violência humana a seu nível inumano. O estudo do comportamento animal pode não ajudar quando queremos analisar algo como o genocídio, mas, se deixarmos de lado as nações-Estado e investigarmos o comportamento humano em sociedades em pequena escala, as diferenças já não são tão grandes. Como os chimpanzés, as pessoas são acentuadamente territoriais e valorizam menos a vida de quem não pertence ao seu grupo do que a de quem pertence. Já se supôs que os chimpanzés não hesitariam em usar facas e revólveres caso os possuíssem; analogamente, povos pré-letrados provavelmente não teriam escrúpulos de intensificar a violência de seus conflitos se tivessem tecnologia para isso.

Um antropólogo contou-me o caso de dois chefes de aldeia eipo-papuas, da Nova Guiné, que estavam fazendo sua primeira viagem aérea em um pequeno avião. Os chefes não tiveram medo de embarcar no aparelho, mas fizeram um pedido intrigante: queriam que a porta lateral permanecesse aberta. Foram avisados de que era frio lá em cima e que eles congelariam, pois só estavam vestidos com suas tangas tradicionais. Os dois não se importaram. Queriam levar para bordo algumas pedras pesadas e, se o piloto fizesse a gentileza de sobrevoar a aldeia vizinha, eles as empurrariam pela porta aberta sobre seus inimigos.

À noite, o antropólogo anotou em seu diário que testemunhara a invenção da bomba pelo homem neolítico.

ODEIA TEU INIMIGO

Para saber como os chimpanzés lidam com estranhos, é preciso ir para a floresta. Uma equipe japonesa liderada por Toshisada Nishida vem trabalhando há quatro décadas nas montanhas Mahale, na Tanzânia. Quando Nishida me convidou para uma visita antes de sua aposentadoria, não pensei duas vezes. Ele é um dos maiores especialistas do mundo em chimpanzés, e fiquei encantado em segui-lo pela floresta.

Não entrarei nos detalhes da vida no alojamento de campo próximo ao lago Tanganica, que eu brincando chamava de Mahale Sheraton: só direi que não tínhamos eletricidade, água corrente, banheiro nem telefone. Todo dia o objetivo era levantar cedo, tomar um café-da-manhã rápido e sair ao clarear. Era preciso encontrar os chimpanzés, e o acampamento contava com vários rastreadores para ajudar. Por sorte, esses primatas são incrivelmente barulhentos e, portanto, localizados com facilidade. Em um meio com baixa visibilidade, eles dependem de vocalizações. Quando seguimos um macho adulto, por exemplo, nós o vemos parar continuamente e inclinar a cabeça para ouvir seus companheiros de grupo à distância. Ele decide como responder: emitir seus próprios chamados, deslocar-se silenciosamente em direção à fonte (às vezes com tanta pressa que nos faz tropeçar no emaranhado de cipós para segui-lo) ou continuar alegremente seu caminho como se o que ouviu não tivesse a menor importância. Sabe-se que os chimpanzés reconhecem as vozes uns dos outros. A floresta ferve delas, algumas próximas, outras fracas e distantes, e grande parte da vida social desses primatas decorre em um mundo de vocalizações.

Os chimpanzés podem ser turbulentos e brigões. Ainda por cima, caçam. Fui batizado quando estava embaixo de uma árvore na qual vários machos adultos e fêmeas com genitais intumescidos dividiam a carne de um cólobo ainda vivo. Soubemos da caçada por um súbito alarido: gritos ululantes e esganiçados de chimpanzés misturados a guinchos de macaco. Eu me esquecera de que, quando muito excitados, os chimpanzés têm diarreia. Para meu azar, fiquei na linha de fogo.

No dia seguinte vi uma fêmea que levava uma filhotinha nas costas. A filha balançava alegremente alguma coisa peluda: era um pedaço do pobre macaco. A cauda de um primata vira o brinquedo de outro. Embora os chimpanzés sobrevivam principalmente com frutas e folhas, são muito mais carnívoros do que outrora se pensava. Comem mais de 35 espécies de vertebrados. A ingestão diária de carne por um chimpanzé adulto em tempo de vacas gordas assemelha-se à do caçador-coletor humano em tempo de vacas magras. Na verdade, os chimpanzés são tão loucos por carne que nosso cozinheiro quase não conseguiu trazer um pato vivo da aldeia ao acampamento para variar nossa dieta de arroz com feijão. No caminho, ele enfrentou uma chimpanzé fêmea decidida a apropriar-se da preciosa ave que ele carregava debaixo do braço. O bravo cozinheiro

rechaçou as ameaças, mas foi por pouco. Se houvesse encontrado um macho, nunca teríamos sentido o gosto daquele pato.

A situação é mais séria quando se trata de carne humana. Frodo, um chimpanzé que cresceu no auge das pesquisas no vizinho Parque Nacional de Gombe, perdeu totalmente o medo das pessoas. Ocasionalmente ataca pesquisadores, bate neles, arrasta os morros abaixo. Mas o pior incidente foi com uma mulher da região e sua sobrinha. Esta carregava um bebê de catorze meses. Ao atravessarem uma pequena vala, toparam com Frodo, que estava comendo folhas de dendezeiro. Quando ele se virou, era tarde demais para correr. Frodo simplesmente arrancou o bebê das costas da menina e desapareceu. Mais tarde foi encontrado comendo a criança, já morta. O roubo de bebês é uma extensão do comportamento predatório, e até então só fora observado fora do parque. Na vizinha Uganda tornou-se epidemia, e bebês humanos são pegos nas casas. Sem armas, as pessoas estão indefesas: chimpanzés adultos podem matar adultos da nossa espécie, e às vezes o fazem. Ataques fatais a humanos ocorreram também em zoológicos.

Os chimpanzés são menores do que nós. De quatro, chegam à altura dos nossos joelhos. Por isso as pessoas tendem a subestimar sua robustez. Vemos como são fortíssimos quando sobem com grande facilidade por uma árvore sem galhos. Homem nenhum consegue imitar tal proeza. A força de tração do braço de um chimpanzé macho foi avaliada em cinco vezes a de homens jovens atléticos. Como esses primatas lutam com quatro “mãos”, é impossível vencê-los, mesmo se forem impedidos de morder. Certa ocasião, conheci um sujeito que viajava com um chimpanzé acompanhando um parque de diversões. Todos os machões se prontificavam a enfrentar o chimpanzé, achando que seria moleza. Mas nem brutamontes do tamanho de lutadores profissionais conseguiam controlar o parceiro do homem.

Por isso, é fácil imaginar com que respeito dei passagem aos chimpanzés que passaram por mim em disparada, de pêlos eriçados, sacudindo pequenas árvores. Não fizeram isso para me impressionar. Estavam brigando entre si. Nada de especialmente ruim aconteceu, se comparado aos tipos de combate que já foram observados entre comunidades. Os machos costumam patrulhar suas fronteiras. Às vezes acompanhados por fêmeas, deslocam-se em grupo até a periferia de seu território, andando quietos em fila indiana, alertas para quaisquer sons vindos do outro lado. Podem subir em árvores e ficar atentos a movimentos e sons por mais de uma hora. Seu silêncio parece ser ativamente imposto. Se um filhote que veio com a mãe inadvertidamente choraminga, podem ameaçá-lo. Todos os patrulheiros têm os nervos à flor da pele. O estalo de um graveto ou o ruído súbito de um porco selvagem a correr provoca esgares nervosos, e eles procuram tranquilizar-se com abraços e contato físico. Só relaxam quando voltam para trechos mais seguros de seu território, e então extravasam a tensão batendo no peito e gritando.

Dado o modo como as comunidades de chimpanzés tratam forasteiros, eu também ficaria nervoso. Os machos matam outros machos com ações coordenadas contra indivíduos isolados de outra comunidade, que são perseguidos, derrubados e

rapidamente dominados. Os que são capturados sofrem tantas pancadas e mordidas violentas que morrem ali mesmo ou são deixados sem chance de sobreviver. Alguns desses ataques de surpresa já foram observados, porém em geral as evidências consistem em restos medonhos achados na floresta. Em alguns locais de pesquisa não foram encontrados corpos, mas os machos saudáveis de uma comunidade foram desaparecendo um a um até sumirem todos. Nas montanhas Mahale, Nishida observou patrulhas de fronteira e violentos ataques a estranhos. Acha que todos os machos de uma das comunidades estudadas por ele foram gradualmente eliminados por machos vizinhos em doze anos. Os vencedores apoderaram-se do território vago e das fêmeas residentes. Inquestionavelmente, os chimpanzés são xenofóbicos. Em uma tentativa de reintroduzir na floresta alguns chimpanzés cativos, os chimpanzés locais reagiram com tamanha violência que o projeto teve de ser abandonado.

Como seus territórios são enormes, raramente incidentes violentos entre comunidades de chimpanzés são testemunhados. Mas os poucos episódios que o são não deixam dúvida de que estamos diante de matança específica e deliberada — em outras palavras, “assassinato”. Percebendo o tamanho da polêmica que tal afirmação causaria, Jane Goodall perguntou-se de onde viria aquela impressão de intencionalidade. Por que a matança não poderia ser mero efeito colateral da agressão? Sua resposta foi que os atacantes demonstraram um grau de coordenação e maus-tratos nunca visto durante agressões a indivíduos da própria comunidade. Os chimpanzés agiram quase do modo como faziam com suas presas, tratando o inimigo como se pertencesse a outra espécie. Um atacante prendia a vítima no chão (sentando-se em sua cabeça, segurando-lhe as pernas) enquanto os demais mordiam e golpeavam. Torciam um membro, rasgavam a traquéia, arrancavam unhas, bebiam o sangue que jorrava dos ferimentos. Em geral só paravam ao cessarem os movimentos da vítima. Há relatos de atacantes que voltaram ao local semanas depois, aparentemente para verificar o resultado de seus esforços.

Esse comportamento assustador lamentavelmente não difere do visto em nossa espécie. Costumamos desumanizar nossos inimigos. À semelhança dos chimpanzés, nós os tratamos como inferiores aos da nossa espécie. Nas primeiras semanas da guerra no Iraque, fiquei pasmo com uma entrevista de um piloto americano. Entusiasmado, ele contou que quando menino acompanhara a Guerra do Golfo e se fascinara com a precisão dos bombardeios. Agora, mal podia acreditar que ele próprio estava usando bombas inteligentes ainda mais avançadas. Para ele, a guerra era só tecnologia, como um videogame que finalmente lhe permitiram jogar. Pelo visto, o que acontecia na outra ponta nem sequer lhe passava pela cabeça, e talvez seja isso mesmo que o alto escalão militar deseja. Porque, assim que se passa a ver o inimigo como humano, as engrenagens começam a emperrar.

O pensamento “nós contra eles” nos ocorre com notável facilidade. Em um experimento psicológico, pessoas receberam aleatoriamente distintivos, blocos de papel e canetas de cores diferentes e foram designadas simplesmente como os “Azuis” e os “Verdes”. Pediu-se apenas que avaliassem as apresentações uns dos outros. Gostaram mais das apresentações feitas pelas pessoas de sua própria cor. Em uma fabricação mais

elaborada de identidade grupal, estudantes foram designados para fazer papel de guarda ou de prisioneiro em um jogo de prisão. Deveriam passar duas semanas juntos em um porão na Universidade de Stanford. Mas em seis dias o experimento teve de ser cancelado, pois os “guardas” haviam se tornado cada vez mais arrogantes, violentos e cruéis, e os “prisioneiros” começaram a se revoltar. Os estudantes tinham esquecido que era só um experimento e que seus papéis haviam sido decididos jogando cara ou coroa? O Experimento da Prisão de Stanford ganhou fama quando veio à luz que oficiais americanos haviam torturado detentos na prisão de Abu Ghraib, em Bagdá. Guardas americanos empregaram vasta gama de técnicas de tortura, entre elas encapuzar e ligar fios elétricos nos genitais dos prisioneiros. Parte da mídia americana tentou minimizar a gravidade desses atos chamando-os de “brincadeiras”, mas dezenas de prisioneiros morreram no processo. Além das marcantes semelhanças com a brutalidade e as alusões sexuais do Experimento da Prisão de Stanford, os guardas e prisioneiros de Abu Ghraib eram de raças diferentes, religiões distintas e não falavam a mesma língua. Isso facilitou ainda mais a desumanização. Janis Karpinski, general responsável pela polícia militar local, afirmou ter recebido ordens de tratar os prisioneiros “como cães”. De fato, uma das horrendas imagens saídas dessa prisão mostrava uma oficial arrastando pelo chão um prisioneiro nu com uma coleira no pescoço.

O intragrupo sempre encontra razões para considerar-se superior. O exemplo histórico mais extremo dessa tendência é, obviamente, a criação de um extragrupo por Adolf Hitler. Retratado como sub-humano, o extragrupo intensificava a solidariedade e a auto-apreciação do intragrupo. É um truque tão velho quanto a humanidade, mas na verdade essa psicologia pode preceder nossa espécie. Além da mera identificação com o grupo, que é disseminada nos animais, existem duas outras características que temos em comum com os chimpanzés. A primeira, como vimos, é a aversão ao extragrupo a ponto de desumanizá-lo (ou “deschimpanzá-lo”). O abismo entre intragrupo e extragrupo é tão enorme que a agressão enquadra-se em categorias: uma, contida e ritualizada; a outra, generalizada, gratuita e letal.

O outro fenômeno extragrupo ainda mais perturbador que emergiu em Gombe envolveu chimpanzés que se conheciam. Ao longo dos anos, uma comunidade dividiu-se em duas facções, a norte e a sul, e por fim acabaram formando duas comunidades distintas. Esses chimpanzés haviam brincado juntos, feito grooming uns nos outros, se reconciliado depois de brigas, partilhado carne e vivido em harmonia. Mesmo assim, as facções começaram a lutar. Os pesquisadores viram, chocados, antigos amigos beberem o sangue uns dos outros. Nem os membros mais velhos da comunidade foram deixados em paz. Um macho de aparência extremamente frágil, Goliath, foi arrastado e esmurrado durante vinte minutos. Qualquer associação com o inimigo motivava o ataque. Se chimpanzés em patrulha encontrassem ninhos de dormir recentes em uma árvore na região de fronteira, começavam a fazer demonstrações de agressividade, arrancavam os ramos e destruíam todos os ninhos do inimigo.

Portanto, o “nós contra eles” entre os chimpanzés é uma distinção socialmente construída, na qual até indivíduos bem conhecidos podem tornar-se inimigos se por

acaso andarem com a turma errada ou viverem na área errada. Nos humanos, grupos étnicos que costumavam se dar relativamente bem podem repentinamente voltar-se uns contra os outros, como hutus e tutsis em Ruanda e sérvios, croatas e muçulmanos na Bósnia. Que tipo de comutador mental é acionado para mudar as atitudes das pessoas? E que tipo de comutador transforma chimpanzés colegas de grupo em inimigos mortais? Desconfio que os comutadores atuam de modo semelhante nos humanos e outros grandes primatas. E também que são controlados pela percepção dos interesses compartilhados versus interesses concorrentes. Enquanto os indivíduos vêem um propósito comum, suprimem sentimentos negativos. Mas, assim que o propósito comum desaparece, as tensões afloram.

Tanto humanos como chimpanzés são cordiais, ou pelo menos contidos, com os membros de seu grupo, mas podem ser monstros para os de fora. É claro que estou simplificando, pois os chimpanzés também podem matar dentro de sua comunidade, e o mesmo vale para as pessoas. Mas a distinção entre o intragrupo e o extragrupo é fundamental quando se trata de amor e ódio. Isso também se aplica a primatas em cativeiro. No Zoológico de Arnhem, os chimpanzés adquiriram o hábito de patrulhar, embora não houvesse grupos inimigos. Todo fim de tarde, alguns machos punham-se a andar pela orla da grande ilha, e por fim os outros machos adultos e alguns mais jovens acabavam por segui-los. Obviamente, eles não mostravam as tensões vistas em patrulhas na floresta, mas esse comportamento indica que as fronteiras territoriais têm significado mesmo em circunstâncias artificiais.

Em cativeiro os chimpanzés são tão xenofóbicos quanto na natureza. É quase impossível introduzir novas fêmeas em um grupo já existente em zoológico; novos machos só podem ser trazidos depois que os machos residentes forem removidos. Do contrário, ocorre um banho de sangue. Na última vez em que tentamos trocar os machos no Centro de Primatas Yerkes, as fêmeas expulsaram os primeiros recém-chegados. Atacaram-nos, e tivemos de retirá-los para salvar-lhes a vida. Vários meses depois, tentamos com dois outros machos. Um deles recebeu a mesma recepção hostil que os predecessores, mas ao outro, chamado Jimoh, elas permitiram ficar. Minutos depois da introdução de Jimoh, duas fêmeas mais velhas fizeram contato e grooming com ele, e depois disso o defenderam ferozmente de todas as outras fêmeas. Anos mais tarde, durante um exame de rotina em nossos chimpanzés, descobri que Jimoh não era tão desconhecido pelo grupo quanto pensávamos quando o introduzimos. Catorze anos antes de ele vir para o nosso grupo, Jimoh vivera em outra instituição com aquelas duas fêmeas que o protegeram. Não haviam se encontrado no período intermediário, mas o contato anterior de tanto tempo antes fora decisivo.

MISTURA NA FRONTEIRA

O fato de um dos nossos parentes mais próximos matar seus vizinhos significa que a guerra está em nosso DNA, como afirmou um documentário recente? Tal idéia dá a

impressão de que estamos destinados a ser belicosos para sempre. Mas até as formigas, que inquestionavelmente têm DNA guerreiro, não são tão violentas se tiverem espaço e alimento em abundância. Qual será o motivo? Só quando os interesses de uma colônia colidem com os de outra esse comportamento tem sentido. A guerra não é um impulso irreprimível. É uma opção.

Apesar disso, não pode ser coincidência que sejam os humanos e os chimpanzés os únicos animais cujos machos formam gangues e expandem seu território exterminando deliberadamente os machos vizinhos. Qual a chance de tais tendências terem evoluído independentemente em dois mamíferos de parentesco próximo? O padrão humano mais semelhante ao dos nossos parentes primatas é conhecido como “raides letais”: grupos de homens desferem um ataque de surpresa quando estão em posição vantajosa, ou seja, havendo pouca probabilidade de eles próprios sofrerem. O objetivo é matar outros homens e raptar mulheres e crianças. Assim como a violência territorial entre os chimpanzés, os raides humanos não são exatamente atos de bravura. Surpresa, embuste, emboscada e ação noturna são táticas favoritas. A maioria das sociedades de caçadores-coletores segue esse padrão e guerreia a cada dois anos.

Richard Wrangham afirmou que “a violência semelhante à dos chimpanzés precedeu e abriu caminho para a guerra humana, transformando o homem moderno no aturdido sobrevivente de um hábito de agressão contínuo nascido há 5 milhões de anos”. A prevalência de raides letais seria prova disso? A palavra problemática aqui não é “aturdido”, mera hipérbole, mas “contínuo”. Para que isso seja verdade, seria preciso que nosso ancestral mais remoto fosse semelhante ao chimpanzé e que desde então houvésssemos trilhado o caminho da guerra. Não há indícios de nenhuma dessas hipóteses. Primeiro, desde a separação entre humanos e outros grandes primatas, estes tiveram sua própria evolução. Ninguém sabe o que aconteceu durante esses 5 ou 6 milhões de anos. Como a fossilização em florestas é ruim, nossos registros sobre os grandes primatas ancestrais é superficial. O último ancestral comum de humanos e outros grandes primatas pode ter sido semelhante ao gorila, ao chimpanzé, ao bonobo ou diferente de qualquer espécie viva. Não extremamente diferente, é claro, mas com certeza não temos prova de que esse ancestral foi um chimpanzé belicoso. E é bom lembrar que apenas um punhado de populações de chimpanzés foi estudado, e nem todas são igualmente agressivas.

Em segundo lugar, quem garante que nossos ancestrais foram tão brutais quanto somos hoje? Sinais arqueológicos de guerra (muros protetores ao redor de habitações, cemitérios com armas incrustadas em esqueletos, imagens de guerreiros) remontam a apenas 10 a 15 mil anos. Aos olhos da biologia evolutiva, isso é história recente. Por outro lado, é difícil acreditar que a guerra surgiu do nada, sem hostilidades prévias entre grupos humanos. Alguma inclinação deve ter existido. Mais provavelmente a agressão territorial sempre foi um potencial, mas exercido apenas em pequena escala, talvez até o homem fixar-se e começar a acumular propriedade. Isso significaria que, em vez de ter guerreado por milhões de anos, conhecemos primeiro conflitos intergrupais esporádicos que só recentemente ganharam dimensões de uma guerra.

Entretanto, não surpreende que os cientistas da corrente que enfatiza o lado violento do homem tenham escolhido os chimpanzés como “prova decisiva”. Os paralelos são inegáveis e perturbadores. Mas um aspecto do comportamento humano que os chimpanzés não podem esclarecer é algo que fazemos muito mais do que guerrear: manter a paz. A paz é o estado típico entre as sociedades humanas, assim como a troca de mercadorias, a partilha da água dos rios e os casamentos intergrupais. Nesse aspecto os chimpanzés não nos dizem nada, pois não têm laços de amizade entre grupos. Só conhecem graus variados de hostilidade. Isso significa que, para compreender as relações intergrupais humanas em um nível primitivo, não podemos nos ater ao chimpanzé em nossa busca por um modelo ancestral.

Os famosos entomologistas Bert Hölldobler e Ed Wilson fizeram uma afirmação intrigante no livro *Journey to the ants* [Jornada para as formigas]. Disseram que há dois tipos de cientista. Um é o teórico, que se interessa por uma questão específica e procura o melhor organismo para resolvê-la. Os geneticistas escolheram a mosca-das-frutas, e os psicólogos, o rato. Não estão realmente interessados em moscas-das-frutas ou ratos, mas apenas nos problemas que querem resolver. O outro tipo é o naturalista, que se interessa por uma classe específica de animais em si, percebendo que cada animal tem sua história para contar, que se revelará dotada de interesse teórico se for suficientemente estudada. Hölldobler e Wilson consideram-se pertencentes à segunda dessas categorias, assim como eu. Em vez de me concentrar na agressão humana como a questão, e portanto nos chimpanzés como a espécie o que tem sido feito desde que surgiu a teoria do primata assassino —, volto minha atenção para um parente nosso menos brutal que está na margem desse debate. E o comportamento desse primata nos esclarece sobre uma capacidade diferente: a capacidade para a paz.

Grupos de bonobos em convívio pacífico foram observados pela primeira vez na década de 1980, quando diferentes comunidades reuniram-se na floresta de Wamba, na República Democrática do Congo, e ficaram juntas por toda uma semana antes de se dividirem novamente. Pode não parecer nada espetacular, mas o acontecimento foi tão estarrecedor quanto a violência entre facções de chimpanzés que haviam sido amigos em Gombe. Aquilo contrariou a persistente crença de que nossa linhagem é naturalmente violenta. Certa ocasião, assisti a um filme sobre a mistura de grupos no qual os bonobos primeiro se perseguiram ferozmente aos gritos, mas sem contato físico. Aos poucos, fêmeas de grupos distintos puseram-se a praticar o GG-rubbing até a fazer grooming umas nas outras. Enquanto isso, suas crias brincavam e se engalinhavam com os da mesma faixa etária do outro grupo. Por fim, até machos dos campos opostos praticaram breves fricções escrotais. Em mais de trinta encontros intergrupais em Wamba, membros do sexo oposto tipicamente se relacionaram com atos sexuais e amistosos. Por outro lado, os machos em geral mostraram-se hostis e arredios para com os machos do outro grupo. Cópulas entre machos e fêmeas de grupos distintos foram comuns durante os primeiros quinze minutos dos encontros.

Atitudes semelhantes foram observadas em outra área com bonobos, na floresta de Lomako. Machos de grupos distintos às vezes se perseguiam freneticamente pela

vegetação rasteira enquanto as fêmeas se penduravam nas árvores e gritavam. Os embates pareciam tão ferozes que os pesquisadores que assistiam se arrepiaram. Mas depois os bonobos saíam ilesos e os grupos se misturavam. Começavam tensos e então se acomodavam, faziam sexo e grooming entre as duas comunidades. Só os machos de grupos distintos abstinham-se de contato amistoso.

Mas às vezes os mesmos grupos não conseguiam entrosar-se. Os pesquisadores sobressaltavam-se com súbitos sons de percussão e de bonobos pulando das árvores. Os primatas arremetiam na direção dos membros do outro grupo, gritando e fazendo estardalhaço. Na fronteira dos respectivos territórios, os grupos sentavam-se em árvores e gritavam um com o outro. Portanto, houve dias em que os bonobos não quiseram se misturar aos vizinhos e os mantiveram à distância. Mas cabe ressaltar que, apesar de ocasionais ferimentos depois de escaramuças entre comunidades, nunca se registrou uma fatalidade.

A sobreposição das áreas habitadas por comunidades de bonobos e a mistura nas fronteiras contrastam gritantemente com as práticas observadas entre os chimpanzés. Quando se dissipar a neblina que encobre as pressões evolutivas formadoras da sociedade bonobo, quem sabe possamos compreender como eles conseguiram escapar ao que muitos consideram o maior flagelo da humanidade: nossa xenofobia e a tendência a depreciar a vida dos inimigos. Será porque os bonobos lutam — quando lutam — por um território que é dominado por fêmeas, e não por machos? Os machos de qualquer espécie tentam monopolizar as fêmeas, mas quando as fêmeas bonobos tornaram-se dominantes talvez os machos tenham perdido o controle, já que elas copulam com quem bem entendem, inclusive com vizinhos. Isso tornou obsoleta a competição territorial. Em primeiro lugar, fazer sexo com membros de outro grupo obviamente se traduz em reprodução, e isso significa que os grupos vizinhos podem conter parentes: machos inimigos podem ser irmãos, pais e filhos. Em segundo lugar, não tem sentido machos arriscarem o pescoço e a vida para conseguir fêmeas que já estão dispostas a fazer sexo com eles. Assim, os bonobos ilustram as condições em que é possível a evolução de relações pacíficas entre grupos. Condições semelhantes aplicam-se a nós. Todas as sociedades humanas conhecem o casamento entre membros de grupos distintos. Ele promove a troca de genes e torna contraproducente a agressão letal. Embora possa haver ganho quando derrotamos outro grupo para nos apoderarmos de território, há desvantagens, como a perda de vidas do nosso próprio lado e parentes mortos do lado oposto, além da redução das oportunidades de troca. Esta última pode não se aplicar aos outros grandes primatas, mas para os humanos é um fator significativo. Nossas relações intergrupais são, pois, inerentemente ambivalentes: um laivo de hostilidade com frequência combina-se ao desejo de harmonia. Os bonobos ilustram bem essa mesma ambivalência. Suas relações de vizinhança estão longe de ser idílicas — eles parecem aproveitar todas as oportunidades de ressaltar as fronteiras territoriais. Mas mantêm aberta a porta para o abrandamento das tensões e o contato amistoso.

Mesmo que a migração das fêmeas promova a troca genética entre os chimpanzés, a

hostilidade entre suas comunidades impede as livres relações sexuais que vemos nos bonobos. Ninguém sabe o que veio primeiro, a ausência de reprodução entre grupos ou a grave hostilidade. Mas as duas obviamente amplificam uma à outra, e com isso criam um perpétuo ciclo de violência entre os chimpanzés.

O resultado é que os humanos têm comportamentos intergrupais em comum tanto com os chimpanzés como com os bonobos. Quando as relações entre sociedades humanas são ruins, são piores do que entre os chimpanzés; mas, quando são boas, são melhores do que entre os bonobos. Nossas guerras excedem a violência “animal” dos chimpanzés em grau alarmante. Mas ao mesmo tempo as compensações das relações de boa vizinhança são mais ricas do que entre os bonobos. Grupos humanos fazem muito mais do que se misturar e ter relações sexuais. Trocam bens e serviços, realizam banquetes cerimoniais, permitem que membros do grupo vizinho viajem por seu território e organizam defesas comuns contra terceiros hostis. Quando se trata de relações entre grupos, superamos nossos parentes próximos tanto do lado positivo da escala como do negativo.

DÊEM UMA CHANCE À PAZ

Quando cheguei da Europa, há mais de duas décadas, fiquei pasmo com a violência na mídia americana. Não me refiro só ao noticiário, mas a tudo: o cinema, as séries cômicas e dramáticas na televisão, e por aí vai. Evitar Schwarzenegger e Stallone não resolve: quase todo filme americano mostra violência. Inevitavelmente, ocorre a dessensibilização. Se você disser, por exemplo, que *Dança com lobos*, filme de 1990 com Kevin Costner, é violento, vão achar que você está louco. O que as pessoas se lembram é de um filme idílico, sentimental, com belas paisagens, sobre um raro homem branco que respeitava os índios americanos. A sangueira não é registrada.

Nas comédias é a mesma coisa. Gosto do programa *Saturday Night Live* porque permite vislumbres críticos de fenômenos muito americanos, como as cheerleaders (líderes de torcida), os televangelistas e os advogados de celebridades. Mas o programa estaria incompleto sem pelo menos um quadro no qual o carro de alguém explode ou alguém perde a cabeça. Personagens como Hans e Franz só têm graça para mim por causa dos nomes (sim, eu tenho um irmão chamado Hans), mas, quando erguem halteres tão pesados que arrancam fora seus braços, fico desconcertado. O sangue jorra e a platéia se mata de rir, mas eu não vejo onde está a graça. Será que cresci em uma terra de maricas? Talvez, mas o importante é que existe uma grande diferença no modo como a violência é retratada em diferentes sociedades. E o que valorizamos mais: harmonia ou competitividade? Esse é o problema da espécie humana. Em algum lugar no meio de tudo isso reside a verdadeira natureza humana, mas ela é esticada em tantas direções que não conseguimos definir se somos naturalmente competitivos ou naturalmente comunitários. Na realidade, somos ambos, mas cada sociedade alcança seu próprio equilíbrio. Entre os americanos, valoriza-se o vencedor; entre os japoneses, a conformidade ao grupo.

Essa variabilidade significa que não podemos aprender com outros primatas? Não é tão simples. Primeiro, cada espécie tem seu modo de lidar com o conflito. Os chimpanzés são mais confrontadores do que os bonobos. Mas também se considerarmos cada espécie isoladamente encontraremos, como nos humanos, variações de grupo para grupo. Vemos “culturas” de violência e “culturas” de paz. E estas últimas são possibilitadas por nossa habilidade universal de primatas para nivelar as diferenças.

Nunca me esqueço de um dia de inverno no Zoológico de Arnhem. Toda a colônia de chimpanzés estava trancada em jaulas fechadas, abrigada do frio. Durante uma demonstração atualizada de agressividade, vi o macho alfa atacar uma fêmea, o que causou grande comoção, pois outros acorreram em defesa dela. O grupo acalmou-se, mas sobreveio um silêncio incomum, como se todos estivessem esperando alguma coisa. Durou dois minutos. De repente, toda a colônia explodiu numa tremenda gritaria, e um macho pisoteou ritmicamente os tambores de metal empilhados no canto da jaula. Em meio a todo aquele pandemônio, no centro das atenções, dois chimpanzés se beijaram e se abraçaram. Refleti sobre esses acontecimentos por horas até me dar conta de que os dois que se abraçavam eram o macho e a fêmea da briga original. Tudo bem, sou mesmo lerdo, mas ninguém até então jamais mencionara a possibilidade de reconciliação em animais. Pelo menos esse foi o termo que me veio à mente. Desde aquele dia, estudo a reconciliação entre chimpanzés e outros primatas ou, como dizemos hoje em dia, a resolução de conflitos. Outros vêm estudando o mesmo assunto em várias espécies, entre elas golfinhos e hienas. Parece que muitos animais sociais sabem como se reconciliar, e por boas razões. O conflito é inevitável, mas ao mesmo tempo os animais dependem uns dos outros. Procuram comida juntos, alertam-se mutuamente contra os predadores, unem-se para enfrentar inimigos. Precisam manter boas relações a despeito de rusgas ocasionais, exatamente como qualquer casal humano.

Os macacos-dourados fazem isso dando-se as mãos, os chimpanzés com beijo na boca, os bonobos com sexo, os símios da espécie *Macaca tonkeana* batendo palmas e estalando os lábios. Cada espécie segue seu protocolo de reconciliação. Vejamos um exemplo que presenciei várias vezes durante reconciliações entre grandes primatas, mas nunca entre macacos: depois de um indivíduo ter atacado e mordido outro, volta para examinar o ferimento. O agressor sabe exatamente onde olhar. Se a mordida foi no pé esquerdo, o agressor não hesita: estende a mão em direção ao pé esquerdo da vítima — não o pé direito, ou o braço —, ergue-o, examina. Em seguida, começa a limpar a ferida. Isso indica uma compreensão de causa e efeito, algo como “se mordi você, agora você deve ter uma ferida nesse lugar”. Isso leva a crer que os primatas vêem as coisas da perspectiva do outro, percebendo o impacto do próprio comportamento sobre terceiros. Podemos até cogitar na possibilidade de que eles se arrependem de suas ações, como ocorre conosco. O naturalista alemão Bernhard Grzimek vivenciou isso depois de ter a sorte de sobreviver a um violento ataque de um chimpanzé macho. Este, quando a raiva passou, pareceu preocupadíssimo com Grzimek. Aproximou-se do professor e tentou, com os dedos, fechar e comprimir as bordas das piores feridas. O destemido professor permitiu.

A definição de reconciliação (reunião amistosa entre oponentes pouco depois de uma briga) é clara, mas as emoções envolvidas são difíceis de definir. O mínimo que ocorre, e que em si já é algo notável, é que as emoções negativas, como agressão e medo, são superadas de modo a permitir uma interação positiva, como um beijo. Os sentimentos ruins são reduzidos ou deixados de lado.

Nós, humanos, chamamos de “perdão” essa transição da hostilidade para a normalização. O perdão é apregoadado como exclusivamente humano, ou mesmo unicamente cristão, mas pode ser uma tendência natural entre animais cooperativos.

Só animais sem memória poderiam desconsiderar o conflito. Assim que eventos sociais são armazenados na memória de longo prazo, como na maioria dos animais e humanos, passa a existir a necessidade de superar o passado em benefício do futuro. Primatas fazem amizade, que se expressa quando eles fazem grooming uns nos outros, andam juntos e se defendem mutuamente. Um indicador inesperado mostra que as brigas criam ansiedade quanto ao estado da relação: exatamente como um estudante coça a cabeça durante um exame difícil, quando um primata se coça, é sinal de que está inquieto. Se, como fizeram alguns pesquisadores, anotarmos quando os primatas coçam a si mesmos, constataremos que os dois lados envolvidos em uma luta coçam-se muito, mas param depois que o oponente lhes faz grooming. Podemos concluir que estavam preocupados com a relação e se tranquilizaram com a reunião.

Pessoas que criam filhotes de grandes primatas em casa dizem que, depois de uma bronca por mau comportamento (o único que os jovens primatas parecem conhecer), esses animais sentem um desejo avassalador de fazer as pazes. Emburram e choramingam até não agüentarem mais. E então pulam no colo do pai adotivo, envolvem-no com os braços, apertam tanto que quase não o deixam respirar. E a isso, em geral, se segue um audível suspiro de alívio quando o pai adotivo os tranquiliza.

Os primatas aprendem cedo a se reconciliar. Como tudo o que se relaciona com apego, isso começa com o vínculo entre mãe e infante. Enquanto amamenta, a mãe empurra-o para longe dos mamilos, mas permite que retorne imediatamente assim que ele grita em protesto. O intervalo entre rejeição e aceitação aumenta com a idade da cria, e os conflitos transformam-se em tremendas cenas. Mãe e filho trazem armas diferentes para o campo de batalha. A mãe tem mais força, e a cria, elaboradas táticas de chantagem e uma laringe bem desenvolvida (um chimpanzé juvenil supera na gritaria muitas crianças humanas). O pequeno tenta persuadir a mãe com sinais de sofrimento, fazendo beicinho e choramingando, por exemplo. Se tudo o mais falhar, ele tem uma crise de birra, no auge da qual pode quase sufocar de tanto berrar ou vomitar aos pés da mãe. Essa é a suprema ameaça: o desperdício total do investimento materno. A resposta de uma mãe selvagem a essa histrionice foi subir numa árvore e jogar o filho lá de cima, mas no último instante segurá-lo pelo calcanhar. O pequeno macho ficou pendurado de cabeça para baixo por quinze segundos, berrando a mais não poder, antes de a mãe tornar a içá-lo. Naquele dia não houve mais birra.

Já vi soluções conciliatórias fascinantes, como o caso em que um filhote sugava o lábio inferior da mãe. A cria, um macho já com cinco anos, aceitou esse substituto. Uma fêmea

juvenil enfiava a cabeça embaixo do braço da mãe, bem perto do mamilo, para sugar uma dobra da pele. Esses ajustes duravam apenas alguns meses, após o que as crias passavam para a dieta de comida sólida. O conflito do desmame é a primeira negociação da vida com um parceiro social absolutamente necessária para a sobrevivência. Contém todos os ingredientes certos: interesses conflitantes, sobreposição de interesses e um ciclo de encontros positivos e negativos que resulta em alguma espécie de solução conciliatória. Manter o importantíssimo vínculo com a mãe apesar da discórdia assenta o alicerce para a resolução de conflitos posteriores. As reconciliações com os pares são o segundo tipo mais importante, também aprendido cedo na vida. Enquanto observava um grande grupo de macacos Rhesus mantidos ao ar livre, presenciei a cena descrita a seguir. Oatly e Napkin, de quatro meses de idade, brincavam de lutar, engalfinhadas, quando a tia adulta de Napkin juntou-se a elas. A tia “ajudou” Napkin segurando a colega. Napkin aproveitou-se da situação desigual: pulou sobre Oatly e a mordeu. Depois de breve luta, separaram-se. O incidente não foi grave, mas teve um desfecho notável. Oatly foi até Napkin, que estava sentada ao lado da mesma tia, e fez grooming em suas costas. Napkin virou-se, e as duas infantas abraçaram-se. Para completar o quadro comovente, a tia passou os braços em torno de ambas. Esse final feliz foi digno de nota não só porque as duas infantas ainda eram muito jovens e pequeninas (em comparação com os bebês humanos que já andam), mas também porque os macacos Rhesus são provavelmente os piores reconciliadores. Eles são irascíveis e têm hierarquias estritas nas quais os de cima raramente hesitam em punir os de baixo. Essa espécie não será indicada para o prêmio Nobel da Paz dos Primatas tão cedo. Mas talvez haja esperança, considerando o resultado de uma idéia maluca que tive após uma palestra que dei para uma sala cheia de especialistas em psicologia infantil. Eu repreendera meus ouvintes pelo fato de sabermos mais sobre reconciliação entre outros primatas do que entre os da nossa espécie. Isso ainda se aplica hoje. Os psicólogos tendem a concentrar-se em comportamentos anormais ou problemáticos, como a intimidação (bulling), e com isso pouco sabemos sobre os modos normais e espontâneos como os conflitos são reduzidos ou superados. Em defesa dessa lamentável situação, um cientista presente argumentou que a reconciliação humana é muito mais complexa que a dos macacos, pois sofre influência da educação e da cultura. Em outros primatas, ele disse, é mero instinto. Mas a palavra “instinto” não me soou bem. Já nem sei mais o que isso significa, pois é impossível encontrar comportamento inato puro. Como os humanos, outros primatas desenvolvem-se lentamente, têm anos para ser influenciados pelo meio em que crescem, inclusive pela estrutura social. De fato, sabemos que primatas adotam todo tipo de comportamentos e habilidades uns dos outros; portanto, grupos da mesma espécie podem agir de modos muito diferentes. Não admira que os primatólogos cada vez mais falem em variabilidade “cultural”. Grande parte dessa variabilidade consiste no uso de ferramentas e em hábitos alimentares. Existem, por exemplo, chimpanzés que quebram nozes com pedras e macacos japoneses que lavam batatas no mar. Mas a cultura social também é uma possibilidade distinta.

Essa discussão com os psicólogos deu-me uma idéia. Juntei por cinco meses macacos

jovens de duas diferentes espécies. Rhesus, primatas tipicamente brigões, foram alojados com macacos da espécie *Macaca arctoides*, muito mais tolerantes, serenos e boas-praças. Depois de uma luta é comum os macacos desta segunda espécie se reconciliarem em uma espécie de ritual no qual abraçam os quadris uns dos outros. Surpreendentemente, os Rhesus de início sentiram medo. Não só os *M. arctoides* são um pouco maiores, mas também os Rhesus devem ter pressentido que sob seu temperamento brando esconde-se um animal robusto e resistente. Assim, com os Rhesus pendurados em um montinho temeroso no teto da jaula, seus novos companheiros calmamente inspecionaram o novo alojamento. Minutos depois, alguns Rhesus, ainda na mesma posição desconfortável, atreveram-se a ameaçar os *M. arctoides* com grunhidos hostis. Se isso era um teste, uma surpresa os esperava. Um Rhesus dominante certamente reagiria a um desafio desse tipo pondo os atrevidos em seu lugar, mas os *M. arctoides* não deram a menor bola. Nem sequer olharam para cima. Para os Rhesus, aquela deve ter sido sua primeira experiência com companheiros dominantes que não sentiam necessidade de salientar sua posição.

Durante o estudo, os Rhesus aprenderam essa lição milhares de vezes, e também se envolveram em freqüentes reconciliações com seus mansos opressores. A agressão física era raríssima, e a atmosfera era de descontração. Ao fim dos cinco meses, os jovens brincavam juntos, faziam grooming juntos e dormiam misturados. E o mais importante: os Rhesus adquiriram habilidades de reconciliação equivalentes aos de seus colegas mais tolerantes. Terminado o experimento e separadas as duas espécies, aqueles Rhesus continuaram a apresentar três vezes mais reuniões amistosas e grooming depois de brigas do que é típico na espécie. Por brincadeira, nós os chamávamos de “Versão Aperfeiçoada”.

Esse experimento demonstrou que a reconciliação é uma habilidade social adquirida, e não um instinto. É parte da cultura social. Cada grupo atinge o próprio equilíbrio entre competição e cooperação. E isso vale para macacos e pessoas. Venho de uma cultura que busca o consenso, talvez porque os holandeses vivam em alta densidade populacional numa terra arrancada de um formidável inimigo comum, o mar do Norte. Outros países, como os Estados Unidos, incentivam o individualismo e a autonomia em vez da lealdade ao grupo. Isso talvez tenha relação com mobilidade e espaços vazios. Antigamente, se as pessoas não se dessem bem, sempre podiam estabelecer-se em outro lugar. A resolução de conflitos pode não ter sido enfatizada no grau adequado aos Estados Unidos de hoje, um lugar mais populoso. A ciência deveria estudar as habilidades que normalmente impedem a intensificação de conflitos e refreiam a agressão. O que ensinamos aos nossos filhos: defender seus interesses sozinhos ou procurar soluções mutuamente satisfatórias? Direitos ou responsabilidades? As culturas humanas contrastam notavelmente nesse aspecto, e descobertas recentes mostram variabilidade semelhante entre primatas selvagens.

Como o Rhesus, o babuíno-verde tem reputação de feroz. Não é o tipo de primata de quem se esperariam atitudes de “paz e amor”, mas foi exatamente o que ocorreu com um grupo em Masai Mara, no Quênia. Todo dia, machos de um grupo estudado pelo

primatólogo americano Robert Sapolsky lutavam para atravessar o território de outro grupo e chegar ao depósito de lixo de uma pousada turística próxima. Só os machos maiores e mais violentos conseguiam passar. O prêmio inquestionavelmente valia a luta, mas um belo dia a pousada jogou no lixo carne infectada com bactérias de tuberculose bovina. Morreram todos os babuínos que a comeram. Isso significa que o grupo estudado perdeu muitos machos, e ainda por cima os mais agressivos. Em consequência, o grupo subitamente virou um improvável oásis de paz e harmonia no implacável mundo dos babuínos.

Isso, em si, não surpreende. O número de incidentes violentos no grupo diminuiu naturalmente depois que os valentões foram dizimados. O fato tornou-se mais interessante quando se descobriu que esse padrão foi mantido por uma década, embora àquela altura nenhum dos machos originais do grupo estivesse mais ali. Babuínos machos emigram ao fim da puberdade; portanto, o tempo todo há machos jovens entrando no grupo. Assim, apesar da total renovação dos machos, esse grupo específico manteve o pacifismo e a tolerância, intensificou as sessões de grooming e apresentou níveis excepcionalmente baixos de estresse. Como a tradição foi mantida não se sabe. As fêmeas de babuínos permanecem no grupo a vida toda, por isso provavelmente seu comportamento contém a chave para explicar o fato. Talvez tenham se tornado seletivas na aceitação de novos machos, ou conseguido perpetuar a atmosfera tranqüila dos velhos tempos fazendo mais grooming com os machos e, assim, deixando-os mais sossegados. Não temos a resposta, mas duas conclusões principais desse experimento natural são claríssimas: o comportamento observado na natureza pode ser produto da cultura, e até os mais ferozes primatas não precisam ser assim para sempre.

Quem sabe isso se aplique também a nós.

COCHICHOS DE MENINAS

“Em quem podemos bater, senão nos amigos?”, disse um espirituoso ator inglês a outro antes de lhe dar um soco no queixo. Achamos graça nesses ingleses, mas na verdade não é raro homens misturarem amizade com rivalidade. O fosso que as separa não é tão grande para os homens quanto para as mulheres. Pelo menos essa é minha opinião depois de uma vida inteira “estudando” pessoas como observador participante. Infelizmente, o modo como as pessoas resolvem conflitos não costuma ser tema de pesquisa. As mulheres são melhores nisso? Os homens são guerreiros por definição? Já se disse que homens e mulheres vêm de planetas diferentes, eles de Marte, elas de Vênus, mas é assim tão simples? No mundo todo, o índice de assassinatos cometidos por homens é muito maior que o das mulheres, e tipicamente são homens que lutam nas guerras, por isso parece razoável culpar o cromossomo Y pelos apuros em que nos encontramos. Mas, se as mulheres têm vantagem no quesito pacifismo, talvez não seja porque são habilidosas para consertar o que foi quebrado. Vejo a força das mulheres na prevenção de conflitos e em sua aversão à violência. Mas elas não são necessariamente

talentosas para dissipar tensões que já tenham surgido. Essa capacidade, na verdade, é um ponto forte masculino.

Entre as fêmeas de chimpanzé ocorrem muito menos lutas do que entre os machos, provavelmente porque elas se esforçam muito para não brigar. Mas, quando ocorre uma luta, as fêmeas raramente se reconciliam. No Zoológico de Arnhem, os machos reconciliavam-se em quase metade de seus confrontos; as fêmeas, em apenas um a cada cinco. Em estudos de campo observou-se disparidade parecida. Os machos têm ciclos de luta e reunião, enquanto as fêmeas têm uma atitude preventiva em relação aos conflitos. Diferentemente dos machos, elas procuram manter boas relações com os indivíduos que têm com elas os vínculos mais estreitos, como crias e melhores amigos, e permitem que a agressão siga seu feio curso quando se trata de rivais. Em visita recente a Arnhem, encontrei Mama e Kuif absortas em uma sessão de grooming, como se o tempo houvesse parado: já eram amigas três décadas antes. Lembro-me de ocasiões em que Mama favorecia um “candidato” político entre os machos enquanto Kuif preferia outro, e me admirava do modo como agiam para dar a impressão de que não notavam a escolha uma da outra. Mama passava bem longe do local onde estivessem ocorrendo lutas pelo poder entre os machos, para evitar dar de cara com a amiga, que se aliara às fileiras rivais. Considerando a indisputada dominância de Mama e sua ferocidade contra as fêmeas que lhe desobedeciam, sua leniência para com Kuif era uma exceção assombrosa.

Mas, do lado negativo, fêmeas podem ser incrivelmente perversas e calculistas. Um bom exemplo são as ofertas de reconciliação enganosas. A idéia é preparar com fingimentos uma armadilha para a oponente. Puist, uma fêmea pesada e mais velha, persegue e quase apanha uma oponente mais jovem. Após escapar por um triz, a vítima grita durante algum tempo, depois se senta, arquejante. O incidente parece esquecido, e dez minutos depois Puist faz um gesto amistoso de longe, com a mão aberta estendida. A jovem fêmea hesita a princípio, depois se aproxima de Puist dando sinais clássicos de desconfiança: com um esgar nervoso, pára várias vezes e olha para os outros. Puist persiste, acrescentando arquejos suaves quando a jovem fêmea se aproxima. Esses sons têm um significado particularmente amistoso; muitos são seguidos de um beijo, o principal gesto conciliatório dos chimpanzés. Mas, de repente, Puist salta, agarra a outra e a morde ferozmente antes que a vítima consiga se safar.

As reconciliações entre chimpanzés machos podem ser tensas, às vezes malsucedidas (ou seja, a luta recomeça), mas nunca incluem engodos. As tensões dos machos assomam aos olhos. Entre amigos chegados, como foram Yeroen e Nikkie durante seu reinado conjunto, um macho pode zangar-se quando o colega faz algo que não lhe agrada, como provocar sexualmente uma fêmea atraente. Arrepia os pêlos, começa a balançar o tronco e a emitir sons que lembram pios de coruja: sinal de que não está gostando. Se o outro não fizer caso, irromperá um confronto, que muito provavelmente será seguido de rápida reconciliação. Os chimpanzés machos fazem as pazes facilmente; em contraste, entre as fêmeas as tensões persistem por muito tempo. Não raro vejo duas chimpanzés fêmeas se encontrarem e começarem a berrar uma com a outra, embora eu, o

observador, não tenha a menor idéia do que pode ter desencadeado tal explosão. Incidentes assim dão a impressão de que algo veio fervendo em fogo lento sob a superfície, talvez por dias ou semanas, até que o vulcão explode justamente quando estou presente. Isso nunca ocorre entre machos, sobretudo porque eles sinalizam abertamente as hostilidades e discordâncias, e assim as coisas são “resolvidas” de um jeito ou de outro. Isso pode envolver a agressão flagrante, mas pelo menos a atmosfera se desanuvia. As fêmeas bonobos reconciliam-se muito mais prontamente do que as chimpanzés. Impor a dominância coletiva e depender de uma vasta rede de alianças induz a necessidade de solidariedade entre as fêmeas. Sem zelar cuidadosamente por seus laços, elas nunca poderiam manter-se no topo. Inversamente, os bonobos machos reconciliam-se menos do que seus congêneres chimpanzés. Aqui de novo a razão é de ordem prática: os bonobos machos não têm a intensa cooperação em caçadas, as alianças políticas e a defesa territorial que forçam os chimpanzés machos a preservar a unidade. Assim, a tendência à reconciliação é um cálculo político que varia de acordo com espécie, gênero e sociedade. Paradoxalmente, o nível de agressão nada diz sobre a reconciliação: o gênero mais agressivo pode ser melhor em fazer as pazes, e o mais pacífico, pior. A popular distinção Marte versus Vênus dá a impressão de que só há uma dimensão a considerar, mas tanto os humanos como os outros grandes primatas são complexos demais para isso. A principal razão para a reconciliação não é a paz em si, mas o propósito comum. Vemos isso após traumas generalizados. Por exemplo, depois do ataque de 11 de setembro ao World Trade Center em Nova York, as tensões raciais na cidade diminuíram. Nove meses após a catástrofe, quando lhes perguntaram como viam as relações raciais, nova-iorquinos de todas as raças responderam que o mais das vezes as achavam boas. Nos anos anteriores, a maioria dissera o contrário. O sentimento de “estamos juntos nisso” gerado pelo ataque favoreceu uma união excepcional e tornou as pessoas muito mais cordatas e conciliadoras que o usual. Os extragrupos étnicos subitamente foram vistos como pertencentes a um intragrupo da cidade.

Isso tem sentido da perspectiva das teorias sobre as razões de a reconciliação ter evoluído em espécies tão diversas como hienas, babuínos e humanos. A dependência mútua favorece a harmonia. Houve um tempo em que os biólogos só se preocupavam com ganhar e perder: ganhar era bom, perder era ruim. Toda população tinha seus “falcões” e “pombas”, e estas davam duro para manter-se vivas. Contudo, quem ganha e quem perde é apenas metade da história. Se a subsistência depende de trabalho conjunto, como ocorre para uma infinidade de animais, os que iniciam lutas se arriscam a perder algo muito mais importante do que o conflito em questão. Às vezes não se pode ganhar uma luta sem perder um amigo. Para serem bem-sucedidos, os animais sociais têm de ser falcões e pombas. Novas teorias salientam a reconciliação, as soluções conciliatórias e a necessidade de boas relações. Em outras palavras, o objetivo de fazer as pazes não é ser gentil, mas manter a cooperação.

Em um estudo, macacos foram treinados para trabalhar juntos. Podiam comer pipocas tiradas de uma máquina se chegassem em pares. Chegando sozinhos, não ganhavam o petisco. Aprenderam a regra com facilidade. Depois desse treinamento, foram induzidas

brigas para verificar o tempo que aqueles macacos levavam para se reconciliar. Os pares cujos membros haviam passado a depender um do outro foram muito mais rápidos na reconciliação. Os macacos mutuamente dependentes perceberam a vantagem de ficar de bem.

É claro que esse princípio também vale para as pessoas. De fato, ele é a base da União Européia. Após séculos de guerras no continente, alguns políticos visionários argumentaram que favorecer laços econômicos entre nações poderia ser a solução: haveria muita coisa em jogo para se continuar com o mesmo comportamento. Como os macacos treinados para alimentar-se juntos, as economias nacionais da Europa sustentam-se mutuamente. O país que invadir outro prejudicará a própria economia. Esse desincentivo à guerra tem funcionado há mais de meio século.

Soluções pragmáticas para o conflito, como a União Européia, são tipicamente masculinas. Digo isso sem chauvinismo, pois sei muito bem que os homens também são os responsáveis pelos piores excessos de violência quando falham as tentativas de paz. Um dos pouquíssimos estudos sobre como cada gênero lida com a discórdia concentrou-se em jogos infantis. Constatou-se que as meninas brincam em grupos menores e com menos competitividade do que os meninos. Mas o jogo médio das meninas não durava muito tempo, pois elas não eram tão boas quanto os meninos para decidir disputas. Os meninos brigavam o tempo todo, debatendo regras como pequenos advogados, mas isso nunca significava o fim do jogo. Após uma interrupção, eles simplesmente continuavam. Já com as meninas, uma briga geralmente significava o fim do jogo. Não havia esforços para tornar a unir o time. A natureza dos jogos de meninas e meninos também é diferente. Digamos que o indivíduo A anda até o indivíduo B e este dá as costas como se A não existisse. Dá para imaginar meninos considerando isso uma briga? Eles simplesmente partem para outra coisa. Já para duas meninas, tal encontro pode ser excruciante e repercutir por horas ou dias. Uma equipe de pesquisadores finlandeses contou as brigas em um pátio escolar e computou muito menos episódios entre meninas do que entre meninos. Isso já era esperado, mas, quando perguntaram a cada criança no fim do dia se participara de alguma briga, o cômputo ficou aproximadamente igual para meninos e meninas. A agressão entre meninas em geral é quase invisível ao observador. Em seu romance *Olho de gato*, Margaret Atwood contrastou os tormentos a que as meninas submetem umas às outras com a competição direta entre os meninos.

A personagem principal lamenta:

Pensei em contar ao meu irmão, pedir ajuda. Mas dizer o quê, exatamente? Cordélia não faz nada físico. Se fossem meninos perseguindo ou atormentando, ele saberia o que fazer, mas não sofro com os meninos desse modo. Contra as meninas e suas dissimulações, seus cochichos, ele nada poderia fazer.

Esse tipo de agressão sutil não se esvai facilmente, como constataram os pesquisadores finlandeses. Eles descobriram que a discórdia entre as meninas durava mais do que entre os meninos. Quando lhes perguntaram quanto tempo poderiam ficar zangados uns com os outros, os meninos pensaram em horas, alguns em dias, enquanto as meninas acharam que poderiam ficar bravas pelo resto da vida! Guardar rancor gera

relacionamentos erosivos, como explicou uma treinadora de natação sobre a razão de ter passado a treinar homens em vez de mulheres. A treinadora achou muito menos estressante trabalhar com o sexo oposto. Contou que, se duas atletas brigassem no início da temporada, haveria pouca chance de fazerem as pazes pelo resto do ano. A briga fermentaria dia após dia, minando a solidariedade da equipe. Os rapazes, por sua vez, brigavam a mais não poder. Mas à noite iam beber cerveja juntos e no dia seguinte mal se lembravam do desentendimento. Para meninos e homens, rivalidade e hostilidade não barram o caminho das boas relações. Em seu livro *Você simplesmente não me entende*, a lingüista Deborah Tannen relata diálogos hostis seguidos por conversas amistosas entre homens. Os homens usam o conflito para negociar status, e na verdade adoram digladiar-se, mesmo entre amigos. Quando os ânimos esquentam, muitos encontram um jeito de compensar depois com uma piada ou um pedido de desculpa, e assim mantêm os vínculos alternando entre a camaradagem e uma leve hostilidade. Por exemplo, empresários podem gritar e intimidar em uma reunião e no intervalo contar piadas e rir enquanto vão ao banheiro. “Nada pessoal” é a típica frase masculina depois de um bate-boca.

Se o conflito é como um temporal, as mulheres evitam expor-se, enquanto os homens compram um guarda-chuva. As mulheres mantêm a paz, os homens fazem as pazes. As amizades femininas geralmente são consideradas mais profundas e mais íntimas que as dos homens. Estas são mais voltadas para a ação, como assistir juntos a um jogo. Conseqüentemente, as mulheres vêem o conflito como uma ameaça a relações que elas prezam. Como Mama e Kuif na colônia de Arnhem, elas evitam o confronto a todo custo. São muito boas nisso, o que se evidencia nos vínculos duradouros que desfrutam. Mas a profundidade de seus relacionamentos também significa que, quando uma briga chega a ocorrer, elas são incapazes de dizer “nada pessoal”. Tudo é intensamente pessoal. E por isso livrar-se da discórdia depois que ela aflorou é mais difícil do que para os homens.

MEDIADORES

Vernon, o macho alfa da colônia de bonobos em San Diego, costumava perseguir um macho mais jovem, Kalind, até expulsá-lo para o fosso seco. Era como se Vernon quisesse ver Kalind fora do grupo. Mas o jovem macho sempre voltava. Subia por uma corda, só para ser novamente enxotado. Depois de o incidente repetir-se até dez vezes seguidas, Vernon geralmente desistia. Afagava os genitais de Kalind ou começava um jogo bruto de cócegas. Sem esse contato cordial, Kalind não seria autorizado a retornar. Assim, depois de emergir do fosso, sua primeira tarefa era rodear o chefe e esperar por um sinal amistoso.

Mas as mais intensas e dramáticas reconciliações de bonobos eram sempre entre fêmeas, que podiam estar brigando em um momento e praticando GG-rubbing logo em seguida. As reconciliações inevitavelmente tinham um elemento sexual, e o mesmo comportamento podia ser usado preventivamente, para evitar conflitos. Quando Amy

Parish observou a divisão de alimentos no Zoológico de San Diego, constatou que as fêmeas se aproximavam da comida gritando e faziam sexo antes de tocar no alimento. Portanto, a primeira reação não era comer nem lutar pela comida, mas entregar-se a um frenético contato físico que servia para acalmar os ânimos e abrir caminho ao compartilhamento. Isso é conhecido como “celebração”, muito embora para quem observa os bonobos o termo “orgia” possa parecer mais apropriado.

Um incidente revelador ocorreu no mesmo zoológico quando os bonobos haviam acabado de receber um almoço composto de talos de aipo, totalmente monopolizados pelas fêmeas. Amy estava fotografando e gesticulou para que os primatas olhassem para ela. Mas Loretta, que se apoderara da maior parte do aipo, deve ter pensado que Amy estava pedindo comida. Loretta não lhe deu atenção por uns dez minutos. De repente se levantou, dividiu o aipo e jogou metade do que tinha para aquela mulher que chamava desesperadamente sua atenção. Isso mostra que as fêmeas realmente haviam acolhido Amy como uma delas. Comigo elas nunca fizeram isso, já que os grandes primatas sabem distinguir com precisão o gênero das pessoas. Tempos depois, ao fim de sua licença-maternidade, Amy foi visitar essas mesmas amigas bonobos. Queria mostrar-lhes seu filhinho recém-nascido. A fêmea mais velha olhou o bebê de relance e desapareceu em uma jaula contígua. Amy pensou que a fêmea estivesse zangada, mas ela só fora buscar o próprio bebê. Voltou depressa e encostou o filhote no vidro para que os dois pequeninos pudessem se olhar nos olhos.

Entre os chimpanzés, as celebrações são tremendamente barulhentas. No zoológico, ocorrem quando os tratadores se aproximam com a comida, e na natureza, quando eles capturam presas. Os chimpanzés reúnem-se em grandes grupos para abraços, toques e beijos. Como entre os bonobos, fazem a festa antes que qualquer um prove a comida. As celebrações envolvem abundante contato corporal, marcando a transição para uma atmosfera tolerante na qual todos ganharão uma parte do alimento. Mas devo dizer que as celebrações mais jubilosas que já observei entre chimpanzés não tiveram relação alguma com comida. Toda primavera eu as via no Zoológico de Arnhem, quando eram abertas pela primeira vez as portas da jaula coberta em que eles passavam o inverno. Os chimpanzés conheciam de ouvido o som de cada porta da jaula. Depois de ficarem confinados por cinco meses no alojamento aquecido, eles estavam loucos para relaxar na grama. No segundo em que ouvia a porta se abrir, toda a colônia soltava um grito ensurdecedor que parecia saído de uma só garganta. Lá fora a algazarra continuava, e eles se espalhavam pela ilha em pequenos grupos, pulando e batendo nas costas uns dos outros. Era um clima de festa, como se fosse o primeiro dia de uma vida nova e melhor.

Seus rostos ganhavam nova cor ao sol, e as tensões se dissipavam no ar da primavera. As celebrações demonstram a necessidade de contato físico em momentos de alegria. Essa é uma necessidade típica de todos os primatas, e a compreendemos facilmente. Procuramos esse contato quando nosso time vence ou um estudante se forma, ou em momentos difíceis como enterros ou calamidades. Essa necessidade é inata. Algumas culturas incentivam a distância entre as pessoas, mas uma sociedade desprovida de

contato físico não seria verdadeiramente humana.

Nossos colegas primatas também entendem essa necessidade de contato. Além de o buscarem para si, também incentivam o contato entre outros se isso puder melhorar uma relação abalada. O exemplo mais simples é o de uma fêmea juvenil que cuidava do bebê de outra fêmea. Quando o infante começava a chorar, a fêmea corria a entregá-lo à mãe, sabendo que era o melhor modo de acalmá-lo. Uma forma mais refinada de incentivar o contato pode ser vista quando chimpanzés machos não se reconciliam após um confronto. Às vezes sentam-se a alguns metros de distância um do outro, esperando que o adversário tome a iniciativa. Nota-se claramente seu desconforto: olham em todas as direções, o céu, a grama, o próprio corpo, evitando escrupulosamente o contato visual. Tal impasse pode durar meia hora ou mais, porém pode ser decidido por terceiros.

Uma fêmea aproxima-se de um dos machos e, depois de fazer-lhe grooming por algum tempo, anda devagar em direção ao outro. Se o primeiro macho a seguir, vai logo atrás dela, sem olhar para o outro macho. Às vezes a fêmea se vira, dá uma olhada ao redor, volta e cutuca o braço do macho relutante para que ele a siga. A fêmea senta-se perto do segundo macho e os dois brigões lhe fazem grooming, um de cada lado, até que ela simplesmente se afasta e os deixa fazendo grooming um no outro. Agora os machos arquejam, cospem e estalam os lábios com mais ruído do que antes, sons indicadores de seu entusiasmo pelo grooming. Esse comportamento, chamado “mediação”, permite aos machos rivais se aproximarem sem tomar a iniciativa, sem fazer contato visual e talvez sem perder a dignidade.

A mediação promove a paz na comunidade reunindo os dois contendores. É interessante notar que só chimpanzés fêmeas são mediadoras, e apenas as mais velhas e de mais alta posição hierárquica. Isso não surpreende, pois, se um macho se aproximasse de um dos rivais, pareceria estar tomando partido no conflito. Dada a propensão dos chimpanzés machos a formar alianças, sua presença não poderia ser neutra. Por outro lado, se uma fêmea jovem, especialmente com intumescimento genital, se aproximasse de um dos machos, as tensões aumentariam porque haveria uma interpretação sexual. Na colônia de Arnhem, Mama era a mediadora por excelência: nenhum macho a ignorava, nem cometia o descuido de começar uma luta que pudesse incorrer na ira dela. Também em outras colônias a fêmea de posição hierárquica mais elevada tinha habilidade e autoridade para reunir machos combatentes. Já vi situações em que outras fêmeas pareciam encorajar essa iniciativa, aproximando-se da fêmea mais graduada enquanto olhavam para os machos que se recusavam a se reconciliar, como se tentassem dar andamento a algo que elas sabiam não ser capazes de conseguir por si mesmas. Nesse sentido, as fêmeas dos grandes primatas não humanos claramente têm capacidade de promover a reconciliação, uma capacidade altamente refinada. Mas cabe notar que suas mediações são entre machos. Eles são receptivos a tais esforços, enquanto fêmeas podem não ser. Nunca vi uma fêmea tentar reunir duas rivais depois de uma briga.

Os humanos dificilmente conseguem coexistir sem intermediários, é claro. Isso em qualquer sociedade, grande ou pequena. A harmonização de interesses díspares é

institucionalizada e norteadada por uma vasta gama de influências sociais: o papel dos mais velhos, a diplomacia estrangeira, o sistema judiciário, festas conciliatórias, pagamentos compensatórios etc. Os semai, da Malásia, por exemplo, organizam um evento chamado becharaa', no qual reúnem os disputantes, seus parentes e o resto da comunidade na casa do chefe. Os semai sabem que há muito em jogo; um ditado desse povo diz que há mais razões para temer uma disputa do que um tigre. A cerimônia é iniciada com monólogos nos quais os anciãos discorrem por muitas horas sobre as dependências mútuas na comunidade e a necessidade de manter boas relações. As disputas são em torno de questões graves, como infidelidade e propriedade, e são resolvidas em discussões que podem levar dias. Nelas, a comunidade examina todos os motivos possíveis dos contendores, as razões que levaram ao problema e como ele poderia ter sido prevenido. A sessão termina com o chefe determinando a um ou aos dois disputantes que nunca mais repitam o que fizeram, pois isso poderia pôr todos em risco.

O bem comum não é coisa pouca. Ou, como disse Keith

Richards para Mick Jagger quando os Rolling Stones quase se separaram:

“Isso é maior do que nós dois, baby”.

BODE EXPIATÓRIO

Costuma-se dizer que a vitória tem cem pais, mas a derrota é órfã. Aceitar a responsabilidade por algo que deu errado não é nosso ponto forte. Em política, o jogo da culpa é um pressuposto. Como ninguém a quer à sua porta, a culpa tende a viajar. Temos aí um modo lamentável de resolver disputas: em vez de reconciliação, celebração e mediação, os problemas surgidos no topo são jogados para baixo.

Toda sociedade tem seus bodes expiatórios, mas os casos mais extremos que já vi estavam em grupos recém-formados de símios do gênero *Macacus*. Esses macacos possuem uma hierarquia estrita, e quando os do alto escalão estavam decidindo suas posições no topo, um processo em geral nada suave, nada lhes era mais fácil do que voltar-se em massa contra algum pobre subalterno. Uma fêmea chamada Black era atacada com tanta freqüência que chamávamos o canto para onde ela costumava fugir de “o canto de Black”. Ela se acorava e o resto do grupo a rodeava, a maioria apenas grunhindo e ameaçando, mas alguns a mordiam e lhe arrancavam tufo de pêlo.

Pela minha experiência com primatas, não adianta ceder à tentação de remover o bode expiatório, pois no dia seguinte outro indivíduo estará em seu lugar. Existe uma óbvia necessidade de um receptáculo de tensões. Mas, quando Black deu à luz sua primeira cria, tudo mudou, pois o macho alfa protegia o infante. O resto do grupo estendia a hostilidade à família de Black, portanto ameaçavam e grunhiam também para o macaquinho. Este, porém, como contava com proteção lá de cima, nada tinha a temer, e parecia intrigado com todo o estardalhaço. Black logo aprendeu a manter o filho por perto quando surgiam problemas, pois assim não a maltratavam também.

O que torna tão eficaz o recurso a um bode expiatório é a dupla utilidade. Primeiro, permite aos dominantes extravasar tensões. Atacar um circunstante inocente e inofensivo obviamente é menos arriscado do que se atacarem uns aos outros. Além do mais, isso une os do topo em torno de uma causa comum. Enquanto ameaçam o bode expiatório, eles se ligam uns aos outros, às vezes se montam e se abraçam, um indicador de que estão unidos. Temos aí um grande enigma, é claro: muitos primatas escolhem inimigos praticamente insignificantes. Em um grupo de macacos, todos os membros corriam até sua bacia de água e ameaçavam o próprio reflexo. Ao contrário dos humanos e dos outros grandes primatas, os macacos não se reconhecem em sua imagem refletida. Assim, encontravam um grupo inimigo que convenientemente não revidava. Os chimpanzés de Arnhem tinham uma válvula de escape diferente. Quando as tensões beiravam o desastre, um deles começava a gritar com os leões e guepardos do parque-safári vizinho. Os grandes felinos eram inimigos perfeitos. Logo toda a colônia se esgoelava contra aquelas feras pavorosas separadas deles por um fosso, uma cerca e uma faixa de floresta. E lá se iam as tensões. Um grupo bem estabelecido em geral não tem um indivíduo específico para ser acuado. A ausência de um bode expiatório é um sinal inconfundível de que está tudo acertado. Mas o deslocamento da agressão, como dizem os especialistas, não necessariamente termina no último degrau da escala social. Alfa ameaça Beta, que imediatamente começa a procurar Gama. Beta ameaça Gama olhando Alfa de relance, pois o resultado ideal é que Alfa tome partido de Beta. O deslocamento da agressão pode descer quatro ou cinco degraus antes de esgotar-se. Costuma ter baixa intensidade — o equivalente a dizer palavrões ou bater portas —, mas ainda assim permite aos do topo descarregar a raiva. E todos do grupo sabem o que está havendo: os subalternos correm a esconder-se ao primeiro sinal de tensões próximo ao topo. A expressão “bode expiatório” deriva do Antigo Testamento, onde encontramos referência a um dos dois bodes usados em uma cerimônia do Dia do Perdão. Um deles era sacrificado, e ao outro permitia-se escapar vivo. Este recebia na cabeça todas as iniquidades e transgressões das pessoas e era então mandado para um lugar solitário, um deserto nos sentidos real e espiritual. Dessa maneira, as pessoas libertavam-se do mal. Analogamente, o Novo Testamento descreve Jesus como o “Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (João 1,29).

O homem moderno vê o bode expiatório como demonização, difamação, acusação e perseguição descabidas. O mais horrível exemplo de recurso ao bode expiatório pela humanidade foi o Holocausto. Mas extravasar as tensões à custa de outro abrange uma gama mais ampla de comportamentos, como a caça às bruxas na Idade Média, o vandalismo de torcidas de times perdedores, os maus-tratos à mulher depois de conflitos no trabalho. E os esteios desse comportamento — a inocência da vítima e uma violenta liberação de tensões — são notavelmente semelhantes entre humanos e outros animais. O clássico exemplo é a agressão induzida pela dor em ratos. Se pusermos dois ratos em uma grade de ferro e lhes aplicarmos um choque elétrico, no momento em que sentirem dor atacarão um ao outro. Como pessoas quando erram a martelada e acertam o dedão, os ratos nunca hesitam em “pôr a culpa” no outro.

Cercamos tal processo de simbolismo e escolhemos as vítimas com base em características como cor da pele, religião ou sotaque estrangeiro. Também temos o cuidado de nunca admitir a vergonha que é usar um bode expiatório. Nesse ponto, somos mais refinados que os outros animais. Mas não há como negar que o bode expiatório é um dos mais básicos, mais poderosos e menos conscientes reflexos psicológicos da espécie humana, também encontrado em tantos outros animais que pode muito bem ser um comportamento instintivo.

O mítico Édipo morreu como bode expiatório durante uma comoção social em sua cidade, Tebas. Apontado como o culpado por uma seca prolongada, ele era uma vítima perfeita: um forasteiro criado em Corinto. O mesmo se aplica a Maria Antonieta. A instabilidade política combinou-se à sua linhagem austríaca e fez dela um alvo ideal. Hoje em dia, a Microsoft é o bode expiatório para a insegurança da internet, os imigrantes ilegais são vistos como culpados pelo desemprego crescente e a CIA foi responsabilizada por não terem sido encontradas armas de destruição em massa no Iraque.

A própria guerra no Iraque é outro bom exemplo. Como todos os americanos, fiquei chocado e estarecido com o ataque terrorista em Nova York. Ao horror e consternação iniciais, logo somou-se a raiva. Eu podia senti-la à minha volta, infiltrando-se em mim. Não sei se em outras partes do mundo a sensação foi a mesma; horror e consternação talvez, mas não raiva. Talvez seja por isso que o que veio depois deixou os Estados Unidos em posição tão antagônica com os outros países. Da noite para o dia, o mundo teve de lidar com um urso ferido e furioso, acordado de seu sono por alguém que lhe pisou na cauda.

Depois de surrar o Afeganistão, o urso raivoso continuou a procurar outro alvo, mais substancial, e lá estava Saddam Hussein, odiado por todos, sobretudo por seu próprio povo, lançando desaforos ao mundo. Independentemente de qualquer ligação comprovada com o 11 de setembro, o bombardeio de Bagdá foi um grande extravasamento de tensão para o povo americano, aclamado com fanfarra da mídia e bandeiras nas ruas. Mas imediatamente depois dessa catarse começaram a surgir dúvidas. Passados dezoito meses, pesquisas indicaram que a maioria dos americanos considerava essa guerra um erro.

Realocar a culpa não lida com a situação que a desencadeou, mas funciona: serve para acalmar os nervos e restaurar a sanidade.

Como disse Yogi Berra, famoso jogador de beisebol americano:

“Nunca me culpo quando não acerto. Ponho a culpa no bastão”. É um bom modo de manter a si mesmo fora da equação, mas não se sabe exatamente como isso funciona. Um único estudo mediu a prática de um modo inovador: não em pessoas, mas em babuínos. Os primatólogos calcularam o que, em linhas gerais, é preciso para ser um babuíno macho bem-sucedido. A medida do sucesso é a quantidade de glucocorticóide no sangue, um hormônio regulador do estresse que reflete o estado psicológico do indivíduo. Níveis reduzidos indicam que ele suporta bem os altos e baixos da vida. Esta, para os babuínos machos, é cheia de luta por status, desfeitas e desafios. Descobriu-se

que o deslocamento da agressão é uma característica de personalidade muito conveniente para um babuíno. Assim que um macho é vencido em um confronto, desconta em algum subalterno. Os machos que costumavam fazer isso tinham vida relativamente livre de estresse. Em vez de se retraírem emburrados depois de uma derrota, logo transferiam seus problemas para outros.

Já ouvi mulheres dizerem que isso é coisa de homem, que mulheres tendem a internalizar a culpa, enquanto homens não têm escrúpulo de pôr a culpa nos outros. Homens preferem dar a receber úlceras. É deprimente saber que temos essa tendência —que cria tantas vítimas inocentes — em comum com ratos, macacos e outros grandes primatas. Evitar o estresse à custa da imparcialidade e da justiça é uma tática profundamente arraigada.

ESTE MUNDO SUPERLOTADO

Certa ocasião, quando era um jovem cientista, perguntei a um especialista mundialmente famoso em violência humana o que ele sabia sobre reconciliação. Ele me fez uma preleção argumentando que a ciência devia se concentrar nas causas da agressão, pois nelas está a chave para eliminá-la. Meu interesse na resolução de conflitos indicava-lhe que eu considerava a agressão natural, imutável, o que ele não aprovava. Sua atitude lembrou-me os oponentes da educação sexual: por que perder tempo tentando melhorar um comportamento que nem deveria existir?

As ciências naturais são mais diretas que as ciências sociais.

Nenhum tema é tabu. Se algo existe e pode ser estudado, merece sê-lo. É simples assim. A reconciliação não só existe, mas é extremamente difundida entre os animais sociais. Em gritante contraste com o especialista em violência, acho que nossa única esperança de controlar a agressão está em compreender melhor como somos equipados pela natureza para lidar com ela. Concentrar a atenção exclusivamente no comportamento problemático é ser um bombeiro que aprende tudo sobre o fogo, mas nada sobre a água. Na verdade, um dos gatilhos da agressão mencionado com grande frequência pelos cientistas, a aglomeração, não é assim tão importante precisamente porque nossa espécie conta com freios e compensações. Thomas Malthus, demógrafo do século XIX observou que o crescimento da população humana é automaticamente retardado pelo aumento dos vícios e da miséria. Isso inspirou o psicólogo John Calhoun a realizar um experimento medonho. Ele pôs uma crescente população de ratos em uma sala apertada e observou como os animais logo se puseram a matar, atacar sexualmente e devorar uns aos outros. Como predissera Malthus, o aumento da população foi controlado naturalmente. O caos e os desvios de comportamento levaram Calhoun a cunhar a expressão “esgoto comportamental”. O comportamento normal dos ratos descera pelo ralo, poderíamos dizer.

Logo se começou a comparar uma turba em arruaça a um bando de ratos, o centro decadente das grandes cidades a esgotos comportamentais e as áreas urbanas a

zoológicos. Fomos alertados de que um mundo ainda mais populoso descambaria para a anarquia ou a ditadura. Se não parássemos de nos reproduzir como coelhos, nosso destino estaria selado. Essas idéias apoderaram-se do pensamento dominante a tal ponto que, se você perguntar, quase todas as pessoas lhe dirão que a superpopulação é uma das principais razões de termos dificuldade para eliminar a violência humana.

De início, os estudos sobre primatas corroboraram esse cenário angustiante. Cientistas relataram que, na Índia, os macacos residentes em cidades eram mais agressivos que os das florestas.

Outros afirmaram que primatas em zoológico eram excessivamente violentos, governados por valentões dominadores em uma hierarquia social que era fabricada em cativeiro, pois na natureza prevaleciam a paz e o igualitarismo. Tomando de empréstimo o exagero das publicações de divulgação científica, um estudo sobre densidade populacional relatou uma “arruaça de gueto” entre babuínos.

Quando eu trabalhava com macacos Rhesus no parque zoológico Henry Vilas, em Madison, Wisconsin, recebemos queixas de que os macacos estavam brigando o tempo todo, portanto a suposição era que estávamos alojando muitos deles juntos. Mas para mim aqueles macacos pareciam perfeitamente normais: eu nunca vira nenhum grupo de macacos Rhesus que não brigasse. Além disso, como cresci em um dos países mais populosos do mundo, sou profundamente cético a respeito de qualquer relação entre densidade populacional elevada e agressão. Não vejo isso na sociedade humana. Assim, elaborei um estudo em grande escala de macacos Rhesus que, ao longo de muitos anos, às vezes de gerações, viveram em determinadas circunstâncias. Os grupos de maior densidade populacional viviam em gaiolas, e os de menor densidade em uma vasta ilha arborizada. Os macacos da ilha tinham seis vezes mais espaço per capita que os das gaiolas.

Nossa primeira constatação foi, surpreendentemente, que a densidade não afeta a agressividade dos machos. Na verdade, as taxas mais altas de agressão foram observadas em machos que habitavam grandes espaços, e não nos cativos. Os machos que vivem em condições apinhadas fazem mais grooming nas fêmeas, e vice-versa. O grooming tem efeito tranqüilizador: os batimentos cardíacos dos macacos diminuem quando lhes fazem grooming. As fêmeas reagem de modo diferente. As fêmeas Rhesus têm um forte senso de pertencer a um grupo familiar conhecido como matrilinea. Como esses grupos competem entre si, a aglomeração induz ao atrito. Mas não é só a agressão entre as matrilineas que aumenta. Como seria de esperar, intensifica-se também o grooming. Isso significa que as fêmeas empenham-se muito em prevenir tensões fazendo grooming fora de suas matrilineas. Em conseqüência, o efeito da aglomeração sobre os macacos é muito menos notável do que se poderia pensar.

Falamos em “acomodação”, ou seja, dizemos que os primatas têm modos de contrabalançar os efeitos do espaço reduzido. Talvez devido à sua maior inteligência, os chimpanzés vão além. Ainda me lembro de um inverno na colônia de Arnhem quando Nikkie, o jovem chimpanzé ambicioso, parecia pronto para desafiar Luit, o macho alfa na época. Os chimpanzés estavam alojados em uma jaula fechada, onde um confronto com

o líder estabelecido seria suicídio. Afinal, Luit contava com grande apoio das fêmeas, e elas o teriam ajudado a acuar seu adversário se Nikkie tentasse alguma coisa. Mas, assim que a colônia pôde sair ao ar livre, começaram os problemas. Fêmeas são menos velozes que machos, e na grande ilha Nikkie poderia facilmente fugir de quaisquer defesas que fossem organizadas em benefício de Luit. De fato, todas as lutas pelo poder em Arnhem ocorreram ao ar livre, e não em jaula fechada. Sabemos que os chimpanzés têm um conceito de futuro, portanto não podemos excluir a hipótese de que eles esperam até que as condições sejam favoráveis para agir.

Esse tipo de controle emocional também é visto na evitação de conflito quando chimpanzés estão alojados em lugares apinhados. Em situações assim, eles reduzem a agressão. Lembram um pouco as pessoas em elevadores ou ônibus, que evitam atritos minimizando movimentos amplos do corpo e procurando não fazer contato visual nem falar alto. São ajustes em pequena escala, mas também é possível culturas inteiras se adaptarem à quantidade de espaço disponível. Em países com alta densidade populacional, é comum o povo valorizar a tranquilidade, a harmonia, a deferência, a modulação no tom de voz e o respeito à privacidade, mesmo se as paredes forem da espessura do papel. Nossa refinada habilidade de adaptação a uma determinada socioecologia, como diriam os biólogos, explica por que o número de pessoas por quilômetro quadrado não tem relação alguma com os índices de homicídio. Alguns países com índices de assassinato estratosféricos, como Rússia e Colômbia, têm densidade populacional baixíssima, e entre os países com os índices mais baixos de assassinatos estão os superlotados Japão e a Holanda. Isso também se aplica às áreas urbanas, onde ocorre a maioria dos crimes. A metrópole mais apinhada do mundo é Tóquio, e uma das que têm população mais dispersa é Los Angeles. No entanto, esta sofre anualmente cerca de quinze assassinatos para cada 100 mil pessoas, em comparação com menos de dois para cada 100 mil em Tóquio.

Em 1950, havia no mundo 2,5 bilhões de pessoas. Hoje temos 6,5 bilhões. É um aumento fenomenal desde que começou a contagem, dois milênios atrás, quando as estimativas para a população humana mundial foram de 200 milhões a 400 milhões. Se realmente a alta densidade populacional conduzir à agressão, estamos no caminho da total combustão. Por sorte, descendemos de uma longa linhagem de animais sociais capazes de ajustar-se a todo tipo de condição, inclusive as artificiais, como penitenciárias lotadas, ruas de grandes cidades e shoppings. O ajuste pode requerer esforço, e as exuberantes celebrações que vemos toda primavera no Zoológico de Arnhem certamente indicam que os chimpanzés preferem viver com menos aglomeração. Mas o ajuste sem dúvida é preferível à apavorante alternativa predita com base no experimento de Calhoun com os ratos.

Devo acrescentar, porém, que os resultados de Calhoun podem não ter sido inteiramente causados pela aglomeração. Como havia poucos comedouros para os ratos, a competição provavelmente também teve seu papel. Eis, pois, um alerta para nossa espécie em um mundo cada vez mais populoso. Temos um talento natural e insuficientemente apreciado para lidar com a aglomeração. Mas esta, se combinada à

escassez de recursos, é outra história, e pode muito bem conduzir ao vício e à miséria malthusianos. Malthus, no entanto, tinha uma postura política incrivelmente insensível. Achava que qualquer assistência aos pobres negava o processo natural por meio do qual supostamente os destituídos vão sendo eliminados. Se havia um direito que o homem não tinha, ele disse, era o direito à subsistência que ele próprio não fosse capaz de comprar. Malthus inspirou um sistema de pensamento, conhecido como darwinismo social, desprovido de compaixão. Assim, o auto-interesse é a força vital da sociedade e se traduz em progresso para os fortes em detrimento dos fracos. Essa justificação para a concentração de recursos nas mãos de uma afortunada minoria foi exportada para o Novo Mundo, onde permitiu a John D. Rockefeller descrever o crescimento de uma empresa como “mero resultado de uma lei da natureza e de uma lei de Deus”. Dado o uso e abuso da teoria evolucionista por suas versões popularizadas, não admira que o darwinismo e a seleção natural tenham se tornado sinônimos de competição desenfreada. Mas o próprio Darwin estava longe de ser um darwinista social. Ao contrário: acreditava haver lugar para a bondade tanto na natureza humana como no mundo natural. Necessitamos com urgência dessa bondade, pois a questão que se apresenta à crescente população mundial não é se podemos ou não lidar com a aglomeração, mas se seremos justos na distribuição dos recursos. Partiremos para a competição desabrida ou faremos o que é humano? Nossos parentes próximos podem nos ensinar algumas lições importantes nesse campo. Eles nos mostram que a compaixão não é uma fraqueza recente que contraria a natureza, mas um poder formidável, um poder que, assim como as tendências competitivas que a compaixão procura superar, é parte de quem e do que somos.

Bondade

Corpo com sentimentos morais

Todo e qualquer animal dotado de instintos sociais bem definidos [...] inevitavelmente adquirirá senso ou consciência moral assim que suas faculdades intelectuais se tenham tornado tão bem desenvolvidas, ou quase tão bem desenvolvidas, quanto no homem.

Charles Darwin

Por que nossa perversidade deveria ser a bagagem de um passado simiesco e nossa bondade unicamente humana? Por que não procurar a continuidade com outros animais também para as nossas características “nobres”?

Stephen Jay Gould

Fazia onze anos que eu não via Lolita. Fui até sua jaula e assim que a chamei ela se aproximou depressa e me saudou com grunhidos arfantes, um comportamento que os chimpanzés não têm para com estranhos. É claro que nos lembrávamos um do outro. Quando ela ainda vivia na Estação de Campo Yerkes, nos víamos todo dia e nos dávamos muito bem.

Lolita é especial para mim em razão de um ato seu, único e encantador, que me deixou claro o quanto os grandes primatas não humanos são subestimados. É difícil ver bem um grande primata recém-nascido, uma simples bolinha escura grudada na barriga escura da mãe. Mas eu estava ansioso por ver o bebê de Lolita, nascido no dia anterior. Chamei-a para longe do grupo e apontei para seu ventre. Lolita me olhou, sentou-se, pegou a mão direita do filhote com sua mão direita, e a esquerda dele com a sua esquerda. Parece simples, mas, como o bebê estava agarrado a ela, foi preciso cruzar os braços para fazê-lo. O movimento lembrou uma pessoa que ao tirar a camiseta cruza os braços para pegá-la pela bainha. Lolita foi erguendo e girando devagar o bebê até que ele ficasse de frente para mim. Suspenso nas mãos da mãe, o bebê agora olhava para mim, e não para ela. Depois de algumas caretas e gemidos —os infantes detestam perder contato com o ventre quentinho —, Lolita pôs depressa o bebê de volta no colo.

Com esse pequeno e elegante movimento, Lolita demonstrou perceber que eu acharia o rosto de sua cria mais interessante do que suas costas. Ver-se da perspectiva de outro representa um salto colossal na evolução social. Nossa regra de ouro, “Faça aos outros o que gostaria que fizessem a você”, pede que nos coloquemos no lugar da outra pessoa. Consideramos unicamente humana essa capacidade, mas Lolita mostrou que não temos a exclusividade. Quantos animais seriam capazes disso? Já descrevi como a bonobo Kuni tratou um passarinho ferido quando o encontrou em sua jaula. Ao tentar fazê-lo voar, Kuni reconheceu as necessidades de um animal totalmente diferente dela própria. Não faltam outros exemplos de bonobos que perceberam as necessidades de outros. Um desses exemplos é o de Kidogo. Doente cardíaco, ele era fraco, não tinha a energia e autoconfiança normais em um bonobo macho crescido. Quando foi introduzido na colônia do Zoológico de Milwaukee, Kidogo ficou todo confuso com a mudança de comando dos tratadores naquela jaula desconhecida para ele. Não sabia o que fazer

quando as pessoas lhe diziam para ir de uma parte do sistema de túneis a outra. Depois de algum tempo, outros bonobos interferiram. Aproximaram-se de Kidogo, pegaram-no pela mão e o conduziram para o lugar indicado pelos tratadores, mostrando assim que entenderam tanto as intenções dos tratadores como o problema de Kidogo. Este logo passou a depender da ajuda deles. Quando se perdia, gritava aflito e outros apareciam sem demora para acalmá-lo e guiá-lo.

O fato de animais se ajudarem mutuamente está longe de ser uma observação nova, mas ainda assim é intrigante. Se o que importa é só a sobrevivência dos mais aptos, os animais não deveriam abster-se de tudo o que não os beneficia? Por que auxiliar outro a resolver um problema? Há duas teorias principais. Uma, de que tal comportamento evoluiu para ajudar familiares e prole, portanto indivíduos geneticamente aparentados. Isso favorece também os genes de quem ajuda. Essa teoria de que “o sangue fala mais alto” explica, por exemplo, o sacrifício das abelhas, que dão a vida pela colméia e pela rainha quando picam um intruso. A segunda teoria segue o princípio de que “uma mão lava a outra”: se os animais ajudam os que retribuírem o favor, ganham os dois lados. A ajuda mútua pode explicar as alianças políticas, como entre Nikkie e Yeroen, que se apoiaram reciprocamente e partilharam os ganhos de poder e os privilégios sexuais.

Ambas as teorias relacionam-se com a evolução do comportamento, mas nenhuma nos diz muito sobre motivos reais. A evolução depende do êxito de uma característica ao longo de milhões de anos; os motivos originam-se aqui e agora. Por exemplo, o sexo trabalha para a reprodução, mas quando os animais se acasalam não é porque desejam reproduzir-se. Eles desconhecem a ligação; os impulsos sexuais são separados da razão de o sexo existir. As motivações têm vida própria, e por isso é que as descrevemos com base em preferências, desejos e intenções, e não no seu valor para a sobrevivência.

Consideremos os bonobos do zoológico que ajudaram Kidogo. Claramente nenhum deles era seu parente, nem podia esperar muita ajuda em retribuição daquele indivíduo debilitado. É possível que simplesmente gostassem de Kidogo ou se sensibilizassem com ele. Do mesmo modo, Kuni demonstrou preocupação com uma ave, apesar do fato de que o comportamento de ajuda sem dúvida não evoluiu nos bonobos em benefício de não-bonobos. Mas, uma vez existindo uma tendência, ela pode afastar-se livremente de suas origens. Em 2004, na cidade de Roseville, Califórnia, um labrador preto chamado Jet pulou na frente de seu melhor amigo, um garoto que estava prestes a ser mordido por uma cascavel, e recebeu o veneno. Foi considerado um herói. Não pensou em si mesmo. Era um genuíno altruísta.

Isso mostra os riscos que os animais estão dispostos a correr. A grata família do menino gastou 4 mil dólares em transfusões e honorários de veterinários para salvar seu animal de estimação. Um chimpanzé do zoológico foi menos afortunado quando deu a vida em uma tentativa fracassada de salvar um infante de sua espécie, que caíra na água por descuido da mãe. Como esses primatas não sabem nadar, entrar na água requer inexprimível coragem. O comportamento altruísta é comum em humanos. Uma vez por semana, o jornal de Atlanta noticia “atos de bondade fortuitos”: relatos de pessoas que foram ajudadas por estranhos. Uma idosa contou sobre o dia em que seu marido, de 88

anos, estava voltando para casa quando encontrou um pinheiro enorme tombado na entrada da garagem. Um motorista desconhecido que passava desceu de sua picape, cortou a árvore com a motosserra que trazia no veículo e carregou os pedaços para um canto, limpando o caminho para o carro do casal. Quando a mulher saiu para pagar ao homem pelo trabalho, ele já se fora.

Não pense que ajudar estranhos é sempre fácil. Quando Lenny Skutnik mergulhou no gelado rio Potomac em 1982 para salvar uma vítima de um desastre de avião, ou quando civis europeus esconderam famílias judias durante a Segunda Guerra Mundial, correram riscos imensos. É comum, durante terremotos, pessoas entrarem correndo em prédios que estão desabando ou nas casas em chamas para tirar estranhos lá de dentro. Uma recompensa pode vir depois na forma de elogios no noticiário da noite, mas esse não pode ser o motivo. Nenhuma pessoa com sanidade mental arriscaria a vida por um minuto de glória televisiva. No caos do 11 de setembro em Nova York ocorreram numerosos atos de heroísmo anônimo.

Mas, apesar de ocasionalmente nós e outros animais sociais ajudarmos outros sem pensar em nós mesmos, eu ainda diria que essas tendências originam-se da reciprocidade e da assistência aos parentes. Jet, o cão herói, provavelmente considerava o menino um membro de sua matilha. Sociedades humanas primitivas podem ter sido ótimos viveiros para a “sobrevivência dos mais bondosos” que ajudavam a família e os potenciais retribuidores. Uma vez surgida essa sensibilidade, seu alcance expandiu-se. Em algum momento, a solidariedade tornou-se um objetivo em si: o pivô da moralidade humana e um aspecto essencial da religião. Assim, o cristianismo nos exorta a amar o próximo como a nós mesmos, a vestir quem está nu, alimentar os pobres e cuidar dos doentes. É bom ter em mente, porém, que ao enfatizar a bondade as religiões estão recomendando o que já faz parte da nossa condição humana. Não estão invertendo o comportamento humano, apenas ressaltando capacidades preexistentes.

Como poderia ser de outro modo? Semear moralidade em solo infértil é tão impossível quanto ensinar um gato a ir buscar o jornal.

ANIMAL TEM EMPATIA?

Era uma vez o presidente de um grande país conhecido por determinada expressão facial. Em um ato de mal controlada emoção, ele mordida o lábio inferior e dizia aos ouvintes: “Sinto a sua dor”. A questão não é se havia ou não sinceridade em sua expressão, e sim a possibilidade de alguém ser afetado pelo sofrimento de outro. Empatia e simpatia são nossa segunda natureza, tanto assim que vemos quem não as demonstra como uma pessoa mentalmente doente ou perigosa.

No cinema, não escapamos de nos transferir para os personagens da tela. Nós nos desesperamos ao vê-los se afogarem no naufrágio do transatlântico, exultamos quando fitam os olhos da pessoa amada finalmente reencontrada. Todos ficamos de olhos marejados, embora estejamos apenas sentados olhando para uma tela. Todos

conhecemos a empatia, no entanto demorou muito para que ela fosse levada a sério como objeto de estudo. Atributo meigo demais para os empedernidos cientistas, a empatia era classificada junto com a telepatia e outros fenômenos sobrenaturais. Os tempos mudaram, e recentemente meus chimpanzés provaram-no durante a visita de uma das pioneiras das pesquisas sobre empatia em crianças, Carolyn Zahn-Waxler. Carolyn e eu fomos ver a colônia de Yerkes. Entre os primatas havia uma fêmea chamada Thai que sente grande atração pelas pessoas. Ela se interessa até mais por nós do que por seus companheiros chimpanzés. Toda vez que apareço na torre de observação da colônia, ela vem correndo me saudar com grunhidos altos. Sempre a cumprimento e converso com ela, após o que ela se senta ali e fica me olhando até eu ir embora.

Desta vez, porém, eu estava tão entretido na conversa com Carolyn que mal olhei para o outro lado. Como não cumprimentei Thai, nossa conversa foi interrompida por gritos estridentes que nos chamaram a atenção. Thai batia em si mesma, como fazem os chimpanzés durante acessos de raiva, e logo foi cercada pelos outros, que a abraçaram, beijaram ou seguraram brevemente, tentando tranquilizá-la. Percebi na hora a razão daquele escândalo e a saudei calorosamente, acenando-lhe de longe. Expliquei a Carolyn que Thai se sentira negligenciada porque eu não a cumprimentara. Carolyn não teve dificuldade para reconhecer aquele comportamento. Thai continuou a me olhar com um esgar nervoso até por fim se acalmar.

O mais interessante nesse incidente não foi Thai ofender-se com minha desconsideração, mas o modo como o grupo reagiu. Esse é exatamente o tipo de comportamento que Carolyn estuda em crianças. Os outros tentaram aliviar a aflição de Thai. Carolyn demonstrou que essa habilidade existe em animais, muito embora eles não sejam seu objeto de estudo. Quando sua equipe visitou lares para verificar como as crianças reagem ao ver familiares fingindo tristeza (soluçando), dor (gritando “ai”) ou aflição (tossindo e sufocando), descobriu que crianças com pouco mais de um ano de idade já consolam os outros. Esse é um marco no desenvolvimento da criança: uma ocorrência adversa para alguém que ela conhece provoca uma reação atenciosa e preocupada, como afagar ou massagear o machucado da vítima. Já que as expressões de simpatia emergem em praticamente todos os membros da nossa espécie, são uma realização tão natural quanto o primeiro passo. Até pouco tempo atrás, supunha-se que a empatia requeria a linguagem. Vários cientistas vêem a linguagem como fonte, e não produto, da inteligência humana. Como o comportamento de uma criança de um ano sem dúvida suplanta suas habilidades verbais, a pesquisa de Carolyn mostrou que a empatia se desenvolve antes da linguagem. Isso é importante para as pesquisas sobre animais, nas quais são estudadas criaturas não verbais. A equipe de Carolyn descobriu que animais de estimação, como cães e gatos, perturbavam-se tanto quanto as crianças com os membros da família que fingiam sofrimento. Os animais rodeavam essas pessoas, punham a cabeça em seu colo, dando a impressão de estar preocupados. A julgar pelos mesmos padrões aplicados às crianças, os animais também demonstraram empatia.

Tal comportamento é ainda mais notável nos grandes primatas não humanos, e o chamamos de “consolo”. Medimos o consolo simplesmente esperando até que uma

briga ocorra espontaneamente entre nossos chimpanzés e anotando quando circunstâncias se aproximam da vítima. Muitos circunstâncias abraçam e fazem grooming nos contendores que sofrem. É comum algum filhote cair de uma árvore e gritar. Imediatamente ele é rodeado por outros, que o pegam no colo e o embalam. Foi exatamente a reação que a gorila Binti Jua teve com o menino no Zoológico Brookfield. Se um adulto perder uma luta contra um rival e se sentar numa árvore aos gritos, outros subirão até lá e o afagarão para acalmá-lo. O consolo é uma das reações mais comuns dos grandes primatas. Reconhecemos esse comportamento porque, com exceção dos ocasionais consolos sexuais dos bonobos, eles o fazem de modo idêntico a nós.

A reação empática é uma das mais fortes que existem; é mais forte até do que o proverbial desejo dos primatas por bananas. Isso foi relatado pela primeira vez no começo do século xx por uma psicóloga russa, Nadie Ladygina-Kohts, que criava Yoni, um jovem chimpanzé. Todo dia ela precisava lidar com o comportamento indisciplinado de seu protegido. Descobriu que o único modo de tirar Yoni do telhado de sua casa era apelar para a preocupação que ele sentia por ela:

Se finjo chorar, fechando os olhos e gemendo, Yoni imediatamente pára a brincadeira ou qualquer outra atividade e vem correndo. Chega todo agitado e preocupado dos lugares mais remotos da casa, como o telhado ou o teto de sua jaula, de onde eu não consegui tirá-lo apesar de meus persistentes chamados e súplicas. Ele corre à minha volta, como se procurasse quem me fez mal; olha meu rosto, pega minha bochecha com carinho na palma da mão, toca suavemente meu rosto com um dedo, como se tentasse entender o que está acontecendo.

Em sua descrição mais simples, empatia é a capacidade de ser afetado pelo estado de outro indivíduo ou criatura. Pode expressar-se apenas em movimento corporal, como quando imitamos o comportamento de outra pessoa. Pomos os braços atrás da cabeça se outros puserem e acompanhamos os colegas em uma reunião cruzando ou descruzando as pernas, inclinando o corpo para a frente ou para trás, arrumando o cabelo, apoiando os cotovelos na mesa e assim por diante. Fazemos isso inconscientemente, em especial com companheiros de quem gostamos, e isso explica por que muitos casais que já vivem juntos há muito tempo se parecem.

Sua conduta e linguagem corporal convergiram. Conhecendo o poder da mímica corporal, pesquisadores podem manipular os sentimentos das pessoas umas pelas outras. Estar com alguém que adota posturas corporais distintas — porque foi instruído a fazê-lo resulta em menos sentimentos bons a respeito dessa pessoa do que estar com alguém que copia cada movimento que fazemos. Quando pessoas dizem que “combinam” ou que estão apaixonadas, estão inconscientemente influenciadas pela quantidade de mímica corporal que praticam reflexivamente, e também por outros sinais sutis de receptividade do outro, como manter as pernas afastadas ou fechadas, erguer ou cruzar os braços etc.

Quando criança, eu involuntariamente imitava os movimentos corporais dos outros, sobretudo se estivesse muito absorto, como durante os esportes. Quando me dava conta disso, tentava parar, mas não conseguia. Em uma fotografia minha jogando vôlei, estou

saltando e cortando, embora seja um dos meus irmãos quem está com a bola. Eu estou apenas representando o que acho que ele deveria estar fazendo. Essa tendência é vista em muitos pais humanos quando alimentam o bebê. Ao aproximarem a colher de mingau da boca do filho, os adultos abrem a própria boca no momento em que o bebê deve abrir a dele, e muitas vezes acompanham o ato com movimentos da língua simultâneos aos da criança. Analogamente, quando os filhos estão mais velhos e vão representar na peça da escola, os pais na platéia movem os lábios dizendo a fala de seu rebentos.

A identificação corporal é comum em animais. Certa ocasião, um amigo meu quebrou a perna e precisou engessá-la. Dali a alguns dias sua cachorra passou a mancar da perna direita. Um veterinário examinou-a e não encontrou nada de errado. Semanas depois o gesso foi removido da perna do meu amigo e a cachorra voltou a andar normalmente. Outro exemplo: na colônia de Arnhem, Luit machucou a mão numa luta. Começou a apoiar-se no punho fechado, claudicando de um jeito esquisito. Logo depois, todos os jovens na colônia estavam andando do mesmo jeito. Continuaram com a brincadeira por meses, muito depois de a mão de Luit estar curada. Uma identificação corporal mais imediata foi descrita em elefantes por Katy Payne:

Certa vez vi uma mãe elefanta executar uma discreta dança com a tromba e as patas enquanto assistia, parada, ao seu filho que perseguia um gnu em fuga. Eu mesma já dancei enquanto assistia a apresentações de meus filhos — e um deles, não resisto a contar, é acrobata de circo.

Um macaco vê outro se coçar e o imita, e os grandes primatas bocejam quando assistem a um vídeo que mostra um grande primata bocejando. Também nós o fazemos, e não só ao ver alguém da nossa espécie. Certa vez assisti a uma projeção de slides que mostravam animais bocejando e me vi cercado por uma platéia lotada de bocas abertas. Não consegui manter a boca fechada. Uma equipe de pesquisadores da Universidade de Parma, na Itália, concluiu que os macacos têm células especiais no cérebro que se tornam ativas não só quando o macaco pega um objeto na mão, mas também se simplesmente vir alguém fazer isso. Como tais células são ativadas tanto quando ele faz alguma coisa como quando vê alguém fazendo, são conhecidas como neurônios-espelho ou “macaco vê, macaco faz”. Os animais sociais relacionam-se entre si em um nível muito mais básico do que os cientistas antes supunham. Somos estruturados para nos conectar com os que nos cercam e nos sintonizar com eles, inclusive no campo emocional. É um processo automático. Quando nos pedem que vejamos fotografias de expressões faciais, involuntariamente copiamos as expressões que vemos. E o fazemos até se a foto for exibida no nível subliminar, ou seja, por apenas alguns milésimos de segundo. Nossos músculos faciais reproduzem a expressão, mesmo quando não a percebemos.

Na vida real fazemos o mesmo, como bem diz a canção de Louis Armstrong: “Quando você sorri, o mundo inteiro sorri junto”. ^[1] Como imitação e empatia não requerem linguagem nem consciência, não nos deveria surpreender que formas simples de relacionar-se uns com os outros existam em todos os tipos de animais, até mesmo no tão malfalado rato. Já em 1959 foi publicado um ensaio com o provocativo título

“Reações emocionais de ratos à dor em outros”.^[2] O artigo relatou que ratos param de acionar uma alavanca que lhes fornece comida se isso provocar um choque elétrico no rato ao lado. Por que os ratos simplesmente não continuavam a obter comida sem fazer caso do outro animal pulando de dor sobre uma grade elétrica? Em experimentos clássicos (que por motivos éticos não quero replicar), macacos apresentaram inibição ainda mais pronunciada. Ao ver que causava um choque no companheiro toda vez que puxava uma maçaneta para ganhar comida, um macaco parou de fazê-lo por cinco dias, e outro por doze dias. Para não infligir dor em outros, esses macacos estavam se matando de fome.

Em todos esses estudos, a explicação provável não é a preocupação com o bem-estar de outros, mas a aflição causada pela aflição alheia. Tal reação tem enorme valor para a sobrevivência. Se outros demonstram medo e aflição, pode haver boas razões para que você também se preocupe. Se um pássaro de um bando que está no chão subitamente sair voando, todos os outros o farão, mesmo antes de saber o que se passa. O que ficar para trás pode ser a presa. É por isso que o pânico se alastra tão depressa, inclusive entre as pessoas.

Fomos programados para sentir absoluta aversão a ver e ouvir a dor de outros. Por exemplo, é comum crianças pequenas ficarem transtornadas, de olhos marejados, e correrem para a mãe em busca de segurança quando vêem outra criança cair e chorar. Elas não estão preocupadas com a outra, mas perturbadas com as emoções que esta demonstra. Só quando mais velhas, ao adquirir a capacidade de distinguir entre si mesmas e os outros, é que separarão as próprias emoções das de terceiros. Mas o desenvolvimento da empatia começa sem tal distinção, talvez mais ou menos como as vibrações de uma corda desencadeiam vibrações em outra, produzindo um som harmônico. Emoções tendem a suscitar emoções equivalentes, sejam provenientes de riso e alegria, sejam do conhecido fenômeno da sala cheia de bebês chorando. Hoje sabemos que o contágio emocional reside em partes do cérebro tão primitivas que as temos em comum com os mais diversos animais: ratos, cães, elefantes, macacos etc.

NO LUGAR DO OUTRO

Cada época oferece à humanidade sua própria distinção. Nós nos consideramos especiais e estamos sempre em busca da confirmação dessa singularidade. Talvez a primeira delas tenha sido a definição do homem, por Platão, como a única criatura sem pêlos que anda com duas pernas. Isso pareceu absolutamente correto até que Diógenes soltou uma galinha depenada no salão de conferência e ironizou: “Eis o homem de Platão”. Dali por diante, a definição de Platão incluiu “e que tem unhas largas”.

Muito tempo depois, o fabrico de ferramentas foi considerado tão especial que ensejou a publicação de um livro intitulado *Man, the tool-maker* [Homem, o fabricante de ferramentas]. Essa definição perdurou até a descoberta de chimpanzés selvagens que faziam esponjas com folhas mascadas ou desfolhavam ramos de árvore para usar como

varas. Corvos já foram vistos curvando um pedaço de arame para fazer um gancho e pescar comida dentro de uma garrafa. Lá se foi o “homem, o fabricante de ferramentas”. A próxima candidata foi a linguagem, inicialmente definida como comunicação simbólica. Mas, quando os lingüistas tiveram notícia de que grandes primatas não humanos possuem habilidades de linguagem de sinais, perceberam que o único modo de manter fora esses intrusos seria abandonar a definição da comunicação simbólica e enfatizar a sintaxe. O lugar especial da humanidade é marcado por definições abandonadas e traves de gol móveis.

A reivindicação da vez à singularidade baseia-se na empatia. Não a conexão emocional em si, coisa difícil de negar em outros animais, mas a chamada “teoria da mente”. Essa expressão canhestra refere-se à capacidade de reconhecer estados mentais de outros indivíduos. Se você e eu nos encontrarmos em uma festa e eu achar que você acha que nunca nos vimos antes (embora eu tenha certeza de que já nos vimos), tenho uma teoria sobre o que se passa na sua cabeça. Ver da perspectiva de outro revoluciona o modo como uma mente se relaciona com outra. Dado que alguns cientistas apontam essa habilidade como unicamente humana, é irônico que todo o conceito de teoria da mente tenha surgido com um estudo sobre primatas na década de 1970. Uma chimpanzé chamada Sarah, quando lhe davam fotografias para escolher, preferia a de uma chave quando via uma pessoa se esforçar para abrir uma porta fechada, ou a de alguém subindo numa cadeira se ela visse um homem pulando para alcançar uma banana. Concluiu-se que Sarah reconhecia as intenções de outros.

Desde essa descoberta, floresceu toda uma indústria de pesquisas sobre a teoria da mente em crianças, ao passo que as pesquisas com primatas nessa área tiveram altos e baixos. Alguns experimentos com grandes primatas não humanos fracassaram, levando alguns a concluir que esses animais não possuem uma teoria da mente. Mas é difícil interpretar resultados negativos. Como se costuma dizer, ausência de prova não é prova de ausência. Quando se comparam grandes primatas não humanos e crianças, um problema é que o experimentador é invariavelmente humano, portanto apenas para os não humanos ocorre a barreira entre espécies. E quem garante que esses primatas acreditam que as pessoas estão sujeitas às mesmas leis que os regem? Para eles, devemos parecer seres de outro planeta.

Recentemente, por exemplo, minha assistente me telefonou avisando sobre uma luta da qual Socko saíra ferido. No dia seguinte fui até lá e pedi a Socko que virasse o corpo. Ele gentilmente me atendeu, pois me conhecia desde pequeno, e me mostrou o corte em seu traseiro. Pensemos nesse ato da perspectiva desses grandes primatas. Eles são animais espertos e estão sempre tentando entender o que se passa. Socko deve ter se perguntado como é que eu sabia sobre seu ferimento.

Se formos vistos como deuses oniscientes, seremos inadequados para experimentos sobre a ligação entre ver e saber, que é o cerne da teoria da mente. A maioria desses experimentos só testou a teoria dos grandes primatas não humanos sobre a mente humana. O melhor é nos concentrarmos na teoria dos primatas sobre a mente primata. Quando um estudante criativo, Brian Hare, conseguiu dispensar o experimentador

humano, descobriu que os grandes primatas não humanos percebem que, se o outro viu comida escondida, esse indivíduo sabe. Brian testou nossos chimpanzés instigando um indivíduo de baixa posição hierárquica a pegar comida diante de outro de posição mais elevada. O subordinado escolheu pedaços que o outro não poderia ter visto. Em outras palavras, os chimpanzés sabem o que os outros sabem e usam essa informação em benefício próprio. Isso pôs novamente na berlinda a teoria da mente em animais. Em uma guinada imprevista (porque o debate gira em torno de humanos e grandes primatas não humanos), na Universidade de Kyoto um macaco-capuchinho recentemente executou com grande êxito uma série de tarefas do tipo “ver-saber”. Bastam alguns resultados positivos desse tipo para pôr um colossal ponto de interrogação diante dos resultados negativos anteriores.

Isso me lembra um período na história do quase centenário Centro de Primatas Yerkes quando os psicólogos tentavam aplicar técnicas skinnerianas em chimpanzés. Uma estratégia consistia em privar os animais de alimento até perderem 20% do peso corporal. Essa técnica aumenta a motivação em ratos e pombos nas tarefas relacionadas com comida. Mas com os grandes primatas não deu resultado. Na melhor das hipóteses, eles se tornavam demasiado rabugentos e obcecados por comida para conseguir prestar atenção em qualquer tarefa proposta. Os primatas precisam gostar de alguma coisa para fazê-la bem. Os drásticos procedimentos dos psicólogos de ratos criaram tensões no centro, levando até funcionários preocupados a alimentar secretamente os animais.

Quando os pesquisadores foram reclamar para o diretor que seus chimpanzés não eram tão espertos quanto lhes fora dito que seriam, o diretor encolerizou-se e proferiu o célebre lembrete de que “não existem animais estúpidos, apenas experimentos inadequados”. Certíssimo. O único modo de obter uma idéia adequada da inteligência de um grande primata não humano é conceber experimentos que o absorvam intelectual e emocionalmente. Pedacinhos de comida escondidos sob xícaras quase não prendem a atenção deles. Eles se interessam é por situações sociais envolvendo indivíduos que lhes são próximos. Salvar um infante de um ataque, passar a perna em um rival, evitar conflito com o manda-chuva, esgueirar-se sem ser visto com um parceiro sexual, esses são os tipos de problema que tais primatas gostam de resolver. O modo como Lolita virou seu bebê para eu ver, o modo como Kuni tentou salvar o passarinho, o modo como outros bonobos conduziram Kidogo pela mão, tudo isso sugere que problemas da vida real às vezes são resolvidos adotando o ponto de vista de outro indivíduo. Mesmo se cada uma dessas histórias se referir a um evento que não se repetiu, considero-as muito importantes. Eventos únicos podem ser imensamente significativos. Afinal, um passo do homem na Lua bastou para afirmarmos que ir até lá é uma capacidade nossa. Portanto, se um observador experiente e confiável relatar um incidente notável, é bom a ciência prestar atenção. E não temos apenas uma ou duas histórias sobre grandes primatas não humanos adotando a perspectiva de outro; temos muitas, como se vê nos exemplos a seguir.

O fosso de dois metros de profundidade defronte à antiga jaula dos bonobos no Zoológico de San Diego fora esvaziado para limpeza. Depois de lavarem o fosso e

soltarem os bonobos, os tratadores foram abrir a válvula para tornar a enchê-lo de água. De repente, Kakowet, um macho idoso, apareceu na janela gritando e agitando freneticamente os braços para chamar a atenção. Depois de tantos anos, ele conhecia bem a rotina da limpeza. Acontece que vários bonobos jovens haviam entrado no fosso seco e não conseguiam sair. Os tratadores puseram uma escada e todos os bonobos saíram, exceto o menor, que foi puxado para fora pelo próprio Kakowet.

Essa história condiz com minhas observações do fosso nessa mesma jaula uma década depois. Na época, o zoológico sabiamente decidira remover de uma vez a água, pois os primatas não nadam. Deixaram uma corrente permanentemente pendurada, e por ela os bonobos desciam para visitar o fosso sempre que desejavam. Mas às vezes, quando Vernon, o macho alfa, ia lá para baixo, Kalind, um macho mais jovem, puxava depressa a corrente e ficava olhando para Vernon lá de cima, dando palmadas na borda do fosso, com a boca aberta e cara de quem está pregando uma peça. Essa expressão é equivalente à risada humana: Kalind estava se divertindo à custa do chefe. Em várias ocasiões, Loretta, a outra adulta do grupo, corria ao local e resgatava seu parceiro jogando a corrente para baixo e montando guarda até ele subir.

As duas observações nos dizem algo sobre a adoção da perspectiva de outros. Kakowet pareceu perceber que encher o fosso enquanto os jovens ainda estavam lá dentro era má idéia, muito embora isso não o afetasse pessoalmente. Tanto Kalind como Loretta pareciam saber que serventia tinha a corrente para alguém que estava no fundo do fosso, e agiam de acordo com esse conhecimento: um, atormentando; a outra, ajudando o necessitado.

Durante um inverno no Zoológico de Arnhem, depois de limparem a jaula e antes de soltarem os chimpanzés, os tratadores lavaram todos os pneus e os enfiaram em um tronco preso horizontalmente por uma das pontas no trepa-trepa dos primatas. Um belo dia, Krom quis um pneu no qual ainda havia água acumulada. Mas esse pneu estava justamente em último lugar na fila, com seis ou mais pneus pesadões na frente. Krom puxou, puxou, e nada de conseguir tirar o pneu do tronco. Puxou-o para trás, então, mas por ali também não conseguiu tirá-lo, pois era barrado pelo trepatrepa. Ela passou dez minutos tentando em vão resolver o problema, ignorada por todos exceto por Jakie, um chimpanzé de sete anos de quem ela cuidara quando pequeno.

Imediatamente após Krom desistir e se afastar, Jakie foi até o local. Sem hesitação, tirou os pneus do tronco um a um, começando pelo da frente, como faria qualquer chimpanzé sensato. Chegando ao último pneu, Jakie removeu-o com cuidado para não derramar água, levou-o direto para sua tia e o pôs em pé diante dela. Krom aceitou o presente sem nenhum reconhecimento especial, e já estava pegando a água nas mãos em concha quando Jakie se foi.

Não é tão inusitado o fato de Jakie ter ajudado a tia. Especial é o fato de ele ter feito, como Sarah nos experimentos originais sobre a teoria da mente, a suposição correta sobre o que Krom desejava. Ele percebeu o objetivo da tia. Essa ajuda para uma necessidade específica, conhecida como *targeted help*, é típica dos grandes primatas não humanos, mas rara ou ausente na maioria dos outros animais.

Como vimos no caso de Kuni e o passarinho, os grandes primatas não humanos preocupam-se com outras espécies. Isso pode parecer paradoxal, dado que, na natureza, os chimpanzés matam e comem macacos. Mas é assim tão difícil de compreender? Nós também somos ambivalentes. Amamos nossos bichos de estimação, mas também matamos animais (às vezes de estimação). Assim, o fato de chimpanzés às vezes mostrarem uma reação benéfica a uma potencial presa não nos deveria surpreender. Vi certa vez toda a colônia de Yerkes observar atentamente os funcionários capturarem na floresta ao redor de sua jaula um macaco Rhesus que fugira. As tentativas de atrair o macaco de volta ao seu cercado haviam fracassado. A situação piorou quando ele subiu numa árvore. Ouvi Bjorn, na época um filhote, choramingar e agarrar a mão de uma fêmea mais velha ao seu lado. A aflição de Bjorn coincidiu com o momento em que o macaco agarrou-se a um galho mais baixo da árvore: ele acabara de ser atingido por um dardo tranqüilizante. Estavam esperando por ele embaixo da árvore com uma rede. Embora não fosse uma situação pela qual Bjorn já tivesse passado, ele parecia identificar-se com o macaco: soltou outro gemido no instante exato em que o fujão caiu na rede.

Em momentos emocionalmente significativos, os grandes primatas não humanos podem se pôr no lugar de outros. Poucos animais têm essa capacidade. Por exemplo, todos os cientistas que procuraram detectar a prática do consolo em macacos voltaram de mãos vazias. Propuseram-se a coletar os mesmos dados que temos para os chimpanzés, mas não registraram nada. Os macacos não consolam sequer quando suas crias foram mordidas. Eles protegem os filhotes, mas não os abraçam nem afagam como faz a mãe grande primata para acalmar sua cria aflita. Isso faz o comportamento dos grandes primatas não humanos lembrar muito mais o nosso. O que é que diferencia os humanos e demais grandes primatas dos outros animais? Parte da resposta pode ser o fato de que eles têm mais consciência de si. Um segundo contraste foi observado há mais tempo ainda que o do consolo. Os grandes primatas não humanos são os únicos primatas, com exceção de nós, que reconhecem o próprio reflexo. O auto-reconhecimento é testado marcando-se o indivíduo, sem que ele perceba, com uma pincelada de tinta em um local que não seja diretamente visível, como acima da sobrancelha, por exemplo. Depois disso, dá-se um espelho a ele. Guiados pela imagem refletida, os grandes primatas não humanos esfregam com a mão o local pintado e examinam os dedos; portanto, reconhecem que a mancha colorida no espelho realmente estava neles. Macacos não fazem tal associação.

Toda manhã quando nos barbeamos ou nos maquiemos, usamos essa habilidade. Reconhecer-nos na imagem do espelho é totalmente lógico para nós, mas não algo que esperaríamos de outro animal. Imagine o seu cachorro indo até o espelho no quarto e parando de chofre ao ver algo errado, como fazemos quando alguma coisa nos chama a atenção. Ele inclina a cabeça, observa sua imagem no espelho, sacode a cabeça para desdobrar uma orelha ou remover uma folhinha no pêlo. Seria de pasmar! Cães nunca fazem isso, mas esse é exatamente o tipo de atenção que os grandes primatas não humanos prestam em si mesmos. Se estou de óculos escuros, que costumo usar no

verão, e me aproximo dos meus chimpanzés, eles fitam os óculos e fazem caretas esquisitas. Sacodem a cabeça na minha direção até eu tirar os óculos e aproximá-los deles. Então se olham nas lentes como em um espelho. As fêmeas viram-se para examinar o traseiro — uma obsessão lógica, considerando a atratividade dessa parte de seu corpo. E a maioria deles abre a boca, examina, toca os dentes com a língua ou os cutuca com o dedo, guiando-se pelas lentes espelhadas. Às vezes até se “embelezam”. Em um zoológico alemão, quando deram um espelho à orangotango Suma, ela foi buscar salada e folhas de couve em sua jaula, fez uma pilha e botou na cabeça. Olhando no espelho, ajeitou meticulosamente seu chapéu vegetal. Quem visse poderia jurar que ela estava se arrumando para um casamento! Ter consciência de si afeta o modo como se lida com os outros. Mais ou menos na época em que as crianças começam a se reconhecer no espelho — entre dezoito e 24 meses de vida —, elas também adquirem a capacidade de ajudar segundo as necessidades dos outros. Seu desenvolvimento é análogo à transformação pela qual passamos ao longo da evolução: o auto-reconhecimento e as formas superiores de empatia emergiram juntos no ramo que originou os humanos e os outros grandes primatas. Uma ligação entre essas capacidades foi predita décadas atrás por Gordon Gallup, psicólogo americano pioneiro no uso de espelhos em testes com primatas. Gallup supôs que a empatia requer a consciência de si. Talvez funcione assim: para agir em benefício de outrem, o indivíduo precisa separar suas próprias emoções e situação das do outro. É preciso que ele veja esse outro como uma entidade independente. A mesma distinção entre si e os outros permite ao indivíduo reconhecer que sua imagem refletida no espelho, que age exatamente como ele, não é uma entidade independente. Daí ele conclui que ela deve representá-lo.

Mas não devemos descartar a possibilidade de essas capacidades existirem também em outros animais. Muitos deles são extremamente sociais e cooperativos, portanto excelentes candidatos para formas superiores de empatia. Duas espécies que logo nos vêm à mente são os elefantes e os golfinhos. Sabemos que os elefantes usam a tromba e as presas para erguer companheiros fracos ou caídos. Também emitem roncos surdos para tranquilizar os jovens. Há relatos de golfinhos que salvaram companheiros roendo cordas de arpão, libertando outro golfinho que ficou preso em redes de pescar atum e sustentando um doente próximo à superfície para que não se afogasse. Esses animais ajudam pessoas do mesmo modo, como contaram quatro nadadores que foram escoltados por golfinhos para longe de um tubarão de três metros na costa da Nova Zelândia.

As semelhanças com as práticas de consolo e ajuda partícula - rizada dos grandes primatas não humanos suscitam uma questão: como é que os elefantes e golfinhos reagem a um espelho? Existe um paralelo também nisso? No caso dos elefantes a questão continua em aberto. Mas, quanto aos golfinhos, dificilmente poderia ser coincidência que eles sejam os únicos não-primatas para os quais há indícios de auto-reconhecimento no espelho. Quando golfinhos-nariz-de-garrafa no Aquário de Nova York foram marcados com manchinhas de tinta, passaram mais tempo diante de um espelho do que quando não estavam marcados. A primeira coisa que fizeram ao chegar à frente

do espelho (que estava distante do local onde haviam sido pintadas as marcas) foi dar uma volta para olhar bem suas marcas.

A empatia é muito disseminada entre os animais. Vai da mímica corporal — bocejar quando outros bocejam — ao contágio emocional, no qual o indivíduo sintoniza-se com o medo ou a alegria ao captar essas emoções em outros. No nível mais elevado, encontramos a simpatia e a ajuda particularizada. Talvez a empatia tenha atingido o ápice em nossa espécie, mas vários outros animais, sobretudo os grandes primatas não humanos, os golfinhos e os elefantes, chegam bem perto. Esses animais entendem o sofrimento de outros o suficiente para oferecer ajuda específica. Jogam uma corrente para quem precisa subir por ela, sustentam na superfície quem precisa respirar e conduzem pela mão um indivíduo desorientado. Podem não conhecer a regra de ouro, mas sem dúvida a seguem.

O MUNDO DE SPOCK

CAPITÃO KIRK: “Você daria um esplêndido computador, senhor Spock!”.

SR. SPOCK: “ É muita bondade sua, capitão!”.

Imagine um mundo cheio de criaturas como o superlógico sr. Spock, de Jornada nas estrelas. Se ocasionalmente aparecessem emoções, ninguém saberia como interpretá-las. Sendo sensíveis apenas ao conteúdo da linguagem, as pessoas não perceberiam mudanças no tom de voz e nunca se dedicariam ao equivalente humano do grooming: o bate-papo. Por não existir nenhuma conexão natural entre elas, o único modo de essas criaturas conseguirem entender umas às outras seria mediante um árduo processo de perguntas e respostas.

Fomos retratados como habitantes do universo autista de Spock por toda uma corrente da literatura especializada que se concentrou exclusivamente no aspecto da competição feroz pela existência na evolução. A bondade, disseram, é algo que as pessoas praticam apenas sob pressão, e a moralidade não passa de um verniz, uma tênue camada que esconde nossa natureza egoísta. Mas quem realmente vive em um mundo assim? Um cardume de piranhas impelido à bondade porque elas desejam impressionar umas às outras nunca teria desenvolvido o tipo de sociedade da qual dependemos. Sem se preocuparem umas com as outras, elas são totalmente desprovidas da moralidade como a conhecemos. A dependência mútua é a chave. As sociedades humanas são sistemas de apoio nos quais a fraqueza não leva automaticamente à morte. O filósofo Alasdair MacIntyre começa seu livro *Dependent rational animals* [Animais racionais dependentes] ressaltando o grau da vulnerabilidade humana. Durante várias fases da vida, sobretudo na infância e na velhice, mas também entre essas duas etapas, vemo-nos aos cuidados de outros. Somos inerentemente necessitados. Então por que a religião e a filosofia do Ocidente dedicam muito mais atenção à alma do que ao corpo? Retratam-nos como cerebrais, racionais e donos de nosso destino, nunca doentes, famintos ou lascivos. O

fato de os humanos possuírem corpo e emoções é tratado como mera fraqueza.

Em um debate público sobre o futuro da humanidade, um respeitado cientista arriscou que dentro de dois séculos obteríamos o total controle científico de nossas emoções. Ele parecia ansioso por esse dia! Só que, sem emoções, mal saberíamos que escolhas de vida fazer, pois as escolhas baseiam-se em preferências, e estas são essencialmente emocionais. Sem emoções não armazenaríamos memórias, pois são as emoções que as tornam importantes. Sem emoções permaneceríamos indiferentes aos outros, que por sua vez seriam indiferentes a nós. Seríamos como navios que passam ao largo uns dos outros. A realidade é que somos corpos nascidos de outros corpos, corpos que alimentam outros corpos, corpos que fazem sexo com outros corpos, corpos que procuram um ombro para chorar ou se apoiar, corpos que viajam longas distâncias para estar perto de outros corpos, e assim por diante. A vida valeria a pena sem essas conexões e as emoções que elas despertam? Poderíamos ser felizes, especialmente considerando que também a felicidade é uma emoção?

Nós nos esquecemos, diz MacIntyre, do quanto nossos interesses básicos são os mesmos de um animal. Celebramos a racionalidade, mas em momentos decisivos a racionalidade sai pela janela. Qualquer pai ou mãe que tenta incutir sensatez em um adolescente sabe que o poder persuasivo da lógica é surpreendentemente limitado. Isso vale sobretudo na esfera moral. Imagine um consultor extraterrestre que nos instrua a matar toda pessoa que fique gripada. Ele nos diz que com essa medida mataremos muito menos pessoas do que as que acabariam morrendo se permitíssemos à epidemia seguir seu curso. Cortando a gripe pela raiz, salvaríamos vidas. Por mais lógico que isso possa soar, duvido que muitos de nós optassem por seguir a recomendação. Isso ocorre porque a moralidade humana está fortemente alicerçada nas emoções sociais, com a empatia em posição central. As emoções são nossa bússola. Temos fortes inibições contra matar membros de nossa comunidade, e nossas decisões morais refletem esses sentimentos.

A empatia é intensamente interpessoal. É ativada pela presença, conduta e vozes de outros, e não por uma avaliação objetiva. Ler sobre as agruras de alguém que enfrenta tempos difíceis não é o mesmo que dividir um quarto com essa pessoa e ouvir sua história. A primeira dessas situações pode gerar alguma empatia, mas é do tipo facilmente posto de lado. Por quê? Para agentes morais racionais, ambas as situações não deveriam ser diferentes. Mas nossas tendências morais evoluíram em interação direta com outros a quem podemos ouvir, ver, tocar e cheirar, e cuja situação compreendemos tomando parte delas. Somos admiravelmente sintonizados com o fluxo dos sinais emocionais emitidos pelo rosto e pela postura de outra pessoa, e respondemos com nossas próprias expressões. Pessoas de carne e osso nos afetam como nenhum problema abstrato jamais afetará. A palavra inglesa empathy deriva do alemão *Einfühlung*, que significa “sentir em”. Meu exemplo da gripe serve para mostrar que nos recusamos a lutar pelo bem maior para o maior número de pessoas (uma escola de filosofia moral conhecida como “utilitarismo”) se isso violar as inibições básicas da nossa espécie. A outra abordagem, oriunda da afirmação de Immanuel Kant de que chegamos à moralidade pela “razão pura”, encerra problemas ainda maiores. Essa idéia foi

explorada por um jovem filósofo interessado na neurociência, Joshua Greene, que examinou imagens do cérebro de pessoas enquanto elas resolviam dilemas morais. Um deles era o seguinte: você é o condutor de uma locomotiva sem freios. Ela se aproxima velozmente de uma bifurcação nos trilhos, e você avista cinco trabalhadores na ramificação esquerda e um trabalhador na direita. Você nada pode fazer além de acionar uma chave para escolher qual ramificação a locomotiva seguirá, pois não é possível frear. O que você faria?

A resposta é simples. A maioria das pessoas viraria à direita, pois com isso apenas um trabalhador seria morto. Mas vejamos outra situação: você está numa ponte que passa em cima de trilhos retos, sem bifurcação, e lá embaixo uma locomotiva se aproxima velozmente na direção de cinco trabalhadores. Ao seu lado, na ponte, há um homem grandalhão. Você poderia empurrá-lo pela ponte abaixo, ele cairia na frente da locomotiva e a retardaria, permitindo assim que todos os trabalhadores se salvassem. As pessoas se mostram muito menos relutantes em matar alguém mudando a direção da locomotiva do que empurrando alguém para a morte. Isso reflete responsabilidade e não racionalidade, pois logicamente as duas soluções são idênticas: salvar cinco pessoas à custa de uma. Kant não teria visto nenhuma diferença.

Temos uma longa história evolutiva na qual agarrar alguém com as mãos nuas trazia consequências imediatas para nós mesmos e para nosso grupo. O corpo é importante, e é por isso que qualquer coisa com ele relacionada desperta emoções. Examinando as neuroimagens, Greene descobriu que decisões morais, como empurrar ou não alguém de uma ponte, ativam áreas do cérebro relacionadas tanto às emoções da própria pessoa como à avaliação das emoções de outros. As decisões morais impessoais, em contraste, para as quais a evolução não nos preparou, ativam áreas que também usamos para as decisões práticas. O problema de acionar a chave da locomotiva é tratado por nosso cérebro como um problema neutro, no mesmo nível da questão de o que preferimos comer hoje ou a que hora teremos de sair de casa para pegar o avião. A tomada de decisões morais é movida por emoções. Ativa partes do cérebro que remontam à transição dos répteis de sangue frio para os mamíferos que alimentam, cuidam e amam. Somos equipados com uma bússola interna que nos diz como devemos tratar os outros. A racionalização em geral vem depois do fato, quando já pusemos em ação as reações preordenadas de nossa espécie. Talvez a racionalização seja um modo de justificar nossas ações para os outros, que então podem concordar ou discordar, de modo que a sociedade como um todo consiga chegar a um consenso acerca de determinado dilema moral. É aqui que entra a pressão social, a aprovação ou desaprovação tão importantes para nós. Mas tudo isso provavelmente é secundário à moralidade “visceral”.

Isso pode ser chocante para o filósofo kantiano, mas condiz com a convicção de Charles Darwin de que a ética nasceu dos instintos sociais. Seguindo os passos de Darwin, Edward Westermarck, antropólogo sueco-finlandês do início do século xx, compreendeu quão pequeno é o controle que exercemos sobre nossas escolhas morais. Elas não são produtos do raciocínio, escreveu Westermarck, pois aprovamos e desaprovamos porque não podemos fazer de outro modo. Podemos evitar sentir dor quando o fogo nos

queima? Podemos evitar simpatizar com nossos amigos? Esses fenômenos são menos necessários ou menos poderosos em suas conseqüências por estarem na esfera subjetiva da experiência?

Antes de Darwin e Westermarck, idéias semelhantes haviam sido expressas por David Hume, o filósofo escocês que ressaltou os sentimentos morais, e muito antes de todos eles pelo sábio chinês Mêncio (372-289 a. C) , seguidor de Confúcio. Grafados em tiras de bambu legadas a seus descendentes, os textos de Mêncio mostram que não há nada de novo sob o sol. Mêncio acreditava que as pessoas tendem para o bem tão naturalmente como a água flui montanha abaixo. Isso se evidencia em seu comentário sobre nossa incapacidade de suportar o sofrimento de outros:

Se homens subitamente vêem uma criança prestes a cair em um poço, sem exceção têm um sentimento de inquietação e aflição. Sentem-se assim não porque podem incorrer nas boas graças dos pais da criança, não porque possam estar desejando elogios de seus vizinhos e amigos, e não por terem aversão à reputação de ficarem insensíveis diante de tal coisa. Com esse exemplo podemos perceber que o sentimento de comiseração é essencial ao homem.

Todos os possíveis motivos egoístas mencionados por Mêncio (como desejar as boas graças ou elogios) são relatados com detalhes na literatura moderna. A diferença, obviamente, é que Mêncio rejeitou tais explicações como demasiado forçadas, tendo em vista a qualidade imediata e a força do impulso de simpatia. A manipulação da opinião pública é totalmente possível em outros momentos, disse Mêncio, mas não quando uma criança está prestes a cair em um poço.

Concordo cem por cento. A evolução nos equipou com impulsos genuinamente cooperativos e inibições contra atos que possam prejudicar o grupo do qual dependemos. Aplicamos esses impulsos seletivamente, é verdade, mas ainda assim somos afetados por eles. Não sei se as pessoas no fundo são boas ou más, mas sei que, apesar de sua inteligência impressionante, o sr. Spock não seria capaz de resolver problemas morais de um modo que nos satisfaria. Ele os trataria de maneira lógica demais. Empurraria o homem da ponte e ficaria perplexo com os protestos da vítima e com a nossa indignação.

A GENEROSIDADE COMPENSA

Numa agradável noite no Zoológico de Arnhem, quando o tratador chamou os chimpanzés para dentro, duas fêmeas adolescentes não quiseram entrar no prédio. O tempo estava esplêndido. Elas tiveram a ilha toda para si, e adoraram. A regra no zoológico era que nenhum dos primatas ganhava comida enquanto todos não houvessem entrado. As obstinadas adolescentes deixaram os outros muito mal-humorados. Quando finalmente elas entraram, horas depois, o tratador as pôs em um dormitório separado, para evitar represálias. Mas isso as protegeu só temporariamente. Na manhã seguinte, lá fora na ilha, a colônia inteira extravasou a frustração causada

pelo atraso do jantar com uma perseguição em massa que terminou na surra das culpadas. À noite, as duas foram as primeiras a entrar.

A punição dos transgressores relaciona-se com o segundo pilar da moralidade: os recursos. As jovens fêmeas haviam deixado a colônia toda de estômago roncando. Novamente estamos falando em corpo, embora de um modo diferente. O estômago precisa ser enchido regularmente. Disso resulta a competição. Ter ou não ter, apropriar-se, roubar, retribuir, ser justo, tudo isso está ligado à divisão de recursos, uma preocupação essencial da moralidade humana.

Mas talvez eu tenha uma noção singular de moralidade e deva explicá-la. Para mim, moralidade relaciona-se com ajudar ou não prejudicar, e estas são atitudes interligadas. Se você está se afogando e eu não ajudo, para todos os efeitos estou prejudicando você. Minha decisão de ajudar ou não é, efetivamente, uma decisão moral. Qualquer coisa desvinculada de ajudar ou não prejudicar, mesmo se for apresentada como questão moral, não é da esfera da moralidade. Provavelmente é mera convenção. Por exemplo, um dos meus primeiros choques culturais quando me mudei para os Estados Unidos foi a notícia de que uma mulher fora presa por amamentar dentro de um shopping. Não entendi por que isso podia ser visto como uma transgressão. O jornal de minha cidade descreveu a prisão em termos morais, alguma coisa ligada à decência pública. Mas, como o comportamento materno natural não pode prejudicar ninguém, aquilo não passava de uma violação de normas. Já aos dois anos as crianças distinguem entre princípios morais (“não roubar”) e normas culturais (“não usar pijama na escola”). Percebem que violar certas regras prejudica outros, enquanto transgredir outras apenas viola expectativas. Este último tipo de regra é culturalmente variável. Na Europa ninguém pisca diante de seios nus, que podem ser vistos em qualquer praia. Mas se lá eu dissesse que tenho um revólver em casa todo mundo ficaria muito preocupado e se perguntaria o que é que deu em mim. Uma cultura tem mais medo de revólveres do que de seios, e outra, vice-versa. Muitas convenções são cercadas com a linguagem solene da moralidade, mas na verdade pouco têm a ver com ela.

Os recursos críticos relacionados com a díade ajudar/não prejudicar são alimentos e parceiros sexuais, e ambos estão sujeitos a regras de posse e troca. O alimento é de suma importância para as fêmeas primatas, especialmente durante a gravidez e a amamentação (seus estados freqüentes). Parceiras sexuais são de máxima importância para os machos, cuja reprodução depende do número de fêmeas fecundadas. É lógico, portanto, que as trocas de sexo por comida entre os grandes primatas não humanos, nas quais a cópula leva ao compartilhamento de comida, sejam assimétricas: machos procuram sexo; fêmeas, comida. Como o dar e receber ocorrem quase simultaneamente, essas permutas são uma forma simples de reciprocidade. A verdadeira reciprocidade é um pouco mais complexa. Muitas vezes fazemos favores que são retribuídos dias ou meses depois, o que significa que dependemos de confiança, memória, gratidão e senso de obrigação. A tal ponto isso faz parte de nossa sociedade que nos espantaríamos se alguém não compreendesse a idéia de reciprocidade.

Digamos que ajudo você a descer com um piano pela escadaria estreita do seu prédio.

Três meses depois, estou de mudança. Telefone e lhe digo que também tenho um piano. Se você me despachar dizendo “boa sorte!” posso lembrá-lo do favor que lhe fiz, embora isso seja exasperante. E se, ainda assim, você não oferecer ajuda, posso mencionar explicitamente a idéia do toma-lá-dá-cá.

Para mim, será muito embaraçoso. Agora, se a sua resposta for:

“Ah, mas eu não estou nem aí para a reciprocidade!”, isso seria muito perturbador. Seria a negação total da razão de nós, humanos, vivermos em grupo, da razão por que fazemos favores uns aos outros. Quem é que vai querer tratar com você? Mesmo se compreendermos que retribuir um favor nem sempre é possível (por exemplo, se você precisar estar fora da cidade no dia da minha mudança, ou se sofre da coluna), é difícil entender alguém que nega abertamente o toma-lá-dá-cá. A negação faz de você um pária: uma pessoa a quem falta uma tendência moral crucial. Quando perguntaram a Confúcio se existia uma única palavra que pudesse servir de receita para toda a vida, ele pensou bastante e respondeu: “Reciprocidade”. Esse elegante e abrangente princípio é um universal humano, cuja origem há tempos interessa aos biólogos. Ainda me lembro da empolgação em 1972 quando, com alguns estudantes da Universidade de Utrecht, analisamos o artigo “The evolution of reciprocal altruism” [Evolução do altruísmo recíproco], de Robert Trivers. Esse ainda é um de meus artigos favoritos porque, em vez de simplificar a relação entre genes e comportamento, atenta sobretudo para as emoções e os processos psicológicos. Distingue vários tipos de cooperação, baseados no que cada participante dá e recebe. Por exemplo, a cooperação com recompensas imediatas não constitui altruísmo recíproco. Se dez pelicanos formam um semicírculo em um lago raso e batem as patas para arrebanhar pequenos peixes, todos os pelicanos se beneficiam quando apanham juntos as presas. Devido à recompensa instantânea, esse tipo de cooperação é muito disseminado. O altruísmo recíproco, por sua vez, custa algo antes de compensar.

É mais complicado.

Quando Yeroen apoiou os esforços de Nikkie pela dominância, não tinha como saber se teria sucesso com tal atitude. Era uma aposta. Mas, quando Nikkie chegou ao topo, Yeroen imediatamente deixou claro seu intuito, tentando acasalar-se com fêmeas debaixo do nariz de Nikkie. Por óbvias razões, nenhum outro macho se atrevia a fazer isso, mas Nikkie dependia do apoio do velho macho, por isso a este era preciso permitir. Essa é a reciprocidade clássica: uma transação que beneficia ambas as partes. Depois de analisar milhares de alianças nas quais indivíduos se apoiam mutuamente em lutas, concluímos que os chimpanzés atingem níveis elevados de reciprocidade. Ou seja: apoiam quem os apoia.

Também retribuem no sentido negativo: eles conhecem a vingança. A vingança é o outro lado da reciprocidade. Nikkie costumava acertar contas pouco depois de sofrer uma derrota ocasional por uma aliança. Encurralava um membro do grupo que participara da aliança quando o via sozinho. Com os outros aliados longe, esse indivíduo passava por maus bocados. Como resultado, cada escolha tinha várias conseqüências, tanto boas como ruins. É obviamente arriscado, para um indivíduo de baixa posição hierárquica,

vingar-se de alguém de mais alto coturno. Mas, se este já estiver sob ataque, pode haver uma chance de fazê-lo sangrar. Revidar é apenas questão de tempo. Ao fim de minha temporada no Zoológico de Arnhem, eu estava tão a par da dinâmica da colônia que podia prever quem entraria em ação, quando e como. Observava uma fêmea, Tepel, que no começo da semana fora ferida por outra, Jimmie, para ver o que Tepel faria quando Jimmie estivesse perdendo uma luta contra Mama, a rainha incontestada. Como eu previa, Tepel via ali uma ótima oportunidade para acrescentar seus dois centavos à derrota de Jimmie, Jembrando-lhe assim de ter mais cuidado ao escolher seus inimigos.

Outra fêmea, Puist, certa vez se deu ao trabalho de ajudar seu amigo Luit a perseguir Nikkie. Quando este, mais tarde, fez o que costumava fazer — escolher Puist para revidar —, ela naturalmente procurou Luit, que estava por perto. Estendeu-lhe a mão e pediu apoio, mas Luit não levantou um dedo para ajudá-la. Imediatamente após Nikkie deixar a cena, Puist voltou-se contra Luit, gritando furiosa. Perseguiu-o por toda a jaula. Se sua fúria tiver realmente sido resultado da omissão do amigo depois que ela o ajudara, esse incidente indica que a reciprocidade entre os chimpanzés é regida por expectativas semelhantes às que vigoram entre os humanos.

Um modo fácil de descobrir a reciprocidade é analisar a partilha de alimento entre os chimpanzés. Na natureza eles saem à caça de macacos até capturarem algum, e então o despedaçam para dividi-lo por todo o grupo. A caçada que vi nas montanhas Mahale obedeceu a este padrão: os machos, na copa de uma árvore, pediram uma parte da carcaça. A carne estava em poder do macho que fizera a captura, mas em certo momento ele deu metade para seu melhor amigo, que imediatamente se tornou o centro de um segundo grupo de pedintes. Demorou duas horas, mas no fim praticamente todos na árvore estavam com um pedaço. Fêmeas com intumescimento genital tiveram mais êxito que as outras na hora de ganhar comida. E sabe-se que, entre os machos, os que caçam favorecem outros caçadores quando dividem a carne. Até o macho mais dominante, se não houver participado da caçada, pode ficar de mãos vazias. Esse é outro exemplo de reciprocidade: os que contribuíram para o sucesso têm prioridade na divisão do produto. Provavelmente o compartilhamento de comida começou como incentivo para que os caçadores tornassem a caçar no dia seguinte: não pode haver caçada em grupo sem recompensa em grupo. Uma charge de Gary Larson que está entre minhas favoritas mostra um grupo de homens primitivos voltando da floresta com pás e uma cenoura gigantesca. A legenda diz: “Vegetarianos primitivos voltando da caça”. A cenoura era grande o bastante para alimentar todo o clã. Isso é de uma ironia profunda, considerando a improbabilidade de vegetais terem tido algum papel na evolução do compartilhamento de comida. As folhas e frutos que os primatas coletam na floresta são muito abundantes e muito pequenos para ser partilhados. Compartilhar só tem sentido quando se trata de alimentos muito valorizados, difíceis de obter e em quantidade grande demais para um só indivíduo. Qual é o prato principal quando as pessoas se reúnem à mesa do jantar? O peru de Natal, o leitão no espeto ou a tigela de salada? Compartilhar remonta à época em que éramos caçadores, o que explica o fato de ser uma prática raramente vista em outros primatas. Os três primatas mais notáveis no

compartilhamento público, isto é, com quem não é da família, são os humanos, os chimpanzés e os macacos-capuchinhos. As três espécies adoram carne, caçam em grupo e partilham até entre os machos adultos, o que é compreensível, pois os machos são responsáveis pelo grosso das caçadas.

Se o gosto por carne realmente tiver sido o alicerce do compartilhamento, fica difícil escapar à conclusão de que a moralidade humana é impregnada de sangue. Quando damos esmola a estranhos, remetemos alimentos a massas famintas ou votamos a favor de medidas para beneficiar os pobres, seguimos impulsos moldados desde que nossos ancestrais rodeavam o dono da carne. No centro do círculo original está algo desejado por muitos, mas possível de obter somente com força ou habilidade excepcional. O compartilhamento de comida presta-se de forma admirável ao estudo da reciprocidade. Em vez de esperar pacientemente por eventos espontâneos, o que faço é dar a comida na mão de um dos meus chimpanzés e acompanhar a economia da divisão paulatina até que todos os outros tenham recebido uma parte. Esse procedimento me permite determinar quem tem o que para vender no “mercado de serviços”, que abrange apoio político, proteção, grooming, comida, sexo, tranquilização e uma infinidade de outros favores. (É claro que não sou tão cruel a ponto de dar presas vivas a meus chimpanzés; às vezes eles mesmos apanham um racum ou um gato na estação de campo, mas não o comem, pois são bem alimentados e não têm tradição de caça.) Damos a eles melancias ou um feixe bem amarrado de ramos com folhas —grande o bastante para partilhar, mas também fácil de monopolizar. O compartilhamento não se originou associado a esses alimentos, mas, agora que a tendência existe, podemos medi-la durante refeições vegetarianas.

Quando nos vêm chegar com a comida da colônia, os chimpanzés irrompem em uma “celebração”: beijam-se e abraçam-se durante alguns minutos. Depois disso, jogo um feixe de ramos na direção de May, por exemplo. May, uma fêmea de baixa posição na hierarquia, olha em volta antes de pegar os ramos. Se Socko se aproximar ao mesmo tempo, May não toca na comida. Dá um passo atrás e deixa tudo para Socko. Mas se ela chegar primeiro e pegar a comida, é dela. Isso é notável, pois as pessoas acham que os indivíduos dominantes podem ter direito a tudo. Não entre os chimpanzés. Jane Goodall relatou com certo espanto que o macho mais dominante do grupo que ela observava precisava pedir sua parte da comida. Isso é chamado de “respeito pela posse”. Não se aplica aos jovens, que perdem sua comida bem depressa, mas até o adulto de mais baixa posição hierárquica pode manter sua porção sem ser incomodado. Minha explicação, nesse caso, novamente se relaciona com a reciprocidade. Se Socko roubasse a comida de May, esta nada poderia fazer. Mas o ocorrido seria gravado na memória de May, e isso não seria bom para Socko, pois há muitos serviços sobre os quais ele não tem controle. Se ele ofendesse fêmeas do grupo com intimidação, o que seria dele quando estivesse encrencado com um rival, precisasse de grooming, quisesse alguém para cuidar de suas feridas ou desejasse sexo? Em um mercado de serviços, todo mundo tem seu valor.

Em geral o compartilhamento ocorre com notável tranquilidade. Os pedintes estendem a mão com a palma para cima, como fazem nossos mendigos. Há gemidos e choramingos,

mas confrontos são raros. Estes ocorrem se o dono do alimento quiser que alguém deixe o círculo, bater-lhe na cabeça com a comida ou gritar esganiçadamente até ser deixado em paz. A comida é obtida graças à tolerância. Os pedintes estendem a mão hesitantemente para pegar uma folha e, se não encontrarem resistência, ousam mais, pegando um ramo inteiro ou arrancando um pedaço. Amigos e parentes do dono hesitam menos. May é uma das que partilham com mais generosidade. Às vezes fica com os melhores ramos para si (como os brotos de amora-preta ou sassafrás), mas dá todo o resto aos outros. Isso não se deve a seu status inferior. Outra fêmea de baixo escalão, Geórgia, é tão avarenta que ninguém se dá ao trabalho de lhe pedir comida. Geórgia tende a ficar com tudo para si. Por isso, é impopular. Quando ela quer a comida de alguém, tem de pedir por mais tempo que os demais. Já May, se quiser comida, entra direto no círculo e começa a comer. Eis a beleza da reciprocidade: a generosidade compensa.

Em nosso projeto, medimos o grooming entre os chimpanzés de manhã e comparamos com a alimentação à tarde. Um grande número de observações permitiu-nos relacionar o êxito na obtenção de comida com o grooming feito anteriormente. Quando Socko fazia grooming em May, por exemplo, suas chances de ganhar dela alguns ramos aumentavam notavelmente em comparação com os dias em que não lhe fizera grooming. Esse nosso trabalho foi o primeiro estudo sobre animais a demonstrar estatisticamente a troca de favores após um intervalo de várias horas. Além disso, as trocas se davam com parceiros específicos, ou seja, a tolerância de May beneficiava especificamente Socko, que lhe fizera grooming, e não outros.

Como nós mesmos nos comportamos de modo bem parecido, esses resultados nos parecem bem óbvios. Mas consideremos as habilidades envolvidas. Uma delas é a memória de eventos prévios. Isso não é grande coisa para os chimpanzés, que conseguem se recordar de um rosto depois de uma década. May simplesmente precisava se lembrar do grooming de Socko. A segunda habilidade é colorir essa memória de modo que ela desencadeie sentimentos cordiais. Entre nós, chamamos esse processo de “gratidão”, e os chimpanzés parecem possuir a mesma habilidade. Não está claro se eles também têm senso de obrigação, mas é interessante que a tendência a dar comida em troca de grooming não seja a mesma para todos os relacionamentos. Em indivíduos que se associam freqüentemente, como May e suas amigas ou filhas, uma única sessão de grooming não gera muitos efeitos. Entre elas ocorre todo tipo de troca diariamente, talvez sem que elas “contabilizem” cada troca. Tudo faz parte do vínculo entre elas. Só em relacionamentos mais distantes, como o de May e Socko, uma sessão de grooming ganha destaque e é especificamente recompensada.

Conosco não é diferente. Durante o jantar em um seminário sobre reciprocidade social, um dos especialistas confidenciou que anotava no computador diariamente o que ele fazia para sua mulher e o que esta fazia para ele. Grande foi o vaivém dos garfos entre os pratos e bocas enquanto tentávamos processar o que acabáramos de ouvir. O consenso foi que aquilo não era bom, pois, quando alguém se põe a contabilizar os atos dos amigos, e mais ainda os da esposa, provavelmente alguma coisa está errada. O

homem estava falando de sua terceira mulher e hoje vive com a quinta, portanto talvez tivéssemos alguma razão. Em relacionamentos próximos, os favores são trocados quase sem pensar. Em geral, tais relacionamentos são marcados por alto grau de reciprocidade, mas também têm lugar para desequilíbrios temporários, ou alguns permanentes, como quando um dos cônjuges adoece. Só no caso de relacionamentos mais distantes se faz a contabilidade. Como os chimpanzés, retribuímos a um conhecido ou colega que demonstrou bondade inesperada, mas não necessariamente ao nosso melhor amigo. A ajuda deste também é apreciada, porém faz parte de um relacionamento mais profundo e flexível.

Como escriturários anotando o movimento portuário, prestamos atenção a todas as entradas e saídas de bens e serviços. Retribuímos com ajuda a ajuda recebida, e com prejuízo o prejuízo recebido, mantendo o equilíbrio do ajudar/não prejudicar com todos os que nos cercam. Não gostamos de desequilíbrios desnecessários. Essa mesma aversão explica por que as duas chimpanzés adolescentes foram punidas: haviam provocado desequilíbrio com muitos de uma vez. Precisavam receber uma lição: a maior lição da vida, na opinião de Confúcio.

ETERNA GRATIDÃO

Um dos ditos espirituosos que Mark Twain nos deixou foi: “Se você pegar um cão faminto e o tornar forte, ele não o morderá. Essa é a principal diferença entre um cão e um homem”.

Criticar defeitos humanos é divertido, especialmente em comparações com animais. Mark Twain pode mesmo ter razão. Em minha casa, adotamos alguns animais abandonados, e devo dizer que eles me parecem eternamente gratos. Um gatinho magricela e pulguento que pegamos em San Diego transformou-se num magnífico felino chamado Diego. Ao longo dos seus quinze anos de vida, Diego ronronou profusamente toda vez que lhe demos comida — mesmo quando ele quase não comeu nada. Parecia mais grato que a maioria dos bichos de estimação, talvez porque em pequeno soubera muito bem o que é ter o estômago vazio. Mas não tenho certeza de que devemos chamar isso de “gratidão”. Talvez fosse mera felicidade. Em vez de se dar conta de que devia a nós aquela vida confortável, pode ser que Diego gostasse mais de comida do que a média das nossas paparicadas mascotes.

Agora vejamos uma história de grandes primatas. Dois chimpanzés haviam ficado fora do abrigo durante uma tempestade.

Wolfgang Köhler, o alemão pioneiro dos estudos sobre uso de ferramentas, passou pelo local e os viu ensopados, tremendo na chuva. Abriu a porta para eles. Mas os dois, em vez de passar pelo professor e entrar correndo na área seca, primeiro o abraçaram em um frenesi de contentamento. Isso já se parece muito mais com gratidão.

Tenho minha própria experiência nesse campo, e volto a citar Kuif e Roosje, cuja introdução na colônia de Arnhem descrevi no primeiro capítulo. Tínhamos duas razões

para dar Roosje a Kuif para adoção. Roosje nascera de uma mãe surda, Krom. Não queríamos que Krom criasse outros filhotes, pois os anteriores haviam morrido. Para saber o estado de seu bebê, uma grande primata depende dos débeis sons de satisfação e desconforto que ele emite. Mas Krom, caso sentasse em cima da cria, não notaria seus gritos. A cadeia de feedback estava rompida. Removemos Roosje no quarto dia depois do parto. Em vez de entregar a recém-nascida a uma família humana — uma solução comum —, decidimos mantê-la na colônia. Jovens primatas criados em lares humanos perdem o referencial de sua espécie e não têm habilidades para conviver bem com seus semelhantes. Kuif era a candidata perfeita para a adoção. Perdera algumas de suas crias por lactação insuficiente, por isso não havia filhotes para competir com Roosje. Kuif interessava-se imensamente por bebês primatas. De fato, havíamos notado que às vezes, quando Krom não dava atenção ao choro de seu bebê, Kuif também desatava a chorar. Todas as vezes que perdera uma cria, Kuif entrara em profunda depressão. Balançava-se fechada em um auto-abraço, recusava comida e gritava de partir o coração. Enquanto a treinávamos para dar mamadeira a Roosje, a infante permaneceu firmemente em nosso poder, embora Kuif desejasse desesperadamente segurá-la. O treinamento deve ter sido muito frustrante, pois não permitíamos que Kuif bebesse também o leite da mamadeira. Para dá-la à pequenina, que ficava em nosso colo, ela precisava passar o braço através das grades. Após semanas nesse treinamento, ficamos satisfeitos com o desempenho de Kuif e fizemos a transferência, colocando a esperneante Roosjie na palha da jaula noturna de Kuif. De início, Kuif olhou bem de perto o rosto de Roosjie, sem tocá-la; achava que o bebê nos pertencia. Pegar o bebê de alguém sem permissão não é coisa que se faça entre os chimpanzés. Kuif aproximou-se das barras, onde o tratador e eu observávamos. Deu um beijo em cada um de nós e olhou para Roosjie, depois de novo para nós, como se pedisse permissão. Nós a incentivamos, gesticulando na direção do bebê e dizendo: “Vá em frente, pegue-a!”. Por fim ela a pegou, e dali por diante foi a mãe mais cuidadosa e protetora que se possa imaginar. Kuif criou Roosje como esperávamos. A reintrodução de Kuif na colônia vários meses depois teve seus percalços. Não só precisamos lidar com a hostilidade de Nikkie, mas também a mãe biológica de Roosje zangou-se. Krom tentou algumas vezes tirar Roosje de Kuif, algo que eu nunca tinha visto uma fêmea fazer e que nunca mais vi. Mas, como Kuif tinha posição hierárquica mais elevada, pôde defender-se, e além disso Mama também a ajudou. É possível que Krom ainda reconhecesse Roosjie, embora não a visse desde sua remoção? Tive minhas dúvidas quanto a essa hipótese até o dia em que ouvi a história de uma mãe que encontrou a filha. Aconteceu em 2004, na Filadélfia. A filha dessa mulher desaparecera num incêndio aos dez dias de vida. Mas a mãe nunca aceitou a morte da criança. Encontrara uma janela aberta na casa incendiada e estava convencida de que alguém invadira o local. Anos depois, essa mulher foi a uma festa infantil, avistou uma menina e imediatamente achou que fosse sua filha. Conseguiu tirar alguns fios de cabelo da criança. A mãe e a filha, então com seis anos de idade, foram reunidas com base em prova de seu DNA em uma amostra de cabelo. Uma vizinha admitiu ter roubado o bebê e incendiado a casa para encobrir as pistas.

Esse notável caso de identificação (a mãe afirmou ter reconhecido as “cavinhas” na bochecha da filha) é apenas uma digressão para mostrar que as mães examinam atentamente seus bebês. Pela mesma razão, Krom deve ter percebido quem era Roosje. Mas para mim o mais importante foi o efeito que a adoção teve sobre a relação de Kuif comigo, o que me leva de volta ao tema da gratidão. Nós dois tivemos até então um relacionamento neutro, mas desde a adoção, decorridas hoje quase três décadas, Kuif me cobre de afeto sempre que me vê. Nenhum outro grande primata no mundo reage à minha pessoa como se eu fosse um membro da família perdido há muito tempo, querendo segurar minhas mãos e choramingando se eu tentar partir. Nosso treinamento permitiu a Kuif não só criar Roosje, mas também alguns de seus próprios filhos, com mamadeira. E ela ficou eternamente agradecida. A gratidão pauta-se por um balancete. Ela nos faz ajudar quem nos ajudou. Essa deve ter sido sua função original, embora hoje apliquemos esse sentimento com mais abrangência, como, por exemplo, quando nos sentimos gratos pelo tempo esplêndido ou pela boa saúde. O fato de a gratidão ser uma virtude pode explicar por que ela recebe muito mais atenção do que sua irmã feia, a vingança. Também a vingança se baseia em um balancete, mas este é associado ao outro elemento da díade ajudar/não prejudicar. O rancor contra quem nos prejudica é comum, e também nesse caso os sentimentos traduzem-se em ações como o ajuste de contas. Não só nos sentimos vingativos, mas também nos preocupamos com tal sentimento naqueles a quem ofendemos, pois sabemos que quem semeia vento colhe tempestade. Conhecemos tão bem o mecanismo que podemos até propor vingança contra nós mesmos, vendo a aceitação do castigo como o único modo de restaurar a paz.

Ilustremos com um exemplo da ópera, espetáculo que gosto de ver e ouvir quando não estou observando primatas. A ópera, com suas relações humanas dramatizadas, retrata o lado do comportamento humano que muitos filósofos não levam em conta e muitos cientistas sociais consideram secundário à nossa aclamada racionalidade. Mas a vida humana, ou pelo menos a parte à qual damos maior importância, é totalmente emocional. Além de amor, consolo, culpa, ódio, ciúme e assim por diante, na ópera nunca faltam a vingança e a doce satisfação que ela sabidamente proporciona.

Vendetta é o grande tema de Don Giovanni [Don Juan], de Wolfgang Amadeus Mozart. Nessa ópera, o vil protagonista, após uma vida de sedução e engano, enfrenta uma multidão enfurecida e, por fim, seu criador. Em uma cena secundária, a camponesa Zerlina, no dia de seu casamento com Masetto, quase sucumbe a Don Giovanni. Zelmira volta para o irado marido com grande necessidade de perdão. Em uma ária intitulada “Batti, batti, o bel Masetto” (“Bata-me, bata-me, ó belo Masetto”), a culpada suplica por um castigo. Promete que se quedará mansa como um cordeiro enquanto Masetto a espancar e lhe arrancar os cabelos e os olhos. Ela sabe que o único modo de fazer as pazes é deixar o marido acertar contas, e isso significa que parte da mágoa que ele sente tem de ser transferida para ela. Promete beijar as mãos que baterem nela. Talvez não seja uma mensagem politicamente correta, mas a atração da ópera está em mostrar as emoções em estado bruto. Mas Masetto ama demais Zerlina para aceitar sua oferta, e tudo termina bem.

Westermarck via a retribuição como o cerne da moralidade humana e supunha que não éramos a única espécie a conhecê-la. Em sua época havia poucas pesquisas sobre comportamento animal, por isso ele precisou basear-se em relatos de casos como o que ouviu no Marrocos sobre um camelo vingativo. Por ter virado na direção errada, o camelo fora excessivamente espancado por um garoto de catorze anos. O animal recebeu passivamente o castigo, mas alguns dias depois, estando desatrelado e sozinho com o mesmo condutor, ele “prende na boca monstruosa a cabeça do desafortunado rapaz, ergue-o no ar e o jogou no chão com a parte superior do crânio totalmente arrancada e o cérebro espalhado na terra”.

Em muitos zoológicos ouvimos histórias de animais ressentidos, geralmente envolvendo elefantes, donos de proverbial memória, e grandes primatas. Todo estudante ou tratador novato que vai trabalhar com os grandes primatas precisa saber que não escapará impune se os atormentar ou insultar. O grande primata se lembra, e não se importará de esperar para vingar-se. Às vezes, não demora. Um dia, uma mulher veio reclamar na recepção do Zoológico de Arnhem de que seu filho fora atingido por uma grande pedra vinda da jaula dos chimpanzés. Mas o filho, surpreendentemente, estava cabisbaixo e dócil. Testemunhas disseram depois que ele atirara primeiro aquela mesma pedra.

Nossos dados indicam que os chimpanzés acertam contas também entre si. Quando tomam partido em um confronto de outros, esses primatas opõem-se aos que costumam ficar contra eles. Mas é impossível fazer experimentos sobre esse tema sem incitar comportamentos perversos. Eis a razão de testarmos apenas o lado positivo da reciprocidade, como em nosso trabalho com os macacos-capuchinhos. Os capuchinhos são bem diferentes dos grandes primatas. Macacos marrons de pequeno porte, mais ou menos do tamanho de um gato, eles têm cauda longa que lhes serve como um excelente órgão preênsil. São nativos do Novo Mundo, o que significa que se desenvolveram separadamente das linhagens do Velho Mundo por no mínimo 30 milhões de anos. Dos macacos que conheço, estão entre os mais espertos. Às vezes chamados de chimpanzés sul-africanos, têm o cérebro tão grande quanto o dos grandes primatas não humanos em proporção ao tamanho do corpo. Os capuchinhos usam ferramentas, têm uma política complexa entre os machos, confrontos letais entre grupos e o mais importante: compartilham comida. Isso os torna ideais para estudos sobre reciprocidade e tomada de decisões econômicas. Nossos capuchinhos estão divididos em dois grupos nos quais se reproduzem, brincam, lutam e fazem grooming. Vivem em uma área cercada ao ar livre, mas são treinados para entrar individualmente em uma jaula de testes por breves períodos. Eles gostam tanto desses testes, nos quais sempre há comida, que alguns competem para ver quem vai participar. O mais das vezes preparamos um teste na jaula, ligamos uma câmera de vídeo e observamos os macacos numa tela instalada na sala ao lado. Em um experimento típico, pomos dois macacos lado a lado, oferecemos ao indivíduo A uma tigela com fatias de pepino e depois damos a B uma tigela com fatias de maçã. Avaliamos então como partilham o alimento. Como eles ficam separados por uma rede, um não pode roubar a comida do outro. Cada qual é forçado a esperar pelo que o

outro puser perto da divisória para alcançar a comida compartilhada. A maioria dos primatas permaneceria em seu cantinho e manteria ciumentamente toda a comida longe do outro. Mas não os capuchinhos. Nossos macacos põem bastante comida onde o outro possa alcançar, e alguns chegam a empurrá-la através da rede na direção do colega de experimento.

Descobrimos que, se o macaco A foi generoso com os pepinos, é maior a probabilidade de o macaco B compartilhar suas maçãs. Isso foi tão encorajador que adaptamos o experimento para um mercado de trabalho. Nesse mercado, você me paga pelo trabalho que faço para você. Imitamos essas condições colocando comida em uma bandeja móvel com um contrapeso que era pesado demais para ser movido por um único macaco. Cada animal, do seu lado da jaula, ficava pronto para puxar uma barra ligada à bandeja. Sendo verdadeiros cooperadores, eles coordenavam perfeitamente suas ações para puxar a bandeja. O truque era colocarmos a comida defronte a apenas um dos macacos, ou seja, todos os benefícios iriam para ele, o vencedor. O outro, o trabalhador, estava ali só para ajudar. O único modo de o trabalhador conseguir alguma coisa era o vencedor compartilhar a comida através da rede.

Os vencedores mostravam-se mais generosos após a cooperação do que quando obtinham a comida sozinhos. Pareciam perceber que a ajuda era necessária e recompensavam quem a fornecia.

JUSTIÇA SEJA FEITA

Onde estaríamos sem pagamento pelo trabalho? Parece surpreendente que esse princípio se revele em um laboratório de macacos, mas só para quem não sabe que os selvagens capuchinhos caçam esquilos gigantes. Apanhar presa tão ágil, que pode chegar a um quarto do peso de um macho capuchinho médio, é difícilíssimo no espaço tridimensional da floresta, tão difícil quanto a caçada de macacos por chimpanzés. Incapazes de capturar um esquilo sozinhos, os caçadores capuchinhos precisam de ajuda. Nosso experimento replicou a questão central da cooperação: fornecer compensações não só para quem fizer a captura, mas para todos os participantes. Os vencedores que não partilham não conseguem muita ajuda no futuro, como verificamos também no nosso experimento dos macacos que puxavam a barra. Mas e quanto à divisão do produto da caçada? O fato de os vencedores precisarem compensar os trabalhadores não significa que tenham de abrir mão de tudo. Quanto podem conservar para si sem contrariar os outros? As pessoas têm excelente percepção sobre a distribuição de recursos; sabem muito bem, por exemplo, a diferença entre ganhar uma porção grande ou pequena à mesa do jantar. Na série de televisão *The honeymooners* o problema é tratado com humor quando Ralph Kramden (o gordo), Ed Norton (o magro) e suas esposas decidem dividir um apartamento e comer juntos:

RALPH: “Quando ela pôs duas batatas na mesa, uma grande e uma pequena, você logicamente pegou a grande sem perguntar qual eu queria”.

NORTON: “E você, o que teria feito?”.

RALPH: “Teria pegado a pequena, é claro”.

NORTON (incrédulo): “É mesmo?”

RALPH: “Teria, sim!”.

NORTON: “Ué, então por que está reclamando? Você ficou com a pequena!”

Tudo se resume à eqüidade. Na verdade, essa é uma questão moral relacionada à díade ajudar/não prejudicar, embora nem sempre seja apresentada como tal. Nos Estados Unidos é comum a remuneração de altos executivos ser mil vezes maior que a de um trabalhador médio. Esses executivos podem estar prejudicando outros ao arrebatarem uma parte desproporcional do bolo da empresa, mas afirmam que isso é privilégio deles, ou que é assim que o mercado funciona. Apregoa-se o darwinismo social para justificar a desigualdade e se diz que é natural alguns ganharem mais do que outros. Esquece-se que o verdadeiro darwinismo tem uma concepção mais refinada sobre a divisão de recursos. Isso porque somos animais cooperativos entre os quais até os poderosos — e talvez especialmente eles — dependem de outros. A questão surgiu quando Richard Grasso, diretor da Bolsa de Valores de Nova York, revelou que o pacote de sua remuneração chegava a quase 200 milhões de dólares. Foi uma grita geral contra essa compensação estratosférica. Acontece que, no mesmo dia em que Grasso foi forçado a renunciar ao seu cargo, minha equipe publicou um estudo sobre a eqüidade entre macacos. Os analistas não resistiram a contrastar Grasso com nossos capuchinhos, sugerindo que ele poderia aprender com os primatas.

Sarah Brosnan e eu testamos a eqüidade com um jogo simples. Se damos a um capuchinho um pedregulho e depois mostramos em nossa mão algo mais atrativo, como uma fatia de pepino, ele logo entende que precisa devolver o pedregulho para conseguir a comida. Aprende esse jogo sem dificuldade nenhuma, pois dar e receber é natural em sua espécie. Assim que o capuchinho aprende a trocar pedregulho por comida, Sarah e eu introduzimos a desigualdade. Pusemos dois macacos lado a lado e fizemos a troca 25 vezes seguidas. Trocávamos alternadamente com um e com outro. Quando ambos recebiam pepino, isso era chamado de eqüidade. Nessa situação, os macacos fizeram troca o tempo todo e comeram alegremente a comida. Mas, quando demos uvas a um deles e continuamos a dar pepino ao outro, as coisas tomaram um rumo inesperado. Chamamos a isso desigualdade. As preferências alimentares dos nossos macacos refletem os preços no supermercado; portanto, uvas são a melhor recompensa. Ao notar o aumento de salário do seu parceiro, os macacos que haviam ficado perfeitamente satisfeitos em trabalhar por pepino de repente entraram em greve. Não só mostraram relutância em participar, mas também ficaram agitados, jogaram os pedregulhos para fora da jaula de testes e até algumas fatias de pepino. Um alimento que normalmente não recusariam tornou-se menos do que desejável: tornou-se repulsivo!

Essa sem dúvida foi uma reação forte, equivalente à que, com certa pompa, se designa por “aversão à desigualdade” quando falamos sobre pessoas. Admito que nossos macacos apresentaram uma forma egocêntrica dessa reação. Em vez de acatar o nobre princípio da eqüidade geral, zangaram-se por receber menos na troca. Se a eqüidade

geral fosse a preocupação deles, os macacos que se viram em vantagem teriam trocado algumas uvas com o outro ou recusado totalmente as uvas, coisa que nunca fizeram. Alguns dos afortunados ganhadores de uvas até suplementaram sua refeição com as fatias de pepino rejeitadas pelo vizinho. E se mostraram alegres, em contraste com seus pobres parceiros, que, no fim do teste, estavam emburrados num canto.

Quando Sarah e eu publicamos esse estudo com o título “Monkeys reject unequal pay” [Macacos rejeitam pagamento desigual], causamos sensação, pois muitas pessoas se vêem como comedoras de pepino num mundo de uvas. Todos nós sabemos como é duro ser preterido, razão pela qual nenhum pai ousa voltar para casa trazendo presente para um filho e não para o outro. Toda uma escola da economia está convencida de que as emoções — que os economistas curiosamente denominam “paixões” — desempenham papel crucial na tomada de decisão dos humanos. As mais intensas relacionam-se com a divisão de recursos. Essas emoções impelem-nos a ações que de início parecem irracionais — como deixar um emprego por ganharmos menos do que outros —, mas no longo prazo promovem regras do jogo eqüitativas e relações cooperativas.

Isso é testado com o chamado “jogo do ultimato”, no qual uma pessoa recebe, digamos, cem dólares para dividir com um parceiro. A divisão pode ser meio a meio, mas também pode ser qualquer outra, como noventa-dez. Se um parceiro aceitar o trato, ambos recebem seu dinheiro. Se o parceiro recusar, os dois acabam sem nada. O que divide o dinheiro precisa ter cuidado, pois comumente os parceiros rejeitam ninharias. Isso contradiz a teoria econômica tradicional, segundo a qual os indivíduos são otimizadores racionais. Mas um otimizador racional aceitaria qualquer oferta, já que até uma quantia ínfima é melhor que nenhuma. As pessoas não pensam assim; detestam que lhes passem a perna. Grasso claramente subestimou esse sentimento.

Nossos macacos apresentaram a mesma reação, jogando fora alimentos perfeitamente bons! Pepino seria ótimo se não houvesse mais nada, mas, assim que surgem outros comendo uvas, despenca o valor dos vegetais com baixos teores de açúcar.

VALOR COMUNITÁRIO

“Uma noção egocêntrica de eqüidade” é uma descrição imaginosa para a inveja. Esta é a dor que sentimos ao ver alguém em melhor situação do que nós. Está longe de representar o sentido mais amplo de eqüidade, aquele que nos faz atentar também para os que estão em posição pior do que a nossa. Se os macacos são desprovidos desse segundo sentido, que dizer dos grandes primatas não humanos? Quando pedi a uma colega primatóloga, Sue Savage-Rumbaugh, estudiosa da linguagem em bonobos, que me desse exemplos de empatia, ela descreveu o que me pareceu ser esse sentido mais amplo.

Sue tratava de uma fêmea, Panbanisha, enquanto o resto de sua colônia de bonobos ficava aos cuidados de outros pesquisadores. Panbanisha estava recebendo comida diferente, como passas e leite adicional. Quando Sue levava essas guloseimas para sua

bonobo, os outros viam e a chamavam. Obviamente, queriam a mesma coisa. Panbanisha notava e parecia incomodada, mesmo a situação lhe sendo favorável. Pedia suco, mas quando o suco chegava, em vez de o aceitar ela gesticulava para os outros, agitando o braço e vocalizando para eles. Os outros respondiam com suas próprias vocalizações e depois se sentavam ao lado da jaula de Panbanisha, esperando para ganhar suco também. Sue disse ter a nítida impressão de que Panbanisha queria que Sue trouxesse para os outros o mesmo que ela estava ganhando.

Isso não basta para concluir que o senso de eqüidade existe em outros animais. O que me fascina, porém, é a relação com o ressentimento. Para que se desenvolva o senso de eqüidade mais amplo, basta prever o ressentimento de outros. Há excelentes razões para evitar que maus sentimentos sejam despertados. Os que não compartilham são excluídos dos agrupamentos na hora da comida. Na pior das hipóteses, o alvo de inveja corre o risco de levar uma surra. Seria por isso que Panbanisha evitava o consumo conspícuo diante dos amigos? Em caso positivo, estaremos chegando perto do que pode ser a fonte do princípio da eqüidade: a evitação de conflito. Faz-me lembrar a história de três meninos em Amsterdã que jogaram no canal duas notas de cem florins holandeses — uma quantia além da compreensão de uma criança — porque haviam encontrado cinco. Como não sabiam dividir equitativamente cinco notas, decidiram jogar duas fora para não brigarem.

Princípios nobres têm origens humildes. Tudo começa com ressentimento se você ganhar menos, torna-se preocupação sobre como os outros reagirão se você ganhar mais e termina com a desigualdade sendo generalizadamente declarada como algo ruim.

Assim nasce o senso de eqüidade. Gosto dessas progressões passo a passo, pois assim deve ter funcionado a evolução. Analogamente, vemos como a vingança pode ter conduzido à justiça em passos intermediários. A mentalidade de olho por olho dos primatas tem efeitos “educacionais” porque vincula custos ao comportamento indesejável. Embora as emoções em estado bruto sejam abominadas pelo sistema judiciário humano, não há como negar seu papel. No livro *Wild justice* [Justiça selvagem], Susan Jacoby explica como a justiça humana foi construída com a transformação da vingança. Quando sobreviventes de guerra ou parentes de uma vítima de assassinato buscam justiça, são impelidos pela necessidade de reparação, embora possam apresentar sua causa em bases mais abstratas. Para Jacoby, uma medida do grau de refinamento de uma sociedade é a distância entre os indivíduos que sofreram agravos e a satisfação de sua ânsia por reparação pessoal, existindo “persistente tensão entre a vingança descontrolada, que é destruidora, e a vingança controlada, que é um componente inevitável da justiça”.

As emoções pessoais são cruciais. Combinadas ao entendimento de como nosso comportamento afeta os outros, elas criam princípios morais. Essa é a abordagem de baixo para cima: da emoção ao senso de eqüidade. É o oposto da idéia de que a eqüidade foi uma noção introduzida por homens sábios (fundadores de nações, revolucionários, filósofos) após uma vida de reflexão sobre o certo, o errado e nosso lugar no universo. As abordagens de cima para baixo, que começam uma explicação pelo

produto final, quase sempre são erradas. Perguntam por que somos os únicos a possuir eqüidade, justiça, política, moralidade etc, quando a verdadeira questão é quais são os tijolos da construção. Quais são os elementos básicos necessários para construir eqüidade, justiça, política, moralidade etc? Como o fenômeno maior derivou dos mais simples? Assim que refletimos sobre essa questão, torna-se óbvio que temos em comum com outras espécies muitos dos blocos construtores. Nada do que fazemos é realmente único. A grande questão da moralidade humana é como passamos das relações interpessoais para um sistema centrado no bem maior. Tenho certeza de que não foi porque temos em mente, acima de tudo, o bem da sociedade. Não é o grupo o primeiro interesse de todo indivíduo, e sim ele próprio e sua família imediata. Mas com a crescente integração social afloraram interesses em comum, e a comunidade como um todo tornou-se uma preocupação. Podemos ver os primórdios do processo quando primatas não humanos abrandam relações entre outros. Servem de intermediários em reconciliações (unindo as partes após uma luta) e apartam lutadores de maneira imparcial a fim de promover a paz à sua volta. Isso ocorre porque todos têm interesse em uma atmosfera cooperativa. Fascina-me ver esse senso comunitário em ação, como na ocasião em que Jimoh foi impedido de perseguir um macho mais jovem pela gritaria de toda a colônia de chimpanzés. Foi como se ele trombasse com um muro de dissensão. Outro incidente na mesma colônia ainda está vivo em minha memória. O pivô foi Peony, uma fêmea mais velha. Após a morte da fêmea alfa do grupo, durante um ano não soubemos qual das fêmeas era a nova líder. Normalmente é uma das mais velhas, por isso apostávamos em três fêmeas cujas idades iam de trinta a 35 anos. Ao contrário dos machos, é raro as fêmeas demonstrarem abertamente uma rivalidade em torno do posto supremo.

Um dia, eu observava de minha sala uma pequena altercação entre fêmeas jovens que começou a envolver machos adultos e acabou parecendo gravíssima. Os chimpanzés estavam gritando tão alto, e os machos movendo-se tão rápido, que eu tinha certeza de que iria correr sangue. Mas de repente a comoção cessou. Os machos sentaram-se, ofegantes, rodeados por várias fêmeas. A atmosfera estava muito tensa, e claramente nada fora acertado. Estavam só fazendo uma pausa. Foi nesse momento que vi quem era a fêmea alfa. Peony levantou-se do pneu onde estava descansando e todos os olhos voltaram-se para ela. Alguns indivíduos mais jovens andaram em sua direção, alguns adultos grunhiram baixinho, como fazem para alertar outros, enquanto Peony se encaminhou lenta e deliberadamente para o centro da cena, seguida por todos os que haviam permanecido de lado. Parecia uma procissão, como se a rainha viesse misturar-se aos plebeus. Peony simplesmente fez grooming em um dos dois machos, e logo outros seguiram-lhe o exemplo, fazendo grooming uns nos outros. O segundo macho juntou-se à turma do grooming. A calma voltou. Era como se ninguém ousasse recomeçar tudo depois de Peony tão gentilmente ter posto um ponto final na situação.

Peony, que informalmente chamamos de “nossa máquina de grooming”, pois ela passa um tempo enorme fazendo grooming em todos, resolve os problemas sendo doce, calma e tranquilizadora, o que talvez explique eu não ter notado que era ela a fêmea alfa.

Presenciei depois outros incidentes que confirmam sua posição central incontestável, análoga à de Mama em Arnhem, mas sem a mão de ferro. Nesses momentos, vemos que um grupo de chimpanzés é uma verdadeira comunidade, e não um bando de indivíduos agrupados a esmo.

Obviamente, a força mais poderosa para gerar o espírito comunitário é a inimizade com forasteiros. Ela força a união entre elementos normalmente antagônicos. Isso pode não ser visível em um zoológico, mas sem dúvida é um fator para os chimpanzés na natureza. Em nossa espécie, nada é mais óbvio do que o fato de nos juntarmos contra adversários. Por isso se diz que a melhor garantia para a paz mundial seria um inimigo extraterrestre: poderíamos enfim pôr em prática a retórica orwelliana de “guerra é paz”. No decorrer da evolução humana, a hostilidade extragrupo intensificou a solidariedade intragrupo a ponto de fazer emergir a moralidade. Em vez de apenas melhorar as relações ao nosso redor, como fazem os outros grandes primatas, temos ensinamentos explícitos sobre o valor da comunidade e a precedência que ela deve ter sobre os interesses individuais.

Assim, a profunda ironia é que a nossa mais nobre conquista, a moralidade, tem laços evolutivos com nosso mais torpe comportamento, a guerra. O senso de comunidade requerido por aquela foi fornecido por esta. Quando passamos do ponto em que defender nossos interesses individuais conflitantes deixou de ser mais vantajoso do que lutar por interesses comuns, distribuímos a pressão social de modo a garantir que todos contribuíssem para o bem comum. Desenvolvemos uma estrutura de incentivos com aprovação e punições — inclusive punições internalizadas, como a culpa e a vergonha — para estimular o que é certo e tolher o que é errado para a comunidade. A moralidade tornou-se nossa principal ferramenta para reforçar a estrutura social.

O fato de o bem comum nunca se estender além do grupo explica por que as regras morais raramente mencionam o lado de fora: as pessoas sentem-se autorizadas a tratar os inimigos de modos inimagináveis para os de sua comunidade. Aplicar a moralidade além dessas fronteiras é o grande desafio da nossa época. Criando direitos humanos universais — mesmo para nossos inimigos, como faz a Convenção de Genebra — ou debatendo a ética para o uso de animais, aplicamos fora do grupo, e mesmo até fora da nossa espécie, um sistema que evoluiu das razões intragrupo. A expansão do círculo moral é uma empreitada frágil. Nossa maior esperança de sucesso são as emoções morais, pois as emoções são desobedientes. Em princípio, a empatia pode vencer qualquer regra sobre como tratar os outros. Na Segunda Guerra Mundial, quando Oskar Schindler manteve judeus fora dos campos de concentração, por exemplo, havia ordens claras de sua sociedade sobre como tratar aquelas pessoas, mas os sentimentos de Schindler interferiram.

Emoções ligadas à solicitude podem levar a atos subversivos, como no caso de um guarda de prisão em época de guerra que tinha ordens para dar apenas pão e água aos detentos, mas de vez em quando acrescentava furtivamente um ovo cozido. Por menor que tenha sido seu gesto, ficou marcado na memória dos prisioneiros como um sinal de que nem todos os seus inimigos eram monstros. Há também muitos atos de omissão, como nas ocasiões em que soldados poderiam ter matado inimigos capturados sem

repercussões negativas, mas decidiram não fazê-lo. Na guerra, conter-se pode ser uma forma de compaixão.

Emoções prevalecem sobre regras. É por isso que, quando nos referimos a pessoas que são modelos de moral, falamos sobre seu coração, e não sobre seu cérebro (ainda que um neurocientista possa nos lembrar de que a idéia de que o coração é a sede das emoções está ultrapassada). Confiamos mais em nossos sentimentos do que no raciocínio quando resolvemos dilemas morais. A atitude cerebral do sr. Spock é de uma inadequação deplorável. Essa idéia foi admiravelmente expressa na parábola do Bom Samaritano, que trata da nossa atitude para com pessoas necessitadas. Um moribundo jazia à beira da estrada no caminho de Jerusalém para Jerico. Passaram direto pela vítima um sacerdote e depois um levita — homens religiosos perfeitamente a par dos detalhes de todas as recomendações éticas já escritas. Eles não quiseram interromper sua jornada por uma vítima que não conheciam, e trataram de passar depressa pelo outro lado da estrada. Só um terceiro viajante, um samaritano, parou, enfaixou as feridas do homem, colocou-o em seu burro e o levou para lugar seguro. O samaritano, um pária religioso, sentiu compaixão. A mensagem bíblica é um alerta: não nos deixemos guiar pela ética dos livros em prejuízo da ética do coração, e tratemos toda pessoa como nosso vizinho. Com a moralidade firmemente alicerçada no sentimento, é fácil concordar com Darwin e Westermarck sobre o modo como ela evoluiu e discordar dos que pensam que a resposta está na cultura e na religião. As religiões modernas têm apenas alguns milhares de anos. É difícil imaginar que a psicologia humana tenha sido radicalmente diferente antes do surgimento das religiões. Não que religião e cultura não tenham seu papel, mas os tijolos construtores da moralidade claramente antecedem a humanidade. Nós os reconhecemos em nossos parentes primatas, sendo a empatia mais evidente nos bonobos e a reciprocidade, nos chimpanzés. Regras morais nos dizem quando e como aplicar essas tendências, mas as tendências em si têm estado presentes desde tempos imemoriais.

O Primata bipolar

Em busca do equilíbrio

O que melhor nos caracteriza, o ódio ou o amor? O que é mais crucial para a sobrevivência, a competição ou a cooperação? Somos mais parecidos com os chimpanzés ou com os bonobos? Essas questões são perda de tempo para criaturas bipolares como nós. Equivalem a perguntar se é melhor medir uma superfície pela largura ou pelo comprimento. Pior ainda é a tentativa de considerar apenas um pólo em detrimento do outro. No entanto, é o que o Ocidente tem feito há séculos, retratando nosso lado competitivo como mais autêntico do que nosso lado social. Mas, se as pessoas fossem tão egoístas como se supõe, como formariam sociedades? A idéia tradicional é a de um contrato entre ancestrais, que decidiram viver juntos “apenas por um pacto, o que é artificial”, nas palavras de Thomas Hobbes. Somos vistos como solitários que unem as forças relutantemente: espertos o bastante para reunir os recursos, mas desprovidos de verdadeira atração pelos de nossa espécie.

O antigo provérbio romano *Homo homini lupus* — “O homem é o lobo do homem” — capta essa visão associal que ainda hoje inspira o direito, a economia e a ciência política. O problema não é apenas que esse ditado nos representa erroneamente; ele também insulta um dos mais gregários e leais cooperadores do reino animal. Tão leal, de fato, que nossos ancestrais sabiamente o domesticaram. Os lobos sobrevivem derrubando presas maiores do que eles, animais como renas e alces, e fazem isso com trabalho em equipe. Ao voltarem da caça, regurgitam a carne para as mães lactantes, os filhotes e às vezes os velhos e doentes que ficaram para trás. Como as torcidas cantantes do futebol, reforçam a união da matilha uivando em conjunto antes e depois da caçada. A competição existe, mas os lobos não podem se dar ao luxo de permitir que ela siga seu curso. Lealdade e confiança vêm primeiro. Comportamentos que solapam o alicerce da cooperação são reprimidos para impedir a erosão da harmonia, a base da sobrevivência. Um lobo que permitisse a prevalência de seus limitados interesses individuais logo se veria sozinho caçando ratos.

Os grandes primatas não humanos conhecem essa mesma solidariedade. Um estudo constatou que no Parque Nacional de Tai, na Costa do Marfim, os chimpanzés cuidavam de companheiros feridos por leopardos: lambiam o sangue, removiam cuidadosamente a sujeira e impediam as moscas de chegar perto das feridas. Enxotavam os insetos, protegiam companheiros feridos e se deslocavam devagar quando estes tinham dificuldade para acompanhá-los. Tudo isso faz sentido, pois os chimpanzés vivem em grupo por uma razão, assim como lobos e humanos são animais que vivem em grupo por uma razão. Não seríamos o que somos hoje se nossos ancestrais houvessem sido socialmente arredios. O que vejo, portanto, é o oposto da tradicional imagem da natureza “rubra nos dentes e garras”, na qual o indivíduo vem primeiro e a sociedade é apenas uma idéia surgida posteriormente. Não se pode colher os benefícios da vida em grupo sem contribuir para ela. Todo animal social atinge o próprio equilíbrio entre as

duas. Alguns são relativamente desagradáveis, outros relativamente amáveis. Mas até as sociedades mais implacáveis, como a dos babuínos e a dos símios do gênero *Macacus*, limitam os conflitos internos. Muitos imaginam que, na natureza, fraqueza automaticamente significa eliminação — princípio alardeado como “lei da selva” —, mas na realidade os animais sociais desfrutam de tolerância e apoio consideráveis. Do contrário, por que viver junto?

Trabalhei com um grupo de macacos Rhesus que demonstravam grande aceitação por Azalea, um filhote fêmea com retardo mental nascida em seu grupo. Como Azalea tinha um cromossomo extra, sua condição lembrava a síndrome de Down humana. Os Rhesus normalmente punem quem viola as regras de sua severa sociedade, mas Azalea escapava impune das maiores transgressões, como ameaçar o macho alfa. Era como se todos percebessem que nada do que fizessem mudaria a inépcia de Azalea. Analogamente, em um grupo selvagem de símios do gênero *Macacus* nos Alpes japoneses havia uma fêmea com deficiência congênita chamada Mozu, que quase não conseguia andar e certamente era incapaz de subir em árvores, pois não tinha mãos nem pés. Estrela freqüente de documentários japoneses sobre vida selvagem, Mozu era totalmente aceita por seu grupo, tanto assim que teve uma vida longa e criou cinco filhotes.

Então não vale a sobrevivência dos mais aptos? Ela vigora em muitos casos também, é claro, mas não há necessidade de caricaturar a vida de nossos parentes como dominada pela desconfiança. Os primatas são imensamente beneficiados pela companhia uns dos outros. Dar-se bem com os outros é uma habilidade crucial, pois as chances de sobreviver fora do grupo, em meio a predadores e vizinhos hostis, são desalentadoras. Os primatas que se vêem sozinhos logo defrontam a morte. Isso explica por que gastam um tempo enorme — até 10% do seu dia — a serviço dos laços sociais, fazendo grooming nos outros. Estudos de campo mostraram que a prole das fêmeas de macaco com as melhores relações sociais tem maiores índices de sobrevivência.

AUTISTA E GORILA: PRAZER EM CONHECER

Criar vínculos é tão fundamental que uma americana com síndrome de Asperger, uma forma de autismo, sempre sofrendo com sua condição em meio aos humanos, encontrou a paz interior depois que começou a tratar de gorilas em um zoológico. Ou talvez fossem os gorilas que tratassem dela. Dawn Prince-Hughes contou que as pessoas a enervavam com seus olhares e perguntas diretas, querendo respostas imediatas. Já os gorilas davam-lhe espaço, evitavam contato visual e transmitiam uma calma tranqüilizadora.

Acima de tudo, eram pacientes. Gorilas são criaturas “oblíquas”:

raramente procuram o contato direto, face a face. Além disso, como todos os grandes primatas não humanos, eles não têm ao redor da íris a esclera, que faz do olhar humano quando nos fita intensamente um sinal tão perturbador. O colorido dos nossos olhos acentua a comunicação, mas também impede as sutilezas de comunicação disponíveis aos outros grandes primatas de olhos totalmente escuros. E eles raramente fitam como

nós fazemos; olham de relance. Têm excelente visão periférica e acompanham grande parte do que ocorre à sua volta pelo canto dos olhos. Para um humano, é difícil acostumar-se a isso. Muitas vezes pensei que meus primatas não estavam prestando atenção e depois vi que me enganara: não tinham deixado escapar nada.

O modo como os gorilas mostravam empatia com Prince-Hughes, “olhando sem olhar e compreendendo sem falar”, como ela explicou, baseava-se em posturas e mímicas corporais, a imemorial linguagem animal da conexão. Congo, o imponente gorila de dorso prateado da colônia, era o mais sensível e tranqüilizador. Ele reagia diretamente aos sinais de aflição. Isso não surpreende, pois o gorila macho, apesar de sua reputação de “King Kong” feroz, é um protetor nato. Os horripilantes relatos de ataques de gorila que os caçadores coloniais costumavam contar em casa destinavam-se a nos impressionar com a bravura dos humanos, e não a dos gorilas. Mas, de fato, um gorila macho que ataca está disposto a morrer por sua família.

É notável que seja preciso uma pessoa autista — alguém considerado deficiente em habilidades interpessoais — para captar a primazia do vínculo entre os grandes primatas não humanos, assim como o forte parentesco que sentimos com aqueles corpos peludos tão semelhantes ao nosso. Considerando o temperamento dos gorilas, compreendemos por que Prince-Hughes foi arrancada de sua solidão por eles, e não por chimpanzés ou bonobos. Os gorilas estão longe de ser extrovertidos como os chimpanzés e bonobos. Vejamos o exemplo de um zoológico suíço que passou por tremendos apuros. Uma noite, os chimpanzés desse zoológico conseguiram remover o alçapão de seu alojamento e escapar para o telhado. Alguns foram para a cidade, pulando de casa em casa. Dias se passaram até que os primatas fossem capturados, e o zoológico teve sorte, pois nenhum dos chimpanzés levou tiros da polícia nem acabou eletrocutado nos fios de alta-tensão.

Esse acontecimento deu a um grupo de defensores dos direitos dos animais a idéia de “libertar” os gorilas daquele mesmo zoológico. Sem refletir minimamente sobre o que seria melhor para os animais, subiram no abrigo dos gorilas uma noite e removeram uma clarabóia. Mas os gorilas, que tiveram horas para escapar, não o fizeram. Na manhã seguinte os tratadores encontraram todos lá, sentados como sempre faziam, olhando espantados para o alto, fascinados pela abertura sobre a cabeça deles. Nenhum tivera a curiosidade de subir e sair, e a clarabóia simplesmente foi recolocada. Eis, em suma, a diferença de temperamento entre chimpanzés e gorilas.

Na nossa linhagem, vínculos e apoio são o estado natural, em um grau capaz de ser percebido até por um portador de autismo. Ou talvez precisamente por uma pessoa assim, considerando que nossa obsessão pela palavra falada nos impede de avaliar plenamente as pistas não verbais como posturas, gestos, expressões e tom de voz. Sem indicações corporais, nossa comunicação perde seu conteúdo emocional e se torna mera informação técnica. Obteríamos o mesmo efeito usando cartões que lampejam mensagens de “eu te amo” ou “estou zangado”. É fato bem conhecido que as pessoas cujo rosto perde a expressividade em razão de algum distúrbio neurológico, e por isso não conseguem demonstrar sintonia com as emoções dos outros (sorrindo ou franzindo o cenho, por exemplo), mergulham em arrasadora solidão. Nossa espécie não vê graça

em viver sem a linguagem corporal que nos aglutina. As hipóteses sobre nossas origens que negligenciam essa profunda conexão retratando-nos como solitários que se uniram relutantemente ignoram a evolução dos primatas. Pertencemos a uma categoria de animais conhecida entre os zoólogos como “obrigatoriamente gregários”, ou seja, não temos alternativa senão viver juntos. É por isso que o medo do ostracismo espreita nos recônditos de toda mente humana: ser expulso é a pior coisa que pode nos acontecer. Assim era nos tempos bíblicos, assim continua a ser hoje. A evolução incutiu a necessidade de pertencer a um grupo e sentir-se aceito. Somos essencialmente sociais.

CONTRADIÇÕES DOMADAS

Aprendi com um Dodge Dart de vinte anos de estrada que tive no passado que a parte mais importante de um carro não é o motor. Um belo dia, só consegui fazer o carro parar totalmente quando apliquei todo o meu peso no pedal do freio. Numa manhã tranqüila com pouco trânsito, levei o velho Dodge até a oficina mecânica mais próxima. Dirigi muito devagar e, embora chegasse ileso, a viagem foi atemorizante. Por meses depois disso sonhei estar dirigindo um carro que diminuía a velocidade, mas não parava.

Os freios e compensações da natureza são tão essenciais quanto o freio de um carro. Tudo é regulado, tudo é mantido sob controle. Mamíferos e aves, por exemplo, deram um salto evolutivo ao tornar-se animais de sangue quente, mas têm problemas toda vez que a temperatura do corpo sobe demais. Quando faz muito calor ou quando se exercitam, resfriam-se suando, batendo as orelhas ou arfando com a língua de fora. A natureza precisou pôr freios na temperatura do corpo. Analogamente, toda ave canora tem tamanho ótimo para seus ovos, ninhadas, presas, distância a percorrer para alimentar-se e assim por diante. As que se desviam pondo ovos demais ou procurando insetos longe demais do ninho perdem na corrida evolutiva.

Isso também se aplica a tendências sociais conflitantes, como competição e cooperação, egoísmo e sociabilidade, antagonismo e harmonia. Tudo se equilibra em torno de um ponto ótimo. Ser egoísta é inevitável e necessário, mas até certo ponto. Foi o que eu quis dizer quando comparei a natureza humana à cabeça de Jano: somos produto de forças opostas, como a necessidade de defender os próprios interesses e a necessidade de dar-se bem com os outros. Se enfatizo a segunda, é devido à tradicional ênfase na primeira. Ambas são estreitamente inter-relacionadas e contribuem para a sobrevivência. As mesmas capacidades que promovem a paz, como a reconciliação após uma luta, nunca teriam evoluído na ausência de conflitos. Em um mundo bipolar, toda capacidade alude ao seu oposto.

Examinamos paradoxos específicos, como a relação entre democracia e hierarquia, família nuclear e infanticídio, equidade e competição. Em cada caso, vários passos são necessários para passar de uma coisa à outra, mas, para onde quer que nos voltemos, as instituições sociais resultam de interação de forças opostas. A evolução é um processo dialético.

A natureza humana também é inerentemente multidimensional, e o mesmo se pode dizer da natureza dos chimpanzés e da dos bonobos. Mesmo que a natureza dos chimpanzés seja mais violenta e a dos bonobos mais pacífica, aqueles também resolvem conflitos, e estes também competem. De fato, a reconciliação entre chimpanzés é ainda mais impressionante diante do seu óbvio temperamento violento. Ambos os primatas possuem as duas tendências, mas cada qual atinge um equilíbrio diferente.

Nós, humanos, mais sistematicamente brutais do que os chimpanzés e mais empáticos do que os bonobos, somos, de longe, os mais bipolares dos grandes primatas. Nossas sociedades nunca são totalmente pacíficas ou competitivas, nunca são de todo regidas pelo egoísmo nem perfeitamente morais. A natureza não costuma apresentar estados puros. O que vale para a sociedade humana também vale para a natureza humana. Vemos bondade e crueldade, nobreza e vulgaridade, às vezes até na mesma pessoa. Somos ricos em contradições, mas em geral são contradições domadas. Falar em “contradições domadas” pode parecer obscuro, até místico, mas elas estão à nossa volta. O sistema solar é um exemplo perfeito. Ele resulta de duas forças opostas, uma voltada para dentro, a outra, para fora. A gravidade do Sol equilibra os movimentos centrífugos dos planetas tão perfeitamente que há bilhões de anos todo o sistema solar mantém-se coeso. Acima da inerente dualidade da natureza humana está o papel da inteligência. Costumamos superestimar nossa racionalidade, mas não se pode negar que o comportamento humano é uma combinação de impulso e inteligência. Temos reduzido controle sobre as pulsões primitivas ligadas a poder, sexo, segurança e alimento, porém habitualmente pesamos os prós e contras de nossas ações antes de executá-las. O comportamento humano é drasticamente modificado pela experiência. Isso pode parecer óbvio demais até para ser mencionado, mas é um modo de ver as coisas muito diferente daquele que os biólogos outrora adotavam. Na década de 1960, quase toda tendência perceptível da espécie humana era rotulada como “instinto”, e a Instinktlehre (“doutrina do instinto”, em alemão) de Konrad Lorenz incluía até um “parlamento” dos instintos que ligava todos eles. Mas o problema do termo “instinto” é menosprezar o papel do aprendizado e da experiência. Tendência semelhante existe em certos círculos contemporâneos, só que com o termo “módulo”. O cérebro humano é comparado a um canivete suíço ao qual a evolução acrescentou, um a um, módulos para tudo: de reconhecimento de rostos e uso de ferramentas a cuidados com a prole e amizade. Infelizmente ninguém sabe direito o que é um módulo cerebral, e os indícios de sua existência são tão intangíveis quanto os dos instintos. É inegável que temos predisposições inatas, mas não vejo os humanos como atores cegos encenando programas genéticos da natureza. A meu ver, somos improvisadores, e nos ajustamos flexivelmente a outros improvisadores no cenário, com nossos genes oferecendo dicas e sugestões. O mesmo se aplica a nossos companheiros primatas. Ilustro essa idéia com o exemplo de Yeroen no Zoológico de Arnhem, quando ele feriu a mão numa luta. Yeroen estava trabalhando para formar uma coalizão com o emergente Nikkie, mas, nas lutas conducentes à parceria dos dois, Nikkie o mordera. O ferimento não fora profundo, porém Yeroen mancava acentuadamente. Decorridos alguns dias, tivemos a impressão

de que ele mancava sobretudo quando Nikkie estava por perto. Era difícil de acreditar, por isso decidimos fazer observações sistemáticas. Toda vez que víamos Yeroen mancar, registrávamos o paradeiro de Nikkie. Constatamos que o campo de visão deste era muito importante. Yeroen passava, por exemplo, de um ponto na frente até um ponto atrás de onde Nikkie estava sentado, e todo o tempo em que estava ao alcance da visão de Nikkie ele mancava de dar dó. Mas assim que saía do campo de visão do outro voltava a andar normalmente.

Yeroen parecia estar fingindo mancar para que o companheiro o tratasse com brandura, quem sabe até com alguma simpatia. Ferir um parceiro nunca é aconselhável, e Yeroen parecia estar ressaltando isso para Nikkie ao exagerar a dor que sentia. A dissimulação é nossa velha conhecida, e a praticamos o tempo todo. Um casal tenta parecer feliz em público para esconder problemas no casamento, subordinados riem de uma piada sem graça contada pelo chefe. Manter as aparências é uma das coisas que temos em comum com os outros grandes primatas.

Recentemente examinamos centenas de registros de lutas corpo-a-corpo entre chimpanzés jovens para verificar em que ocasiões eles riam mais. Esses grandes primatas quando brincam abrem a boca com uma expressão que lembra o riso humano. Estávamos particularmente interessados em jovens primatas com grande diferença de idade, pois nesses casos não é raro a brincadeira tornar-se bruta demais. Assim que isso acontece, a mãe do mais novo interfere, às vezes batendo na cabeça do colega do filho. O mais velho, obviamente, quer evitar a reprimenda. Descobrimos que os jovens que brincavam com infantes riam muito quando a mãe do pequeno estava olhando. Era como se dissessem:

“Veja como estamos nos divertindo!”. E riam muito menos quando estavam sozinhos com o infante. Portanto, seu comportamento dependia de poderem ou não ser vistos pela mãe do outro. Se ela estivesse olhando, eles fingiam estar alegres para não ser incomodados.

A dissimulação em brincadeiras ou entre rivais políticos é uma das razões por que não aceito a teoria dos animais como atores cegos. Em vez de serem geneticamente programados para a hora de mancar ou de rir, os grandes primatas não humanos têm acentuada percepção de seu meio social. Como os humanos, ponderam as várias opções que têm e decidem o que fazer dependendo das circunstâncias. No laboratório costumamos testar grandes primatas com problemas abstratos, como encontrar recompensas apontadas pelo experimentador ou perceber a diferença entre quatro, cinco ou seis itens (capacidade que chamamos de “numerosidade”). Quando falham, o que às vezes ocorre, em geral se conclui que somos mais espertos do que eles. Mas na esfera social, na qual os primatas lidam com indivíduos que conhecem desde que nasceram, eles dão a impressão de ser tão inteligentes quanto nós. Um modo tosco de testar essa hipótese seria pôr um humano em uma colônia de chimpanzés. Obviamente isso é irreal, pois a força do chimpanzé é muito superior à do homem. Mas imaginemos que conseguíssemos encontrar alguém forte o bastante para fazer frente a chimpanzés adultos. Poderíamos verificar como a pessoa se sairia vivendo em uma comunidade

desses grandes primatas. O desafio seria conquistar amigos sem ser demasiado submisso, pois quem não consegue se impor um pouco acaba em último lugar na ordem de bicadas, ou pior. O sucesso exigiria que, como na vida real, esse humano não fosse um valentão nem um capacho. Não adiantaria tentar esconder o medo ou a hostilidade, pois a linguagem corporal humana é um livro aberto para os chimpanzés. Minha previsão é que não seria mais fácil para o humano aprender a conviver numa colônia desses primatas do que em um agrupamento médio de pessoas no trabalho ou na escola.

Tudo isso tem a finalidade de dizer que a vida social dos grandes primatas não humanos é marcada pela tomada de decisões inteligente. Por isso, comparações entre humanos, chimpanzés e bonobos vão muito além de “instintos” ou “módulos” em comum, independentemente de como estes sejam definidos. As três espécies enfrentam dilemas sociais semelhantes e precisam superar contradições parecidas quando buscam status, parceiros sexuais e recursos. Aplicam todo o poder de seu cérebro para encontrar soluções. É verdade que nossa espécie vê mais longe e pesa mais opções do que os outros grandes primatas, mas essa não parece ser uma diferença fundamental. Ainda que estejamos manejando o melhor computador para jogar xadrez, é xadrez que todos estamos jogando.

ETERNAMENTE JOVEM

Muitos acreditam que nossa espécie ainda está evoluindo para patamares mais elevados enquanto os outros grandes primatas simplesmente estacionaram. Mas nossos colegas primatas realmente pararam de evoluir? E nossa espécie ainda está avançando? Ironicamente, pode ser o contrário. Talvez nossa evolução tenha cessado, enquanto para nossos parentes o processo evolutivo pode ainda estar atuando.

A evolução funciona por meio da sobrevivência de variantes que se reproduzem mais do que outras variantes. Há dois séculos isso ainda se aplicava à nossa espécie. Em lugares insalubres, como as áreas urbanas de crescimento rápido, a taxa de mortalidade humana era maior que a de natalidade. Isso significava que alguns tinham famílias maiores do que outros. E que alguns não tinham família nenhuma. Hoje, em contraste, a porcentagem de filhos que chegam aos 25 anos de idade é quase 98%. Em tais circunstâncias, todos têm a chance de ver-se representados no pool genético.

A boa nutrição e a medicina moderna eliminaram as pressões da seleção que impeliam a evolução humana. Por exemplo, antes as mulheres e bebês corriam sérios riscos durante o parto. Isso decorria, em parte, do canal do parto estreito (relativamente ao nosso crânio avantajado), e significava que existia uma pressão evolutiva contínua para manter o canal largo. As cesarianas mudaram tudo isso. Nos Estados Unidos, 26% dos partos são por cesariana, e em algumas clínicas particulares brasileiras o índice chega a 90%. Sobreviverão cada vez mais mulheres com canais estreitos, transmitindo uma característica que há algumas gerações era uma sentença de morte. O resultado

inevitável será o número crescente de cesarianas até que o parto natural se torne a exceção. A evolução contínua requer uma dança macabra em torno dos que morrem antes de reproduzir-se. Isso ainda pode ocorrer no mundo industrializado, por exemplo, na forma de uma devastadora epidemia de gripe. Os dotados de imunidade superior sobreviverão e transmitirão seus genes, como ocorreu na época da peste negra, no século XIV, que segundo estimativas matou em cinco anos 25 milhões de pessoas só na Europa. Alguns cientistas supõem que um vírus altamente infeccioso do tipo Ebola transmitiu-se de pessoa para pessoa. A imunidade a tais vírus é encontrada mais na Europa do que em outras partes do mundo, possivelmente graças a esse momento substancial de seleção natural.

Analogamente, podemos prever crescente resistência ao vírus da imunodeficiência humana (HIV) na África subsaariana, onde quase 10% da população está infectada. Sabe-se que uma pequena minoria da população resiste à infecção e que em outra minoria a AIDS não se desenvolve mesmo quando a infecção ocorre. Os biólogos designam esses casos como “mutações adaptativas”. Tais pessoas se reproduzirão até que seus descendentes cubram o continente. Mas o processo só se completará após enorme perda de vidas. Os chimpanzés selvagens da África talvez já tenham passado por isso: são portadores do vírus da imunodeficiência dos símios(SRV), proximamente aparentado com o HRV, mas não sofrem efeitos danosos.

Além da imunidade, que provavelmente continuará a sofrer ajustes, não sabemos que mudanças genéticas ainda podemos esperar em nossa espécie. A humanidade pode ter atingido seu pico biológico, por assim dizer, o qual não conseguirá ultrapassar a menos que implementemos programas de reprodução deliberada (espero que nunca o façamos). Apesar de livros cômicos como O prêmio Darwin, apresentando pessoas que se retiraram do pool genético perpetrando atos de incompreensível estupidez (como o sujeito que roubou no supermercado duas lagostas vivas com garras enormes e as guardou no bolso da calça, sofrendo assim uma vasectomia não premeditada), um punhado de acidentes desse tipo não vai melhorar a raça humana. Se não houver relação entre a inteligência e o número de filhos que as pessoas têm, o tamanho do cérebro humano permanecerá igual ao atual.

Mas o que dizer da cultura? Quando a mudança cultural ainda era lenta, a biologia humana acompanhava. Algumas características culturais e genéticas eram transmitidas juntas, fenômeno conhecido como “herança dual”. Por exemplo, nossos ancestrais tornaram-se resistentes à lactose quando começaram a criar gado. Todo mamífero jovem é capaz de digerir leite, mas a enzima necessária deixa de atuar após o desmame. Nos humanos, isso ocorre depois dos quatro anos de idade. Quem não tolera a lactose sofre diarreia e vômitos quando bebe leite de vaca fresco. Essa é a condição original da nossa espécie, e ocorre na maioria dos adultos do mundo. Só descendentes de pastores, como os europeus setentrionais e os povos pastores da África dependentes de gado leiteiro, são capazes de absorver a vitamina D e o cálcio do leite, uma mudança genética que remonta a 10 mil anos, quando foram domesticadas as primeiras ovelhas e vacas.

Hoje, porém, o desenvolvimento cultural é rápido demais para a biologia acompanhar.

Mandar mensagens de texto pelo celular não fará nosso polegar aumentar. Criamos teclados para mandar mensagens de texto adequados ao polegar que nossa espécie já possui. Tornamo-nos especialistas em mudar o meio em nosso benefício. Por isso, não acredito em continuidade da evolução da raça humana — certamente não uma evolução que afete a forma do corpo e o comportamento. Removemos a única alavanca que a biologia possui para nos modificar: a reprodução diferencial. Não sabemos se a evolução dos outros grandes primatas prosseguirá apesar de esses animais ainda estarem sujeitos a pressões reais. O problema é que eles estão sofrendo pressão excessiva, e dificilmente terão chance: encontram-se no limiar da extinção. Por anos agarrei-me à idéia de que, havendo os grandes trechos de floresta pluvial ainda restantes no mundo, sempre teríamos grandes primatas não humanos nos acompanhando. Mas agora estou pessimista. Devido à colossal destruição do habitat, grandes incêndios, caça ilegal, comércio de carne selvagem (povos africanos comem grandes primatas) e, mais recentemente, ao vírus Ebola, que dizima populações de grandes primatas, talvez só existam 200 mil chimpanzés selvagens, 100 mil gorilas, 20 mil bonobos e igual número de orangotangos. Parece muito, mas compare esses números com a quantidade dos seus inimigos, os humanos, que chegaram à casa dos 6 bilhões. É uma batalha desigual, com a previsão de que por volta de 2040 praticamente todo habitat adequado aos grandes primatas terá desaparecido.

Será um descrédito para nós, humanos, se não pudermos proteger ao menos os animais que nos são mais próximos, têm em comum conosco quase todos os genes e só diferem de nós em grau. Se deixarmos que desapareçam, podemos muito bem deixar que tudo desapareça e tornar a idéia de que somos a única forma de vida inteligente no planeta uma profecia auto-realizável. Embora toda a vida eu tenha estudado grandes primatas em cativeiro, já vi um número suficiente deles na natureza para concluir que a vida que levam lá — sua dignidade, seu pertencimento, seu papel — é insubstituível. Perder isso seria perder um enorme pedaço de nós mesmos. As populações selvagens de grandes primatas não humanos são inestimáveis para esclarecermos a evolução passada. Mal sabemos, por exemplo, por que o bonobo e o chimpanzé diferem tanto. O que aconteceu há 2 milhões de anos, quando seus ramos se separaram? O grande primata original parecia-se mais com o chimpanzé ou com o bonobo? Sabemos que os bonobos hoje vivem em um habitat mais rico que o dos chimpanzés, um habitat que permite a grupos mistos de machos e fêmeas procurar comida juntos. Isso propicia maior coesão social do que a dos chimpanzés, que se separam em pequenos grupos para buscar alimento. A “irmandade” entre fêmeas não aparentadas que caracteriza a sociedade bonobo não teria sido possível sem fontes de alimento abundantes e previsíveis. Os bonobos têm acesso a enormes árvores frutíferas que permitem a muitos indivíduos alimentar-se juntos; além disso, consomem ervas abundantes no chão da floresta. Como essas mesmas ervas também fazem parte da dieta dos gorilas, já se cogitou que a total ausência de gorilas no habitat dos bonobos deixou a estes um nicho que permaneceu fechado aos chimpanzés, pois estes competem com gorilas em todo o território que ocupam.

Os bonobos têm outra característica interessante que os liga a nós: são primatas “eternamente jovens”. Esse argumento da neotenia, como é conhecido, tem sido aplicado à nossa espécie desde 1926, quando um anatomista holandês fez a estarrecedora afirmação de que o *Homo sapiens* parece um feto de primata que atingiu a maturidade sexual. Stephen Jay Gould considerava a manutenção de características juvenis a marca registrada da evolução humana. Ele não sabia sobre os bonobos, cujos adultos conservam o crânio pequeno e arredondado dos chimpanzés jovens e os tufo brancos de pêlo no traseiro que os chimpanzés perdem depois dos cinco anos. As vozes dos bonobos adultos são tão agudas quanto as dos chimpanzés infantes, eles permanecem brincalhões a vida toda e até a vulva voltada para a frente nas fêmeas, característica também presente em nossa espécie, é considerada neotênica. A neotenia humana reflete-se em nossa pele glabra e especialmente em nosso crânio abalonado e rosto achatado. Os humanos adultos parecem grandes primatas não humanos muito jovens. A jóia da criação teria sofrido uma suspensão em seu desenvolvimento? Não há dúvida de que nosso êxito como espécie relacionase ao fato de que conservamos na idade adulta a inventividade e curiosidade dos mamíferos jovens. Já fomos chamados de *Homo ludens*: o primata brincalhão. Jogamos até morrer, dançamos e cantamos, aumentamos nosso conhecimento lendo obras de não ficção ou fazendo cursos na terceira idade.

Temos imensa necessidade de nos manter jovens em espírito. Uma vez que a humanidade não pode depositar suas esperanças na continuidade da evolução biológica, precisamos nos desenvolver tendo por base a herança primata existente. E essa herança, por ser apenas vagamente programada e ter bebido na fonte da juventude da evolução, é rica, variada e muito flexível.

UMA PITADA DE IDEOLOGIA

Graças à sua coordenação quase perfeita e ao sacrifício pelo todo, as colônias de formigas já foram comparadas a sociedades socialistas. Tanto estas como aquelas são paraísos da classe operária. Mas, perto da ordem de um formigueiro, até a mais bem treinada força de trabalho humana parece ineficiente e anárquica. As pessoas vão para casa depois do trabalho, bebem, falam da vida alheia, entregam-se à preguiça — nada do que uma formiga de respeito faria. Apesar dos imensos esforços doutrinários dos regimes comunistas, as pessoas se recusam a submergir em nome do bem comum. Somos sensíveis a interesses coletivos, mas não a ponto de abrir mão dos nossos interesses individuais. O comunismo ruiu devido a uma estrutura de incentivos econômicos em dessintonia com a natureza humana. Infelizmente isso só ocorreu depois de ter causado mortes e sofrimentos imensos.

A Alemanha nazista foi um desastre ideológico bem diferente. Também nesse caso o coletivo (das Volk) foi posto acima do individual, mas, em vez de se basearem em engenharia social, os métodos de escolha foram o bode expiatório e a manipulação

genética. As pessoas foram divididas em tipos “superior” e “inferior”, e as do primeiro tipo tinham de ser protegidas da contaminação pelas do segundo. Na medonha linguagem médica nazista, o Volk sadio requeria a remoção de elementos cancerígenos. Essa idéia foi levada a tal extremo que deu à biologia péssima reputação em sociedades do Ocidente.

Mas que não se pense que a ideologia selecionista fundamentadora do movimento se restringiu a essa época e lugar específicos. No começo do século xx, o movimento eugenista — que pretendia melhorar a humanidade com a “reprodução das linhagens mais aptas” — conquistou grande aceitação nos Estados Unidos e Grã-Bretanha. Baseada em idéias que remontam à República de Platão, a castração de criminosos era considerada aceitável. E o darwinismo social, a idéia de que uma economia de laissez-faire levaria os fortes a vencer os fracos na competição, daí resultando a melhora geral da população, ainda inspira programas políticos em nossos dias. Segundo essa idéia, não se deve ajudar os pobres para não subverter a ordem natural.

Ideologia política e biologia não casam bem, e a maioria dos biólogos prefere dormir em quarto separado. A razão do insucesso dessa união é o incrível atrativo das palavras “natureza” e “natural”.

Elas soam tão tranquilizadoras que toda ideologia quer adotá-las. Com isso, os biólogos que escrevem sobre comportamento e sociedade arriscam-se a ver suas idéias serem seletivamente sugadas e deturpadas no turbilhão político. Isso ocorreu, por exemplo, após a publicação de nosso estudo sobre eqüidade entre os símios. Demonstramos que um macaco recusa pepino quando seu vizinho ganha uvas, e os jornais usaram nossas conclusões para clamar por uma sociedade mais igualitária. “Se até os macacos odeiam o tratamento injusto, por que deveríamos aceitá-lo?”, perguntavam os editoriais. Isso provocou estranhas reações, como um e-mail que nos acusou de comunistas. O autor achava que estávamos tentando solapar o capitalismo, que, depreende-se, não se importa com a eqüidade. Mas o crítico não notou que as reações de nossos macacos eram análogas ao funcionamento do livre mercado. Existe algo mais capitalista do que comparar o que você ganha com o que outro ganha e reclamar que o preço não está correto? Em 1879, o economista americano Francis Walker tentou explicar por que os de sua profissão eram “tão malvistos pelas pessoas reais”. Atribuía o fato à incapacidade de seus colegas para compreender por que o comportamento humano não obedecia à teoria econômica. Nem sempre agimos como os economistas acham que deveríamos agir, sobretudo porque somos menos egoístas e menos racionais do que eles nos julgam. Os economistas estão sendo doutrinados em uma versão ilusória da natureza humana, e a tal ponto acreditam nela que começam a comportar-se segundo seus pressupostos. Testes psicológicos mostraram que estudantes de economia são mais egoístas que a média dos universitários. Aparentemente, a exposição a aulas e mais aulas sobre o modelo capitalista do auto-interesse aniquila quaisquer tendências pró-sociais que esses estudantes pudessem ter tido ao ingressar na faculdade. Eles desistem de confiar nos outros, que por sua vez desistem de confiar neles. Eis porque são malvistos.

Os mamíferos sociais, em contraste, conhecem a confiança, a lealdade e a solidariedade.

Como os chimpanzés no Parque Nacional de Tai, eles não deixam os desvalidos para trás. Além disso, têm modos de lidar com potenciais aproveitadores; por exemplo, deixam de cooperar com quem não coopera. A reciprocidade permite-lhes construir o tipo de sistema de apoio que muitos economistas vêem como uma quimera. Na vida em grupo dos nossos parentes próximos, é fácil reconhecer tanto o espírito competitivo do capitalismo como um avançado espírito comunitário. O sistema político que parece melhor adequar-se a nós teria, portanto, de equilibrar os dois. Como não somos formigas, o socialismo puro não nos é apropriado. A história recente mostrou o que acontece quando se sufoca a ambição individual. Mas, ainda que a queda do Muro de Berlim tenha sido aclamada como um triunfo do livre mercado, não há garantia de que o capitalismo puro terá mais êxito do que o socialismo.

Não que essa forma de governo exista em algum lugar. Até os Estados Unidos têm uma profusão de freios, compensações, sindicatos e subsídios que restringem seu mercado. Mas, em comparação com o resto do mundo, os Estados Unidos vivenciam uma competição desenfreada, um experimento que fez dessa a nação mais rica da história da civilização. No entanto, vem acontecendo uma coisa estranha: a saúde da nação está ficando cada vez mais atrás de sua riqueza.

Os Estados Unidos tinham a população mais sadia e mais alta do mundo, mas hoje ocupam o último lugar entre os países industrializados em longevidade e altura, e o primeiro em gravidez na adolescência e mortalidade infantil. Enquanto a altura média na maioria dos países vem aumentando mais de dois centímetros por década, isso não ocorre nos Estados Unidos desde a década de 1970. Por isso, agora os europeus setentrionais estão em média sete centímetros mais altos que os americanos. Isso não se deve às recentes imigrações para os Estados Unidos, já que os imigrantes constituem uma fração muito pequena para influir nessas estatísticas. Também na expectativa de vida os Estados Unidos não vêm acompanhando o resto do mundo. Nesse crucial índice de saúde, os americanos nem sequer se encontram entre os 25 primeiros. Como explicar isso? O primeiro culpado a surgir na mente é a privatização da medicina, que deixa milhões de pessoas sem garantia de assistência médica. Mas o problema pode ser mais profundo. O economista britânico Richard Wilkinson, que coligiu dados globais sobre a ligação entre status socioeconômico e saúde, atribui o fato à desigualdade. A disparidade de renda nos Estados Unidos, país que tem uma gigantesca classe de despossuídos, assemelha-se à de muitas nações terceiro-mundistas. Na pirâmide socioeconômica, os americanos do topo, 1% da população, têm mais renda para gastar do que os 40% da base juntos. É uma disparidade colossal, se comparada à encontrada na Europa e no Japão. Wilkinson argumenta que grandes diferenças de renda erodem a estrutura social. Induzem ao ressentimento e solapam a confiança, estressando ricos e pobres. Ninguém se sente à vontade com tal sistema. O resultado é que a nação mais rica do mundo hoje registra seus piores níveis de saúde.

Independentemente da opinião que tenhamos a respeito de um sistema político, se ele não promove o bem-estar físico de seus cidadãos, algum problema ele tem. Assim, do mesmo modo que o comunismo caiu por terra devido ao descompasso entre ideologia e

comportamento humano, o capitalismo implacável pode ser insustentável, pois celebra o bem-estar material de poucos em detrimento do resto. Nega a solidariedade básica que torna a vida suportável. Com isso, contraria a longa história evolutiva de igualitarismo, que por sua vez se relaciona com a nossa natureza cooperativa. Experimentos com primatas demonstram que a cooperação acaba se os benefícios não forem partilhados por todos os participantes. Provavelmente o comportamento humano obedece ao mesmo princípio.

Assim, o livro da natureza oferece páginas que agradarão igualmente a liberais e a conservadores, aos que acreditam estarmos todos no mesmo barco e aos que têm fé na promoção do autointeresse. Quando Margaret Thatcher menosprezou a sociedade como mera ilusão, é claro que não estava retratando os primatas acentuadamente sociais que somos. E quando Petr Kropotkin, príncipe russo do século XIX, julgou que a luta pela vida só poderia conduzir cada vez mais à cooperação, estava fechando os olhos à livre competição e seus efeitos estimulantes. O desafio é encontrar o equilíbrio certo entre as duas.

Nossas sociedades provavelmente trabalham melhor quando imitam o mais possível as comunidades em pequena escala dos nossos ancestrais. Certamente não evoluímos para viver em cidades com milhões de pessoas onde topamos com estranhos por toda parte, somos ameaçados por eles em ruas escuras, sentamo-nos ao lado deles em ônibus e lhes dizemos desaforos no trânsito. Como os bonobos em suas comunidades coesas, nossos ancestrais viviam praticamente cercados por pessoas que conheciam e com quem conviviam todo dia. É de admirar que nossas sociedades sejam tão organizadas, produtivas e relativamente seguras como são. Mas os responsáveis pelo planejamento urbano podem e devem fazer um trabalho melhor, procurando uma aproximação com a vida comunitária de outrora, na qual todos conheciam o nome e o endereço de cada criança.

A expressão “capital social” refere-se à segurança pública e ao senso de segurança derivado de um meio previsível e de uma densa rede social. Os bairros mais antigos de cidades como Chicago, Nova York, Londres ou Paris produzem esse capital social, é verdade, mas só porque foram projetados para que ali as pessoas residam, trabalhem, façam suas compras e estudem. Desse modo, elas passam a conhecer umas às outras e começam a ter valores em comum. Uma jovem que volte para casa à noite estará cercada por tantos moradores interessados na segurança de suas ruas que ela poderá sentir-se protegida. A moça conta com a tácita vigilância do bairro. A tendência moderna de separar fisicamente os lugares onde as necessidades humanas são satisfeitas desrespeita essa tradição e nos obriga a morar em um lugar, comprar em outro e trabalhar ainda em outro. É um desastre para a formação da comunidade, sem falar no tempo, estresse e combustível necessários para o deslocamento de toda essa gente.

Nas palavras de Edward Wilson, a biologia nos mantém “na correia”, e só nos permitirá afastar-nos até certo ponto daquilo que somos. Podemos projetar nossa vida como bem entendermos, mas se prosperaremos ou não dependerá do quanto essa vida é adequada às predisposições humanas.

Encontrei um exemplo marcante em uma visita a um kibutz israelense na década de 1990, quando tomava chá com um jovem casal. Ambos haviam sido criados em kibutzim próximos na época em que as crianças eram separadas dos pais para crescerem junto com outras na cooperativa. O casal explicou que a prática fora abandonada e que agora se permitia aos pais ficar com os filhos em casa depois da escola e durante a noite. A mudança fora um alívio, disseram, pois terem os filhos perto de si “parece ser o certo”. Óbvio demais! O kibutz sentira o limite da correia. Hesito em prever o que nós, humanos, podemos e não podemos fazer, mas o vínculo entre mãe e filho parece ser sacrossanto porque está no cerne da biologia dos mamíferos. Deparamos com o mesmo tipo de limite nas decisões sobre que tipo de sociedade construir e como garantir os direitos humanos em escala global. Estamos atrelados a uma psicologia humana moldada por milhões de anos de vida em pequenas comunidades, e por isso temos a necessidade de estruturar o mundo à nossa volta de algum modo reconhecível por essa psicologia. Se conseguíssemos ver as pessoas de outros continentes como parte de nós, trazê-las para nosso círculo de reciprocidade e empatia, estaríamos agindo com base em nossa natureza, e não contra ela.

Em 2004 o ministro da Justiça de Israel causou comoção política por simpatizar com o inimigo. Yosef Lapid questionou planos do Exército israelense para demolir milhares de habitações palestinas em uma zona ao longo da fronteira com o Egito. Comoverase com imagens do noticiário. “Quando vi na televisão a imagem de uma velhinha ajoelhada no chão nas ruínas de sua casa, procurando seus remédios debaixo dos azulejos, pensei: ‘O que eu diria se fosse minha avó?’.” A avó de Lapid fora vítima do Holocausto. Os linhas-duras do país não gostaram de ouvir menção a tais sentimentos, é claro, e tudo fizeram para distanciar-se deles. O incidente mostra como uma emoção simples pode ampliar a definição que um indivíduo tem de grupo. Lapid subitamente se deu conta de que os palestinos também faziam parte do seu círculo de relações. A empatia é a única arma no repertório humano capaz de nos livrar da maldição da xenofobia.

Mas a empatia é frágil. Em nossos parentes próximos, é ativada por eventos em sua comunidade, como jovens primatas em apuros, porém também se desativa com facilidade quando se trata de membros de outras espécies, como as presas. O modo como um chimpanzé bate o crânio de um macaco vivo num tronco de árvore para comer seu cérebro não é boa propaganda para a empatia. Os bonobos são menos brutais, mas também com eles a empatia precisa atravessar vários filtros antes de se expressar. Muitas vezes é barrada pelo filtro, pois nenhum grande primata pode dar-se ao luxo de ter pena de todos os seres vivos o tempo todo. Isso vale também para os humanos. Nosso design evolutivo dificulta-nos a identificação com estranhos. A evolução nos moldou para odiar os inimigos, desconsiderar as necessidades de pessoas que mal conhecemos e desconfiar de todos os que não se parecem conosco. Embora em nossas comunidades sejamos amplamente cooperativos, ao tratar com estranhos nos tornamos quase um animal diferente. Winston Churchill, muito depois de ter conquistado a reputação de bravo político guerreiro, resumiu tal atitude com estas palavras: “Guerra é a história da raça humana. Com exceção de breves e precários interlúdios, nunca houve

paz no mundo; e antes de a história ter início a discórdia homicida era universal e interminável”. Como vimos, isso é um tremendo exagero. Ninguém nega nosso potencial guerreiro, mas Churchill inquestionavelmente se equivocou quanto aos interlúdios. Grupos contemporâneos de caçadores-coletores coexistem em paz na maior parte do tempo. É provável que isso tenha ocorrido ainda mais com nossos ancestrais, que viviam em um planeta com muito espaço e relativamente pouca necessidade de competição. Eles devem ter desfrutado longos períodos de harmonia entre grupos, interrompidos por breves interlúdios de confronto.

Embora as circunstâncias tenham mudado e hoje manter a paz esteja muito mais difícil, um retorno à mentalidade que permitia relações mutuamente benéficas entre grupos talvez não seja tão complicado como pode parecer aos que ressaltam nosso lado guerreiro. Afinal, nossa história de harmonia com outros grupos é no mínimo tão longa quanto a de guerra. Em nós existem tanto o lado chimpanzé, que estorva as relações amistosas entre grupos, como o lado bonobo, que permite a mistura sexual e o grooming do outro lado da fronteira.

QUAL PRIMATA HABITA EM NÓS?

Quando perguntaram a Helena Bonham Carter em uma entrevista como ela se preparou para seu papel de Ari em Planeta dos macacos, ela respondeu que simplesmente entrou em contato com seu eu primata. Ela e os outros atores foram para uma chamada “academia símia” para adquirir posturas e movimentos de grandes primatas não humanos. Mas, apesar de a miúda Bonham Carter ter feito o papel de uma chimpanzé, na verdade acho que o que ela encontrou em seu íntimo foi uma sensual bonobo. O contraste entre esses dois grandes primatas faz lembrar a distinção dos psicólogos entre personalidades “HE” e “HA”. A personalidade HE (hierarchy-enhancing, acentuadora da hierarquia) apóia a lei e a ordem e defende medidas drásticas para manter todos sob controle. A personalidade HA (hierarchy-attenuating, atenuadora da hierarquia), por sua vez, procura nivelar as posições de todos. A questão não é qual tendência é a mais desejável, pois somente juntas elas criam a sociedade humana do modo como a conhecemos. Nossas sociedades equilibram os dois tipos, com instituições que acentuam a hierarquia, como o sistema de justiça criminal, ou a atenuam, como os movimentos pelos direitos civis e as organizações beneficentes.

Cada pessoa inclina-se para um ou outro tipo, e podemos até classificar espécies inteiras desse modo: chimpanzés são mais acentuadores da hierarquia; bonobos, mais atenuadores. Quem sabe nosso modo de agir seja um híbrido desses dois primatas? Pouco sabemos sobre o comportamento de híbridos reais, mas eles são biologicamente possíveis e existem de fato. Nenhum zoológico que se preze promoveria intencionalmente o cruzamento de dois primatas ameaçados de extinção, mas existe um relato sobre um pequeno circo itinerante francês que possui grandes primatas com vozes curiosas. Pensava-se que eram chimpanzés, só que para os ouvidos dos especialistas seus

chamados são tão agudos quanto os dos bonobos. Acontece que o circo, sem saber, adquiriu tempos atrás um macho bonobo, batizado de Congo. O treinador logo notou o insaciável apetite sexual desse macho, e o explorou recompensando os melhores desempenhos de Congo no picadeiro com encontros com fêmeas primatas do circo, todas chimpanzés. A prole resultante — que talvez pudéssemos chamar de “bonanzés” ou “chimpobos” — anda ereta com notável facilidade e causa admiração por sua brandura e sensibilidade.

Talvez tenhamos muito em comum com esses híbridos. Somos afortunados porque em nosso íntimo habita não um, mas dois grandes primatas. E os dois, juntos, nos permitem construir uma imagem de nós mesmos consideravelmente mais complexa do que a que a biologia nos tem apresentado nos últimos 25 anos. A idéia de nós, humanos, como criaturas puramente egoístas e perversas, com uma moralidade ilusória, carece de revisão. Se em nossa essência somos grandes primatas, como eu suponho, ou se pelo menos descendemos da mesma linhagem dos outros grandes primatas, como todo biólogo supõe, nascemos com uma gama de tendências que vão das mais vis às mais nobres. Longe de ser produto da imaginação, nossa moralidade resulta do mesmo processo seletivo que moldou nosso lado competitivo e agressivo. O fato de uma criatura assim poder ter sido produzida pela eliminação de genótipos malsucedidos mostra o poder da idéia darwinista. Se evitarmos confundir o processo com seus produtos — o erro de Beethoven —, veremos um animal com um íntimo conflitante como poucos no planeta. Ele é capaz de incrível destruição de seu meio e de sua própria espécie, mas ao mesmo tempo possui reservatórios de empatia e amor mais profundos do que jamais se viu. Como esse animal conquistou a dominância sobre todos os demais, é ainda mais importante que ele se olhe com honestidade no espelho para conhecer tanto seu arquiinimigo como seu aliado, pronto para ajudar a construir um mundo melhor.

Bibliografia

FAMILIA ANTROPOIDE [p p . H-56]

- ARDREY, R. African genesis: a personal investigation into the animal origins and nature of man. Nova York, Simon & Schuster, 1961.
- BARON-COHEN, S. The essential difference: the truth about the male and female brain. Nova York, Basic Books, 2003.
- CARTMILL, M. A view to a death in the morning: hunting and nature through history. Cambridge, MA, Harvard University Press, 1993.
- COHEN, s.; DOYLE; W. J.; SKONER, D. P.; RABIN, B. S.; GWALTNEY, J. M. "Social ties a susceptibility to the common cold". Journal of the American Medical Association 277, pp. 1940-4, 1997.
- COOLIDGE, H. "Pan paniscus: pigmy chimpanzee from south of the Congo river". American Journal of Physical Anthropology 18, pp. 1-57, 1933. . "Historical remarks bearing on the discovery of Pan paniscus". Em: sus-MAN, R. (ed.). The pigmy chimpanzee, pp. ix-xiii. Nova York, Plenum, 1984. DARWIN, c. On the origin of species by means of natural selection or the preservation of favoured races in the struggle for life. Londres, John Murray, 1967 [1859]. . The descent of man, and selection in relation to sex. Princeton, NJ, Princeton University Press, 1981 [1871].
- DAWKINS, R. The selfish gene. Oxford, Oxford University Press, 1976. DE WAAL, F. B. M. "Aap geeft aapje de fles". De Levende Natuur 82, n- 2, pp. 45-53, 1980.
- DE WAAL, F. B. M. Good natured: the origins of right and wrong in humans and other animals. Cambridge, MA, Harvard University Press, 1996. . Bonobo: the forgotten ape with photographs by Frans Lanting. Berkeley, CA, University of California Press, 1997.
- GHISELIN, M. The economy of nature and the evolution of sex. Berkeley, CA, University of California Press, 1974.
- GOODALL, j. "Life and death at Gombe". National Geographic 155, n! 5, pp. 592-621 1979.
- . The chimpanzees of Gombe: patterns of behavior. Cambridge, MA, Harvard University Press, 1986.
- . Reason for hope. Nova York, Warner, 1999.
- GREENE, j.; HAIDT, j. "How (and where) does moral judgement work?" Trends in Cognitive Sciences 16, pp. 517-23, 2002.
- HORRMAN, M. L. "Sex differences in empathy and related behaviors". Psychological Bulletin 84, pp. 712-22, 1978.
- KANO, T. The last ape: pygmy chimpanzee behavior and ecology. Stanford, CA, Stanford University Press, 1992.
- KOHLER, W. Mentality of apes. 2" ed., Nova York, Vintage, 1959 [1925]. MENZEL, C. I. "Unprompted recall and reporting of hidden objects by a chimpanzee (Pan troglodytes) after extended delays". Journal of Comparative Psychology 113, pp. 426-34, 1999.
- MONTAGU, A. (ed.). Man and aggression. Londres, Oxford University Press, 1968.
- MORRIS, D. The naked ape. Nova York, McGraw-Hill, 1967.

NAKAMICHI, M. "Stick throwing by gorillas at the San Diego Wild Animal Park". *Folia primatologica* 69, pp. 291-5, 1998.

NESSE, R. M. "Natural selection and the capacity for subjective commitment". Em: NESSE, R. M. (ed.). *Evolution and the capacity for commitment*, pp. 1 -44. Nova York Russell Sage, 2001.

NISHIDA, T. "The social group of wild chimpanzees in the Mahali Mountains". *Primates* 9, pp. 167-224, 1968.

PARR, L. A.; DE WAAL, F. B. M. "Visual kin recognition in chimpanzees". *Nature* 399, pp. 647-8, 1999.

PATTERSON, T. "The behavior of a group of captive pygmy chimpanzees (*Pan paniscus*)". *Primates* 20, pp. 341-54, 1979.

RIDLEY, M. *The origins of virtue*. Londres, Viking, 1996.

. *The cooperative gene*. Nova York, Free Press, 2002.

SCHWAB, K. "Capitalism must develop more of a conscience". *Newsweek*, 24 de fevereiro de 2003.

SMITH, A. *A theory of moral sentiments*. Nova York, Modern Library, 1937 [1759].

SOBER, E., WILSON, D. s. *Unto others: the evolution and psychology of unselfish behavior*. Cambridge, MA, Harvard University Press, 1998.

TAYLOR, S. *The tending instinct*. Nova York, Times Books, 2002.

TRATZ, E. P.; HECK, H. "Der afrikanische Antropoide 'Bonobo', eine neue Menschenaffengattung". *Saugetierkundliche Mitteilungen* 2, pp. 97-101, 1954.

WILDMAN, D. E.; UDDIN, M.; LIU, G.; GROSSMAN, L. I.; GOODMAN, M. "Implication natural selection in shaping 99,4% nonsynonymous DNA identity between humans and chimpanzees: enlarging genus *Homo*". *Proceedings of the National Academy of Sciences* 100, pp. 7181-8, 2003.

WILLIAMS, G. c. "Reply to comments on 'Huxley's evolution and ethics in sociobiological perspective'". *Zygon* 23, pp. 437-8, 1988.

WILSON, E. O. *On human nature*. Cambridge, MA, Harvard University Press, 1978.

WRANGHAM, R. w.; PETERSON, D. *Demonic males: apes and the evolution of human aggression*. Boston, Houghton Mifflin, 1996.

WRIGHT, R. *The moral animal: the new science of evolutionary psychology*. Nova York, Pantheon, 1994.

YERKES, R. M. *Almost human*. Nova York, Century, 1925.

ZIHLMAN, A. L. "Body build and tissue composition in *Pan paniscus* and *Pan troglodytes*, with comparisons to other hominoids". Em: SUSMAN, R. L. (ed.). *The pygmy chimpanzee*, pp. 179-200. Nova York Plenum, 1984.

ZIHLMAN, A. L.; CRONIN, J. E.; CRAMER, D. L.; SARICH, V. M. "Pygmy chimpanzee as a possible prototype for the common ancestor of humans, chimpanzees, and gorillas". *Nature*, 275, pp. 744-6, 1978.

PODER [pp. 57-109]

ADANG, O. *De Machtgste Chimpansee van Nederland: Leven en Dood in ee*

Mensapengemeenschap.

Amsterda, Nieuwezids, 1999.

BOEHM, C. "Egalitarian behavior and reverse dominance hierarchy". *Curren Anthropology* 34, pp. 227-54,1993.

. "Pacifying interventions at Arnhem Zoo and Gombe". Em: WRANGHAM, R. w.; MCGREW w. c ; DE WAAL, F. B. M.; HELTNE, P. (eds.). *Chimpanzee cultures*, pp. 211-26. Cambridge MA, Harvard University Press, 1994. . *Hierarchy in the forest: the evolution of egalitarian behavior*. Cambridge, MA, Harvard University Press, 1999.

DE WAAL, F. B. M. "Sex-differences in the formation of coalition among chimpanzees". *Ethology & sociobiology* 5, pp. 239-55,1984.

. "The chimpanzee's adaptive potential: a comparison of social life under 295 captive and wild conditions". Em: WRANGHAM, R. W.; MCGREW, W. C.; DE WAAL, F.B.M.; HELTNE (eds.). *Chimpanzee cultures*, pp. 243-260. Cambridge, MA, Harvard University Press, 1994.

DE WAAL, F. B. M. *Bonobo: The forgotten ape*, with photographs by Frans Lanting.

Berkeley, CA, University of California Press, 1997.

. *Chimpanzee politics: power and sex among apes*. Ed. rev., Baltimore, MD, Johns Hopkins University Press, 1998 (1982).

DE WAAL, F. B. M.; LUTTRELL, L. M. "Mechanisms of social reciprocity in three primate species: symmetrical relationship characteristics or cognition?" *Ethology & Sociobiology* 9, pp. 101-18,1998.

. "Toward a comparative socioecology of the genus *Macaca*: different dominance styles in Rhesus and stump-tail monkeys". *American Journal of Primatology* 19, pp. 83-109,1989.

DORAN, D. M.; JUNGERS, W. L.; SUGIYAMA, Y.; FLEAGLE, J. G.; HEESY, C. P. "Multivariate and phylogenetic approaches to understanding chimpanzee and bonobo behavioral diversity". Em: BOESCH, C.; HOHMANN, G.; MARCHANT, L. F. (eds.). *Behavioural diversity chimpanzees and bonobos*, pp. 14-34. Cambridge, Cambridge University Press, 2002.

DOWD, M. "The baby bust". *The New York Times*, 10 de abril de 2002. FURUICHI, T. "Social interactions and the life history of female *Pan paniscus* in Wamba, Zaire". *International Journal of Primatology* 10, pp. 173-97,1989. . "Dominance status of wild bonobos at Wamba, Zaire", xiv" Congress of the International Primatological Society, Estrasburgo, Franca, 1992. . "Agonistic interactions and matrifocal dominance rank of wild bonobos at Wamba". *International Journal of Primatology* 18, pp. 855-75,1997. CAMSON, W. "A

theory of coalition formation". *American Sociological Review* 26, pp. 373-82,1961.

GOODALL, I. "Unusual violence in the overthrow of an alpha male chimpanzee at Gombe". Em: NISHIDA, T.; MCGREW W. C.; MARLER, P.; PICKFORD, M.; DE WAAL, F. B. (eds.). *Topics in primatology*, V. 1, Human origins, pp. 131-42. Tokyo, University of Tokyo Press, 1992.

GRADY, M. F.; MCGUIRE, M. T. "The nature of constitutions". *Journal of Bioeconomic* 1, pp. 227-40,1999.

GREGORY, S. W.; WEBSTER, S. "A nonverbal signal in voices of interview partner effectively predicts communication accommodation and social status perceptions". *Journal of Personality and Social Psychology* 70, pp. 1231-40,1996. GREGORY, S. W.; GALLAGHER

T. j. "Spectral analysis of candidates' nonverbal vocal communication: predicting U.S. presidential election outcomes". *Social Psychology Quarterly* 65, pp. 298-308, 2002.

HOBBS, T. *Leviathan*. Cambridge, Cambridge University Press, 1991 (1651).

HOHMANN, G.; FRUTH, B. "Food sharing and status in unprovisioned bonobos". Em: WIESSNER, P.; SCHIEFENHOVEL, W. (eds.). *Food and the status quest*, pp. 47-67. Providence, Berghahn, 1996.

KANO, T. "Male rank order and copulation rate in a unit-group of bonobos at Wamba, Zaire". Em: MCGREW, W. C ; MARCHANT, L. F.; NISHIDA, T. (eds.) *Great ape societies*, pp. 135-45. Cambridge, Cambridge University Press, 1996.

KANO, T. "Comments on C. B. Stanford". *Current Anthropology* 39, pp. 410-1, 1998.

KAWANAKA, K. "Association, ranging, and the social unit in chimpanzees of the Mahale Mountains, Tanzania". *International Journal of Primatology* 5, pp. 411-34, 1984.

KONNER, M. "Some obstacles to altruism". Em: POST, S. G. et al. (eds.). *Altruistic love: science, philosophy, and religion in dialogue*, pp. 192-211. Oxford, Oxford University Press, 2002.

LEE, P. C. "The meanings of weaning: growth, lactation and the life history". *Evolutionary Anthropology* 5, pp. 87-96, 1996.

LEE, R. B. *The !Kung San: men, women, and work in a foraging society*. Cambridge Cambridge University Press, 1979.

MULDER, M. *Omgaan met Macht*. Amsterdam, Elsevier, 1979. NISHIDA, T. "Alpha status and agonistic alliances in wild chimpanzees". *Primates* 24, pp. 318-36, 1983.

NISHIDA, T.; HOSAKA, K. "Coalition strategies among adult male chimpanzees of the Mahale Mountains, Tanzania". Em: MCGREW, W. C ; MARCHANT, L. R; NISHIDA, T. (eds.) *Great ape societies*, pp. 114-34. Cambridge, Cambridge University Press, 1996.

PARISH, A. R. "Sex and food control in the 'uncommon chimpanzee': how bonobo females overcome a phylogenetic legacy of male dominance". *Ethology & Sociobiology* 15, pp. 157-79, 1993.

PARISH, A. R.; DE WAAL, F. B. M. "The other 'closest living relative': how bonobos challenge traditional assumptions about females, dominance, intra- and intersexual interactions, and hominid evolution". Em: LECROY, D.; MOLLER, P. (eds.). *Evolutionary perspectives on human reproductive behavior*. *Annals of the New York Academy of Sciences* 907, pp. 97-113, 2000. RISS, D.; GOODALL, J. "The recent rise to the alpha-rank in a population of free-ranging chimpanzees". *Folia primatologica* 27, pp. 134-51, 1977. ROY, R.; BENENSON, J. F. "Sex and contextual effects on children's use of interference competition". *Developmental Psychology* 38, pp. 306-12, 2002. SACKS, O. *The man who mistook his wife for a hat*. London, Picador, 1985.

SAPOLSKY, R. M. *Why zebras don't get ulcers*. New York, Freeman, 1994. SCHAMA, S. *The embarrassment of riches: an interpretation of Dutch culture in the golden age*. New York, Knopf, 1987.

SCHJELDERUP-EBBE, T. "Beiträge zur Sozialpsychologie des Haushuhns". *Zeitschrift für Psychologie* 88, pp. 225-52, 1992.

SHERIF, M. In *common predicament: social psychology of intergroup conflict and*

cooperation.

Boston, Houghton Mifflin, 1966.

STANFORD, c. B. "The social behavior of chimpanzees and bonobos". *Current Anthropology* 39, pp. 399-407, 1998.

STRIER, K. B. "Causes and consequences of nonaggression in the woolly spider monkey, *o muriqui*". Em: SILVERBERG, J.; GRAY, J. P. (eds.). *Aggression and peacefulness in human and other primates*, pp. 100-16. Nova York, Oxford University Press, 1992.

THIERRY, B. "A comparative study of aggression and response to aggression in three species of macaque". Em: ELSE, J. G.; LEE, P. C. (eds.). *Primate ontogeny, cognition and social behavior*, pp. 307-13. Cambridge, Cambridge University Press, 1986.

VAN ELSACKER, L.; VERVAECKE, H.; VERHEYEN, R. F. "A review of terminology aggregation patterns in bonobos". *International Journal of Primatology* 16, pp. 37-52, 1995.

VERVAECKE, H.; DE VRIES, H.; VAN ELSACKER, L. "Dominance and its behavioral measure in a captive group of bonobos". *International Journal of Primatology* 21, pp. 47-68, 2000.

WIESSNER, P. "Leveling the hunter: constraints on the status quest in foraging societies". Em: WIESSNER, P.; SCHIEFENHOVEL, W. (eds.). *Food and the status quest*, pp. 171-9. Providence, Berghahn, 1996.

WOODWARD, R.; BERNSTEIN, c. *The final days*. Nova York, Simon & Schuster, 1976.

ZINNES, D. A. "An analytical study of the balance of power theories". *Journal of Peace Research* 4, pp. 270-88, 1976.

SEXO [pp. 110-60]

ALCOCK, r. *The triumph of sociobiology*. Oxford, Oxford University Press, 2001.

ALEXANDER, M. G.; FISHER, T. D. "Truth and consequences: using the bogus pipeline to examine sex differences in self-reported sexuality". *Journal of Sex Research* 40, pp. 27-35, 2003.

ANGIER, N. *Woman: an intimate geography*. Nova York, Houghton Mifflin, 1999.

ANTILLA, s. *Tales from the boom-boom room: women vs. Wall Street*. Princeton, N. Bloomberg Press, 2003.

ARRIBAS, A. *Petite histoire du baiser*. Paris, Nicolas Philippe, 2003.

BAGEMIHLE, B. *Biological exuberance: animal homosexuality and natural diversity*. Nova York, St. Martin, 1999.

BECKERMAN, S.; VALENTINE, P. *Cultures of multiple fathers: the theory and practice of partible paternity in Lowland South America*. Gainesville, FL, University Press of Florida, 2002.

BERECZEI, T.; GYURIS, T.; WEISFELD, G. E. "Sexual imprinting in human mate choice". *Proc. R. Soc. Lond. B* 271, pp. 1129-34, 2004.

BETZIG, L. *Despotism and differential reproduction: a Darwinian view of history*. Nova York, Aldine, 1986.

BOESCH, c ; BOESCH, H. "Sex differences in the use of natural hammers by wild chimpanzees: a preliminary report", *Journal of Human Evolution* 13, pp. 415-585, 1984.

BRAY, O. E.; KENNELLY, j. j.; GUARINO, j. L. "Fertility of eggs produced on territories of

vasectomized red-winged blackbirds". Wilson Bulletin?,!, pp. 187-95,1975. BROWN TRAVIS, C. (ed.). Evolution, gender, and rape. Cambridge, MA, Bradford, 2003.

BUSS, D. M. "Sex differences in human mate preferences". Behavioral & Brain Sciences 12, pp. 1-49,1989.

CARDOSO, F. L.; WERNER, D. "Homosexuality". Em: EMBER, C. R.; EMBER, M. (eds.). Encyclopedia of sex and gender: men and women in the world's cultures, pp. 204-15. Nova York, Kluwer, 2004.

DAHL, J. F. "Cyclic perineal swelling during the intermenstrual intervals of captive female pygmy chimpanzees." Journal of Human Evolution 15, pp. 369-85, 1986.

DAHL, j. R; NADLER, R. D.; COLLINS, D. c. "Monitoring the ovarian cycles of Pan troglodyt and P. paniscus: a comparative approach". American Journal of Primatology2±, pp. 195-209,1991.

DALY, M.; WILSON, M. "Whom are newborn babies said to resemble?". Ethology & Sociobiology3,pp.69-78,1982.

. Homicide. Hawthroen, NY, Aldine de Gruyeter, 1998.

DE WAAL, F. B. M. "Tension regulation and nonreproductive functions of sex among captive bonobos". National Geographic Research 3, pp. 318-35,1987. DE WAAL, F. B. M "Sex as an alternative to aggression in the bonobo". Em: ABRAMSON, P.; PINKERTON, (eds.). Sexual nature, sexual culture, pp. 37-56. Chicago, University of Chicago Press 1995.

DE WAAL, F. B. M. "Commentary on C. B. Stanford". Current Anthropology 39, pp. 407-8,1998.

. "Survival of the rapist". Resenha de THORNHILL, R.; PALMER, C. T. A natural history of rape, em New York Times Book Review, 2 de abril de 2000, pp. 24-5.

. The ape and the sushi master. Nova York, Basic Books, 2001.

DEER, B. "Death of the killer ape". Sunday Times Magazine, 9 de marco de 1997.

DIAMOND, M. "Selected cross-generational sexual behavior in traditional Hawai'i: a sexological ethnography". Em: FEIERMAN, J. R. (ed.). Pedophilia: biosocial dimensions pp. 378-93. Nova York, Springer, 1990.

EHRlich, p. Human natures: genes, cultures, and the human prospect. Washington, D. C Island Press, 2000.

FISHER, H. The sex contract: the evolution of human behavior. Nova York, Quill, 1983.

FOSSEY, D. "Infanticide in mountain gorillas with comparative notes on chimpanzees". Em: HAUSFATER, G.; HRDY, S. B. (eds.). Infanticide, pp. 217-35. Nova York, Aldine, 1984.

FOUCAULT, M. The history of sexuality: an introduction. Volume 1. Nova York, Vintage 1978.

FREESE, j . ; MELAND, S. "Seven tenths incorrect: heterogeneity and change in the waist-to hip ratios in Playboy centerfold models and Miss America Pageant winners". Journal of Sex Research 39, pp. 133-8,2002.

FREUD, s. Totem and taboo: some points of agreement between the mental lives of savages and neurotics. Nova York, Norton, 1950 (1913). FRIEDMAN, D. M. A mind of its own: a cultural history of the penis. Nova York, Free Press, 2001.

FURUICHI, T.; IDANI, G.; IHOBE, H.; KURODA, S.; KITAMURA, K.; MORI, A.; ENOMOTO, T.; OKAYASU, N.; HASHIMOTO, C ; KANO, T. "Population dynamics of wild bonobos at Wamba". *International Journal of Primatology* 19, pp. 1029-43,1998. FURUICHI, T. HASHIMOTO, c. "Why female bonobos have a lower copulation rate during estrus than chimpanzees". Em: BOESCH, C ; HOHMANN, G.; MARCHANT, L. F. (eds.). *Behavioral diversity in chimpanzees and bonobos*, pp. 156-67. Cambridge, Cambridge University Press, 2002.

GOLDFOOT, D. A.; WESTERBORG-VAN LOON, H.; GROENEVELD, W.; SLOB, A. K. "Behavioral and physiological evidence of sexual climax in the female stump-tailed macaque". *Science* 208, pp. 1477-9, 1980.

GOULD, S. J. "Freudian slip". *Natural History*, abril, pp. 15-21, 1987. HARCOURT, A. F. "Sexual selection and sperm competition in primates: what are male genitalia good for". *Evolutionary Anthropology* 4, pp. 121-9, 1995.

HASHIMOTO, C ; FURUICHI, T. "Social role and development of noncopulatory sexual behavior in wild bonobos". Em: WRANGHAM, R. W. et al (eds). *Chimpanzee cultures*, pp. 155-68. Cambridge, MA, Harvard University Press, 1994.

HAWKES, K.; O'CONNELL, J. E; BLURTON JONES, N. G.; ALVAREZ, H.; CHARNOV, R. "Grandmothering, menopause, and the evolution of human life histories". *Proceedings of the National Academy of Sciences* 95, pp. 1336-9, 1998. HOBBS, T. *Leviathan*. Cambridge, Cambridge University Press, 1991 (1651).

HOHMANN, G.; FRUTH, B. "Dynamics in social organization of bonobos (*Pan paniscus*)". Em: BOESCH, C ; HOHMANN, G.; MARCHANT, L. F. (eds.) *Behavioral diversity in chimpanzees and bonobos*, pp. 138-50. Cambridge, Cambridge University Press, 2002.

HRDY, S. B. "Infanticide among animals: a review, classification, and examination of the implications for the reproductive strategies of females". *Ethology & Sociobiology*, 1, pp. 13-4, 1979.

. *Mother Nature: a history of mothers, infants, and natural selection*. Nova York, Pantheon, 1999.

HRDY, S. B.; WHITTEN, P. L. "Patterning of sexual activity". Em: SMUTS et al (eds.). *Primate Societies*, pp. 370-84. Chicago, University of Chicago Press, 1987. HUA, C. *A society without fathers or husbands: the Na of China*. Nova York, Zone Books, 2001.

JOLLY, A. *Lucy's legacy: sex and intelligence in human evolution*. Cambridge, MA, Harvard University Press, 1999.

KANO, T. *The last ape: pygmy chimpanzee behavior and ecology*. Stanford, CA, Stanford University Press, 1992.

KEVLES, B. *Females of the species: sex and survival in the animal kingdom*. Cambridge MA, Harvard University Press, 1986.

KINSEY, A. C ; POMERY, W. B.; MARTIN, C. E. *Sexual behavior and the human male*. Philadelphia, Saunders, 1948.

KURODA, S. *The unknown ape: the pygmy chimpanzee*. Tokyo, Chikuma-Shobo (em japonês).

LAUMANN, E.; GAGNON, J. H.; MICHAEL, R. T.; MICHAELS, S. The social organization of human sexuality: sexual practices in the United States. Chicago, University of Chicago Press 1994.

LINDEN, E. The octopus and the orangutan. Nova York, Dutton, 2002.

LOVEJOY, C. o. "The origin of man". Science 211, pp. 341-50, 1981.

MALINOWSKI, B. The sexual life of savages. Londres, Lowe & Brydone, 1929.

MARLOW, F. "Male contribution to diet and female reproductive success among foragers". Current Anthropology 42, pp. 755-60, 2001.

MCGREW, W. C. "Evolutionary implications of sex-differences in chimpanzee pre-301 dation and tool-use". Em: HAMBURG, D. A.; MCCOWN, E. R. (eds.). The great apes, pp. 440-63. Menlo Park, CA, Benjamin Cummings, 1979.

MICHAEL, R. T.; GAGNON, J. H.; LAUMANN, B. O.; KOLATA, G. Sex in America: a definitive survey. Nova York, Little, Brown 1994.

MÖLLER, A. P. "Ejaculate quality, testes size and sperm competition in primates". Journal of Human Evolution 17, pp. 479-88, 1988.

MORRIS, D. The naked ape. Nova York, McGraw-Hill, 1967.

NISHIDA, T.; KAWANAKA, K. "Within-group cannibalism by adult male chimpanzees". Primates 26, pp. 274-84, 1985.

PALOMBIT, R. A. "Infanticide and the evolution of pair bonds in nonhuman primates". Evolutionary Anthropology 7, pp. 117-29, 1999.

PANKSEPP, J. Affective neuroscience: the foundations of human and animal emotions. Nova York, Oxford University Press, 1998.

POTTS, M.; SHORT, R. Ever since Adam and Eve: the evolution of human sexuality. Cambridge, Cambridge University Press, 1999.

PUSEY, A. E.; PACKER, C. "Infanticide in lions: consequences and counter-strategies". Em: PARMIGIANI, S.; VOM SAAL, F. (eds.). Infanticide and parental care, pp. 277-99. Chur, Harwood, 1994.

RENO, P. L.; MEIDL, R. S.; MCCOLLUM, M. A.; LOVEJOY, C. o. "Sexual dimorphism in *Australopithecus afarensis* was similar to that of modern humans". Proceedings of the National Academy of Sciences 100, pp. 9404-9, 2003.

SAVAGE-RUMBAUGH, S.; WILKERSON, B. "Socio-sexual behavior in *Pan paniscus* and *Pan troglodytes*: comparative study". Journal of Human Evolution 7, pp. 327-44, 1978.

SHORT, R. v. "Sexual selection and its component parts, somatic and genital selection as illustrated by man and the great apes". Advances in the Study of Behaviors, pp. 131-58, 1979.

SIMMONS, L. w.; FIRMAN, R.; RHODES, G.; PETERS, M. "Human sperm competition: testis size, sperm production and rates of extrapair copulations". Animal Behaviour 68, pp. 297-302, 2004.

SINGH, D. "Adaptive significance of female physical attractiveness: role of waist-to-hip ratio". Journal of Personality and Social Psychology 65, pp. 293-307, 1993.

SMALL, M. R. What's love got to do with it? Nova York, Anchor Books, 1995.

. "How many fathers are best for a child?" Discover April, pp. 54-61, 2003.

SMUTS, B. E.

"The evolutionary origins of patriarchy". Human Nature 6, pp. 1-32, 1995.

SOMMER, v. "Infanticide among the langurs of Jodhpur: testing the sexual selection hypothesis with a long-term record". Em: PARMIGIANI, S.; VOM SALL, F. S. (eds Infanticide and parental care, pp. 155-87. Chur, Harwood, 1994.

STANFORD, c. B. The hunting apes: meat-eating and the origins of human behavior. Princeton, Princeton University Press, 1999.

SUGIYAMA, Y. "Social organization of Hanuman langurs". Em: ALTMANN, S. A. (ed.). Social communication among primates, pp. 221-53. Chicago, The University of Chicago Press, 1967.

SUZUKI, A. "Carnivority and cannibalism observed among forest-living chimpanzees". Journal of the Anthropological Society of Nippon 79, pp. 30-48, 1971.

SYMONS, D. The evolution of human sexuality. Nova York, Oxford University Press, 1979.

SZALAY, F. S.; COSTELLO, R. K. "Evolution of permanent estrus displays in hominids". Journal of Human Evolution 20, pp. 439-64, 1991.

THOMPSON-HANDLER, N. The pygmy chimpanzee: sociosexual behavior, reproductive biology and life history patterns. Dissertacao nao publicada, New Haven, CT, Yale University, 1990.

THORNHILL, R.; PALMER, C. T. The natural history of rape: biological bases of sexual coercion. Cambridge, MA, MIT Press, 2000.

TRATZ, E. P.; HECK, H. "Der afrikanische Anthropoide 'bonobo' eine neue Menschenaffengattung". Saugetierkundliche Mitteilungen 2, pp. 97-101, 1954.

VAN HOOFF, J. A. R. A. M. Des Mens, een Primaat Net Zoo "Eigenaardig" als de Andere Primaten. Haia, Nederlandse Organisatie voor Wetenschappelijk Onderzoek (NWO), 2002.

VAN SCHAIK, C. P.; DUNBAR, R. I. M. "The evolution of monogamy in large primates: a new hypothesis and some crucial tests". Behaviour 115, pp. 30-62, 1990.

VASEY, P. L. "Homosexual behavior in primates: a review of evidence and theory". International Journal of Primatology 16, pp. 173-204, 1995.

WALKER, A. By the light of my father's smile. Nova York, Ballantine, 1998.

WOLF, A. P. DURHAM, w. H. Inbreeding, incest, and the incest taboo. Stanford, CA, Stanford University Press, 2005.

WRANGHAM, R. w. "The evolution of sexuality in chimpanzees and bonobos". Human Nature 4, pp. 47-79, 1993.

WRIGHT, c. "Going ape", www.bostonphoenix.com (14-21 novembro 2002).

YERKES, R. M. "Conjugal contrasts among chimpanzees". Journal of Abnormal and Social Psychology 36, pp. 175-99, 1941.

ZERJAL, T. et al. "The genetic legacy of the Mongols". American Journal of Human Genetics 72, pp. 717-21, 2003.

ZIMMER, c. Evolution: the triumph of an idea. Nova York, Harper Collins, 2001.

ZUK, M. Sexual selections: what we can and can't learn about sex from animals. Berkeley, CA, University of California Press, 2002.

VIOLENCIA [pp. 161-209]

ATWOOD, M. E. *Cat's eye*. Nova York, Doubleday, 1989. AURELI, F. "Post-conflict anxiety in nonhuman primates: the mediating role of emotion in conflict resolution". *Aggressive Behavior* 23, pp. 315-28, 1997. AURELI, R.; DE WAAL, F. B. M. "Inhibition of social behavior in chimpanzees under high-density conditions". *American Journal of Primatology* 41, pp. 213-28, 1997.

. *Natural conflict resolution*. Berkeley, CA, University of California Press, 2000.

AURELI, R.; PRESTON, S. D.; DE WAAL, F. B. M. "Heart rate responses to social interaction in free-moving Rhesus macaques (*Macaca mulatta*): a pilot study". *Journal of Comparative Psychology* 113, pp. 59-65, 1999.

BAUMAN, J. "Observations of the strength of the chimpanzee and its implications". *Journal of Mammalogy*, pp. 1-9, 1926.

BREWER, S. *The forest dwellers*. Londres, Collins, 1978. BUTOVSKAYA, M.; VERBEEK, L. JUNGBERG, T.; LUNARDINI, A. "A multi-cultural view of peacemaking among your children". Em: AURELI, F.; DE WAAL, F. B. M. (eds.). *Natural conflict resolution*, pp. 243-58. Berkeley, University of California Press, 2001.

CALHOUN, J. B. "Population density and social pathology". *Scientific American* 206, pp. 139-48, 1962.

CORDS, M.; THURNHEER, S. "Reconciliation with valuable partners by long-tailed macaques". *Ethology* 93, pp. 315-25, 1993.

DE WAAL, F. B. M. "Integration of dominance and social bondings in primates". *Quarterly Review of Biology* 61, pp. 459-79, 1986.

. "Prügelknaben bei Primaten und ein tödlicher Kampf in der Arnheimer Schimpansenkolonie". Em: GRÜTER, M.; REHBINDER, M. (eds.) *Ablehnung, Meidung, Ausschluss: Multidisziplinäre Untersuchungen über die Kehrseite der Vergemeinschaftung*, pp. 129-45. Berlin, Duncker & Humblot, 1986. . *Peacemaking among primates*. Cambridge, MA, Harvard University Press, 1989.

. "The myth of a simple relation between space and aggression in captive primates". *Zoo Biology Supplement*, pp. 141-8, 1989.

DE WAAL, F. B. M. *Bonobo: the forgotten ape*, with photographs by Frans Lanting. Berkeley, CA, University of California Press, 1997.

DE WAAL, F. B. M. "Primates—A natural heritage of conflict resolution". *Science* 289, pp. 586-90, 2000.

. *The ape and the sushi master*. Nova York, Basic Books, 2001.

DE WAAL, F. B. M.; JOHANOWICZ, D. L. "Modification of reconciliation behavior through social experience. An experiment with two macaque species". *Child Development* 64, pp. 897-908, 1993.

DE WAAL, F. B. M.; VAN ROOSMALEN, A. "Reconciliation and consolation among chimpanzees". *Behavioral Ecology and Sociobiology* 5, pp. 55-66, 1979.

EMBER, C. R. "Myths about hunter-gatherers". *Ethnology* 27, pp. 239-448, 1978.

FERGUSON, B. R. "The history of war: facts vs. fiction". Em: URY, W. L. (ed.). *Must we fight?*, pp. 26-37. San Francisco, CA, Jossey-Bass, 2002. . "The birth of war". *Nature*

ffisforyjulho/agosto, pp. 28-34,2003. FRYE, D. P. "Conflict management in cross-cultural perspective". Em: AURELI, F.; DE WAAL, F.B.M. (eds.). Natural conflict resolution, pp. 334-351. Berkeley, CA, University of California Press, 2001.

GAT, A. "The pattern of fighting in simple, small-scale, prestate societies". Journal of Anthropological Research 55, pp. 563-83,1999.

GAVIN, M. "Primate vs. primate". BBC Wildlife, pp. 50-2, Janeiro 2004. GOODALL, J. The chimpanzees of Gombe: patterns of behavior. Cambridge, MA, Harvard University Press, 1986.

. Reasons for hope. Nova York, Warner, 1999.

HANEY, C.; BANKS, W. C.; ZIMBARDO, P. G. "Interpersonal dynamics in a simulated prison". International Journal of Criminology and Penology 1, pp. 69-97,1973.

HOLLOBLER, B.; WILSON, E. O. Journey to the ants. Cambridge, MA, Belknap, 1999.

IDANI, G. "Relations between unit-groups of bonobos at Wamba: encounters and temporary fusions". African Study Monographs 11, pp. 153-86,1990. JOHNSON, R. Aggression in man and animals. Philadelphia, PA, Saunders, 1972. JUDGE, P. G.; DE WAAL, R. B. M. "Conflict avoidance among Rhesus monkeys: coping with short-term crowding". Animal Behaviour 46, pp. 221-32,1993. KAMENYA, S. "Human baby killed by Gombe chimpanzee". Pan Africa News 9, n° 2, p. 26,2002.

KANO, T. The last ape: pygmy chimpanzee behavior and ecology. Stanford, CA, Stanford University Press, 1992.

KAYUMBO, H. Y. "A chimpanzee attacks and kills a security guard in Kigoma". Pan Africa News 9, n° 2, pp. 11-2,2002.

KOHLER, W. Mentality of apes. 2- ed. Nova York, Vintage, 1959 (1925). KUTSUKAKE, N. CASTLES, D. L. "Reconciliation and post-conflict third-party affiliation among wild chimpanzees in the Mahale Mountains, Tanzania". Primates 45, pp. 157-65,2004.

LAGERSPETZ, K. M.; BJORKVIST, K.; PELTONEN, T. "Is indirect aggression typical for females?". Aggressive Behavior 14, pp. 403-14,1988.

LEVER, J. "Sex differences in the games children play". Social Problems 23, pp. 478-87,1976.

LORENZ, K. Z. On aggression. Londres, Methuen, 1966 (1963).

LUX, K. Adam Smith's mistake. Boston, Shambhala, 1990. MAESTRIPIERI, D.; SCHINO, G.; AURELI, F.; TROISI, A. "A modest proposal: displacement activities as indicators of emotion in primates". Animal Behaviour 44, pp. 967-79,1992.

MURPHY, D. E.; HALBFINGER, D. M. "9/11 aftermath bridged racial divide, New Yorkers say, gingerly". New York Times, p. 21, 16 de junho de 2002. NISHIDA, T.; HIRAIWA, Y.; HASEGAWA, M.; HASEGAWA, T.; TAKAHATA, Y. "Group extinction and female transfer in wild chimpanzees in the Mahale Mountains National Park, Tanzania". Zeitschrift für Tierpsychologie 67, pp. 274-85,1985. PALAGI, E.; PAOLI, T.; TARLI, S. B. "Reconciliation and consolation in captive bonobos (Pan paniscus)". American Journal of Primatology 62, pp. 15-30,2004. POWER, M. The egalitarians: human and chimpanzee. Cambridge, Cambridge University Press, 1991.

PREUSCHOFT, S.; WANG, X.; AURELI, F.; DE WAAL, F. B. M. "Reconciliation in captive

chimpanzees: a reevaluation with controlled methods". International Journal of Primatology 23, pp. 29-50, 2002.

RABBIE, J. M.; HORWITZ, M. "The arousal of ingroup-outgroup bias by a chance of win loss". Journal of Personality and Social Psychology 60, pp. 223-8, 1969.

ROBARCHEK, c. A. "Conflict, emotion and abreaction: resolution of conflict among the Semai Senoi". Ethos 7, pp. 104-23, 1979.

RUBIN, L. B. Just friends. Nova York, Harper and Row, 1985.

SAPOLSKY, R. "Endocrinology alfresco: psychoendocrine studies of wild baboons".

Recent Progress in Hormone Research 48, pp. 437-62, 1993. SAPOLSKY, R. M.; SHARE, L. "A pacific culture among wild baboons: its emergence and transmission". PloS Biology 2, pp. 534-41, 2004.

SCHNEIRLA, T. C. "A unique case of circular milling in ants, considered in relation to trail following and the general problem of orientation". American Museum Novitates 1253, pp. 1-26, 1944.

STANFORD, c. B. The hunting apes: meat-eating and the origins of human behavior. Princeton, Princeton University Press, 1999.

TANNEN, D. You just don't understand: women and men in conversation. Nova York, Ballantine, 1990.

TAYLOR, s. The tending instinct. Nova York, Times Books, 2002. VERBEEK, P.; DE WAAL, B. M. "Peacemaking among preschool children". Journal of Peace Psychology 7, pp. 5-28, 2001.

VERBEEK, R.; HARTUP, w.w.; COLLINS, w. A. "Conflict management in children and adolescents". Em: AURELI, F.; DE WAAL, F. B. M. (eds). Natural conflict resolution, pp. 34-53. Berkeley, CA, University of California Press, 2000. WEAVER, A.; DE WAAL, F. B. M. "The mother-offspring relationship as a template in social development: reconciliation in captive capuchins (Cebus apella)". Journal of Comparative Psychology 117, pp. 101-10, 2003. WILSON, M. L.; WRANGHAM, W. "Intergroup relations in chimpanzees". Annual Review of Anthropology 32, pp. 363-92, 2003.

WITTIG, R. M.; BOESCH, c. "'Decision-making' in conflicts of wild chimpanzees (Pan troglodytes): an extension of the relational model". Behavioral Ecology & Sociobiology 54, pp. 491-504, 2003.

WRANGHAM, R. w. "Evolution of coalitionary killing". Yearbook of Physical Anthropology 42, pp. 1-30, 1999.

WRANGHAM, R. w.; PETERSON, D. Demonic males: apes and the evolution of human aggression. Boston, Houghton Mifflin, 1996.

BONDADE [p p . HO-64]

ANDERSON, j. R.; MYOWA-YAMAKOSHI, M.; MATSUKAWA "Contagious yawning in

chimpanzees". Proc. R. Soc. Lond. B (DOI 10/1098/rsbl.2004.0224), 2004. BISCHOFF-OHLER, D. "Über den Zusammenhang von empathie und der Fähigkeit sich im Spiege zu erkennen". Schweizerische Zeitschrift für Psychologie 47, pp. 147-59, 1988.

B O E S C H , c. "Complex cooperation among Ta'i chimpanzees". Em: D E W A A L , F. B. M . ;

T Y A C K , P. L. (eds.). Animal social complexity, pp. 93-110. Cambridge, M A , Harvard University Press, 2003.

B O N N I E , K. E.; D E W A A L , F. B. M . "Primate social reciprocity and the origin of gratitude".

Em: E M M O N S , R. A . ; M C C U L L O G H , M. E. The psychology of gratitude, pp. 213-29. Oxford, Oxford University Press, 2004.

B R O S N A N , s. P.; D E W A A L , F. B. M . "Monkeys reject unequal pay". Nature 425, pp.297-9, 2003.

C A L D W E L L , M. C ; C A L D W E L L , D. K. "Epimeletic (care-giving) behavior in cetacea". Em: N O R R I S , K. S. (ed.) Whales, dolphins, and porpoises, pp. 755-89. Berkeley, University of California Press, 1966.

C H U R C H , R. M . "Emotional reactions of rats to the pain of others". Journal of Comparative & Physiological Psychology 52, pp. 132-4,1959.

D E W A A L , F. B. M . "Food sharing and reciprocal obligations among chimpanzees". Journal of Human Evolution 18,pp. 433-59,1989.

307

D E W A A L , F. B. M . Good natured: the origins of right and wrong in humans and other animals. Cambridge, M A , Harvard University Press, 1996. . "The chimpanzee's service economy: food for grooming". Evolution & Human Behavior 18, pp. 375-86,1997.

. "Attitudinal reciprocity in food sharing among brown capuchins". Animal Behaviour 60, pp. 253-61,2000.

D E W A A L , F. B. M . ; A U R E L I , F. "Consolation, reconciliation, and a possible cognitive difference between macaque and chimpanzee". Em: R U S S O N , A. E.; B A R L E Y , K. A . ;

PARKER, s.T. (eds.). The minds of the great apes, pp. 80-110. Cambridge, Cambridge University Press, 1996.

D E W A A L , F. B. M . ; B E R G E R , M. L. "Pament for labour in monkeys". Nature 404, pp. 563, 2000.

D E W A A L , F. B. M . ; L U T R E L L , L. M . "Mechanisms of social reciprocity in three primate species: symmetrical relationship characteristics or cognition?". Ethology & Sociobiology 9, pp. 101-18,1988.

DEWSBURY, D. A . "Conflicting approaches: operant psychology arrives at a primate laboratory". The Behavior Analyst 26, pp. 253-65,2003.

D I P E L L E G R I N O , G. ; F A D I G A , L.; F O G A S S I . L. ; G A L L E S E , v.; Rizzoli. "Understanding

motor events: a neurophysiological study". Experimental Brain Research 91, pp. 176-80,1992.

D I M B E R G , U. ; T H U N B E R G , M. ; E L M E H E D , K. "Unconscious facial reactions to emotional

facial expressions". Psychological Science 11, pp. 86-9,2000.

F E H R , E . ; S C H M I D T , K. M . "A theory of fairness, competition and cooperation" Quarterly Journal of Economics 114, pp. 817-68,1999.

F R A N K , R. H . Passions within reason: the strategic role of the emotions. Nova York Norton, 1988.

GALLUP, G . G . "Self-awareness and the emergence of mind in primates". American Journal of Primatology 2, pp. 237-48,1982.

G O U L D , s. J. "So cleverly kind an animal". Em: Ever since Darwin, pp. 260-7 Harmondsworth, U K , Penguin, 1980.

G R A M M E R , K. "Strangers meet: laughter and nonverbal signs of interest in opposite sex encounters". Journal of Nonverbal Behavior 14, pp. 209-36,1990. G R E E N E , J.; H A D T , j. "How (and where) does moral judgement work?" Trends in Cognitive Sciences 16, pp. 517-23,2002.

H A I D T , j . "The emotional dog and its rational tail: a social intuitionist approach to moral judgement". Psychological Review 108, pp. 814-34,2001. H A R E , B . ; C A L L , i.; O M A S E L L O , M . "Do chimpanzees know what conspecifics know?". Animal Behaviour 61, pp. 139-51,2001.

HAT F I E L D, E . ; C A C I O P P O , J . T . ; R A P S O N , R . L. "Emotional contagio Current Directions in Psychological Science", pp. 96-9,1993.

H U M E , D. A treatise of human nature. Harmondsworth, U K , Penguin, 1985 (1739).

JACOBY, s. Wild justice: the evolution of revenge. Nova York, Harper and Row, 1983.

K U R O S H I M A , H . ; F U J I T A , K . ; A D A C H I , I.; I W A T A , K . ; F U Y U K I , A . "A capuc monkey (Cebus apella) recognizes when people do and do not know the location of food". Animal Cognition 6, pp. 283-91,2003.

L A D Y G I N A - K O H T S , N . N . Infant chimpanzee and human child: a classic 1935 comparative study of ape emotions and intelligence, D E W A A L , F. B. M . (ed.). Nova York, Oxford University Press, 1935 (2001).

L E T H M A T E , J.; D U C K E R , G. "Untersuchungen zum Selbsterkennen im Spiegel bei Orang-Utans und einigen anderen Affenarten". Zeitschrift für Tierpsychologie 33, pp. 248-69,1973.

L E U B A , J . H . "Morality among the animals". Harper's Monthly 931, pp. 97-103,1928.

M A C I N T Y R E , A . Dependent rational animals: why human beings need the virtues. Chicago, I L , Open Court, 1999.

M A S S E R M A N , J.; W E C H K I N , M . S.; T E R R I S , W . "Altruistic behavior in Rhesus monkeys". American Journal of Psychiatry 121, pp. 584-5,1964.

M E N C I U S (372-289 a.C). The works of Mencius. Tradução inglesa de Gu Lu. Xanga Shangwu.

M E N D R E S , K. A . ; D E W A A L , F. B. M . "Capuchins do cooperate: the advantage an intuitive task". *Animal Behaviour* 60, pp. 523-9,2000.

N A K A Y A M A , K. "Observing conspecifics scratching induces a contagion of scratchin in Japanese monkeys (*Macaca fuscata*)". *Journal of Comparative Psychology* 118, pp. 20-4,2004.

OAKLEY, K. *Man the tool-maker*. Chicago, University of Chicago Press, 1957. O ' C O N N L L , s. M . "Empathy in chimpanzees: evidence for theory of mind?" *Pri mates* 36, pp. 397-410,1995.

PAYNE, K. *Silent thunder: in the presence of elephants*. Nova York, Penguin, 1998.

P O V I N E L L I , D. J.; E D D Y T . J. "What young chimpanzees know about seeing Monographs of the Society for Research in Child Development 61, pp. 1-151,1996.

P R E M A C K , D . ; W O O D R U F F , G . "Does the chimpanzee have a theory of mind?" *Behavioral and Brain Sciences* 4,pp.515-26,1978.

P R E S T O N , s. D . ; D E W A A L , F. B. M . "Empathy: its ultimate and proximate bases *Behavioral& Brain Sciences*25, pp. 1-72,2002.

REISS, D . ; M A R I N O , L. "Mirror self-recognition in the bottlenose dolphin: a case c cognitive convergence". *Proceedings of the National Academy of Sciences* 98, pp. 5937-42,2001.

R O S E , L. "Vertebrate predation and food-sharing in *Cebus* and *Pan*". *Internationa Journal of Primatology* 18, pp. 727-65,1997.

S C H U S T E R , G . "Kolosse mit sanfter Seele". *Stern* 37, p. 27,5 de setembro de 1996.

S I M M S , M . *Darwin's orchestra*. Nova York, Holt, 1997.

S M U T S , B. B. *Sex and friendship in baboons*. Nova York, Aldine, 1985.

STAMFORD, c. B . "The ape's gift: meat-eating, meat-sharing, and human evolution". Em: D E W A A L , F. B. M . (ed.) *Tree of origin*, pp. 95-117. Cambridge, M A , Harvar University Press, 2001.

S U R O W I E C K I , j. "The coup de grasso". *The New Yorker*, outubro de 2003. T O M A E L L O , M . *The cultural origins of human cognition*. Cambridge, M A , Harvard Universit Press, 1999.

T R I V E R S , R. L. "The evolution of reciprocal altruism". *Quarterly Review of Biology* 46 pp. 35-57,1971.

T U R I E L , E. *The development of social knowledge: morality and convention* Cambridge, Cambridge University Press, 1983.

T W A I N , M . *Tragedy of Pudd'nhead Wilson*. Cuthoghe, N Y , Buccaneer Books, 1976.

VAN B A A R E N , R. *Mimicry in social perspective*. Ridderkerk, Ridderprint, 2003.

W A T T S , D . P.; C O L M E N A R E S , E ; A R N O L D , K. "Redirection, consolation, and male policing: how targets of aggression interact with bystanders". Em: A U R E L I , R ; D E W A A L , F. B. M (eds.). *Natural conflict resolution*, pp. 281-301. Berkeley, C A , University of California

Press, 2000.

WEIR, A. A. S. ; CHAPPELL, J.; KACELNIK, A. "Shaping of hooks in New Caledonian crows". *Science* 297, p. 981, 2002.

WESTERMARCK, E. The origin and development of moral ideas, v. 1. 2^a ed. Londres, Macmillan, 1912 (1908).

ZAHN-WAXLER, C. J. HOLLÉNBECK, B.; RADKE-YARROW, M. "The origin of empathy and

altruism". Em: FOX, M. W. ; MICKLEY, L. D. (eds.) *Advances in animal welfare science*, pp. 21 -39. Washington, D. C; Humane Society of the United States, 1984.

ZAHN-WAXLER, C. J. RADKE-YARROW, M. ; WAGNER, E.; CHAPMAN, M. "Development of

concern for others". *Developmental Psychology* 28, pp. 126-36, 1992.

O PRIMATA BIPOLAR [pp. 265-91]

BILGER, B. "The height cap: why Europeans are getting taller and taller—and Americans aren't". *The New Yorker*, abril de 2004.

BLOUNT, B. G. "Issues in bonobo [*Pan paniscus*] sexual behavior". *American Anthropologist* 92,

pp. 702-14, 1990.

310

BOESCH, C. "New elements of a theory of mind in wild chimpanzees". *Behavioral & Brain Sciences* 15, pp. 149-50, 1992.

BONNIE, K. E. ; DEWALL, F. B. M. "Affiliation promotes the transmission of social custom: handclasp grooming among captive chimpanzees". *Primates* (no prelo).

CHURCHILL, W. S. *Thoughts and adventures*. Nova York, Norton, 1991 (1932).

COHEN, A. "What the monkey can teach humans about making America fairer".

The New York Times, 21 de setembro de 2003.

COLE, J. *About face*. Cambridge, MA, Bradford, 1998. DEWALL, F. B. M. *Peacemaking among primates*. Cambridge, MA, Harvard University Press, 1989.

"Evolutionary psychology. The wheat and the chaff". *Current Directions in Psychological Science* 11, no. 6, pp. 187-91, 2002.

DEWALL, F. B. M. ; SERES, M. "Propagation of handclasp grooming among captive chimpanzees". *American Journal of Primatology* 43, pp. 339-46, 1997.

DEWALL, F. B. M. ; UNO, H. ; LUTTRELL, L. M. ; MEISNER, L. R. ; JEANTÉ, L. A. "Behavioral

retardation in a macaque with autosomal trisomy and aging mother". *American Journal of Mental Retardation* 100, pp. 378-90, 1996.

DURHAM, W. H. *Coevolution: genes, culture, and human diversity*. Stanford, CA, Stanford University Press, 1991.

FLACK, J. C. ; JEANNOTTE, L. A. ; DEWALL, F. B. M. "Play signalling and the perception of

social rules by juvenile chimpanzees". *Journal of Comparative Psychology* 118, pp. 149-59, 2004.

F R A N K , R. H. ; G I L O V I C H , T. ; R E G A N , D. T. "Does studying economics inhibit cooperation?"

Journal of Economic Perspectives 7, pp. 159-71,1993.

F U K U Y A M A , F. The great disruption: human nature and the reconstitution of social order. Nova York, Free Press, 1999.

G A L V A N I , A . P.; S L A T K I N , M . "Evaluating plague and smallpox as historical selective pressures for the C C R 5 - 32 Hrv-resistance allele". Proceedings of the National Academy of Sciences 100, n° 25, pp. 15276-9,2003.

G O U L D , s. j. Ontogeny and phylogeny. Cambridge, M A , Belknap, 1977. H U I Z I N G A , J. Homo ludens: a study of the play-element in culture. Boston, Bacon Press, 1972 (1950).

K E V L E S , D . j. In the names of eugenics. Cambridge, M A , Harvard University Press 1995.

L O P E Z , B. H. Of wolves and men. Nova York, Scribner, 1978.

L O R E N Z , K. Z . Man meets dog. Londres, Methuen, 1954.

M A L E N K Y , R. K.; W R A N G H A M , R. w. "A quantitative comparison of terrestrial herbaceous

food consumption by Pan paniscus in the Lomako Forest, Zaire, and 311 Pan troglodytes in the Kibale Forest, Uganda". American Journal of Primatology 32, pp. 1-12,1994.

M E C H , L. D. The Arctic wolf, living with the pack. Stillwater, M N , Voyageur Press, 1988.

N A K A M U R A , M . "Grooming hand-clasp in the Mahale M group chimpanzees: implications for culture in social behaviours". Em: B O E S C H , C ; H O H M A N N , G . ;

M A R C H A N T , L. F. (eds.). Behavioral diversity in chimpanzees and bonobos.

Cambridge, Cambridge University Press, 2002.

P R I N C E - H U G H E S , D. Songs of the gorilla nation: my journey through autism. Nova York, Harmony, 2004.

S C H L E I D T , w. M . ; S H A T T E R , M . D . "Co-evolution of humans and canids". Evolution & Cognition 9, pp. 57-72,2003.

S C O T T , s.; D U N C A N , c Return of the black death: the world's greatest serial killer. Nova York, Wiley, 2004.

S H E A , B. T . "Pseudomorphosis and neotony in the pygmy chimpanzee". Science 222, pp. 521-2,1983.

S I D A N I U S , j.; P R A T T O , F. "Social dominance: an intergroup theory of social hierarchy and oppression". Nova York, Cambridge University Press, 1999. S I L K , J. B. ;

A L B E R T S , s. c ; A L T M A N N , j. "Social bonds of female baboons enhance infant survival". Science 302, pp. 1231-4,2003.

S I N G E R , P. A Darwinian left: politics, evolution, and cooperation. New Haven: Yale University Press, 1999.

S O N G , S. "Too posh to push". Time, pp. 59-60,19 de abril de 2004.

T O O B Y , J.; COSMIDES, L. "The psychological foundations of culture". Em: B A R K O V J.;

C O S M I D E S , L . ; T O O B Y , J . (eds.). The adapted mind: evolutionary psychology and the generation of culture, pp. 19-136. Nova York, Oxford University Press, 1992.

V E R V A E C K E , H . De bonobo's: SchalkseApen met Menselijke Trejkes. Leuven Davidson, 2002.

W H I T E , F. J.; W R A N G H A M , R. W . "Feeding competition and patch size in the chimpanzee species *Pan paniscus* and *P. troglodytes*". Behaviour 105, pp. 148-64, 1988.

W I L K I N S O N , R. Mind the gap. New Haven, C T , Yale University Press, 2001.

W R A N G H A M , R. W . "Ecology and social relationship in two species of chimpanzee".

Eds: R U B E N S T E I N , D . L ; W R A N G H A M , R. W. (eds). Ecology and social evolution:

birds and mammals, pp. 353-78. Princeton, Princeton University Press, 1986.

[\[1\]](#) No original: “When youre smilin’... the whole world smiles with you”. (N. T.)

[\[2\]](#) No original: “Emotional reactions of rats to the pain of others”. (N. T.)